

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS



**“É um romance minha vida”
a trajetória de Dona Farilda - uma
"casamenteira" no sertão baiano:
gênero, memória e construção de si
(1929-2014)**

Niterói
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS

**“É um romance minha vida”
a trajetória de Dona Farailda - uma
"casamenteira" no sertão baiano:
gênero, memória, e construção de si
(1929-2014)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora. Área de concentração: História Contemporânea II.

Orientadora: Prof.^ª Dr.^ª Rachel Soihet

Niterói
2014

V331 Vasconcelos, Vânia Nara Pereira

“É um romance minha vida” a trajetória de Dona Farailda – uma “casamenteira” no sertão baiano: gênero, memória e construção de si (1929-2014) / Vânia Nara Pereira Vasconcelos, 2014.

235 f.; il.

Orientador: Rachel Soihet

Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2014.

Bibliografia: f. 225-231.

1. Biografia. 2. Memória. 3. Casamento. 4. Gênero. I. Soihet, Rachel, II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 920.72

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS

**“É um romance minha vida”
a trajetória de Dona Farailda –
uma "casamenteira" no sertão baiano:
gênero, memória e construção de si
(1929-2014)**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Rachel Soihet – Orientadora
UFF

Prof.^a Dr.^a Cecília Maria Bacellar Sardenberg
UFBA

Prof.^a Dr.^a Cristina Scheibe Wolff
UFSC

Prof.^a Dr.^a Giselle Martins Venâncio
UFF

Prof.^a Dr.^a Suely Gomes Costa
UFF

Niterói
2014

Para Dona Farailda, pelas lições de rebeldia.

Para Jesse, meu amor, por me fazer acreditar em
novas possibilidades de relações de gênero.

AGRADECIMENTOS PELOS ENCONTROS

*A vida é arte do encontro
embora haja tanto desencontro pela vida*
Vinícius de Moraes

Esse trabalho é resultado de muitos encontros, sem os quais ele nunca seria o mesmo. Compartilho da poesia de Vinícius de Moraes que representa a vida como “a arte do encontro”. Felizmente tive muito mais encontros que desencontros no caminho trilhado nesses quatro anos. Esses encontros me transformaram e é sobre eles que falarei nesses agradecimentos.

Difícil definir qual o primeiro encontro que me levou a escrever sobre a trajetória de uma mulher admirável, que me tem transformado cotidianamente. Sendo assim, inicio agradecendo a ela, Dona Farailda, por me permitir adentrar no universo da sua história de vida.

Agradeço a Elenita, filha de Dona Farailda e amiga de longa caminhada. Ela foi essencial no meu encontro com a mãe, além de ter-se tornado uma espécie de “assessora de pesquisa”, já que respondia com muita boa vontade a todas as demandas por documentação e ao estabelecimento de contatos em Serrolândia.

À família de Dona Farailda: às filhas Anelita e Valmira, aos netos Elenilson, Katiane, Katiúcia, Kassiléia, e aos irmãos Venerino e Regina, à cunhada Terezinha e ao sobrinho Tiago. Todos me concederam entrevistas riquíssimas sobre a trajetória da “parenta casamenteira”.

Ao atual marido de Dona Farailda, Sr. Severino, pelas entrevistas concedidas, mas também por receber-me em casa com muita simpatia e ainda ser compreensivo quando era necessário retirar-se para que eu pudesse esta a sós com sua esposa.

A todos os que concederam entrevistas. Por ser um trabalho em que as fontes orais são centrais, sem eles a pesquisa ter-se-ia tornado inviável. Como não é possível citar todos os nomes, agradeço em especial aos casais que se uniram através do “casamento de contrato”, por terem compartilhado comigo de uma experiência pessoal, mas que neste trabalho tornou-se social.

À minha orientadora, professora Dra. Rachel Soihet. Sinto-me orgulhosa e feliz em poder compartilhar da orientação, tão atenta e competente, de uma reconhecida feminista brasileira. Sem dúvida conhecê-la foi um dos grandes encontros que a tese me proporcionou.

À professora Dra. Suely Gomes Costa, pelas conversas, sempre tão divertidas, e pelas contribuições a este trabalho, tanto pela leitura de parte do material inicialmente produzido, como pelos debates na disciplina *Gênero e História*.

Aos membros da banca de qualificação pelas sugestões, essenciais ao desenvolvimento deste trabalho. A professora Dra. Giselle Venâncio deu contribuições teóricas essenciais à tese. O prof. Dr. Benito Schmidt foi responsável pelo meu encantamento, cada vez maior, com o “fazer biográfico”; suas sugestões dadas a este trabalho foram fundamentais na mudança da construção da tese. À banca de defesa que, ao trazer um novo olhar sobre o trabalho, me fez torná-lo mais rico.

Aos professores e colegas desta pós-graduação, pelas discussões proporcionadas, em especial às professoras Hebe Mattos e Martha Abreu, responsáveis pela minha acolhida em 2010. Também ao professor Marcos Alvito, pelas “lições de história oral”, fundamentais para este trabalho.

Cursar o doutorado na UFF me proporcionou não só um encontro com uma Universidade de qualidade, como me trouxe para morar na “cidade maravilhosa”. O Rio de Janeiro se tornou muito mais especial pelos encontros ocorridos nessa cidade. Faço aqui um agradecimento mais que especial às amigas “cariocas” Thábata, Natália, Livia, Cláudia e Bebel. O acolhimento no Rio foi-me dado pelo amigo Gilmar, que me recebeu gentilmente em sua casa, até que eu me instalasse definitivamente. Agradeço ainda aos meus parentes que moram no estado do Rio: a Cleuza e Naide, pelo carinho de sempre, e a Laércio, Léo e Fernanda, pela presença inesperada na defesa, que tanto me emocionou.

Nem todos os encontros são novos... Por conta da pesquisa estive mais presente em Serrolândia, onde moram meus pais e meu irmão. Minha mãe, Rita Vasconcelos, talvez não se dê conta como ela foi importante para minha trajetória como pesquisadora. Mulher aparentemente frágil, sutilmente me ensinou a questionar os modelos “tradicionais” de relações de gênero. A meu pai, Antônio Pereira, que me ensinou desde criança a “primeiro estudar, depois casar”, incentivando a conquista da minha independência financeira. Talvez em alguns momentos ele já se tenha arrependido desses “conselhos” nada convencionais... Mas agora é um pouco tarde... esse é um caminho sem volta...

À minha irmã Tânia Vasconcelos, também historiadora e pesquisadora das relações de gênero, por ser minha fiel escudeira. Ela sempre foi uma grande referência para mim, tanto intelectualmente, como pelas suas “práticas feministas” de enfrentamento das desigualdades de gênero. Além das grandes contribuições de leitura e sugestões a este trabalho. Difícil

agradecer a quem fez tanto... À outra irmã, Cláudia Vasconcelos, a caçula que cresceu e se tornou uma mulher incrível, divertida e amorosa e, ainda, cheia de ideias sobre o “nosso sertão”. Suas contribuições também foram valiosas, mesmo com suas limitações de tempo, por conta da chegada do novo membro da família... o maravilhoso Pepeu, que com seu sorriso de bebê lindo, me relaxou nos momentos de intensa produção. Amo muito vocês!!!

À Clara, minha sobrinha preferida “das mulheres”... Você é muito especial para mim. Obrigada pela sua arte, seu amor e por algumas correções ortográficas, que ninguém acreditaria ter sido feitas por uma menina de 16 anos... A Mateus, sobrinho encantador, que apesar dos 13 anos, se mostrou muito interessado em entender o que sua tia estava pesquisando...

Agradeço a Jesse, meu companheiro especial, não só por tornar a minha existência mais feliz, como pela paciência ao compartilhar das minhas angústias e sugerir caminhos para o trabalho, além da tradução do resumo para o inglês.

A Bonnie e Jimmy, meus sogros queridos, por me receberem em sua casa-praia, me proporcionando momentos de descanso entre as folgas da produção da tese.

À minha grande amiga-irmã Bebel, que não só compartilhou das minhas angústias durante a tese, como leu e deu sugestões criativas, com seu espírito de artista-sertaneja. Ainda a Iuri, grande amigo e a Açucena, o “bebê voador” que, ao lado dessa mulher, me acolheram em casa em algumas voltas a Salvador.

Às amigas “furiosas” Luciana, Edinélia, Virgínia e Silvana. Sem vocês a vida não seria tão divertida. Obrigada por me empoderar, com nossas conversas feministas... Sil, obrigada também pela leitura e sugestões à tese.

Aos amigos Regi, CAPL, Lysie, Nora que sempre estiveram por perto dando aquele apoio necessário, e a Júnior, Joelma, Mariza, Gil, que mesmo distante foram carinhosos e solidários.

À Ísis, que além de ser uma prima muito especial, fez a arte da capa e compartilhou de momentos de angústias em bate-papos via internet. À Val, amiga de Sampa, que me levou a São Mateus para o encontro com o Sr. Venerino e a Marcos Bokapiu, pelos diálogos sobre a “arte” da costura das roupas e da vida.

À professora Vera Romariz, pelo excelente trabalho de revisão, pela leitura cuidadosa e sugestões, me ajudando a superar as dificuldades com a Língua Portuguesa. À Silvanice, pelo eficiente trabalho de transcrição das entrevistas e a Ariane, pelo “socorro” dado para resolver problemas técnicos nos momentos finais da tese.

Os contatos para minha ida a Espanha, para a realização do doutorado sanduíche foram iniciados no Brasil. Agradeço à professora Dra. Ana Alice Costa, por me ajudar a estabelecer o contato inicial que, apesar de não ter-se concretizado, foi importante para me levar àquele país.

À Silvy Bezerril, pois o reencontro inesperado com “minha professora de Psicologia da graduação” foi essencial para me por em contato com Maria Badet, que me levou ao professor Dr. Jordi Girona.

O acolhimento na minha chegada em Barcelona só foi possível graças a Chico, amigo brasileiro, que me colocou em contato com Emerson que, ao lado da companheira Martina, me recebeu com muito carinho naquela cidade. Agradeço ainda aos “meninos” que me receberam em sua casa até minha instalação: ao mexicano Jorge, ao italiano Giampaolo e, finalmente, ao “catalão” Alberto.

Ao professor Dr. Jordi Roca i Girona, agradeço pela acolhida na Universidad Rovira i Virgili, no qual desenvolvi o doutorado sanduíche, assim como pela orientação e sugestões dadas à construção da tese. Ainda à professora Dra. Cristina García, assim como a outros professores e alunos, pelas contribuições ao debate, na ocasião em que apresentei a tese naquela universidade.

Aos meus colegas da Universidade do Estado da Bahia/Campus V, pelo incentivo, liberando-me das atividades de trabalho para que eu pudesse me dedicar a esta tese. Agradeço também a esta Universidade por ter-me concedido a bolsa PAC durante o curso.

Apresentei este trabalho em muitos eventos acadêmicos e recebi contribuições que foram fundamentais para a construção do texto. Apesar de não terem lido esta tese algumas (alguns) professoras (professores) deram sugestões valiosas e por isso dedico um agradecimento especial a elas (eles): Joana Pedro, Lidia Possas, Margareth Rago, Durval Muniz, Márcia Barreiros, Andréia Rodrigues, Maria Elena Bernardes, Ana Carolina Maciel, Yonisa Wadi e Fábio Henrique Lopes.

Agradeço ainda a Telma Insuela que, com suas massagens e aromas, cuidou tão bem de mim, dando-me tranquilidade e equilíbrio, essenciais no processo de escrita do texto. A Simone, que além de grande amiga, tornou-se minha massagista em Serrolândia. A Sônia, por cuidar de mim com seu “olhar terapêutico”. E ainda à Rita, por me permitir ficar livre dos cuidados com a casa.

Enfim, agradeço a todos, que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Contar a vida de alguém é olhar a história com lente de aumento

Vavy Pacheco Borges

RESUMO

Esse estudo apresenta a biografia de Dona Farailda, uma mulher do sertão da Bahia. Sua trajetória é marcada pelo tema do casamento, uma vez que, além de ter-se casado sete vezes ao longo da vida, realizava “casamentos de contrato”. Estes, apesar de não serem reconhecidos juridicamente, foram feitos até o final dos anos 1980 na cidade de Serrolândia/BA. Vistos como um “costume em comum” compartilhado por parte da comunidade, essa prática afirmava valores “tradicionais”, ao mesmo tempo em que representava uma forma de burlar procedimentos jurídicos inacessíveis às camadas populares. Seu processo de construção de si é permeado por táticas que foram sendo tecidas ao longo da vida, na experiência concreta do cotidiano. Dona Farailda aparece como uma mulher que, embora reproduza em seu discurso valores como a defesa da família e do casamento monogâmico, visto na perspectiva heteronormativa, tem práticas que parecem subverter normas estabelecidas para as mulheres daquela comunidade. Ao analisar suas ideias foi possível perceber como ela foi capaz de elaborar concepções de mundo que justificam sua forma de existir. As fontes utilizadas na pesquisa se constituem centralmente de entrevistas orais, embora também sejam analisadas fontes escritas e iconográficas como: fotografias, jornais, livros de registro de casamentos, dados dos Censos do IBGE e um contrato de casamento realizado por Dona Farailda.

Palavras-chave: biografia; gênero; memória; tática; casamento.

ABSTRACT

This study presents the biography of Dona Farailda, a woman from the semi-arid region of Bahia. Marriage has been a central theme throughout her life, since, besides having been married seven times, she also executed “marriage contracts”. These, though not legally recognized, were performed until the end of the 1980s in the city of Serrolândia, BA. Viewed as a “custom in common” shared by the community, this practice affirmed “traditional” values while representing a way around legal proceedings unaffordable to the working classes. Her process of self-construction is permeated by tactics that have been woven throughout her life, from her concrete quotidian experience. Dona Farailda appears to be a woman who, despite reproducing in her discourse values such as the defense of the family and monogamous marriage, viewed from a heteronormative perspective, has practices that subvert established norms for women in her community. By analyzing her ideas it was possible to see how she was able to develop worldviews that justify her way of living. The sources used in this research consist mostly of oral interviews, although written and iconographic sources are also analyzed, including photographs, newspapers, marriage records, census data from IBGE and a marriage contract performed by Dona Farailda.

Keywords: biography, gender; memory; tactics; marriage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Praça Manoel Novais

Figura 2: Igreja Matriz da Praça Manoel Novais

Figura 3: Açude Público Serrote

Figura 4: Dona Farailda, Valmira e Severino

Figura 5: Elenita, Anelita, Valmira, Carlos e Dona Farailda

Figura 6: Pedro e Dona Farailda

Figura 7: O casal Dário e Farailda

Figura 8: Sr. Aristides

Figura 9: Família de Dona Farailda

Figura 10: Aniversário do neto de Dona Farailda

Figura 11: Casamento de Dona Farailda e Sr. Antônio

Figura 12: O casal Dona Farailda e Sr. Antônio

Figura 13: O casal Dona Farailda e Sr. Antônio

Figura 14: O casal Dona Farailda e Sr. Antônio

Figura 15: A noiva Farailda

Figura 16: Casamento de Dona Farailda e Sr. Severino

Figura 17: Casamento de Dona Farailda e Sr. Severino

Figura 18: O casal Dona Farailda e Sr. Severino

Figura 19: O casal Dona Farailda e Sr. Severino

Figura 20: Casamento civil

Figura 21: Casamento civil

Figura 22: “Casamento de contrato”

Figura 23: Gráfico de número de casamentos

Figura 24: Contrato de mútua assistência do “Casamento de contrato”

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de casamentos religiosos e civis

Tabela 2 - Pessoas casadas, por tipo de casamento e sexo

Tabela 3 - Média de idade dos noivos nos casamentos religiosos e civis

Tabela 4 - Estado conjugal, por sexo

Tabela 5 - Processos por ano, década e tipo de casamento

LISTA DE ABREVIATURAS

APLB	Sindicato dos professores do Ensino Fundamental e Médio
APMJ	Arquivo Público Municipal de Jacobina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PT	Partido dos Trabalhadores
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1 - “EU TINHA TEMOR A DEUS E A MEU PAI”: OS PRIMEIROS ANOS DA “BOA MOÇA”.....	30
---	-----------

1.1 - De Serrote a Serrolândia: “A Serrolândia que nós conhece hoje era uma coisa tremenda! Era uns barro, era uns buraco”	32
1.2 - Uma família unida, de mulheres “resolvidas”	38
1.3 - “Nunca fui aluna, eu estudei por cabeça minha”	44
1.4 - “Eu não tou te pedindo do seu bolso, eu trabalho...”	49
1.5 - “Homem é como dente de alho...”	59
1.6 - “Eu resolvi ficar evangélica porque no catolicismo o povo não ajuda ninguém tirar o pecado”	63
1.7 - “Uma figura moralista e liberal”	67

CAPÍTULO 2 - “EU GOSTAVA DE CASAR...”: TÁTICAS DE UMA “CASAMENTEIRA” DO SERTÃO BAIANO.....	78
---	-----------

2.1 - “Fui feliz nos meus casamentos todos...”	83
2.2 - “Faz de conta que foi um vento que passou... como se fosse uma brincadeira...”	88
2.3 - Uma mulher carinhosa.....	98
2.4 - “Como cinema...”	103
2.5 - “Quem me fez casar diversas vezes foi muita sorte”	110
2.6 - “Quem morreu, morreu e eu tou aqui, ninguém morreu porque eu mandei, morreu foi porque Deus quis...”	113
2.7 - “Minha luta foi criar gente...”	118

CAPÍTULO 3 - “NUNCA ME APAIXONEI POR HOMEM NENHUM. TENHO AMOR, ENTENDEU?”: CONCEPÇÕES DE MUNDO DA “CASAMENTEIRA”127

3.1 - “Um homem bom, pra morrer em meus braços ou eu nos braços dele, dando prazer...”	133
3.2 - Uma mulher “fora de série”.....	138
3.3 - “Quem viaja pra trás é caranguejo. Tem que viajar é pra frente”.....	142
3.4 - “Você vai cuidar da sua vida e eu da minha. Não nascemos de umbigo pegado com outro não!”.....	145
3.5 - “Quando morre só a fama da mulher corre”.....	151
3.6 - “Casamento é a vivência”.....	157

CAPÍTULO 4 - “CASAMENTOS DE CONTRATO”

- UM COSTUME EM COMUM.....165

4.1 - “Representante do povo lá de Serrolândia...”.....	167
4.2 - “Casamentos de contrato”: um costume em comum?.....	172
4.3 - “Era mais gente pobre, era só pra não dizer tá amigado, tá morando junto”.....	174
4.4 - “Igual mesmo a casamento”.....	177
4.5 - “Tinha validade assim pra eles...”.....	188
4.6 - Importância do casamento em Serrolândia.....	194
4.7 - Contrato de mútua assistência: homem mantenedor, mulher obediente.....	204
4.8 - “Ninguém vai lhe bulir...”.....	209

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....217

FONTES E REFERÊNCIAS.....221

ANEXO.....232

INTRODUÇÃO

*Foi uma festa tão grande, eu adoeci,
a emoção foi tão grande, que eu adoeci...*
Farailda Santos

Na manhã do dia 21 de outubro de 2006 no Cartório de Itaim Paulista, localizado na cidade de São Paulo, ocorreu uma cerimônia na qual vinte e quatro casais se uniram pela instituição do casamento civil. Poderíamos considerar esse um acontecimento corriqueiro, mais um casamento ocorrido em umas das maiores cidades do mundo, não fosse o fato de naquele dia uma senhora originária da cidade de Serrolândia, na Bahia, estar-se casando pela sétima vez aos 77 anos, com um senhor pernambucano, 12 anos mais jovem que ela.

Na noite do mesmo dia, a cerimônia religiosa, que ocorreu na Igreja evangélica Assembleia de Deus, reuniu amigos, vizinhos, “irmãos” de fé e uns poucos familiares, visto que a grande maioria permanecia vivendo em seus estados, no Nordeste. A noiva estava vestida da cor rosa, sua preferida, cabelos soltos com um discreto penteado e segurava um *bouquet*, também *cor-de-rosa*.

Após o ritual religioso houve uma festa, animada e repleta de convidados, que marcou a comemoração desse grande acontecimento. Apesar de ser a sétima vez que Dona Farailda Alves de Oliveira Santos se unia maritalmente a um homem (seja pela união civil, religiosa ou por “contrato”¹), a sua narrativa glorifica e exalta o acontecimento, chegando ela a afirmar que adoeceu de tão emocionada que se sentiu. Após uma semana, mais uma festa foi realizada; tratava-se de uma “surpresa” para os noivos, feita pela filha e neta, com o “resto dos ingredientes”. Nessa comemoração, reafirmava-se a união e mostrava-se o quanto estavam todos felizes com o casamento da mãe/avó/amiga/vizinha. Como em um coro, os participantes da festa afirmaram que ela estava muito feliz...

O casamento é o tema central da trajetória da personagem estudada nesta tese. Sem ele, a vida para Dona Farailda não parece fazer sentido. Posso afirmar que o casamento de “si e dos outros” é seu projeto primordial. A seguir apresento como me encontrei, ou fui

¹ Refiro-me aos “casamentos de contrato” realizados por Dona Farailda em Serrolândia, na década de 1980. Em algumas ocasiões ela própria se utilizou da prática que realizava com casais que lhe procuravam para casar-se fora do âmbito jurídico. Discutirei os “casamentos de contrato” no capítulo 4.

encontrada, com/por essa mulher extraordinária, que não tem muitas pretensões na vida, a não ser a de “ser feliz”. E, para ela, ser feliz é ser amada e estar casada.

O encontro

Ao realizar minha pesquisa de mestrado intitulada *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*,² em que estudei representações referentes às relações de gênero em Serrolândia,³ pequena cidade localizada no sertão baiano, deparei-me com uma personagem que, de alguma forma, me chamou atenção pelo seu comportamento distinto da maioria dos sujeitos (as) pesquisados (as), especialmente das mulheres. Conclui a pesquisa no final de 2006 e, como narrado acima, em outubro daquele ano, Dona Farailda casou-se pela sétima vez um dia após completar 77 anos; atualmente encontra-se com 84.

Mas, além de gostar muito de casar-se, Dona Farailda é também bastante conhecida em Serrolândia por ser “casamenteira”, realizando ela própria, na cidade, “casamentos de contrato”. Esses casamentos, embora não tivessem nenhuma “validade jurídica”, eram realizados, com certa frequência, provavelmente até o final da década de 1980. Sua existência nos leva a refletir sobre a importância que o casamento tinha para as camadas populares naquela sociedade; a sua realização sugere que um ritual de união entre os casais ainda era imprescindível para aquela comunidade, independentemente de seu aspecto legal. Tratarei dos “casamentos de contrato” no quarto capítulo desta tese.

Eu nasci em 1974 na cidade⁴ onde Dona Farailda viveu a maior parte da vida. Quando ela começou a fazer os “casamentos de contrato” em Serrolândia, no início dos anos 1980, eu tinha menos de 10 anos de idade. Morava na Praça Juracy Magalhães, onde estes eram realizados, e lembro-me vagamente de imagens do ritual. Carros chegando na praça, noivas vestidas de branco em plena luz do dia e comentários irônicos da vizinhança do tipo: “hoje

² Refiro-me à pesquisa que resultou no livro VASCONCELOS, Vânia N. P. *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*. Salvador: EGBA, Fundação Pedro Calmon, 2007.

³ Serrolândia é um pequeno município do interior da Bahia, localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, a 319,9 Km de Salvador, na região Norte. De acordo com o IBGE, a população estimada do município era de 13.238 pessoas em 2013.

Ver <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=293060&search=bahia|serrolandia>

⁴ Embora eu tenha nascido na cidade de Jacobina, que fica a 48 Km de Serrolândia, considero-me originária da última, tendo em vista que meu nascimento só ocorreu na cidade vizinha porque Serrolândia não possuía hospital na época.

tem casamento de Farailda”. A expressão “casamento de Farailda” é bastante significativa, pois não diz respeito apenas à realização dos “casamentos de contrato”, mas aos seus próprios.

A imagem da “casamenteira” esteve presente ao longo da minha infância, adolescência e juventude; morei em Serrolândia até os 27 anos. Dona Farailda nunca passou despercebida nessa cidade. Lembro-me de sempre ouvir comentários, muitas vezes maldosos, sobre sua vida, em especial, sobre sua prática de realizar casamentos sem validade jurídica, mas principalmente pela sua trajetória de “mulher casadoira”, visto que se casou sete vezes ao longo da vida. Havia um ar de chacota nos comentários, mas ao mesmo tempo também certa admiração por ela ser uma mulher que não se permitia ficar sozinha, indo sempre ao encontro daquilo que desejava para a vida.

O encontro com ela se deu primeiro no meu imaginário, pois eu já a conhecia “de vista”, como se diz no sertão, mas nunca tínhamos conversado. O fato de ela (uma mulher) se casar muitas vezes exercia certo fascínio sobre mim, em função da minha formação feminista, primeiro em grupos de juventude ligados à Teologia da Libertação da Igreja Católica e depois na faculdade de História (UNEB), na qual iniciei minhas pesquisas sobre história das mulheres e relações de gênero.

Quando estava escrevendo minha dissertação de mestrado, citada anteriormente, dei-me conta de que não poderia fazer uma pesquisa sobre essa cidade da qual Dona Farailda estivesse ausente. Um dos capítulos do trabalho intitula-se “Mulheres no Casamento: ‘esposas’, ‘mães’, ‘largadas’, ‘amigadas’...” e apresenta uma reflexão a respeito da importância do matrimônio nessa sociedade, as representações sobre o feminino e as mudanças ocorridas ao longo das décadas pesquisadas (1960-1990). Nele abordei os famosos “casamentos de contrato” da “casamenteira”, discuti muito rapidamente alguns dos seus discursos sobre essa prática e também o fato de ter-se casado muitas vezes; no entanto, ainda não foi nesse momento que eu a encontrei.

Em 2006, ano de finalização da dissertação, ela morava em São Paulo e como não tive condições de ir até aquela cidade, pedi que minha irmã Tânia Vasconcelos, também historiadora com pesquisas na área de gênero e que estava fazendo mestrado por lá, realizasse a entrevista oral. Esta foi feita no dia 13 de abril. Posso dizer que é uma entrevista extremamente rica, que me causou um forte impacto e me dei conta de que deveria ter aprofundado melhor sua atuação na cidade, especialmente nos anos 1980, quando realiza os

“casamentos de contrato” e se casa várias vezes. Posso afirmar que essa é uma década emblemática na vida desta mulher.

Enfim, dediquei umas poucas páginas à sua atuação como “casamenteira” em Serrolândia e me lembro de que meu orientador ficou muitíssimo impressionado com os “casamentos de contrato”, considerando-os uma prática muito original, sugerindo-me aprofundar a pesquisa em outro momento, visto que não seria mais possível fazê-lo na dissertação.

Dona Farailda “havia se casado seis vezes e estava viúva”; fiz essa afirmativa baseada na entrevista realizada em abril, no entanto, quando finalizei o texto e defendi a dissertação, em dezembro de 2006, ela já não era mais uma viúva, pois havia se casado dois meses antes. Assim é Dona Farailda... rápida e prática em suas experiências afetivas. Como não gosta de ficar sozinha, não demora muito a encontrar um novo parceiro quando fica viúva ou se separa dos seus companheiros.

Estava claro para mim que Dona Farailda faria parte da minha trajetória como pesquisadora das relações de gênero, no entanto, a ideia de fazer sua biografia não me ocorreu em nenhum momento antes do ingresso no Programa de Pós-graduação da UFF. Quando iniciei o doutorado, em 2010, minha intenção era buscar trajetórias de vida, de homens e mulheres, que questionassem os modelos binários de relações de gênero no sertão baiano; no entanto, ao iniciar a investigação com fontes orais, posso dizer que Dona Farailda “tomou a cena” e decidi estudar apenas sua trajetória.

Após discussões com minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Rachel Soihet, a apresentação e debate da pesquisa em encontros e simpósios, assim como nas aulas dos seminários *Gênero e História*, ministrado pelas Prof.^a Dr.^a Rachel Soihet e Dr.^a. Suely Costa e *História Cultural: trajetórias e interlocuções*, da Prof.^a Dr.^a Giselle Venâncio, optei por mudar o foco central do projeto. Era um caminho sem volta. A personagem e sua narrativa seduziam o público de tal forma que algumas vezes tive de abandonar outros depoimentos a serem apresentados, pois o interesse recaía sobre ela.

Finalmente em 2010 ocorreu o tão aguardado encontro com Dona Farailda. Algum tempo após casar-se com o Sr. Severino⁵ em São Paulo, ela se mudou com ele para Serrolândia, realizando um antigo sonho; referindo-se a São Paulo, afirmou que “não gostava porque minha terra é aqui”.⁶ Foi através de Elenita, uma das filhas, que eu soube que sua mãe havia retornado à terra natal. Em maio de 2010 estive na casa de Dona Farailda onde

⁵ Severino é o sétimo marido de Dona Farailda.

⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.

conversamos, falei-lhe das minhas intenções de pesquisa e marcamos uma entrevista que foi realizada no dia 28. Desde então foram realizadas mais sete, totalizando nove entrevistas.

“Um livro com muitas páginas...”

Posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que Dona Farailda é uma sedutora; ao longo desses anos de pesquisa, participei de diversos eventos acadêmicos nos quais apresentei fragmentos de suas entrevistas para discutir as possibilidades de análise da sua trajetória. A opção em deixar que ela falasse foi seguramente a melhor, pois os resultados eram sempre impressionantes, sendo essa também uma opção teórico-metodológica feita para construir a tese.

Cheguei a ficar constrangida em algumas ocasiões quando a grande maioria das perguntas era dirigida a mim, uma vez que as pessoas queriam saber tanto sobre ela quanto sobre como eu estava construindo a tese. Foi muito recorrente a sugestão do público de que eu devo realizar um filme sobre ela. Ao mesmo tempo em que me sinto feliz, confesso que o fato de ela exercer tanto fascínio sobre um público de especialistas (refiro-me às historiadoras (es) e estudiosas (os) de gênero presentes nesses eventos), me trazem certo receio de não “dar conta” de escrever sobre uma personagem que causa tanto impacto em seu processo de “construção de si”.

Enquanto as (os) estudiosas (os) se fascinam pela personagem, paradoxalmente, em Serrolândia, a maioria das pessoas se surpreende ao saber que minha pesquisa de doutorado trata da trajetória de Dona Farailda. O que teria de importante na vida dessa mulher para ser estudada? Qual a relevância de uma vida que pode ser considerada como antimodelo de conduta? Embora não seja enunciado dessa forma, a reação de rejeição pela biografia de uma mulher “comum”, pobre e com comportamento transgressor, fica evidente na expressão facial de parte dos moradores da cidade. Provavelmente se surpreenderiam menos se eu estivesse estudando uma “mulher importante” da cidade, com exemplo de “bom comportamento”, que poderia servir de modelo de boa conduta às gerações futuras.

A biografia pensada como modelo de virtude a ser seguido remonta aos tempos mais antigos, quando era feita com o objetivo de disciplinar aqueles que a liam.⁷ A própria forma como as biografias eram escritas, em formato linear, e com uma intenção de mostrar a

⁷ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

continuidade da vida⁸ contribuiu de forma significativa para a escrita de uma história dos “grandes homens”.

Ao narrar a “aventura de contar-se” de sete feministas brasileiras, a historiadora Margareth Rago,⁹ chamou atenção para as diferenças de gênero nas formas de narrar. De acordo com a autora, em uma perspectiva masculina de narração, o modelo se impõe como finalidade, a apresentação da vida como coerente e organizada, exemplo a ser admirado e seguido. Ela contrapõe narrativa autobiográfica confessional e escrita de si, sugerindo que historicamente a primeira foi apropriada pelo masculino e a segunda pelo feminino; isso não significa dizer que as mulheres estejam livres de reproduzir a narrativa confessional ao fazerem emergir suas memórias, assim como os homens possam fazer uma escrita de si.

Voltando às visões sobre Dona Farailda em Serrolândia, não gostaria de generalizá-las, pois elas variam de uma forma evidente; procurarei apresentar os consensos e divergências dessas representações ao longo da tese. Nem todos a consideram um antimodelo de virtude. Alguns, a exemplo do seu irmão, veem-na como um modelo a ser seguido; assim, o Sr. Venerino fala da irmã com uma admiração impressionante: “É um exemplo pra família, pros mais novos que vai chegando e vê (...) É um exemplo pra nós. É. Foi um exemplo pra nós e ainda é. (...) Tem que ser mostrada. É um exemplo”.¹⁰

Foi esse familiar que me recebeu em sua casa, na cidade de São Paulo, com muito boa vontade; realizamos uma entrevista rica e divertida, na qual esse fascínio pela irmã era manifestado cada vez que falava dela. Disse-me que considera meu trabalho importante, já que pessoas como ela têm que ser lembradas: “se você for fazer um livro vai ter muitas páginas de livro, vai ter um monte. (...) Né pouca história, não. Que ali tem, ali tem história pra contar. Ali tem”.¹¹

Dona Farailda também parece considerar sua vida digna de ser contada ao afirmar que “é um romance minha vida”, frase que deu nome à tese. Apesar disso, em alguns momentos ela demonstra certo estranhamento ao fato de ter a vida estudada. Natalie Davis, ao imaginar

⁸ Discutirei mais adiante o alerta de Pierre Bourdieu acerca dos perigos da “ilusão biográfica”, na qual a vida é vista de forma coerente, organizada e linear. BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 183-191.

⁹ Refiro-me ao seu mais recente livro, a que tive acesso já na finalização da tese, mas que me trouxe reflexões interessantes sobre os processos de “invenção da subjetividade”, conceito que retomo no capítulo 3. RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se*. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

¹⁰ Entrevista com Venerino, realizada em 27.04.2013.

¹¹ *Idem*.

seu encontro com três mulheres que viveram *nas margens*¹² da Europa do século XVII, discute como uma dessas personagens se teria surpreendido ao ser considerada “revolucionária” pela historiadora. O olhar do pesquisador sobre o sujeito pesquisado é geralmente bastante diferente da forma como este se vê. O que me motivou a estudar a trajetória de Dona Farailda, foi justamente aquilo que ela faz questão de negar em seu processo de construção de si: o comportamento considerado transgressor para uma mulher nascida no final dos anos 1920 em uma comunidade rural.

A escolha dessa personagem faz-me romper com a biografia pensada como modelo de virtude. Interessa-me refletir sobre qual perspectiva de mundo considera-se Dona Farailda como antitempo de virtude/conduita, pois quando pesquisei representações de gênero em Serrolândia, foi muito importante compreender os modelos idealizados para as mulheres naquela sociedade. As dicotomias entre “mulheres honestas”, “faladas” e as “putas” apareceu tanto em discursos oficiais, quanto nas fontes orais e, embora tenha me atentado para as resistências presentes a esses modelos, creio que ainda estive muito vinculada a eles, deixando de lado algumas práticas. Ao estudar a trajetória dessa mulher, me volto cada vez mais para os desvios à norma.

O discurso de Dona Farailda é normativo. Ela reproduz em sua narrativa valores “tradicionais” como a defesa da família e do casamento monogâmico, vistos ambos na perspectiva heteronormativa, ao mesmo tempo em que tem práticas que parecem subverter normas estabelecidas para as mulheres daquela comunidade. Nesse sentido, utilizo os conceitos de “tática” de Michel de Certeau,¹³ procurando compreendê-la como uma mulher que subverte sem o enfrentamento direto, agindo no campo oposto sem propor um contrapoder e o de “paradoxo” de Joan Scott,¹⁴ na perspectiva de positivar ações aparentemente contraditórias.

Dialogo ainda com o conceito de “subjetivação”,¹⁵ buscando compreender como Dona Farailda foi-se se reinventando cotidianamente; rompendo com formas de sujeição presentes no contexto vivido, ela vai produzindo novos modos de “ser no mundo”, construindo possibilidades de “invenção de si”.

¹² DAVIS, Natalie. *Nas margens*. Três mulheres do século XVII. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

¹³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, pp. 91-100.

¹⁴ SCOTT, Joan, *A cidadã paradoxal*. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002. p 29.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: O uso dos prazeres*, Rio de Janeiro: Graal, 1984.

A seguir abordarei rapidamente alguns diálogos teóricos estabelecidos na construção desse trabalho, sendo que não me alongarei na discussão dos conceitos, visto que optei por fazê-lo ao longo da tese, dialogando com as fontes.

Diálogos possíveis

A reflexão que me proponho a fazer nessa tese não é contar a história de Dona Farailda, mas pensar nos significados diversos que ela atribui à vida e como suas práticas podem ter provocado impactos nas hierarquias de gênero, presentes na sociedade em que viveu (e ainda vive).

Compreendo gênero como uma categoria de análise e um conceito relacional com base na perspectiva apontada pela historiadora Joan Scott¹⁶ que percebe essa categoria como o saber a respeito das diferenças sexuais, utilizando a concepção foucaultiana, que pressupõe um saber relativizado, construído a partir de uma disputa política. Nessa perspectiva, gênero é a organização social da diferença sexual, sendo o saber sobre essa diferença produzido historicamente. Há assim uma relação inseparável entre saber e poder, sendo que gênero estaria interligado a relações de poder, ou seja, seria uma primeira forma de dar sentido a estas relações.

Como categoria, o gênero reivindica para si um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para discutir a persistência da desigualdade entre mulheres e homens. A perspectiva de gênero é apontada como fundamental para responder a várias questões, especialmente a de como compreender ideias acerca da diferença sexual (os diferentes significados atribuídos ao masculino e ao feminino) na sociedade e na cultura, desconstruindo concepções essencialistas a respeito das identidades sexuais.

A opção pela perspectiva de gênero implica ainda, destacar o caráter relacional entre os sexos. Nesse sentido, historiadoras brasileiras¹⁷ têm-se preocupado com uma análise dessas relações levando em conta as resistências femininas; estas abordagens rompem com a ideia da mulher-vítima / homem-culpado, procurando identificar como no processo de dominação das

¹⁶ SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica” In *Educação e Realidade*. Porto Alegre: 16 (2): jul./dez. 1990 e “Prefácio a ‘Gender and Politics of history’”. *Cadernos Pagu*, nº 03, 1994. Campinas/SP. p. 111-27.

¹⁷ Dentre estas destaco RAGO, Margareth *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, DIAS, Maria Odila. *Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984 e SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana. 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

mulheres, estas se utilizaram de formas, muitas vezes sutis, de resistência, sendo outras vezes mais diretas no enfrentamento.¹⁸ Procurei seguir essa abordagem para analisar o processo de “construção de si” de Dona Farailda.

Assim, cabe às (aos) estudiosas (os), preocupadas com esta categoria, desnaturalizar as diferenças construídas historicamente a respeito do que se constituiu como masculino e feminino.¹⁹ O próprio processo de construção do conceito esteve ligado ao questionamento do sujeito “mulher”, já que este não dava conta da pluralidade das experiências femininas. Nesse sentido, o gênero não pode estar desvinculado de outras categorias como classe e raça/etnia, assim como do de geração.²⁰ Procurei problematizá-las ao longo da tese.

O conceito de gênero com o qual eu pretendi operar na tese está ligado à história do movimento feminista, ou aos “feminismos.” Ele não é neutro, seu uso traz um posicionamento político ao questionar hierarquias estabelecidas historicamente. Ao optar por estudar a vida de uma mulher que, mesmo imbricada discursivamente pelas teias normativas, questiona definições de gênero no espaço vivido, pretendi problematizar as possibilidades de resistências femininas pelo caminho da “rebeldia sutil”. Considero as práticas, ou táticas, de Dona Farailda, como novas formas de enfrentamento das desigualdades de gênero, o que torna possível pensar que outras mulheres também tenham inventado novas perspectivas de subversão.

O desenvolvimento dos estudos de gênero está intimamente ligado às inovações teóricas e metodológicas no campo das pesquisas historiográficas, que possibilitaram, em um primeiro momento, o estudo de novos sujeitos, mas também mudanças significativas na perspectiva de análise. O questionamento a um Sujeito Humano Universal²¹ só foi possível graças ao diálogo, nem sempre fácil, entre os movimentos sociais, não só o de mulheres e feminista, como o de outros grupos sociais, e com a academia.²²

¹⁸ SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero.” *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, vol.27, nº54, p. 281-300, 2007.

¹⁹ MATOS, Maria Izilda. “História das sensibilidades em foco, a masculinidade”. In *História, Questões e debates*. Ano 18, nº 34, jan/junho, 2001. Curitiba: APAH/UFPR. pp. 45-63.

²⁰ O conceito de geração é aqui entendido, também como uma categoria de análise. Ver MOTTA, Alda Britto da e WELLER, Wivian. “Apresentação: a atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica.” In *Revista Sociedade e Estado*. Vol. 25, número. 2, Brasília: 2010.

²¹ DIAS, Maria Odila L. S. “Teoria e Método dos Estudos Feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano” In COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

²² SOIHET, Rachel e PEDRO, Joana Maria. “A emergência da pesquisa”, *op. cit.*

Nesse trabalho me aproximei teoricamente da chamada micro-história; historiadores como Carlo Ginzburg e Natalie Davis²³ foram inspiradores para aceitar o desafio de analisar a trajetória de uma pessoa, sem abrir mão da “história-problema”, ou de problematizar questões mais amplas da sociedade estudada. Ao tratar da relação entre indivíduo e contexto, procurei não incorrer no erro que Sabina Loriga chamou de “paradoxo do sanduíche”, quando o pesquisador apresenta “um pouco de contexto, um pouco de existência individual e um pouco de contexto”,²⁴ perdendo de vista o que pode ter de singular na história do indivíduo, homogeneizando seu comportamento como “típico”, ou não, do “seu tempo”. Há ainda o perigo de não atentar para as possibilidades de atuação do indivíduo diante dos sistemas normativos. Como afirmou Vavy Borges: “contar a vida de alguém é olhar a história com lente de aumento”.²⁵

A opção pelo estudo da vida de Dona Farailda obedeceu a critérios subjetivos, como discutido anteriormente, mas também a objetivos, pois sua trajetória me possibilitou problematizar questões mais amplas da sociedade serrolandense como, por exemplo, as possibilidades de resistência das mulheres aos sistemas normativos presentes nessa sociedade. A partir do diálogo entre o contexto e sua vida, busquei enfrentar os problemas em torno da representatividade e singularidade do indivíduo, assim como a tensão entre constrangimentos sociais e liberdades individuais.²⁶

Nessa busca, compreendi suas escolhas como parte de um projeto, que se situa dentro de um campo de possibilidades.²⁷ Essa perspectiva me levou a observar que os caminhos que traçou poderiam ter sido outros, pois assim como ela se “inventou” como “casadoira” e “casamenteira”,²⁸ poderia ter feito outros trajetos. Da mesma forma que busquei entender o campo de possibilidades de Dona Farailda, reconheço que também fiz escolhas dentro do “meu” campo de possibilidades; assim, tenho consciência de que este trabalho poderia ter sido

²³ Especialmente em suas obras GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998 e DAVIS, Natalie. *Nas margens. Três mulheres do século XVII*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

²⁴ A expressão foi usada por Charles Firth e apropriada pela historiadora. Apud LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 248

²⁵ BORGES, Vavy Pacheco. *Em busca de Gabrielle*. São Paulo: Alameda casa editorial, 2009. p. 20.

²⁶ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes... op. cit.*, p. 27.

²⁷ VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfoses: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

²⁸ No Dicionário Aurélio aparecem as seguintes definições: Casadoiro: um ser do sexo masculino disposto a casar várias vezes, após a separação ou após a viuvez. Casamenteira: pessoa que intervém para arranjar casamentos. Não há a versão feminina para o termo “casadoiro”. <http://www.dicionariodoaurelio.com/>

concebido de outra forma, pois ele é fruto de opções teórico-metodológicas que revelam minhas perspectivas como historiadora.

Uma dessas escolhas, por exemplo, foi estabelecer diálogos que considero possíveis, entre autores pertencentes a campos teóricos distintos. Ainda que eu tenha consciência de que muitos deles tenham divergência na forma de conceber o fazer histórico, parti do pressuposto de que eles me ajudam a pensar e, me apropriei de conceitos que me foram úteis para problematizar o tema pesquisado.

Os debates estabelecidos entre historiadores da micro-história italiana, como Ginzburg e pensadores “pós estruturalistas”, como Michel Foucault, são conhecidos. Ginzburg fez duras críticas ao filósofo francês, acusando-o de total desinteresse pelo sujeito. Ao citar a obra *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*, Ginzburg ataca: “A análise versa acima de tudo sobre a interseção de duas linguagens de exclusão que tendem a se negar, alternadamente: a jurídica e a psiquiátrica. A figura do assassino acaba passando para segundo plano”.²⁹ No entanto, no posfácio à obra de Ginzburg, Renato Janine Ribeiro relativiza, afirmando que parte da crítica deste “não vale para a maior parte das obras de Foucault”.³⁰

Margareth Rago também defende o filósofo dos seus críticos quanto a seu interesse, considerado excessivo, pelo tema do poder. A historiadora afirma que nos últimos trabalhos, escritos na década de 1980, Foucault teria ido além das formas de sujeição, atentando para os mecanismos de atuação dos sujeitos, daí o uso do conceito de subjetivação, feito aqui para pensar as “invenções da subjetividade” de Dona Farailda.

Outra contribuição que se vincula ao chamado pós-estruturalismo são os trabalhos de Joan Scott. Eles foram importantes para essa tese tanto por contribuírem com a categoria gênero, como com o conceito de paradoxo, utilizado para compreender possíveis “contradições” entre o discurso normativo e as práticas subversivas de Dona Farailda. Essa historiadora, que rompeu com a História Social e atualmente, defende que o uso da categoria gênero só é possível ser operado dentro de uma perspectiva pós-estruturalista, estabeleceu profundos debates com seus pares.³¹

No arriscado, mas “possível diálogo”, entre historiadores pertencentes à chamada História Social e os “pós-estruturalistas”, dialogo ainda com Thompson, que também pertence

²⁹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes...*, op. cit., p. 23.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 237.

³¹ Refiro-me aqui ao chamado “Desacordo Tilly-Scott”. Varikas, Eleni. “Gênero, Experiência e Subjetividade: A Propósito do Desacordo Tilly-Scott”. *Cadernos Pagu*, Campinas, vol. 3, 1994, pp. 63-84. SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica”. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2): jul./dez., 1990 e Prefácio *Gender and Politics of History*. *Cadernos Pagu* (3), p. 11 – 27, 1994. TILLY, Louise. Gênero, História das Mulheres e História Social. *Cadernos Pagu* (3), Campinas, pp. 29-62, 1994.

a um campo teórico diferenciado de autores e autoras citados. Não pude resistir ao uso do conceito de “costume em comum”,³² quando li o texto sobre a “venda das esposas”. As reflexões do autor foram essenciais para pensar nos “casamentos de contrato” realizados por Dona Farailda em Serrolândia, pois assim como a prática da “venda”, eles eram como um “costume em comum”, compartilhado por aquela comunidade sertaneja como uma afirmação de valores “tradicionais”, ao mesmo tempo em que representavam uma forma de burlar procedimentos jurídicos inacessíveis às camadas populares.

Enfim, o que procuro defender aqui é a possibilidade de apropriação de conceitos e perspectivas de pensamento, sem necessariamente me filiar a determinadas correntes. Espero ter cumprido a tarefa de mostrar que esses diálogos são possíveis na busca de aproximação desses pensadores, apesar de suas divergências.

Lidando com *artefatos verbais*

São as fontes que definem os limites e possibilidades de construção do trabalho do historiador e, no caso daqueles que se arriscam pelo difícil e prazeroso trabalho de fazer uma biografia, perceberão que essa será mais ou menos profunda de acordo com o acesso que se tem a elas.³³ No meu caso a fonte oral se constituiu como a principal do trabalho. Os desafios do historiador que trabalha com fontes orais são grandes, mas posso afirmar que minha experiência foi bastante positiva, havendo muita receptividade ao trabalho, tanto da personagem central, como de outros entrevistados.

A fonte oral é essencial para a construção de histórias de vida, especialmente se a personagem pesquisada está viva, como é o caso analisado aqui. Concordo com Alessandro Portelli quando afirma que se pode compreender uma história de vida de várias formas, no entanto ele prefere supor que está trabalhando com *artefatos verbais*, nos quais está presente a autopercepção do narrador, o encontro deste com o pesquisador e as interpretações e percepções do último quando se dispõe a fazê-lo.³⁴ Além das realizadas com Dona Farailda utilizo também como fonte entrevistas de pessoas ligadas a ela ou que viveram (ou ainda

³² Sobre o conceito de “costume em comum” ver THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp.305-352.

³³ BORGES, Vavy Pacheco. *Em busca de Gabrielle... op. cit.*, p. 16.

³⁴ PORTELLI, Alessandro. “The Best garbage man in town: life and times of Valtèro Peppoloni, worker”. In: *The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history*. Albany: State University of New York Press: 117-137, 1991. p. 119.

vivem) em Serrolândia e que se dispuseram a falar sobre as representações em torno dessa “figura lendária”.

A opção em trabalhar com *artefatos verbais* considera que ao produzir uma *entre-vista* (trocas de olhares) ocorre um encontro entre pesquisador-pesquisado; por isso optei por não utilizar o termo *depoimento*: “ato de depor em juízo, pelo qual uma pessoa, denominada testemunha, faz suas declarações perante a autoridade que a convocou”.³⁵ Não pretendi ser uma autoridade que “convocou” Dona Farailda a “fazer declarações” sobre sua vida.

No processo de construção dessa tese subverti o plano de trabalho, pois o “trabalho de campo” foi feito ao longo de todo o período em que ocorria a escrita desta. Foi muito interessante experimentar esse formato, pois cada vez que voltava a campo novas questões eram suscitadas. Fiz a última entrevista com Dona Farailda em dezembro de 2013, quando a tese estava quase concluída. Não planejei entrevistá-la, fui apenas fazer uma visita e contar-lhe da finalização do trabalho, mas quando ela iniciou a falar não pude resisti e gravei sua fala, produzindo uma nova entrevista que ainda pôde ser utilizada. Esse processo metodológico de “idas e vindas” foi extremamente rico, me fazendo romper com a linearidade não só da forma de conceber a escrita, como da metodologia.

Caberia uma discussão sobre memória nesta introdução. Porém, optei por fazê-la ao longo da tese. Ao transcrever as entrevistas fiz pequenas alterações, apenas para torná-las legíveis, mantendo a linguagem original. Com exceção dos familiares de Dona Farailda e dos casais que se casaram no “casamento de contrato”, optei por utilizar nomes fictícios para identificar os entrevistados da pesquisa.

Esse trabalho está organizado em quatro capítulos. Cada um deles se subdivide a partir de frases retiradas predominantemente de entrevistas realizadas com Dona Farailda. As frases foram escolhidas para sugerir qual temática será abordada no subcapítulo, sendo que a ideia é deixar o leitor livre para imaginar o que se anunciará. O primeiro, intitulado “Eu tinha temor a Deus e a meu pai”: os primeiros anos da “boa moça”, traz uma análise da trajetória inicial de Dona Farailda, buscando compreender sua história de vida, a partir das memórias sobre a infância e a juventude, bem como a formação educacional, familiar e religiosa, enfocando questões ligadas à sexualidade. Também tratei da sua relação com o trabalho, que lhe garantiu certa autonomia e independência, permitindo-lhe fazer escolhas para a própria vida. Abordei ainda o contexto em ela viveu (e vive), analisando concepções de feminilidade e masculinidade em Serrolândia, uma sociedade marcada por fortes hierarquias de gênero.

³⁵ <http://www.dicionariodoaurelio.com/>

No capítulo 2 - “Eu gostava de casar...”: táticas de uma “casamenteira” do sertão baiano - discorro sobre a trajetória “casadoira” de Dona Farailda, discutindo seu processo de “construção de si” como “mulher honesta”, a partir das suas memórias. Ao apresentar cada uma das sete relações matrimoniais vivenciadas por ela, foi possível fazer uma análise das representações que constrói sobre si e sobre o modo como é vista na comunidade. Discuti ainda táticas utilizadas por ela para burlar normas sociais e sobreviver à discriminação sofrida por conta do comportamento transgressor.

No capítulo seguinte - “Nunca me apaixonei por homem nenhum. Tenho amor, entendeu?”: concepções de mundo da “casamenteira” - analisei as ideias e concepções de mundo de Dona Farailda, pois ao narrar sua trajetória ela faz emergir um conjunto de concepções sobre a vida, sobre o mundo e as pessoas, defendendo ideias acerca da felicidade, do casamento, do amor, da paixão, do sexo, entre outras. Discuti as “invenções da subjetividade” da personagem, pois no diálogo com suas ideias ficou claro que não apenas viveu de acordo com suas escolhas, como elaborou concepções de mundo que justificam sua forma de existir. Tratei ainda dos limites e possibilidades dela na sociedade de Serrolândia, procurando entrecruzar concepções, fugindo da armadilha de pensar sobre a personagem apenas como fruto do contexto.

O quarto capítulo - “Casamentos de contrato” – um costume em comum - comporta uma investigação acerca das representações em torno dos “casamentos de contrato” realizados por Dona Farailda. Apesar de não serem reconhecidos juridicamente, eles eram feitos, com certa frequência, provavelmente até o final da década de 1980, em Serrolândia. Para compreender o contexto em que os “casamentos de contrato” eram realizados, fiz uma discussão acerca da importância que o casamento tinha para a sociedade serrolandense, entre as décadas de 1960 e 1980.

CAPÍTULO 1

**“Eu tinha temor a Deus e a meu pai”:
os primeiros anos da “boa moça”**

Essa história se inicia no dia 20 de outubro de 1929 na fazenda Caldeirão do Sapo,¹ no interior da Bahia, quando nasce uma menina, a terceira filha de Dona Supriana Serafina de Oliveira e do Sr. Pedro Alves de Sousa. Ela deveria chegar ao mundo através das mãos de “mãe Zeferina”, parteira famosa em toda a região pela prática de “pegar menino”;² mas a menininha se apressou e, antes de a parteira chegar, sua mãe deu a luz a uma criança morena de cabelos negros. O sol brilhava forte e a mãe deduziu que era “meio dia certinho.” A recém-nascida também se tornaria uma dessas mulheres especiais que há pouco tempo eram essenciais às sociedades, especialmente às rurais.

Dona Supriana tinha uma amiga que era professora em Mairi³ e se chamava Farailda, foi daí que se deu a escolha do nome da filha. Nasceu Farailda Alves de Oliveira e atualmente se chama Farailda Alves de Oliveira Santos, nome que adota por conta dos casamentos. Embora tenha se casado sete vezes, só mudou o sobrenome de nascimento uma única vez, acrescentando “Santos” quando se casou com o sexto marido. O sétimo (e atual) tem o mesmo sobrenome deste, assim como o primeiro, por ser seu primo, tinha sobrenome igual ao dela. Quanto aos outros casamentos, provavelmente ela não fez alteração no nome quando estes eram “por contrato”.⁴

No ano de 1929 também nascia um lugar, que mais tarde se tornaria a cidade onde Dona Farailda viveu a maior parte da vida. Serrolândia iniciou seu povoamento em 1929 e na década de 1940 foi fundada como povoado de Serrote,⁵ pertencente ao município de Jacobina.⁶ Em 1953 foi elevado à categoria de Vila passando a chamar-se Serrolândia; em 1955 tornou-se distrito, tendo sido emancipada em 1962.⁷ A história dessa mulher se

¹ A fazenda situava-se no distrito de Capela do Alto Alegre, pertencente ao município de Riachão do Jacuípe, na época.

² Em Serrolândia a maioria da geração que nasceu até os anos 1970 ainda se utilizou dos serviços das parteiras.

³ Cidade próxima a Serrolândia, localizada a 300 Km de Salvador.

⁴ Ver nota 1 da Introdução.

⁵ De acordo com Diomedes Reis o nome do povoado “Serrote” foi originário de uma pequena serra avistada pelos primeiros moradores. Esta serra, atualmente denominada “Monte Serrote”, divide a cidade geograficamente. Ver REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem, Serrolândia de hoje*. Salvador: Press Color, 2010, p. 15.

⁶ Jacobina localiza-se a 48 Km de Serrolândia, sendo atualmente a principal cidade da região.

⁷ A Vila de Serrolândia foi criada em 30.12.1953, pela Lei Estadual nº 628. A criação do Distrito foi noticiada no Jornal Vanguarda, principal jornal da cidade de Jacobina na época. *Vanguarda*, Nº 308, Ano VII, 04 set. 1955, p.

confunde com a do lugar; são histórias que se cruzam entre encontros e desencontros, aproximações e afastamentos, continuidades e descontinuidades... enfim, entender a relação entre Serrolândia e Dona Farailda ajuda-nos a compreender melhor a personagem central da tese.

1.1 De Serrote a Serrolândia: “A Serrolândia que nós conhece hoje era uma coisa tremenda! Era uns barro, era uns buraco”

Dona Farailda foi morar no recém-fundado povoado de Serrote em 1943 quando tinha catorze anos. Dois anos mais tarde casou-se com o primeiro marido, Sr. Dário, indo morar na “roça”⁸ para “ajudar os pais na lavoura”, retornando apenas em 1953, quando o povoado ganhava status de vila. A mudança da família de Capela do Alto Alegre se deu quando esta buscava melhores terras para plantar mandioca, já que a farinha de mandioca se constituía como um dos principais alimentos consumidos pela população rural naquela época. De acordo com nossa personagem:

Da Capela porque lá não dava mandioca. Lá se comia era milho direto. Mugunzá, a pipoca. Tudo. Lá só tinha farinha pra criança. Era difícil. Seu (*refere-se ao pai*) terreno não dá não plantar mandioca. Ele veio de Capela pra aqui porque ele viajou, porque tinha uma irmã dele aqui no Tanquinho, e ele viajando pra aqui, buscando farinha pra vender lá. Então ele viu esse terreno aí, sondou os preços, comprou duzentas tarefas de terra aí... (...) Meu pai era muito trabalhador de roça, cumpridor dos seus dever. Olhe, aqui mesmo em Serrolândia, pai plantava mamona, fumo, mandioca. Fazia a roça, botava trabalhador, entendeu? E nós, eu antes de casar, ajudava muito ele.⁹

O período correspondente à chegada de Dona Farailda em Serrote (década de 1940), assim como a década seguinte, é bastante difícil de ser reconstituído devido à escassez de fontes históricas. Embora Serrolândia tenha um número considerável de historiadores e historiadoras,¹⁰ sendo em sua maioria pesquisadores da história da cidade, quase não há trabalhos que tratam do período em questão. A única pesquisa de que tenho conhecimento diz respeito à dissertação de mestrado, da professora Tânia Vasconcelos, defendida na USP em

01. A emancipação ocorreu em 23.07.1962, regulamentada pela Lei Estadual nº 1746. Ver REIS, Diomedes. *Serrote de ontem... op. cit.* pp. 20-21.

⁸ Termo referente à zona rural, muito usado na região pesquisada. A “roça” onde ela foi morar chamava-se Algodão.

⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 27.12.2013.

¹⁰ Esse número de deve ao fato de haver um Curso de Licenciatura em História na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) na cidade vizinha de Jacobina.

2007, que investiga a atuação de uma escola católica, entre os anos de 1941 e 1957. O estudo contribui para refletir sobre a educação na localidade.¹¹

No ano de 1937, quando o arraial de Serrote ainda estava em processo de povoamento, foi publicada, no único jornal da cidade de Jacobina, uma nota reivindicando uma escola para a localidade:

Serrote tem direito a uma escola publica!

Em nome do comercio e das familias residentes no florescente arraial de Serrote, vimos apelar para os bons serviços do nosso prestigioso amigo Deputado Francisco Rocha Pires, chefe político deste município no sentido de ser creada, no aludido arraial, uma escola publica que dê instrução a mais de uma centena de creanças que la se encontram a míngua do alfabeto.

Serrote (nome que precisa ser mudado) é, atualmente, um logarejo animado, constante de cerca de 120 casas habitadas, com 19 de comercio, entre as quaes cinco de tecidos.

Comercio movimentado e bem regular lavoura de mamona e cereais.

Dota-lo de uma escola é tarefa patriótica e justa.

Conhecedores, de perto, dos bons propósitos com que o nobre representante dessa terra encara o máximo e inadiável problema da instrução em nosso município, estamos certos de que este apelo há de merecer a acolhida a que faz jus, pelo cunho de razão que o caracteriza.

Aguardem pois os habitantes de Serrote.¹²

Além da ênfase dada à necessidade de implementação do ensino público em Serrote, o texto traz algumas informações importantes sobre o recém-fundado arraial. Provavelmente com a intenção de sensibilizar o poder público da época, o autor inicia o texto “em nome do comércio e das famílias”, chamando a atenção para o caráter comercial do arraial; se considerarmos a proporção de casas comerciais em relação às habitações podemos afirmar que era considerável o número das primeiras. Apesar disso, é possível que o que caracterizava a economia nascente do arraial fosse a lavoura.

O colunista crítica o nome “Serrote”, sugerindo que este “precisa ser mudado”; tal mudança, no entanto, só iria ocorrer na década de 1950, acatando uma sugestão feita pelo vereador Waldetrudes Carneiro, representante de Serrolândia na Câmara Municipal de Jacobina nesta década.

Com relação à reivindicação da escola pública para o arraial, de acordo com Vasconcelos “os habitantes de Serrote teriam que aguardar por mais de dez anos, até 1948, quando surgiu a primeira escola pública estadual, caso não tivesse sido fundada a Escola

¹¹ VASCONCELOS, Tânia. *Educar, catequizar e civilizar a infância: a escola paroquial em uma comunidade do sertão da Bahia (1941-1957)*. Dissertação de Mestrado em História Social – USP – São Paulo: 2009.

¹² Jornal *O Lidador*, Jacobina (BA), 1937. Mantive a linguagem como no original.

Paroquial, em 1941”.¹³ Esta atendeu a população até o ano de 1957. Além dessas opções, havia a Escola Particular Rural, na qual os pais pagavam a um professor para ensinar seus filhos a “ler e escrever”; comumente apenas as famílias mais abastadas poderiam obter esse tipo de serviço. Na região onde Dona Farailda nasceu muitas famílias também recorriam a esse tipo de ensino; no entanto, ela não teve acesso a ele, pois seus pais eram muito pobres, não tendo condições financeiras para pagar um professor particular quando era criança. Abordarei mais adiante seu processo educacional.

Outra publicação sobre Serrote na década de 1930 traz informações a respeito da inauguração da igreja que, ao que tudo indica, foi construída entre os anos de 1935 e 1936, marcando a importância da religião católica para a comunidade do recém-fundado arraial:

Serrote Vae Fazer Festa!

Está marcado para se realizar a 14 e 15 de Setembro próximo vindouro, na **nova igreja que se acaba de erigir no arraial do Serrote**, deste município, a festa de São Roque, padroeiro do citado arraial.

As solenidades religiosas serão celebradas pelo Revmo. Padre José Antonio Almeida, pároco da Freguesia de Riachão, sendo encarregado de promoverem as festividades os Srs. João Batista de Souza, Constantino Carneiro Magalhães, Vilarino Vilas-Bôas, Francisco Alves e Antonio Alves, os quaes, por nosso intermédio e para o bom êxito das festividades, apelam para os bons sentimentos do povo católico.¹⁴

A igreja seria destruída alguns anos depois por uma tempestade, sendo totalmente reconstruída, provavelmente nos anos 1950.¹⁵ Nessa década “o poder público e secular estava bem próximo da Igreja Católica, proporcionando o fortalecimento e a estruturação do catolicismo com medidas e parcerias políticas, chegando a fazer parte de planos orçamentários do governo”.¹⁶ Apesar da separação entre Estado e Igreja ter sido promulgada pela Constituição de 1891,¹⁷ em Serrote, na década de 1950, a construção de templos católicos ainda era financiada pelo poder público. Isso mostra o poder daquela instituição, apesar de já haver presença de pessoas de outras denominações religiosas na vila.¹⁸ Trago essas

¹³ Essa escola, implantada pelo Padre austríaco cisterciense Alfredo Haasler, embora não fosse pública, era gratuita. Ela funcionou durante 17 anos, entre 1941 e 1957, tendo sido a primeira escola institucional existente no povoado. Ver VASCONCELOS, Tânia M. P. “Do castigo ao prêmio: concepções de infância e educação numa comunidade do interior (1940-1970)” In *Revista da FAEEBA*, Salvador, v. 14, n 24, p 175-191, jul/dez., 2005. p. 182.

¹⁴ Jornal *O Lيدador*, Jacobina (BA), 16 de agosto de 1936. Mantive a linguagem como no original.

¹⁵ REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem...*, op. cit., p. 19

¹⁶ RIOS JÚNIOR, Jairo Soares. *Narrativas de fé e outras histórias dos batistas em Serrolândia*. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local. UNEB. 2012.

¹⁷ A Constituição de 1891 foi promulgada dois anos após a proclamação da República.

¹⁸ Jairo Júnior afirma que foi nos anos 1950 que os serrolandenses estabeleceram os primeiros contatos com a denominação batista. RIOS JÚNIOR, *Narrativas de fé...* op. cit., p. 26

informações, pois me interessa discutir a predominância de valores católicos na formação de Dona Farailda, o que farei mais adiante.

De acordo com Dona Farailda “a Serrolândia que nós conhece hoje era uma coisa tremenda! Era uns barro, era uns buraco.”¹⁹ Não é possível saber exatamente a qual período ela se refere, mas podemos supor que se trata de uma época em que a cidade ainda não possuía calçamento de ruas. As fotografias de Serrolândia, apresentadas a seguir, foram tiradas provavelmente nos anos 1950, e se relacionam com a descrição da nossa “casamenteira”:



Figura 1: Praça Manoel Novais (Fonte: <http://serrolandiaantigo.blogspot.com.br/>)



Figura 2: Igreja Matriz da Praça Manoel Novais (Fonte: <http://serrolandiaantigo.blogspot.com.br/>)

¹⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

As fotografias são da principal praça de Serrolândia, a Manoel Novais, considerada ainda hoje o centro da cidade. Na primeira imagem, além de ser possível ter uma ideia de como era a praça na época, aparecem três jegues,²⁰ montados por homens, dois em destaque. Esse animal, assim como o burro²¹ e o cavalo, era o principal meio de transporte provavelmente até a década de 1960,²² quando começa a ser substituído gradativamente pelos transportes automotivos, primeiro o carro e mais tarde, a motocicleta.²³ A história da cidade é marcada pela experiência da ruralidade, sendo que só recentemente o número de habitantes da zona urbana ultrapassou o da zona rural.²⁴

Na segunda fotografia, trabalhadores realizam tarefas que tanto podem ser de urbanização da vila, como da reforma da Igreja Católica. Apesar dos limites da pesquisa, a documentação a que tive acesso sugere que nos anos 1950 Jacobina passava por um importante processo de modernização,²⁵ no qual os discursos sobre o progresso apresentam uma urgência em desenvolver os distritos pertencentes àquele município. A zona de Serrote era vista como “uma das mais importantes deste Município, produz gêneros alimentícios e é centro pecuário notável”.²⁶

Através de seu representante na Câmara Municipal, Serrote adquiriu obras executadas pela Prefeitura Municipal de Jacobina em 1954, como estradas (a exemplo da Serrote-Salamim), iluminação, melhoramentos em ruas e praças e implantação de serviço de energia elétrica.²⁷ Inicialmente o último era oferecido à população através de um motor, que tinha horário restrito de funcionamento. Dona Farailda recorda-se das limitações desse sistema:

²⁰ O jegue, também é conhecido como jumento ou asno, sendo todos nomes regionais diferentes dados para o mesmo animal: o *equus asinus*.

²¹ Burro (ou mula) é um animal formado a partir do cruzamento entre o jegue e a égua.

²² É provável que o primeiro meio de transporte existente em Serrote tenha sido o carro de boi.

²³ Os primeiros automóveis surgiram em Serrolândia por volta dos anos 1950, mas apenas uma pequena minoria tinha acesso a tal bem. Além dele, a bicicleta também veio a ser utilizada como meio de transporte.

²⁴ De acordo com o Censo Demográfico de 1960, a população do distrito de Serrote era de 11.971, sendo que apenas 1.660 habitavam na zona urbana e 10.311 na zona rural. Em 1970, a população de Serrolândia passou para 19.812, sendo de 2.367 a população urbana e 17.445 a rural; em 1980, de um total de 22.359, 3.673 era urbana e 18.686 rural. No Censo de 1991, houve uma queda significativa do número da população, devido à emancipação do distrito de Quixabeira em 1987, passando para 11.798, sendo 4.737 a população urbana e 7.061 a população rural. Em 2000, Serrolândia contava com uma população de 12.616 pessoas, sendo que a maioria destas (52,11 %) ainda residia na zona rural. Somente no último Censo do IBGE de 2010 a população urbana ultrapassou a rural; das 12.344 pessoas, 59 % viviam na cidade. IBGE. Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

²⁵ OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. *Revelando a cidade: imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina, 1955-1963)*. Dissertação de Mestrado em História social - UFBA. Salvador: 2008.

²⁶ Encontrei tal informação em dois ofícios do prefeito de Jacobina, Vicente Grassi, expedidos para o Ministro Clóves Pestana, da Pasta de Avaliação de Obras Públicas, no Rio de Janeiro/DF, pedindo para apressarem as obras do Açude Público.

²⁷ Arquivo Público Municipal de Jacobina, doravante APMJ, *Livro de correspondências expedidas pelo Poder Executivo, 1954-1956*, p. 08, 13, 57, 59 e 60 (Acervo ainda sem caixa).

“Tinha uma luz de pé de pau, apagando toda hora. Dez hora da noite dava sinal, dez e meia apagava e ia embora. Ficava todo mundo aí no escuro”.²⁸ A “luz a motor”, como era chamada, durou até 1974, quando se instituiu um sistema de energia elétrica mais eficiente; além disso, entre os anos de 1950 e 1958 foi construído um grande açude, para responder aos problemas de falta de água, por conta das constantes secas que assolavam a região. Essa obra, realizada pelo Departamento Nacional de Obras contra a Seca (DNOCS),²⁹ fazia parte dos projetos do governo federal para a região do semi-árido.

A construção do Açude Público Serrote provocou inúmeras mudanças na Vila; a execução da obra atraiu trabalhadores de outras localidades, gerando alterações na economia local, assim como transformações sociais e culturais. Durante muitos anos ele se constituiu como a principal fonte de abastecimento de água da cidade, mas embora essa fosse sua principal função, também se tornou um espaço de diversão para a juventude.³⁰



Figura 3: Açude Público Serrote (Fonte: <http://serrolandiaantigo.blogspot.com.br/>)

A imagem, capturada no início da década de 1960, não deixa dúvidas quanto ao uso do espaço da barragem como lugar de trabalho. Nele, mulheres se encontram, se protegem do sol com lenços e chapéus e cumprem sua tarefa como lavadeiras. Dona Farailda fala dos

²⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.06.2013.

²⁹ O DNOCS se constitui na mais antiga instituição federal com atuação no Nordeste, tendo realizado a construção de mais de 300 açudes públicos de médio e grande porte em toda a região semi-árida brasileira durante seus 100 anos de existência. Ver

http://pt.wikipedia.org/wiki/Departamento_Nacional_de_Obras_Contra_Secas

³⁰ Discuti como alguns espaços em Serrolândia foram sendo ressignificados pela juventude, tornando-se lugares de lazer e encontros amorosos. Ver VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, op. cit. p. 142.

benefícios trazidos para a plantação de alimentos e relembra o tempo em que, mesmo não tendo a lavagem de roupa como profissão, utilizava o Açude para esta função:

Foi. Foi muito bom. Foi bom muito. Foi uma coisa que deviam ter sustentado esse açude e acabou. (...) Chegou muita gente, e beneficiou muito aí. Plantaram roça. Comi muito quiabo e tomate na mão do povo que eu comprava. (...) Nós lavava (*refere-se a roupa*) lá na ponte. Sabe onde é a ponte, não sabe? Nós lavava. A água descia toda pro lado de cá. Botava água logo aí, o açude cheio.³¹

O espaço do trabalho, assim como o do lazer, são lugares de exercício das formas de sociabilidades; em sociedades mais ruralizadas, as fronteiras entre essas esferas são muito tênues, pois os sujeitos precisam criar formas de diversão dentro da lida. Retomarei essa discussão quando for tratar da relação de Dona Farailda com o trabalho.

É nesse contexto de mudanças que Dona Farailda sai da “roça” para iniciar uma longa relação com Serrolândia; chegando em 1953, ela só iria deixar a cidade no ano de 1988,³² quando se muda para São Paulo, um ano após se casar pela sexta vez. Ela só retorna em 2009 casada com o Sr. Severino, sétimo e atual marido. Desde então vive em Serrolândia e afirma não ter intenção de sair de lá.

1.2 Uma família unida, de mulheres “resolvidas”

“Criada” em uma família formada por 11 filhos (consegui identificar apenas 10³³), sobreviventes dos 22 (ou 21) partos que teve sua mãe, Dona Farailda apresenta seu núcleo familiar como harmônico e sem conflitos, afirmando que se relacionava muito bem com a mãe e o pai, mostrando-se uma filha trabalhadora e obediente. Não é possível ir muito além da sua visão sobre a família nuclear, visto que os pais já faleceram; só consegui entrevistar dois dos seus irmãos e as filhas entrevistadas não se lembravam muito dos avós.

Na primeira metade do século XX, quando a mãe de Dona Farailda teve os filhos, os índices de mortalidade infantil eram extremamente altos no Brasil e ainda maiores no

³¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 27.12.2013.

³² Durante esse período ela morou alguns meses no município de Jacobina, primeiro na cidade e depois no distrito de Paraíso.

³³ Por ordem de nascimento: Maria, Antônio, Farailda, Manoel, Regina, Beatriz, Eufrásia, Raquel, João e Venerino.

Nordeste.³⁴ Ao narrar a morte das irmãs em decorrência da febre tifóide, ela enfatiza sua capacidade de superação, já que ela, os irmãos e a mãe, também foram atingidos pela doença:

Eu morri com quatorze ano, noiva, eu morri. Eu passei cinco meses gelada. Morreu duas irmã minha, essa Raquel e Eufrásia morreu dessa febre. E não sei quantos anos de febre tifa até as menina morrer e eu fiquei. Bom. **Fiquei pra contar história.** (...) Quando eu levantei da febre, a minha tia me botou, me deram lá um banho, a febre passou, os remédio e o poder de Deus. (...) Que minha mãe numa cama e nós tudo na outra cama, foi um horror, Vânia! As duas morreu e eu revivi, minha mãe reviveu, João eu cuidei, Venerino eu cuidei. **Depois que eu levantei da febre fui cuidar de tudo.**³⁵

A origem familiar da nossa personagem é rural. Tanto a família materna quanto a paterna era formada por lavradores: “O meu pai, meus avôs só pensava em trabalhar. (...) Todos dois era roça, não tinha profissão não. (...) Vivia as suas custa, tinha suficiente pra comer, pra beber, pra dar os vizinhos.”³⁶ Ao afirmar que os avós “viviam as suas custas”, e “não tinham profissão”, Dona Farailda sugere que eles não dependiam de um fazendeiro para trabalhar, possuindo terra própria, ainda que em pequena extensão.

Dona Farailda viveu a infância em uma família pobre, aparentemente “tradicional” e típica do sertão baiano dos anos 1930, na qual a autoridade paterna era acentuada. Seus pais viveram juntos até a morte da mãe, ocasião em que o pai constituiu uma nova família.³⁷

Apesar de reforçar a ideia de que cabia ao pai tomar as principais decisões da casa, em suas memórias a mãe de Dona Farailda aparece como uma mulher que não se deixava dominar e tinha garantida, através do trabalho, independência financeira e autonomia na relação com o marido:

Ela decidia as coisas. Quando tinha uma festa assim, ela era doceira, fazia doce dois, três dia pra fazer aquela festa. Botava barraca. Entendeu o que é barraca? Barraca na festa. Vamos dizer se tivesse aqui uma festa grande, botava barraca de cachaça, de raiz pros véio, era uma coisa séria. Uma canseira aquele movimento. Minha mãe levava as carga, carga nos animais, de doce pra aquelas festa. Entendeu? (...) Ela tinha (*o próprio dinheiro*), porque trabalhava, lutava. (...) Mãe era costurando e roça, criando nós, todos dois.³⁸

³⁴ Em 1930 a taxa era de 162,4, sendo no Nordeste ela se ampliava para 193,2. Ver: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/evolucao_perspectivas_mortalidade/evolucao_mortalidade.pdf

³⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.06.2013.

³⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.05.2012.

³⁷ O pai se casou 5 meses após a morte da mãe e teve entre 7 e 8 filhos com a nova esposa (Dona Farailda não se recorda o número exato).

³⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

Venerino, irmão de Dona Farailda, reforça a ideia da mãe como “mulher resolvida”, termo que utiliza algumas vezes para assegurar a autonomia dela na relação com o Sr. Pedro:

Minha mãe era uma mulher muito resolvida. Aquela ali era. Ela nunca teve medo de nada. **Podia ser quem fosse, chegasse, tinha que respeitar ela, até papai! Se ela dissesse: “é isso”, era isso, acabou-se. Era aquilo lá e acabou.** (...) Era uma mulher resolvida. Era. Ela chegava, papai viajava e ela pegava uma vaca, pegava um boi, pegava o que fosse no pasto, e vendia se fosse preciso. (...) Quando chegasse: “olhe, quando Pedro chegar você vem buscar”, “o boi é esse aqui” ou “a vaca é essa aqui”. (...) Chegava, ele entregava. Era, não tinha esse negócio não. Ele viajava, muitas vez ele passava quinze dias, vinte dias, quando viajava pra Lapa e deixava o dinheiro e falava: “se o dinheiro acabar, se por acaso acabar e você tiver precisão, vá lá com fulano de tal e pegue o dinheiro com ele”.³⁹

Em uma sociedade predominantemente rural, está presente a ideia de que ainda havia a tradicional divisão sexual do trabalho;⁴⁰ no entanto, na prática essa divisão não se concretizava, visto que o trabalho das mulheres ia muito além da esfera reprodutiva. Quando as mulheres iam para a “roça”, isso não era visto como trabalho, mas sim como ajuda ao homem. Em Serrolândia, era muito comum que mulheres lavradoras se declarassem domésticas nos Censos do IBGE.⁴¹ Elas tinham dupla, ou tripla jornada, trabalhando na lavoura (além de em outras atividades) e em casa, já que nessa sociedade a maioria dos homens não assumia as tarefas tidas como “femininas”. Essa visão é reforçada por Regina, uma das irmãs de Dona Farailda: “**Não trabaiava**, só era na roça e casando e os marido morrendo e eu tendo família, criando, trabaiando sozinha e Deus pra criar essa família. Criei tudo”.⁴²

Apesar do não reconhecimento do trabalho feminino em áreas rurais, sugiro que algumas mulheres adquiriam certa autonomia, mesmo que relativa, por causa dele; isso é o que indicam as falas dos filhos de Dona Supriana sobre ela. O fato de trabalhar na “roça”, costurar e vender doces nas festas, contribuindo para o sustento da família, permitia-lhe tomar algumas decisões na ausência do marido, ou mesmo na presença dele.⁴³ Devemos considerar que essa visão pode ter sido construída ao longo dos anos, sendo possível que os filhos de Dona Supriana não a vissem como uma mulher tão independente quando conviviam com ela.

³⁹ Entrevista com Venerino, realizada em 27.04.2013.

⁴⁰ Nesta os homens são responsáveis pelo trabalho produtivo - agricultura, pecuária e tudo que se associa ao mercado - e as mulheres, pelo trabalho reprodutivo - trabalho doméstico, cuidados com a horta e com os pequenos animais e por tudo o que é feito para uso e consumo próprio, além dos cuidados com os filhos.

⁴¹ Esses dados foram recorrentes na pesquisa feitas nos Censos de 1970, 1980 e 1991 em Serrolândia.

⁴² Entrevista com Regina, realizada em 04.05.2012. Grifo meu.

⁴³ Dona Supriana era seis anos mais velha que o Sr. Pedro; essa diferença era incomum na região pesquisada, pois, em geral, os homens se casavam com mulheres mais jovens que eles.

A visão de que a mãe de Dona Farailda era uma “mulher resolvida” é também reafirmada por Regina. Ao abordar a relação entre os pais, embora afirme que “eles viviam bem”, relembra a reação da mãe ao descobrir uma relação extraconjugal do marido:

Mamãe mais papai teve nós tudo e ninguém via zuada, ninguém da família, ninguém via eles batendo boca por rapariga, agora depois de veio, com nós tudo casada e casando, meu pai deu pra..., com uma rapariguinha branca que teve aí num sei da onde e ficou lá perto, morando lá. (...) Aí mamãe pegou ela, e ia pra matar ela mermo. **Mamãe era geniosa**, viu minha fia. (...) Aí correu atrás, foi pro Bom Conselho, no tempo de uma seca grande, correram tudo pra Bom Conselho, meu pai achou um terreno, um lugar... os gado dele, perdeu tudo. Ele decidiu ir pra Bom Conselho, meu pai. Eu era casada já nesse tempo com finado Rosa.⁴⁴

A não aceitação da mãe de Dona Farailda de uma prática bastante comum no sertão baiano,⁴⁵ reagindo de forma violenta à traição do marido e levando a família a mudar-se para outra localidade, revela uma mulher decidida. Essas construções discursivas dos filhos sobre Dona Supriana me fazem pensar sobre qual referência inicial de feminilidade teve nossa personagem. Em sua narrativa, Dona Farailda atribui grande importância à influência que a mãe teve sobre ela: “Minha mãe era muito inteligente. Mãe era muier muito inteligente, ela não podia tá parada não. Eu puxei a ela. (...) Pareço com ela, que aprendi com ela, tudo quanto eu sei aprendi com ela”.⁴⁶

Muitas características de Dona Farailda, a exemplo da independência econômica, autonomia na relação com os maridos, incluindo a não aceitação de relações extraconjugais destes, coincidem com as da mãe. Não compartilho da ideia de que ela “puxou à mãe”, pois essa expressão traz a ideia de “personalidade herdada”, mas devo considerar que o fato de ter uma referência de feminilidade pautada na autonomia pode ter contribuído para que ela se construísse como uma “mulher resolvida”, para usar mais uma vez a expressão de Venerino. Este utiliza a mesma denominação para as duas mulheres. Em relação à irmã Farailda comenta: “Tou te falando que ela era uma **mulher resolvida**, ela não tinha esse negócio não. Chamasse pra fazer, “vamo fazer isso assim, assim”, ela dizia: “vumbora”. E fazia mesmo, não tinha esse negócio não⁴⁷.”

Venerino demonstra uma visão idealizada em relação a Dona Farailda; ele a admira por ela estar sempre disposta a enfrentar os desafios da vida sem medo. A relação entre eles

⁴⁴ Entrevista com Regina, realizada em 04.05.2012. Grifo meu.

⁴⁵ A naturalização da infidelidade masculina e a condenação da feminina ficaram muito evidentes na pesquisa realizada em Serrolândia entre as décadas de 1960 a 1980. Ver VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, op. cit.

⁴⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.06.2013.

⁴⁷ Entrevista com Venerino, realizada em 27.04.2013. Grifo meu.

foi construída desde a infância, pois a irmã dele cuidou “como uma mãe”, quando Dona Supriana faleceu. Tal informação aparece nas falas dos dois irmãos:

Minha mãe era mulher muito adoentada, minha mãe teve nove perca encarreirada.⁴⁸ Ela teve nós, teve vinte e dois filhos. Criou onze, era um filho atrás do outro. Quando ela morreu deixou o Venerino, eu era quem criava ele, esse Venerino, no dia que, no dia que mãe incomodou pra ter ele, Dário, meu marido, foi quem foi buscar, nós era noivo, quem foi buscar a parteira pra pegar o Venerino. E desde a hora que mãe teve esse Venerino, era doente, doente. Entendeu? E eu criei esse menino e veja só: ele até hoje é o menorzinho da família, o Venerino.⁴⁹

Farailda, ela praticamente me criou, né? Que quando eu nasci, ela já tinha seus catorze, quinze anos e minha mãe quase morreu no meu parto, e ela foi quem tomou conta de mim e me criou um bocado de tempo. Depois aí ela casou e eu fiquei. (...) Era ela quem lavava minhas roupas, era quem fazia... quando eu tava lá, era quem fazia minha comida. Eu não fazia comida em casa, eu comia na casa dela. (...) Rapaz, olha, a memória que eu tenho dela era quando eu tinha, mais ou menos uns seis pra sete anos de idade, entendeu? Que eu ia lá pra casa dela e ficava deitado numa rede gritando, eu me lembro como hoje, eu gritando com aquela dor nas perna, que eu ficava gritando ela e só contentava quando ela chegava que me panhava e me levava pra lá e era assim. (...) Ela toda vida foi mais de que uma mãe. (...) Não só comigo, com todos os irmão ela tem essa coisa.⁵⁰

A prática de irmãos mais velhos (principalmente as mulheres) cuidarem dos mais jovens é muito comum em sociedades rurais, ou em classes sociais menos abastadas nas grandes cidades. Esses grupos sociais são menos influenciados pelas concepções modernas sobre infância,⁵¹ nas quais a criança está no centro da família e deve receber cuidados, como educação, saúde, lazer, entre outros, sendo impensável a imagem da criança como cuidadora. No caso de Dona Farailda ela não cuidou apenas de Venerino, mas da maioria dos irmãos menores, tendo construído uma relação de afeto muito forte com eles:

Eu sou das mais velhas, da família mais velha. Aí mãe trabalhava, ela vendia doces nas festa, naqueles samba, naquelas festa da roça que chegava, ia pras festa levava aqueles balaião de doces, aquelas cesta de doce, e só vinha das festa meia noite. Eu ficava com as criança, armava a rede aqui e deitava aqui e ficava com as crianças, qualquer chorinho que dava... eu cuidava e olhava, se fosse pra dar um leite eu dava, se fosse pra dar um chá eu dava, **eu toda vida fui amorosa a meus irmãos**. E então toda a vida eu cuidei dos meus irmão, toda vidinha, dos mais novo de que eu, cuidei bastante, de cada um irmão meu, quando eu casei, eu batizei uma criança deles. Sempre eu dou essa lição pras minhas fia: “minhas fia, irmão é irmão. Tem que respeitar os mais véios, os mais novos respeitar e os mais véios, os mais véios

⁴⁸ Na linguagem local, “perca encarreirada” significa abortos espontâneos seguidos.

⁴⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁵⁰ Entrevista com Venerino, realizada em 27.04.2013.

⁵¹ Segundo Philippe Ariès, a partir do século XVII, na Europa, os adultos começaram a modificar sua concepção de infância, dispensando-lhe uma nova atenção. As preocupações em torno da criança avançaram ainda mais no século XVIII, quando os altos índices de mortalidade infantil impulsionam a criação de uma nova ordem familiar. Ver ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

respeitar os mais novos?”. **De todo meus irmãos eu batizei uma criança, num é bonito?**⁵²

Dona Farailda se orgulha da relação que estabeleceu ao longo da vida com os irmãos; assim, ela atribui ter-se tornado madrinha dos sobrinhos ao fato de ter dedicado amor e carinho aos pais destes. O sentido do compadrio nesse universo rural é sinal de consideração e prestígio, sendo que ela não se tornou madrinha apenas dos sobrinhos, tendo um número bastante elevado de afilhados, como discutirei no capítulo seguinte. Quando lhe perguntei se havia divergência ou conflito entre ela e os irmãos, garante que tudo era harmônico:

Não. Eu cuidava em tudo. Eu cuidava em tudo, zelava deles tudo, entendeu? Se criou, não tiveram o que dizer de mim, quando casaram me deram os filhinho pra batizar, já era casadinha também, eu já era veinha, né? Que eu sou a terceira fia de mamãe. Teve o Antônio, o mais véi, não, teve Maria, Antônio e eu, sou a terceira fia, graças a Deus e da segunda em diante, todo mundo brigava, todo mundo se batia, mas eu nunca briguei com um, nunca, nunca, Deus é testemunha disso.⁵³

Dona Farailda se coloca como diferente dos irmãos, pois enquanto estes brigavam entre si ela se recusava a participar dos conflitos. Também afirma ter sido a única a cuidar da mãe ao longo de toda a vida desta:

Minha mãe todo ano tinha um fio, todo ano. Dessa vez ela teve três perda encarreada. Era ficar grávida, perder. Ficar grávida e perder. Eu já era mocinha, já lavava aqueles pano, já era mocinha. Também com catorze ano noivei. Noivei com catorze ano, casei com dezesseis, mas fiquei toda vida, as outra não, as outra não tinha tempo pra mamãe não, mas eu toda vida tinha tempo, graças a Deus. Toda a vida foi eu lavando a roupa dela.⁵⁴

Esse tipo de construção discursiva está muito presente em sua narrativa, na qual a família aparece sempre de forma idealizada e ela como cuidadora incansável de todos os membros do núcleo familiar. Com respeito à relação dos pais afirmou:

Era uma relação boa. Relação boa. Eu só vi uma vez eles discutirem porque uma vez papai colocou uma família lá dentro da fazenda e tinha umas moça lá e as moça começou a se abanar pro lado dele e ela se sentiu... Aí ela foi reclamar com ele, ele achou ruim. **Só isso, mas o resto... (...) eles eram junto, eles eram muito unido... por isso eles tiveram vinte e dois fio.** Era muito unido. Mãe era muito unido a meu pai, eles rezava junto, naquele acompanhamento de festa, todo ano que tinha acompanhamento de santo. (...) Aí eles cantavam junto, rezavam junto. Aonde eu acompanhava, eles gostava de me levar, eu pequenininha. Botava no braço no meio de tanta gente e eu já aprendi cantar mais ele.⁵⁵

⁵² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.05.2012. Grifos meus.

⁵³ *Idem.*

⁵⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.06.2013. Grifos meus.

⁵⁵ *Idem.* Grifo meu.

Não é possível saber se o conflito a que Dona Farailda se refere é o mesmo citado por Regina. No entanto, podemos perceber que ela prefere enfatizar a “união” e a “boa convivência” dos pais, dando menos importância aos problemas que provavelmente existiam entre eles. Ao tratar da forma como foi educada, esse tipo de perspectiva reaparece, como veremos a seguir.

1.3 “Nunca fui aluna, eu estudei por cabeça minha”

Dona Farailda afirma nunca ter frequentado a escola, sabendo apenas “assinar o nome” e “escrever cartinhas”, tendo trabalhado muito durante a vida. Oriunda de uma família rural e pobre, a educação formal lhe foi negada pelas próprias condições de vida, tanto na infância quanto na vida adulta. No entanto, isso não significa que não tenha desenvolvido sua inteligência, como mostrarei ao longo da tese. Ela afirma ter sido uma criança curiosa e essa curiosidade parece ter-lhe acompanhado por toda a vida; desafiou os limites da formação e criou visões de mundo muito próprias, ao mesmo tempo em que dialogou com as concepções de seu tempo e espaço. A frase “nunca fui aluna, eu estudei por cabeça minha”, escolhida como subtítulo para esta parte, sugere que ela se vê como “sujeito aprendente”, ainda que excluída do processo de educação formal.

Meus pais eram bom demais, mas só botou a gente pra trabaiair de roça, não ensinou ninguém a ler. Não ensinou ninguém a ler. (...) Não deu estudo a nós de maneira nenhuma. Agora mãe, como ela estudou um pouco, ela foi mais esperta, tinha um quadro grande assim, do tamanho dessa coisa ou mais, daquela pedra de escrever. Aí meu pai tinha um paleógrafo,⁵⁶ daquele livro antigo, aí eu pegava, curiava, aí juntava as letras emendava nome. Eu... teve uma época que eu passei um ano sem dormir, eu tinha doze anos, não tinha nem doze, acho que era onze ano, o sono despertou, eu trabaivava de dia na roça e de noite eu lia.⁵⁷

Ao ser indagada sobre se gostaria de ter estudado, ela afirma que sim. E, apesar de criticar os pais por não lhe terem dado acesso à escola, faz questão de dizer que eles eram “bons”. Como discutido anteriormente, esse tipo de narrativa é bastante recorrente no discurso de Dona Farailda; ela revela sua trajetória sempre em uma perspectiva positiva, evitando apresentar os conflitos que a vida lhe trouxe.

⁵⁶ De acordo com o Dicionário Aulete, Paleógrafo significa: livro escolar impresso em caracteres manuscritos. Ver em <http://aulete.uol.com.br/>

⁵⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

No entanto, temos que levar em conta que ela e seus irmãos não eram os únicos a não frequentar a escola, dedicando-se, desde muito cedo, ao trabalho na “roça”. Essa era a realidade da maioria das pessoas daquela região nas décadas de 1930 e 1940, quando não existiam escolas públicas e as únicas opções de ensino eram a Escola Particular Rural ou a Escola Paroquial, como citado acima.

Com sua mudança para o povoado em 1943, quando já existia a Escola Paroquial, que era gratuita, Dona Farailda considerou inviável iniciar os estudos, pois logo iria se casar e mudar para a zona rural. Isso ocorria com a maioria das mulheres de Serrote naquela época, com raras exceções que, após, se casarem passavam a dedicar-se aos cuidados da casa, dos filhos e do marido.⁵⁸ As mais pobres, como Farailda, assumiam a famosa dupla, ou tripla jornada de trabalho.⁵⁹

Nesse período, era muito comum que os pais preferissem colocar os filhos homens na escola. Venerino e João (outro irmão de Dona Farailda), diferente dela, tiveram acesso à Escola Particular Rural, também conhecida como “escola do mestre-escola”; esta perpassou muitas décadas, existindo na zona rural de Serrolândia ainda na década de 1960. Dona Farailda confirma a presença da variante de gênero, assim como da de classe, na ausência de acesso à educação formal em sua vida:

Eu tinha (*vontade de estudar*), mas era tudo longe. Eu pedia a ele (*o pai*), **ele dizia pra nós que não era pra aprender a ler pra não escrever pros rapaz**. Era a resposta que ele dizia. Eu tinha vontade de estudar, mas não tinha tempo, **comecei a ter filho**, roça de novo, costurava e aí eu passei a costurar mais um pouquinho. (...) **Era difícil, era difícil, era difícil, a pobreza**, só pra trabalhar pra não deixar faltar o pão, eu não tinha tempo de estudar, aí foi quando eu comecei a ter as meninas, também, botei tudo na escola.⁶⁰

Dona Farailda colocou todas as filhas na escola, provavelmente para que estas tivessem um destino diferente do seu no que se refere à formação educacional; uma delas, inclusive, tornou-se professora, militante sindical e política, chegando a cursar a universidade. Em função da sua atuação em defesa da educação de qualidade para o município de Serrolândia, militou no sindicato dos professores do ensino fundamental e médio (APLB) e tornou-se vereadora pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 2001. Ao falar da mãe, Elenita

⁵⁸ VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, op. cit. pp. 136-160.

⁵⁹ Essa realidade não se limitava apenas ao Brasil, sendo que em muitos países europeus, a exemplo da Espanha, as mulheres tinham que assumir muitas funções, evidenciando hierarquias de gênero muito acentuadas, especialmente no período da ditadura franquista. GIRONA, Jordi Roca. *De la pureza a la maternidad*. La construcción del género femenino en la postguerra española. Ministerio de Educación y Cultura, Madrid: 1996.

⁶⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010. Grifos meus.

demonstra certa admiração pela forma como Dona Farailda, mesmo não tendo cursado a escola formal, procurava aprender:

Ela foi uma pessoa assim que nunca estudou, ela nunca esteve em sala de aula, o que ela aprendeu, segundo ela, foi com a convivência, **foi curiando, por curiosidade**, nos livros, nas carteiras dos irmãos, nos ABCs daquela época.⁶¹

Dona Farailda confirma ser uma “menina curiosa”. Em sua narrativa está sempre reforçando a ideia de que ela era capaz de aprender sozinha, mostrando-se como diferente dos irmãos, pela capacidade de se relacionar sem conflitos, de forma harmônica, mas também pela “esperteza”, associada à habilidade de aprender pelo viés da curiosidade.

A “construção de si” como “menina curiosa” ficou muito evidente em dois episódios nos quais ela aceitou o desafio de realizar uma tarefa pela primeira vez, sem nenhum tipo de auxílio de um adulto. O primeiro trata da relação com a costura, que se iniciou muito cedo, pois sendo a mãe costureira, Dona Farailda teve contato com essa prática, ainda criança. De acordo com sua narrativa, ela confeccionou a primeira peça de roupa quando era muito jovem:

Eu era **tão curiosa**, quando eu tava com catorze ano, minha mãe... Chegou um sobrinho dela com uma calça, pra ela dar a carça como amanhã de noite, não, como hoje de noite, pra ele ir fazer um trabalho roubado, sabe? Boi roubado.⁶² Mãe disse: “meu filho, não posso hoje costurar essa calça porque eu vou lavar roupa”. Ele disse: “mas tia eu tinha precisão dessa carça pra na hora do trabalho, chegar no trabalho eu vestir essa carça”. Aí ela disse: “eu vou lavar roupa, quando eu chegar eu vou pegar na calça”. Ele disse: “eu venho pra aqui, o boi é pertinho de pegar, eu venho pra aqui e só saio quando a senhora me der minha carça pronta”. Eu vendo aquela palestra, isso foi em Capela, eu tinha uns onze anos e tinha lá em casa quatro criança tudo pequenote, aí ela saiu e foi lavar roupa, eu peguei a calça do homem, do rapaz e medi no pano, deixei a sobra pra quando lavar encolher, **era curiosa**. (...) Eu disse: “oh mãe, eu já costurei a carça de Camilo”. “Menina quem te ensinou?”, “Eu costurei uma pela outra.” Aí eu peguei a carça e mostrei a ela “aí mãe, aí mãe” toda doidinha, tu sabe, pra querer ser gente, curiosa. “oia mãe, oia aqui”. Ela passou o olho assim estendendo as roupas, aí disse: “está boa, minha fia”. (...) **Então minha irmã, eu aprendi muitas coisa que eu as vez eu faço é por curiosidade**. Aí eu aprendi pelo paleógrafo, pela pedra eu aprendi a fazer meu nome.⁶³

Aqui, mais uma vez, aparece a “menina curiosa”, que aprende sozinha, demonstrando ousadia ao realizar atividades consideradas inadequadas à sua idade. Embora ela mostre certa confusão com relação à idade (11 ou 14 anos) em que costurou sozinha a calça do primo, o interessante é pensar como ela busca perpetuar, através da memória, a imagem de uma menina criativa, corajosa e atrevida. Além disso, esse episódio nos leva a refletir que não

⁶¹ Entrevista com Elenita, realizada em 28.05.2010. Grifo meu.

⁶² Discutirei a prática do “boi roubado” mais adiante.

⁶³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010. Grifos meus.

havia regras de proteção ao trabalho infantil na sociedade em que Dona Farailda viveu na infância, sendo a incorporação de crianças e adolescentes à vida adulta totalmente naturalizada.

A segunda história de iniciação em uma atividade adulta, quando ainda era adolescente, diz respeito a sua primeira experiência como parteira, que ocorreu aos 13 anos:

Eu já fiz um parto fia, eu já fiz um parto eu tinha treze ano, já fiz um parto, sozinha e Deus. E a criança nasceu laçadinha. Olhe, um dia de sábado minha mãe foi pra Capela fazer feira e eu fui botar sal no feijão e não tinha sal na panelinha do sal, aí eu fui na casa da minha tia assim pertinho, panhar um sal, e lá tinha oito fias moça e tudo veio pra Capela e tinha deixado a pançuda (*grávida*) sozinha. (...) Nisso eu cheguei e bati na porta, quando eu cheguei bati na porta eu ouvi os grito lá dentro: “ai, ai, ai”. A moça gritando aqui e eu bati na porta. Aí ela disse: “quem é?” Naquele meio a dor aliviou um pouquinho, ela disse: “entre aí. Quem é? Entre aí pelo amor de Deus.” Aí eu empurrei a porta, a porta tava serrada. Aí eu empurrei a porta, quando eu cheguei aqui ela tava, tava pegada assim na cama, de frente pegada na cama fazendo força, né? Que a criança tava... na hora. Aí eu arrastei uns pano, ajeitei, joguei debaixo dela assim. **Deus me deu aquela coragem, eu era mocinha**, moderna, me deu aquela coragem assim. Rastei uns pano assim, joguei debaixo dela, e ela me disse: “me segure aqui.” Quando disse assim, que fez aquela força a menina nasceu. De frente pra cama, de costa pra mim. Tudo é arrumação que Deus faz. Aí a menina nasceu, despachou⁶⁴ e ficou laçada no pescoço, com aquela vorta. Tu já viu como é? (...) O cordão do umbigo laçado no pescoço. Aí eu fui, peguei e lacei o cordãozinho do umbigo, ajeitei, puxei, entendeu? E botei logo, ligeiro. Quando ela acabou, a criança nasceu, botei ela em riba da cama. (...) Ajeitei ela em riba da cama assim, ajeitei tudo.⁶⁵

É provável que o fato de ter vivido uma experiência que, apesar de difícil, foi bem sucedida, tenha contribuído para que Dona Farailda se permitisse desenvolver a arte de “pegar menino”. Ela se tornou parteira mais tarde, no entanto, nega repetidamente tal atividade; tratarei da sua experiência com a prática de partejar no segundo capítulo.

Tanto o parto, como a costura, eram atividades consideradas femininas na época em que Dona Farailda vivenciou as experiências narradas aqui. Sendo assim, ela foi iniciada muito cedo em práticas marcadas pelo ensinamento entre mulheres, que compartilhavam saberes e exercitavam a solidariedade. O fato de ser “menina”, ou seja, do sexo feminino, colocava-a em contato com atividades domésticas (como cozinhar, costurar, cuidar dos irmãos mais jovens); no entanto, a ela também lhe foi ensinado o trabalho com a lavoura e a pecuária, desde muito cedo, considerado tradicionalmente como masculino, embora fosse feito por mulheres e homens. Ela própria reforça esses papéis de gênero nas entrevistas:

⁶⁴ Expulsão da placenta. Em geral, o termo costuma ser utilizado para se referir aos animais.

⁶⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.06.2013.

Eu era o moleque macho do mandado. (...) E eu vinha fazer feira, montava no cavalo, e vinha fazer feira no meio da semana, buscar gás, essas coisas. Não tinha luz. Era eu quem vinha, entendeu? Porque não tinha outro filho home. O Antônio era mais velho de que eu, ele fugiu. Fiquei no lugar de Antônio. Quando ele fugiu eu tinha dez ano. (...) Minha mãe teve, parece que foram sete filha mulher e os outro tudo home, mas morreu tudo pequeninho, só criou um, que era mais velho de que eu três ano, mas esse fugiu com treze ano. **Eu fiquei no lugar do menino home.** Fazendo os mandado, tirando leite numa vaquinha, apartando bezerro quando meu pai não tava. Ajudando. Eu gostava. Eu lutava. Pegava o pau, o porrete quando a vaca...⁶⁶

Voltando à educação de Dona Farailda, apresento dois trechos nos quais ela narra como inventou formas próprias de resistência aos limites à educação formal, utilizando-se da curiosidade e da criatividade:

Pai criou nós na roça, cuidando dos bichinhos, da ovelhinha, uma vaquinha, entendeu? E roça. E de formas que assim nós seguimo, seguimo sem estudo, **muito curiosa**. Aprendi umas coisinhas **porque eu era curiosa** mesmo, né? Tinha vontade de aprender, aprendi a costurar uma calça, um vestido e assim até hoje ainda batalho, né?⁶⁷

Não, **nunca fui aluna, eu estudei por cabeça minha**. Mãe tinha uma pedra, aquela pedra de escrever e papai tinha um paleógrafo, um livro assim, e eu pegava e eu ia e juntava. Mas levei o tempo todinho trabalhando de enxada, tinha roça de tudo, era mamona, era feijão, era licuri, era aquela coisa. Em casa eu tomava conta dos livros e fazia aquele negócio, emendada e fazia o nome das pessoas. E dali eu comecei aquela letra bonita.⁶⁸

O conflito vivido entre a vontade de aprender e a necessidade de trabalhar fez com que Dona Farailda criasse formas de convivência com essa realidade. Embora seja possível perceber em suas falas certa frustração pelos limites impostos por sua condição de menina pobre, ela não lamenta a vida que teve, procurando sempre positivar sua trajetória. Essa é uma característica marcante de sua construção de si.

Ao longo da tese pretendo discutir como ela se foi inventando⁶⁹ como uma mulher feliz, que enfrentava os desafios sem colocar-se como vítima das situações desfavoráveis, o que provavelmente a ajudou a superar os obstáculos encontrados na vida. A pouca instrução escolar não lhe permitiu ascender economicamente, seguindo a trajetória laboral da família, sendo o trabalho com a terra e a costura suas principais formas de sobrevivência. No entanto, a relação com o trabalho, que lhe garantiu certa autonomia e independência, especialmente na

⁶⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 27.12.2013.

⁶⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

⁶⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁶⁹ Desenvolverei o conceito de “invenção de si” no terceiro capítulo.

relação com os parceiros afetivos, lhe permitiu fazer escolhas para a própria vida. É o que veremos a seguir.

1.4 “Eu não tou te pedindo do seu bolso, eu trabalho...”

Pertencente às camadas populares, Dona Farailda trabalhou como lavradora, costureira, pequena comerciante, parteira, entre outras tantas atribuições “destinadas” a essa população no sertão. Sua relação com o trabalho se iniciou muito cedo. Ela afirma ter começado a trabalhar aos sete anos, ajudando o pai na “roça”: “Vige. Com sete aninho, com sete aninhos, com sete anos eu puxava enxada na roça mais meu pai, mais um irmão mais véio que eu tinha... e ali nós plantamos aquelas coisinhas e sempre escasso...”⁷⁰

Assim como a falta de acesso à educação formal, o trabalho de crianças também não era uma realidade isolada. No sertão baiano, e nos espaços rurais de forma geral, o trabalho infantil não era considerado prejudicial às crianças nesse período, fazendo parte da cultura familiar, na qual a criança é incorporada muito cedo à vida adulta. Como discutido anteriormente, essa sociedade não parece atingida pelas concepções modernas sobre a infância.

O fato de a maioria dos pais não investirem na educação dos filhos e filhas não estava relacionado exclusivamente à falta de recursos econômicos ou ao acesso a ela. É importante atentar para os valores rurais acerca do trabalho nessa época. Quando realizei minha pesquisa de mestrado, foi possível perceber que, na zona rural, a valorização do trabalho superava a importância da educação formal. Em algumas entrevistas, tanto com mulheres filhas de fazendeiros quanto com mulheres pobres, apareceu a ideia de que todos deveriam “trabalhar na ‘roça’”, para a garantia dos bens já adquiridos, no primeiro caso, ou para sobreviver, no segundo.⁷¹

Uma das entrevistadas afirmou que para o pai o trabalho não era apenas uma necessidade de sobrevivência, era antes de tudo um valor.⁷² Quando foi casar-se com o atual marido, um homem negro e pobre, seu pai, diferentemente dos seus irmãos que não gostavam

⁷⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

⁷¹ VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...op. cit.*, 72.

⁷² Alessandro Portelli discute como alguns trabalhadores, mesmo com formação “de esquerda”, reproduzem a “ideologia do trabalho”, defendendo a construção da moral pelo trabalho. PORTELLI, Alessandro. “The Best garbage man in town: life and times of Valtèro Peppoloni, worker”. In: *The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history*. Albany: State University of New York Press: 117-137, 1991.

da ideia de ver sua irmã casada com “aquele negrinho”, foi totalmente favorável ao casamento, argumentando ser ele “um rapaz trabalhador”. O pai era contra as pessoas que iam para São Paulo para trabalhar: “Foi pra São Paulo, achava que era porque não prestava, era preguiçoso, não queria trabalhar. (...) ele não gostava que ninguém fosse. Ele achava que todo mundo tinha que ficar aqui trabalhando na roça”.⁷³ É possível perceber na narrativa de Marinalva que o fato de ela optar por casar-se com um homem negro também incomodava o pai, no entanto, essa questão parece ter-se tornado irrelevante frente ao fato deste ser considerado “trabalhador”.

A discussão sobre a temática racial no sertão da Bahia é extremamente complexa, pois embora uma parcela da população seja afro-descendente,⁷⁴ em geral, não há o reconhecimento dessa identidade, havendo uma negação da cor “preta” por uma parte dessa população. No caso de Dona Farailda, ao ser indagada sobre sua cor, respondeu: “A minha cor? E eu sei? Acho que canela ou é morena, sei lá como é que chama... Eu sabia... o povo sempre me procurava eu dizia... morena, ou parda”.⁷⁵ É interessante a dificuldade que ela demonstra para responder à questão; tal dificuldade não aparece nas outras perguntas do questionário sobre o seu perfil. Ao falar da origem familiar, Dona Farailda afirma que havia uma mistura racial, tanto na família materna, como na paterna:

Todos dois (*refere-se aos avós*) chamava Antônio. O de cá da finada Bernadinha, o pai de meu pai, chamava Antônio da ladeira e o outro chamava Antônio Laranjeira. Antônio Laranjeira, ele era um **baixinho, branco**. Homem baixo e minha avó chamava Tunegune. Ela era uma **negona arta**. Morreu com cento e cinco ano. O meu avô (*paterno*) era **mulato**. (...) Minha mãe era mais arva do que eu. (...) Meu pai era da minha qualidade. **Caboclo**. E minha mãe era **sarará dos cabelo ruim**, dos olho claro, querendo ser azul. Bom. (...) Era bem misturado.⁷⁶

Na narrativa de Dona Farailda, além de definições convencionais de cor,⁷⁷ como “branco” e “negro” (preto), aparecem também algumas expressões utilizadas para caracterizar determinados grupos como “caboclo”, “mulato” e “sarará”.⁷⁸ Ela ainda deixa emergir certo

⁷³ Entrevista com Marinalva, realizada em 13.08.2005.

⁷⁴ De acordo com o Censo do IBGE (2010) a população residente de Serrolândia era, de acordo com a cor/raça, assim distribuída: 8.062 (65,3 %) pardos; 3.025 (24,5 %) brancos; 1.206 (9,8 %) pretos; 38 (0,3%) amarelos e 13 indígenas (0,1 %).

⁷⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011.

⁷⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 27.12.2013.

⁷⁷ Refiro-me às que são utilizadas pelo IBGE para mapear a cor/raça da população brasileira: branca, preta, amarela, parda ou indígena.

⁷⁸ Caboclo é o mestiço de branco com índio; antiga designação do indígena brasileiro. Mulato é um termo que designa uma pessoa que é descendente de africanos europeus. Podem apresentar os mais variados perfis fenotípicos e culturais. Sarará é como, no Brasil, são chamados os mestiços de brancos e negros, cuja principal característica é a presença de cabelos loiros ou ruivos, bem como os filhos de negros que sofrem de albinismo.

juízo de valor ao afirmar que sua mãe tinha “cabelo ruim”. Ao falar de si mesma, lamenta a mudança ocorrida em sua cor e em seus cabelos, consequência de uma doença que teve quando criança, citada anteriormente:

Mais quem nasceu com o **cabelo melhor** foi eu. Eu nasci com o cabelo escorrido. O povo chamava “a índia”, porque eu não tinha essa pele não, eu era preta. Eu mudei, mudei mesmo. Eu era bem moreninha, bem moreninha assim olhe. (...) Cabelo liso, não tinha um vorta. O que desandou meu cabelo, que caiu, nasceu cacheadinho foi a febre tifa. (...) Depois que eu tive uma febre tife, **depois que eu me casei e que eu fiquei muier, é que eu arvejei e o cabelo cacheou.**⁷⁹

Os adjetivos “bom” e “ruim”, atribuídos geralmente a cabelos lisos e crespos, respectivamente, trazem uma conotação de valorização dos primeiros, associado a pessoas de cor branca, ou indígena, e de desvalorização dos segundos, de pessoas de cor preta. Essas concepções foram construídas historicamente, estando relacionada ao processo de escravização da população de cor preta no Brasil. Apesar das mudanças ocorridas na perspectiva estética dessa população, fruto da atuação do movimento negro brasileiro, ainda é possível perceber permanências dessas hierarquias.⁸⁰

É muito interessante a perspectiva de Dona Farailda sobre o processo de mudança, que afirma ter ocorrido em algumas características físicas, como na cor e no cabelo. O cabelo, antes liso, ter-se-ia tornado cacheado, e a cor, com o “alvejamento”, mudado de preta para “moreninha”. Além de responsabilizar a febre tifóide pelas transformações, ela afirma que o processo se deu quando se tornou “mulher”, com o casamento. Teria Dona Farailda se empoderado ao casar-se, ao ponto de decidir qual cor e cabelo gostaria de ter?

Ela também faz questão de afirmar sua ascendência indígena, ao mesmo tempo em que se vê parecida com o pai: “Meu pai era que nem eu, o povo chamava de Cabo Verde. Eu era morena, ele também era moreno. Saiu filho de toda cor, moreno...”⁸¹

Para encerrar a discussão sobre a questão racial e voltar à temática do trabalho, apresento a resposta de Dona Farailda à minha pergunta sobre se já sofreu algum tipo de preconceito pela sua condição de mulher não-branca: “Não. Ninguém. Todo mundo diz que a minha qualidade é bonita. Que eu sou bonita. Que eu estou bonita porque foi desejo de meu

Essas concepções podem ser questionadas, no entanto optei por não discuti-las, visto não ser o foco deste trabalho. VER <http://pt.wikipedia.org/wiki/>

⁷⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.06.2013.

⁸⁰ PEREIRA, Amílcar A. “*O mundo negro*”: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

⁸¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.06.2013.

pai, quando minha mãe teve eu.”⁸² Nunca saberemos se de fato ela não tenha sido discriminada, no entanto, o importante é a forma como se vê. A sua autoestima é um traço marcante da relação com a vida, como veremos ao longo desse trabalho.

Voltando à discussão acerca da valorização do trabalho, o orgulho de ser uma mulher “trabalhadora” aparece nos discursos de Dona Farailda em diversos momentos. Para ela, o trabalho se tornou essencial para a garantia da independência e autonomia, o que se infere de várias entrevistas suas, em que relata que nunca dependeu economicamente de nenhum dos maridos e que as despesas da casa eram compartilhadas pelo casal. O casamento para ela nunca esteve vinculado à ideia de ser uma mulher sustentada pelo marido, até porque, como afirma, sempre se casou com homens pobres.

Cansei de chegar da roça, ele (*refere-se ao primeiro marido*) deitava aqui no sofá e eu passava a mão na costura, minha casa era duas sala, e eu cortava aquelas costura. Tempo de festa, minha fia, São João, sete de setembro, vinte e um, **eu pegava o dia com a mão**. Eu cortei duas noites de sono encarreirada, e fazia roupa pra todo mundo, pra ganhar meu tostão, porque tempo de festa se ganha.⁸³

As datas citadas por Dona Farailda nesse trecho eram comemoradas pelas escolas, que celebravam tanto episódios políticos como religiosos.⁸⁴ A festa de São João, apesar de ser originalmente católica, tornou-se uma das maiores do Nordeste, com atividades que extrapolavam o sagrado. Na frase em destaque há uma metáfora de apropriação do tempo-espaço; ao “pegar o dia com mão” Dona Farailda rompe os limites do tempo de trabalho, “ganhando seu tostão”, o que, sem dúvida, garantia a independência. Além disso, a diversidade de atividades é uma marca em suas falas; assim, nesse trecho ela mostra que, além de trabalhar na “roça”, era costureira, atividade que parece tê-la acompanhado ao longo da vida:

Pra mim, o prazer que eu tinha mais assim pra eu fazer era costura, eu em cima duma máquina eu manhecia o dia, cansei de manhecer o dia, tempo de festa manhecer o dia fazendo minhas coisa. (...) Eu faço qualquer um trabaio, mas o que eu tinha mais prazer era o de costurar. Num sei, é o dom, né? Trabaio demais, eu costurava pra defunto, eu costurava pra toda vizinhança daqui do Serrote.⁸⁵

Dona Farailda definiu assim sua profissão: “(...) minha profissão é lutar, por tudo. Eu nunca tive profissão segura, tive sim, trabalhadora da roça, lavradora. Porque eu pagava o

⁸² *Idem*.

⁸³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁸⁴ VASCONCELOS, Tânia. *Educar, catequizar e civilizar a infância, op. cit.*, p. 68.

⁸⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.05.2012.

sindicato, era lavradora, como diz o outro”. De fato, o trabalho com a lavoura parece ter sido uma das principais formas de sobrevivência de Dona Farailda, embora ela nunca tenha obtido sua própria terra, sempre trabalhando em propriedades alheias, provavelmente no sistema de “meia”.⁸⁶ A terra em que trabalhou após o casamento pertencia a seus pais; ela e o marido passaram oito anos morando com eles.

Sua relação com a “roça” é tão intensa que mesmo quando morou na grande metrópole (São Paulo) não se afastou das origens rurais, chegando a cultivar legumes e verduras em um terreno baldio, próximo a sua casa, atividade que a ajudou na difícil sobrevivência na cidade.

Além de ser lavradora e costureira, Dona Farailda também foi pequena comerciante, vendendo alimentos e tecidos para fabricação de roupa. Enfim, o trabalho sem dúvida foi essencial na construção de sua independência e autonomia; além disso, a pensão que passou a receber depois de ficar viúva também contribuiu para a sobrevivência.

Tive graças a Deus, eu tinha meu bolso pra dá, pra emprestar pra eles, que num negócio que nós vivia aqui, vendendo cereais tinha dia que chegava trinta saca na porta de mercadoria e o dinheiro de Dário no bolso não dava e qualquer coisa eu interava, nós negociamos, toda vida foi assim. Nós tinha crédito, eu tenho crédito de comprar fiado e a dinheiro, de todo jeito, Deus me ajuda, que a gente vive num mundo, minha fia, que o que é bom é a pessoa ser positivo, ter amizade, né?

Embora prefira sempre ocultar os conflitos existentes nas relações com os maridos, Dona Farailda deixa “escapar” que o Sr. Dário costumava reclamar da sua prática de “fazer caridade” para os mais pobres, ao tempo em que rebatia:

(...) e eu respondia a ele assim: oia home, deixa, eu não estou pedindo nada, eu trabalho pra isso mesmo, porque quando eu morrer eu sou difunto! Quando eu morrer eu sou difunto, então deixa eu, eu não tou te pedindo do seu bolso, eu trabalho...⁸⁷

Nessa fala fica muito visível a importância do trabalho para a afirmação da sua autonomia, uma vez que ela parece delimitar muito claramente seus direitos nas relações com os cônjuges. O fato de ser independente financeiramente garantiu-lhe a possibilidade de tomar a decisão de iniciar ou terminar relações matrimoniais. Isso fica evidente na narrativa acerca de algumas separações, em que afirma ter decidido sair de casa, não aparentando qualquer preocupação com as consequências dessa atitude.

⁸⁶ Nesse sistema o fazendeiro oferece a terra para o lavrador trabalhar. O que ele produz é dividido ao meio. 50% da produção ficam com o lavrador e 50% para o fazendeiro, como forma de pagamento pelo uso da terra.

⁸⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

A construção de Dona Farailda como “mulher trabalhadora” é muito recorrente em sua narrativa; desse modo, em todas as vezes que lhe perguntei sobre brincadeiras de infância, ela fez questão de afirmar que não brincava, reforçando o discurso de apologia ao trabalho:

Então nós fomo criado foi assim. Quando ele (*pai*) não queria me levar pras festinha, mas eu era danada, eu fiquei, eu era danada pra acompanhar eles. Chegava lá eu ajudava ela na barraca, desse tamanho, ajudando, despachando uma coisa, despachando outra. Porque era lutrida.⁸⁸ **Já fui criada ajudando. E aí nisso aprendi. Aprendi trabaiair.**⁸⁹

Não (*refere-se a brincadeira na infância*). Meu pai trazia nós tão seguro que saia da roça pra casa. Da roça pra casa. Só tinha uma coisa, que quando eu fiquei moça, quando eu fiquei mocinha nós sentava com as prima carná⁹⁰ que tinha tudo perto na vizinhança. Elas vinha lá pra casa pra nós tecer chapéu. Traça de chapéu, sabe? Aí a gente já preparava aquelas palhinha, enrolada com paninho pra não ressecar muito e quando era de noite com a lua bonita, nós tecia quatro, cinco braça de chapéu, tudo cantando, tudo rezando. **Ou cantando ou rezando. (...) Graças a Deus fui criada trabaiaando, já ajudando meus pais desde eu pequena. Ajudei muito.**⁹¹

Nos trechos apresentados Dona Farailda faz questão de mostrar a disposição para o trabalho desde criança, sendo que na primeira fala diz que costumava contrariar a decisão dos pais de não levá-la para ajudá-los para vender produtos em festas. No segundo trecho, aborda a rigidez do pai em não permitir que ela frequentasse outros ambientes além da casa e do trabalho na “roça”. Mas o que chama atenção é a relação estabelecida entre trabalho, lazer e religião na narrativa sobre a prática de tecer chapéus.

Em sociedades rurais, em geral, o lazer está diretamente associado ao trabalho. Quando tratei das formas de lazer em Serrolândia, em pesquisa de mestrado, citada anteriormente, ficou muito evidente que até os anos 1960 era difícil separar as duas esferas, sendo que o lazer também estava ligado à religião. Somente na década de 1970 estas se ampliaram um pouco, sendo inaugurados a primeira boate em 1974 e o Clube da cidade em 1979.

Uma atividade que marca a relação entre trabalho e lazer em Serrolândia era chamada de “boi roubado”, também conhecida como “batalhões” ou “adjutório”. Eles eram uma espécie de mutirão em que os vizinhos se reuniam para prestar solidariedade a um lavrador que tinha muito “serviço” de roça para fazer e não tinha como pagar empregados, nem

⁸⁸ Significado de lutrido no Dicionário inFormal online de Português. intrometido; atrevido.

⁸⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.06.2013. Grifo meu.

⁹⁰ “Prima carnal” significa prima de primeiro grau.

⁹¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.06.2013. Grifo meu.

contratar diaristas. Muito comum no sertão, mas também em outras regiões da Bahia,⁹² de acordo com Sr. João, em Serrolândia “entre os anos 1950 a 1970, foi o forte disso”.⁹³ É provável que essa prática se tenha estendido pelo menos até os anos 1980, mas não temos uma data precisa de quando ela deixou de existir:

Ai quando era quatro horas da manhã, a turma chegava, ai começava dar tiro na roça, ai o cara acordava doido sem saber o que era, ai já viu... o coro tava comendo lá. Todo mundo trabalhando. Ai o cara já levantava ia matar um porco, ou se fosse muito grande um boi, já mandava ir na rua comprar cachaça, a mulher levantava e já ia preparar os comes e bebes. E ai era aquela festa o dia todo.⁹⁴

De acordo com o Sr. João o dono da “roça” era “surpreendido” pelos companheiros ao amanhecer do dia; ele deveria providenciar comida e cachaça para os trabalhadores voluntários. Estes iam para a “roça” “limpar um tanque, que vinha chuva, (...) uma roça grande pra roçar, uma roça de mandioca grande pra limpar, ou de mamona. Então, tudo aquilo fazia no dia, de noite tava tudo pronto”.⁹⁵

No universo rural a “cachaça” se constitui como um elemento fundamental para a cultura, pois rega a diversão, o trabalho e a religião.⁹⁶ O Sr. João relembra que os fazendeiros que não compravam cachaça suficiente eram criticados pelos trabalhadores voluntários do “boi roubado” que gritavam coletivamente: “Eh boi seco... eh boi seco!”, referindo-se à quantidade insuficiente da bebida.

Dona Farailda afirma que o “boi roubado” fazia parte do seu cotidiano e, ao deixar fluírem as memórias sobre esta prática, ela confirma algumas informações dadas pelo Sr. João e outros entrevistados:

É. Fazia um tal dum digitório, um boi, ainda alcancei esses boi roubado. Por exemplo, um tinha uma tarefa, duas, três tarefa de roça pra acolá, eles empreitava, o dono nem tava sabendo da roça, se ia limpar naquele dia, né? E eles matava o boi,

⁹² No Recôncavo, a atividade é conhecida como “roubar malhada”. ver SANTANA, Charles D Almeida. *Fartura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações*. São Paulo: Annablume, 1998. Sobre a presença do “boi roubado” em outras regiões da Bahia ver SANTOS, Fábio. *Nem tabaréu/ao, nem doutor/a: o/a aluno/a da roça na escola da cidade – um estudo sobre identidade e escola*. 2006. Dissertação de Mestrado em Educação – UNEB. 2006

⁹³ Entrevista com João, realizada em 16.02.2006.

⁹⁴ *Idem*.

⁹⁵ *Idem*.

⁹⁶ Sandra Oliveira discute a permissividade do uso da cachaça em festas religiosas rurais, assim como a incorporação desta aos rituais culturais ocorridos dentro de templos católicos, rompendo com a dicotomia do sagrado e o profano. OLIVEIRA, Sandra Nivia Soares. *De mangazeiros a quilombolas: terra, educação e identidade em Mangal e Barro Vermelho Sítio do Mato- Bahia*. Dissertação de mestrado: Universidade do Estado da Bahia, outubro de 2006.

fazia o pagode todo e botava os trabalhador no outro dia na roça do cumpadre. De manhã cedo, a roubada. É lindo! É lindo! Eu nasci e me criei ouvindo essas coisa.⁹⁷

O papel das mulheres, citado acima pelo Sr. João, foi confirmado por Marinalva que também acompanhou muitos “bois roubados” feitos na “roça” de seu pai: “Os homens iam pra roça, as mulheres ficavam em casa cozinhando. Era, fazendo comida, levando café, levava o café de dez horas, levava tanto pão pra eles merendar”.⁹⁸ Fica claro que a divisão sexual do trabalho estava presente nos “bois roubados”.

O mais interessante desta prática é que ela não era apenas um momento de trabalho, mas uma mistura de trabalho e lazer, de trabalho e festa. Todos os entrevistados, inclusive Dona Farailda, contaram emocionados e com um certo saudosismo que, no final do dia, às “seis horas da tarde”, o trabalho se encerrava e começava uma grande festa com o canto da “bandeira”:

Eles cantava a bandeira, na hora que chegavam da roça. Ai eles tudo com as enxadas, já tava com o pandeiro, **era bonito demais. O trabalho com a festa.** (...) Tinha uma bandeira, eles lá pegava uns lenços, de primeiro os homens usava lenço e ate hoje alguns usa, eles marravam o lenço numa vara e fazia aquela bandeira com o lenço, mas nós em casa comprava o papel, esse papel transparente, e fazia aquelas bandeiras enfeitada, toda enfeitada, linda. (...) E ai as moças tudo ficava ali, a gente chamava muita moça, num sabe? Ai uma ficava segurando aquela bandeira, a de casa e a outra com uma garrafinha de cachaça, a garrafinha toda enfeitada de papel, ai os homens vinham de lá, chegava lá no terreiro e começava a bater pandeiro, e a enxada e cantando a bandeira.⁹⁹

Quando era tardezinha já tinha a coisa preparada, já tinha uma bandeira, já vinham da roça com a bandeira, batendo a enxada e cantando. Ai chegava, formava duas filas, uma de cada lado, ai uns ia pra lá e voltava. Ia pra prá lá e voltava. E saldava o dono da casa. **Era uma coisa maravilhosa.**¹⁰⁰

Então minha fía, **era uma festa bonita**, era essas coisa assim, mas nós não dançava com home, a roda era mulher com mulher, home era o pandeiro lá sambano. Ai quando foi nesse dia, desse boi, nós caímos na roda do terreiro e os véio, o povo foram logo jantar, a casa muito grande, quando foi lá pela meia noite, eu me lembro bem que eu fui jantar, as mesa emendava uma na outra, ai vieram chamar as moças da roda.¹⁰¹

A rememoração do “boi roubado” pelos entrevistados parece causar-lhes prazer. Ao abordarem o canto da bandeira todos utilizaram adjetivos positivos como “festa bonita”, “uma coisa maravilhosa”, entre outros, deixando emergirem apenas os aspectos benéficos e negando qualquer tipo de conflito da festa. Dona Farailda chama a atenção para a presença da variante

⁹⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.05.2012.

⁹⁸ Entrevista com João, realizada em 16.02.2006.

⁹⁹ Entrevista com Marinalva, realizada em 13.08.2005. Grifo meu.

¹⁰⁰ Entrevista com João, realizada em 16.02.2006.

¹⁰¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

de gênero, pois afirma que, apesar de o canto da bandeira ser um momento de confraternização entre vizinhos, as regras ligadas ao comportamento eram mantidas; as mulheres não podiam dançar com os homens, dançando entre si. No entanto, o Sr. João afirma que ocorriam namoros nas festas dos “bois roubados”:

Ah mais é claro, claro que sim. Os agarro! Você sabe a história da capa? Sabe o que é a capa, não? Capa é uma veste do pessoal do Sul, eu não sei qual é o produto, sei que é uma coisa quente, ele esquenta. Não faz frio, chuva não passa por ela. É um casaco comprido. É uma capa comprida de lã boa. Eu esqueci... três coqueiros, era uma marca boa, três coqueiros. E aí as meninas mais esperta, iam pra de baixo da capa com o cara, aí o coró comia. Essas coisas dava muito, principalmente em tempo de chuva.¹⁰²

Com o término do canto da bandeira “amanhecia o dia sambando. Aí virava farra!”¹⁰³ À noite chegavam convidados das “roças” vizinhas que, mesmo não tendo participado do trabalho, podiam compartilhar da festa. Vinham homens e mulheres para beber, comer, dançar, namorar. Dona Farailda recorda-se de músicas que eram cantadas na festa:

É como se fosse um coral. Era muito bonita aquela festa, **hoje eu não sei se ainda tem... tem nada! O povo hoje quer saber de pagar pra fazer um serviço e antigamente, seu avô, seu bisavô, fazia essa junta de gente, tinha esse modo de fazer essa bandeira, essas festa, era assim.** (...) que nós ia abrir a boca pra cantar, cantava muita música velha. (...) Você sabe, tinha um livro, mãe tinha um livro antigo que ali tinha aquelas musicas, onde eu me lembro da que nós cantava assim: A guerra já se acabou / O mundo vai viver em paz / Vamos trabalhar pelo progresso brasileiro / Agora não se briga mais.¹⁰⁴

A música que marcou a memória de Dona Farailda provavelmente se refere ao final da Segunda Guerra Mundial, que ocorreu em 1945, mas é possível que tenha permanecido no imaginário e sido cantada muitos anos depois do contexto em que foi composta. Como ela lembra, se “cantava muita música velha” no momento do canto da “bandeira”, no entanto, essa é uma manifestação da cultura popular sertaneja presente em Serrolândia até recentemente.

Os “bois roubados”, assim como outras manifestações¹⁰⁵ presentes em Serrolândia, representavam; um momento de socialização entre os vizinhos na zona rural, uma forma de compartilhar alegrias e dificuldades, possibilitando a sobrevivência da cultura local. Nesse sentido, eles foram importantes para consolidar laços de amizade e solidificar formas de lazer

¹⁰² Entrevista com João, realizada em 16.02.2006.

¹⁰³ *Idem.*

¹⁰⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010. Grifo meu.

¹⁰⁵ Além do “boi roubado” havia a “debulha de licuri”, a “tarefa-de-farinha”, e outros tipos similares.

para a população rural. Dona Farailda lamenta o desaparecimento do trabalho coletivo na sociedade atual, trazendo uma concepção de mundo na qual se valoriza uma cultura de troca e solidariedade.

O canto da bandeira revela uma estética muito própria da cultura sertaneja; a beleza que emerge nos elementos simbólicos preparados para a cena dessa manifestação cultural rompe com o imaginário sobre o sertão, geralmente associado ao feio, triste, seco e pobre. A transformação do trabalho em festa, revelando uma cultura alegre e festiva, subverte a cristalização de imagens veiculadas ainda hoje nos meios de comunicação.

Mas o lazer não se limitava a atividades ligadas ao trabalho. Além das opções de festas como a do “boi roubado”, as diversões estavam muito associadas à religião católica: missas, festas de padroeiro, que muitas vezes duravam alguns dias, Semana Santa e Natal eram ocasiões em que as pessoas vinham da “roça” para a cidade se divertir. Dependendo da vigilância que os pais exerciam sobre as “moças de família”,¹⁰⁶ algumas também vinham em outras ocasiões. No entanto, as formas de lazer das mulheres que viviam na “roça” em Serrolândia eram bastante limitadas até os anos 1960. Marinalva falou sobre suas diversões no tempo em que ainda era solteira:

As diversão era mais quando tinha uma missa, que demorava muito, aí a gente vinha pra aquela missa. Nas missões, teve umas missões aí que eu participei e aí chegava... foi bonita, traz ramo de anjo, e acompanhamos o bispo e aquilo pra nós foi uma novidade maior da vida, porque naquele tempo era assim a nossa vida.¹⁰⁷

As festas religiosas tinham uma grande importância em Serrolândia na década de 1960. De acordo com Rios Júnior, a Igreja Católica foi a única religião presente nesta cidade pelo menos até final dos anos cinquenta, quando surgiram as religiões evangélicas, especialmente a batista.¹⁰⁸ Como vimos, a festa do padroeiro São Roque já era comemorada desde a década de 1930, estendendo-se até os dias atuais. De acordo com os Censos do IBGE, em 1970, 94,5 % da população serrolandense se declarou católica; o número de católicos foi diminuindo ao longo dos anos, mas em 2010 ainda era maioria com 66 %.¹⁰⁹ Embora tenhamos que levar em conta que no Brasil a maioria das pessoas que não frequenta nenhuma igreja geralmente se declara católica, não podemos desconsiderar a importância desta religião

¹⁰⁶ VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, op. cit.

¹⁰⁷ Entrevista com Marinalva, realizada em 13.08.2005.

¹⁰⁸ RIOS JÚNIOR, Jairo Soares. “Formas de bem morrer: intimidade fúnebre em Serrote (memórias de um mundo rural)” In *Cadernos do CEOM* – Chapecó: Argos, 2002. pp. 57-58.

¹⁰⁹ Percentuais calculados observando os Censos do IBGE de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. A principal razão para a diminuição do número de católicos é o crescimento das religiões evangélicas.

em Serrolândia, assim como sua influência na formação de Dona Farailda. É que o abordarei a seguir.

1.5 “Homem é como dente de alho...”

Para discutir a formação sexual de Dona Farailda, procurando compreender as influências familiares e religiosas nesse processo, tentei percorrer o caminho escolhido por ela para abordar a relação com a família. Como vimos anteriormente, a harmonia é um traço marcante em seu discurso; em geral, nega conflitos e justifica práticas que ela própria parece questionar, mas, ao mesmo tempo, reproduz na educação das filhas.

Ao falar da relação com a família, Dona Farailda demonstra uma forte identidade com o pai, afirmando que “vivia com ele” e o adorava. Ao mesmo tempo diz que o temia, pois ele era extremamente rígido, especialmente no controle da sexualidade das filhas. Em duas entrevistas, narra a decisão do pai de casar a filha mais velha ao surpreendê-la conversando com o namorado:

Ah ele não queria, eu não namorava, nós não namorava não. A primeira casou, só passou a namorar... um namorinho de criança, de bestagem, quando foi um dia (...) mandou ele (*o namorado da irmã*) amolar a foice na pedra. A minha irmã, fazendo não sei o que lá na cozinha, ela é mais velha do que eu quatro anos, aí ela chegou na janela, foi prestar atenção ao namorado, ao noivo, já era noivo e ele chegou, foi apartar uma vaquinha, meu pai. Aí o namorado largou lá o trabaio que meu pai mandou ele fazer e veio pra janela conversar mais ela, acho que ele pegou ele dando um beijinho, sei lá o que foi, aí ele entrou lá pra dentro e disse: olhe Supriana (*mãe*), é trinta dia, vou botar os papeis pra casar, porque muier mais home não se facilita, quando se passa a gostar e cochichar, dizia era assim, uma coisa vai acontecer. Aí mamãe disse assim: - deixe de bestagem rapaz, deixe de ignorância, não é hora dessa menina casar. Ela tinha parece que dezesseis anos já. Aí não foi nada não, ligeiramente ele marcou o casamento dessa menina, casou. (...) Só pra não acontecer, pra zelar de nós.¹¹⁰

De certa forma, Dona Farailda justifica a atitude do pai ao afirmar que este agiu assim “só pra não acontecer, pra zelar de nós”. Sua fala é ambígua, pois ao mesmo tempo em que parece considerar excessiva a decisão do pai em casar a irmã, ela o compreende defendendo sua atitude como forma de cuidado, naturalizando a proteção masculina em relação ao “sexo frágil”. Apesar de a mãe tentar interferir na deliberação de casar a filha, coube ao pai a decisão final, ainda que esta se mostrasse contrária ao fato.

¹¹⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

E ali minha fia, eu fui a mais feliz porque eu tomava o conselho dele, muito pegada com ele, eu era tão nas condição de esperta, foi Deus que fez isso (...) Nessa época eu tinha onze anos. Ai eu fiquei alerta, digo: eu namorar? Fazer chamego pra meu pai me casar sem nada? Eu quero ter minhas coisinhas... Aí eu me entusiasmei, eu me entusiasmei, **eu era o homem e a mulher companhia do meu pai**, onde meu pai botava o pé eu botava. Trabalhando, dando água a bicho em cacimba, pegando água na cacimba botando lá em cima no coxo.¹¹¹

A sua narrativa é marcada pela admiração pelo pai. Não questiona a defesa da virgindade antes do casamento, pois ela própria a reproduz na educação das filhas, segundo uma delas. Mas o mais interessante é como ela se considera “esperta” por ter seguido os conselhos do pai; ao aproximar-se dele, tornando-se sua companhia “masculina” e “feminina”, ela burla a repressão de forma “tática”. Fica claro nessa passagem que administrava bem o exercício de se apropriar do discurso normativo para fazer suas próprias escolhas.

Esse tipo de construção discursiva aparece com bastante frequência nas entrevistas realizadas com ela. Ao defender em seu discurso valores conservadores, mas ao mesmo tempo efetivar práticas que vão na contra-mão do que era esperado para uma mulher naquela sociedade, Dona Farailda utiliza-se de táticas, pois não parece ter a pretensão de subverter os modelos idealizados para as mulheres naquele tempo/espço.

Utilizo “tática” no sentido que Michel de Certeau define, como ações e práticas realizadas no “lugar do outro”. A tática,¹¹² seria a “arte do fraco”, que não cria um contra-discurso, nem pretende atuar como um poder, mas está presente no cotidiano como rastro, astúcia; embora subverta o modelo social, ela o faz sem o enfrentamento direto.

Dona Farailda não parece querer interferir na ordem dominante; ela reforça em seu discurso valores que reafirmam hierarquias de gênero, como o uso do termo “mulher ruim”¹¹³ para referir-se a mulheres consideradas “mal comportadas”, que se relacionam sexualmente com homens casados, por exemplo. Nesse sentido, considero-a bastante paradoxal, pois ao mesmo tempo em que se comporta de forma não convencional para uma mulher na sociedade

¹¹¹ *Idem.*

¹¹² De acordo com Certeau a “tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia *Von Bullow*, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço visível e objetivável. (...) Em sua densidade paradoxal esta palavra destaca a relação de forças que está no princípio de uma criatividade intelectual tão tenaz como sutil, incansável, mobilizada à espera de qualquer ocasião, espalhadas no terreno da ordem dominante, estranhas às regras próprias da racionalidade e que esta impõe com base no direito adquirido de um próprio. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano... op. cit.*, pp 91-100.

¹¹³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

em que vive, reafirma no discurso representações de gênero que reforçam modelos sobre o feminino e o masculino.

Joan Scott, ao tratar do paradoxo como um conceito essencial ao feminismo, desconstrói a associação geralmente feita desse termo a algo negativo, defendendo que assumir a importância do paradoxo pode iluminar muitas reflexões. Sua argumentação está pautada na dificuldade que as feministas tiveram no enfrentamento do paradoxo da igualdade/diferença; para reivindicar a igualdade, elas acabaram tendo que se basear na diferença sexual, que pretendiam combater, identificando-se como “mulheres” em oposição aos “homens”. Ao abordar a relação entre paradoxo e feminismo a pesquisadora citada afirma:

Os paradoxos a que me refiro não são estratégias de oposição, mas elementos constitutivos do próprio feminismo. A história do feminismo é a história das mulheres que só tiveram paradoxos a oferecer não porque – como queriam os misóginos – a capacidade racional da mulher seja deficiente ou a essência de sua natureza seja fundamentalmente diferente, nem porque o feminismo ocidental, de algum modo, não conseguiu alinhar teoria e prática, mas porque o feminismo ocidental e historicamente moderno é constituído por práticas discursivas de política democrática que igualaram individualidade e masculinidade.¹¹⁴

Assim como o feminismo, pensado como movimento, as mulheres em seu cotidiano tiveram historicamente que atuar em um campo marcado por definições hierárquicas de gênero. Mesmo quando subvertem convenções através de práticas, muitas delas encontram dificuldades no enfrentamento da norma, preferindo agir de forma “tática”.

Nesse sentido, considero a contribuição de Scott essencial para refletir sobre a aparente contradição presente na construção discursiva de Dona Farailda; a forma como ela se constrói, tentando mostrar-se uma mulher convencional, obediente às regras, mas ao mesmo tempo deixando escapar sua subversão, torna-a paradoxal.

Vivendo em uma sociedade muito marcada pelo catolicismo e ela própria possuindo formação católica, na qual a sexualidade feminina deve ser reprimida, enquanto a masculina é incentivada, ao relatar suas experiências de namoro, noivado e casamento, Dona Farailda afirma ter seguido as regras exigidas para uma “moça de família”: antes de casar-se foi beijada apenas pelo noivo, que depois se tornou marido, tendo-se casado virgem. É possível que isso tenha ocorrido; entretanto, essa declaração pode fazer parte de mais uma das suas táticas - para construir-se como uma “mulher honesta”, contrapondo-se à fama de “mulher

¹¹⁴ SCOTT, Joan, *A cidadã paradoxal...* As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002, p 29.

falada”.¹¹⁵ A despeito das orientações familiares sobre sua sexualidade, relembra os conselhos dos pais acerca do “perigo masculino”, também enfatizado pelos padres:

Meu pai ensinava demais certas coisa, quando nós passemo pra aqui, todos trinta dia nós vinha se confessar com o padre, saia da roça tantas hora pra vim cedo pra tomar a ceia, a hóstia. Então nós já se criemos se confessano e o padre a mim cansava de dizer, que a gente se confessava dentro de um quarto assim, era um quarto, a confissão, e dizia: “olhe, vocês quando começarem a namorar, quando tiver os namoradinho, molequinho, não deixe pegar nos peito de vocês não.” E ensinava. A gente ficava mais esperta. E dizia: “olhe, se deixar o menino bulir com a menina, não fecha mais nunca, todo tempo de casar o outro dá fê. Que home é como dente de alho.” E fazia umas comparação lá, e aquilo a gente ficava com medo, aquela coisa, nem beijar um cara, nunca beije, o primeiro foi Dário, o primeiro beijo foi com a aliança com oito mês no meu dedo.¹¹⁶

É interessante a forma como ela narra seu processo de “educação sexual”, trazendo representações sobre o masculino. A ideia de que as mulheres deveriam ser protegidas dos homens, seres perigosos que podem marcar o corpo feminino “como dente de alho”, remete à discussão da ingenuidade feminina. Se analisarmos historicamente as construções sobre o feminino, as mulheres ora aparecem como “ingênuas”, ora como “poderosas” e “perigosas”;¹¹⁷ tais representações são construídas frequentemente em contraponto com o masculino.

Essas construções são, na maioria das vezes, pautadas na natureza, ligadas à ideia de instinto e baseadas em identidades fixas. Nas representações sobre o feminino elas geralmente são dicotômicas, existindo as mulheres “ingênuas”, “santas”, associadas à Virgem Maria e as “espertas”, “putas”, descendentes de Eva.

Historicamente a vigilância do corpo feminino foi realizada de várias formas, sendo o controle da virgindade um dos mais eficientes. Analisei processos de sedução em Serrolândia, entre os anos de 1960 a 1990, e fui surpreendida com o fato de os pais ainda procurarem a Justiça reivindicando a reparação da perda da virgindade de suas filhas no final da década de 80 do século passado. Os dados encontrados na pesquisa questionam uma historiografia consolidada sobre o tema¹¹⁸ que afirma a existência desse tipo de processo no Brasil apenas até o final dos anos 1970. A própria Dona Farailda relata a prática de recorrer à Justiça reivindicando a reparação pela perda da virgindade da moça em Serrolândia:

¹¹⁵ VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, op. cit. Ver especialmente o capítulo 1.

¹¹⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

¹¹⁷ Ver VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, op. cit. 21-25.

¹¹⁸ ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 e CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

Então minha fia é o seguinte: eu fui criada muito aconselhada por meu pai, por minha mãe, minha mãe dizia assim, quando eu era noiva e ela dizia: “Não se abestalde, aonde o homem vai nunca mais fica normal! E se é noiva, fartando três dias pra casar, e se se abestalar... (...) sem ficar viúva e nem ficar moça, você já teve passagem, já deu.” E ali a gente se casava, a gente tinha medo, morria de medo, dos perigo, né? Mas a vizinha, chegava contava: “É, minha fia se perdeu, mas eu vou ganhar a questão, que eu peguei o pano daquela hora e levei não sei aonde.” Ai levava pra justiça e ganha a questão, viu? Que nêgo ia preso, ou nêgo casava, casava a pulso, ou corria pra nunca mais voltar.¹¹⁹

A partir da documentação consultada foi possível perceber que o questionamento de valores como a virgindade e o casamento, ocorrido com a chamada “revolução sexual” entre as décadas de 1960 e 1970 nas grandes cidades brasileiras, só será percebido em Serrolândia na década de 1980, na qual era comum, por exemplo, “meninas de família” se casarem grávidas.¹²⁰

Fazendo uma análise mais ampla, é importante ressaltar que historicamente nenhum tipo de repressão foi suficientemente eficaz para não ser subvertido; a resistência aos sistemas de controle sexual pode ser percebida quando se estudam as sociedades e suas transformações culturais e nossa personagem, sem dúvida, não foi a única a viver sua sexualidade fora dos padrões idealizados para as mulheres na sociedade serrolandense, embora faça questão de afirmar ter cumprido todas as regras sociais.

1.6 “Eu resolvi ficar evangélica porque no catolicismo o povo não ajuda ninguém tirar o pecado”

Dona Farailda relata, em todas as entrevistas, sua formação religiosa; inicialmente católica, e mais tarde (atualmente) evangélica. A religião está presente em sua vida desde a infância, especialmente no que concerne ao uso dos preceitos católicos para a repressão da sexualidade. Sendo assim, seu discurso é bastante marcado por uma visão de mundo religiosa.

Ao investigar o processo de conversão de Dona Farailda, no qual deixa de ser católica para tornar-se evangélica, não obtive informações precisas de quando teria ocorrido tal mudança.¹²¹ No entanto, os motivos são claramente evidenciados por ela ao longo das entrevistas:

¹¹⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

¹²⁰ Ver VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, *op. cit.*

¹²¹ Em uma entrevista Dona Farailda afirmou que já era evangélica quando estava casada com o terceiro marido, na década de 1980. No entanto, não consegui retomar o tema, pois ela parecia sempre confusa quanto a uma data precisa da conversão.

Eu resolvi ficar evangélica porque no catolicismo o povo não ajuda ninguém tirar o pecado, porque se tem um no bar bebendo, chama outro, se tem uma colega fumando, dá de fumar pra outra, como eu aprendi fumar na roça, pegando o tição pra acender o cigarro pra meu pai, naquilo ele já não pedia o tição, ele dizia: vá lá minha fia, acenda o cigarro. Eu ia, acendia, gostava. Eu com sete aninho.¹²²

O trecho traz como questão central a crítica a Igreja Católica por não reprimir determinados comportamentos, como fumar (cigarro) e beber, que são vistos por Dona Farailda como práticas condenáveis, por desviar as pessoas das “coisas de Deus”. Ela foi fumante por muitos anos e relaciona o abandono ao “vício” a um milagre de Deus:

Na igreja todo mês nós vinha na perna, (...) mas meu pai fumava, minha mãe fumava, como é que podia deixar, né? Foi indo, foi indo, foi indo. Olhe, eu ia em Salvador visitar o finado Aristides eu não fumava, que ele morreu lá, meu finado marido, eu não fumava, quando eu chegava em casa e dava meia vorta a vontade vinha deu fumar. Eu mandava comprar um cigarro, o fumo e fazia aquele cigarro todo e fumava. Aí de meia resta eu entendi, **na Bíblia aprendi falar que nem um viciado tem a parte no reino de Deus**, eu fui ficando assim, fui assuntando, mas não podia deixar de não fumar. (...) Em casa tirava duas tragada, eu não sei como era aquilo não, aí depois eu adoeci, fiquei verde igual da cor daquela folha lá, aí me disseram: “é o cigarro, tu tem que deixar o cigarro.” Aí eu fiz um voto com Deus, disse: “se Jesus me ajudar, e me libertar desse cigarro e me curar...” porque eu me achei doente, Dr. Paulo disse que era... Quis me operar, me pediu todos os exame, eu fui, fiz os exame tudo, aí fui em Teixeira De Freitas me despedir de Luiza, pensando que ia morrer. (...) De tal maneira que eu pedi a Jesus assim, digo: “Jesus me cure, não me deixe os home me operar, se você Jesus é o médico dos médico me opere não deixe os home me operar, eu garanto lhe servir até o fim dia de minha vida, até quando o senhor me der vida e me liberte.” (...) Aí o médico disse: “Olhe Dona Farailda não deu nada, a senhora não é doente de nada, seu mal eu não estou entendendo, não estou conhecendo, aqui não deu nada, a senhora é uma mulher sã. Eu dei um “Gloria!” de junto do médico que ele olhou pra mim por debaixo dos óculos e disse: “a senhora tem tanta fé em Deus, assim? Apôis a senhora está curada, a senhora não tem doença de operar não.”¹²³

Não podemos perder de vista que a narrativa de Dona Farailda traz representações do presente sobre um episódio ocorrido no passado; é provável que haja uma idealização do evento; em suas falas é muito frequente esse tipo de construção discursiva na qual se coloca como uma mulher privilegiada, positivando até os episódios trágicos, nesse caso, uma grave doença teria sido curada pela fé.

Ao longo da tese discutirei a predominância de uma visão religiosa na narrativa de Dona Farailda. Embora seja possível perceber certos traços, que poderíamos considerar “típicos” do discurso evangélico, a exemplo da pessoa que se vê como escolhida de Deus, procurei captar detalhes que fogem a esse padrão. Ela faz questão de afirmar que “ser crente minha fia, não é só pra si. Bondade nós devemos repartir um com os outros.” Esse não é

¹²² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011.

¹²³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010. Grifos meus.

apenas um discurso esvaziado de sentido, visto que Dona Farailda efetivou práticas de generosidade ao longo da vida. Essa é uma importante vertente da sua trajetória que discutirei no capítulo seguinte.

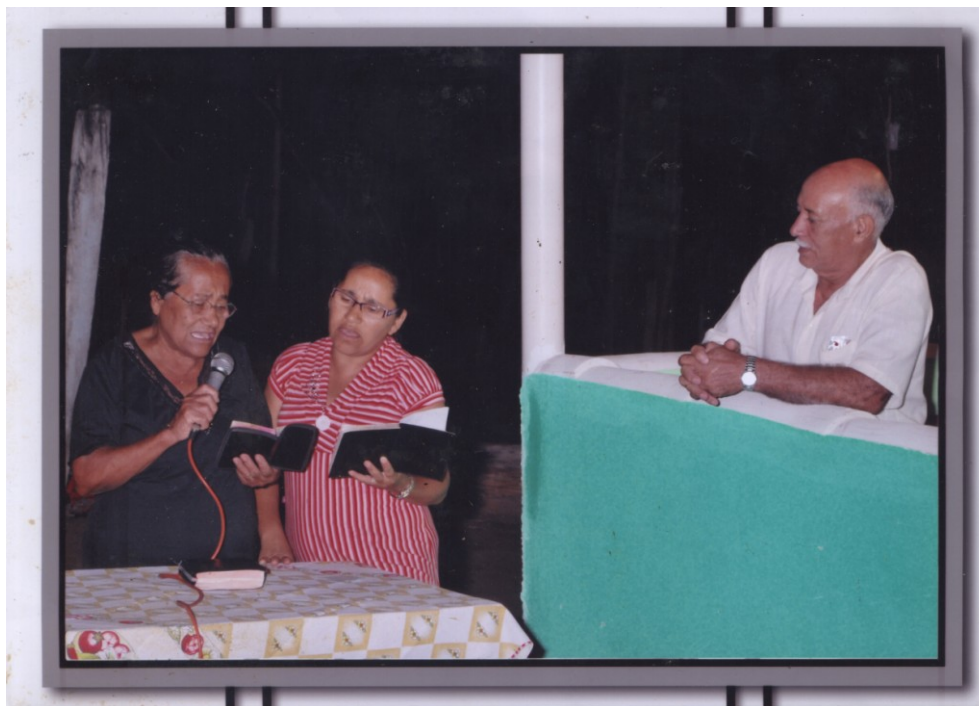


Figura 4: Dona Farailda, Valmira e Severino (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

A imagem acima capturou um momento que revela Dona Farailda como evangélica; nela aparecem a filha mais jovem, Valmira, que também é evangélica e o atual esposo, Sr. Severino. Mãe e filha cantam hinos da Igreja Assembleia, denominação religiosa a que personagem se vinculou desde sua conversão, nunca tendo frequentado outra. O marido observa-a admirado; também evangélico, o Sr. Severino tem sido uma companhia essencial para ela continuar frequentando a igreja, pelo menos duas vezes por semana, em Serrolândia, aos 84 anos.

Apesar do limitado acesso à escola, Dona Farailda demonstra domínio básico da leitura e escrita, suficientes para sua atuação na igreja: “Eu escrevo seu nome, escrevo o meu, escrevo uma cartinha. (...) Eu sei, não passo por cega de tudo não. (...) Um pouquinho (*refere-se a leitura*), um versículo da Bíblia. Canto. Eu oro, eu canto”.¹²⁴

A família de Dona Farailda, com exceção do irmão Venerino, tornou-se evangélica. Refiro-me ao pai, às irmãs, ao irmão (João) e a três das quatro filhas. O processo de

¹²⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011.

protestanização da família de Dona Farailda é um fenômeno que tem marcado as sociedades modernas nos últimos anos.¹²⁵

A visão religiosa de Dona Farailda é mais complexa do que se possa imaginar. Suas ideias não estão necessariamente ligadas às instituições religiosas que frequenta; também é possível perceber certa influência de crenças vinculadas à religiosidade popular. Em uma entrevista narrou a perda de um bebê, que tinha “chorado em sua barriga”:

Carminha foi a primeira menina, ela nasceu, morreu com um ano e oito meses. Quando eu tava grávida, faltando dois mês, seis dias pra eu ter ela, ela chorou em minha barriga. Chorou três veizinha. Uma noite, duas horas da madrugada, tava muito chovendo, relampejano e trovenjano e eu dormi cansada. Quando eu tava dormindo, aquela chuva, aquele trovão bonito e eu ouvi chorar. Chorou como se fosse uma criancinha do lado de fora, na chuva. Ai eu disse assim: “Oh, Dário, tem uma criança ai na chuva chorando!” Ele disse: “Não, é a criança da tua barriga!” Ai eu disse: “Né não.” (...) Chorou duas vezes a criança. Dizem que sabe de mão. Diz que adivinha. (...) É uma ciência, um dom! Quando ele disse que já tinha chorado duas vezes, eu me lembrei que eu tava de barriga. Eu tava tão descansada! Nove meses, em tempo de nascer. Ela chorou no dia vinte e oito de janeiro e eu tive no dia quatro de fevereiro. Seis dias, né? Ai eu me assustei, por causa do choro que ela chorou e porque ficamo parado e depois ela tornou a chorar assim, ai eu disse: “Oh Jesus! Meu filho ta doente ou minha filha.” Ai deu pra soluçar, você já viu criança soluçando? Já viu como é? O soluço, soluçando, soluçando (...) Ai eu dizia que tava doente. Levantei, caminhei pra lá, caminhei pra cá. Acabou o soluço e quietou. De manhã eu não dormi mais, menina. Quando foi de manhã cedo eu fui na casa de minha mãe, cheguei lá: “Meu filho chorou, minha filha, chorou na minha barriga, chorou três vez, alto mesmo!” “Oh minha filha não conte pra ninguém, não! Ele vai ser adivinhão!” Ai eu... Mas aí sei lá, tinha que ser assim. Ai chegou o dia de incomodar pra ter ela, eu incomodei, passei três dias incomodada. Tive uma menininha, uma coisinha linda! Mas ela nasceu com uma *malhinha* na cabeça, uma *malha*, é uma espinha. (...) Ai foi aquele sufoco, mas a menina, uma coisinha linda, os olhos claros, o pai dela tem olho claro. Ai criou essa menina um ano e oito meses. (...) E ela muito sabida, todo mundo vinha pegar essa menina, deste tamanho assim, o cabelo cacheado. (...) Morreu minha filhinha e eu quase morri. Com um ano e oito meses, caiu de repente morreu, minha filha. Foi no nascer dos dentes, eu me lembro bem que ela tava de estrelinha, a boquinha cheia de dente e mais três apontando. Foi de repente e ela tomou um barraco de chuva, ela teve febre, né? E ai ela tomou um sereno de chuva. Sabe o que é essa chuva de sol aberto? (...) Cheguei lá em casa, peguei ela e botei em cima da mesa, de tão dura que tava. E mamãe ia vim com o rezador. Ai o home chegou com uns galho de mato. Começou a rezar e rezar e ela nem botava... nada. Nós foi botar o chá na boca dela, trancou os dentinhos. Ai minha filha não foi nada não, eu fiquei logo doida. Pensei: ela morreu.¹²⁶

No trecho aparecem vários elementos ligados às crenças populares. Primeiramente, tanto ela como a mãe acreditam que a criança que “chora na barriga” terá o dom de adivinhar; em seguida, utilizam-se do trabalho do “rezador” para tentar curar a criança doente. Oriunda de uma sociedade rural na qual esses elementos fazem parte da cultura local, Dona Farailda

¹²⁵ RIOS JÚNIOR, *Narrativas de fê... op. cit.*, p. 36.

¹²⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

mescla em sua visão de mundo crenças em adivinhações, sonhos e rezas, ao mesmo tempo em que demonstra concepções extremamente racionais, como discutirei no terceiro capítulo.

Outro tema que marca sua fala é o sofrimento causado pela perda da filha, a primeira do casal Farailda e Dário. Com ele, ela teve mais cinco,¹²⁷ sendo apenas um do sexo masculino, não tendo tido filhos com os outros maridos. Dos cinco sobreviventes, apenas três filhas estão vivas, pois a segunda, Luiza, e o último, Carlos, faleceram. A seguir, encerro o capítulo discutindo a relação de Dona Farailda com a maternidade e a visão das filhas sobre ela.

1.7 “Uma figura moralista e liberal”

Eu fazia era promessa pra eu ter (filho). (...) Eu quando eu casei minha fia, eu passei cinco mês sem gravidar. Aí já eu conversava com as outra, as outra me explicava, me ensinava, mas naquele tempo não existia nada de camisinha, nem de comprimido, não, era ir, dá quem quer. Bom, eu depois de cinco mês, eu pedi a Deus pra eu ter meu fio, minha fia. **Eu pedi e Deus me deu. Inclusive Deus me deu e Deus levou, mas Deus faz é assim.** Bom, eu nunca usei uma camisinha, nunca usei não um comprimido.¹²⁸

Dona Farailda aborda o desejo de ter filhos logo após o casamento e a dor pela perda dos que se foram. Ela atribui a Deus o poder de “dar” e “tirar” seus descendentes, mostrando-se compreensiva com as intempéries da vida. Outro tema presente na narrativa é a falta de conhecimento sobre questões sexuais na época em se casou.¹²⁹ As mulheres tinham que criar alternativas de diálogo e troca de informações, já que, em geral, as mães (tampouco os pais) não abordavam assuntos como menstruação, relação sexual, gestação, entre outros, por serem temas considerados tabus, o que as constrangia de compartilhá-los com filhas e filhos. Ouvi relatos de mulheres em Serrolândia que afirmam ter-se casado sem sequer saber o que ocorreria na chamada “noite de núpcias”.¹³⁰ De acordo com Valmira, Dona Farailda tampouco falava com as filhas sobre sexo:

Ela não falava com a gente. Ela não era liberal, ela não explicava, ela tinha aquela vergonha de falar. Então muitas coisas eu aprendi depois que fui convivendo com as pessoas, com os médicos. Que a gente tem que se liberar, psicólogo, a gente sempre

¹²⁷ Nome dos filhos, por ordem de nascimento e diferença de idade: Maria do Carmo; após seis anos nasceu Luiza; três anos depois Elenita; após três anos, Anelita; depois de oito anos nasceu Valmira e por último, após dois anos, Antonio Carlos.

¹²⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.05.2012. Grifo meu.

¹²⁹ A falta de informação sobre sexo ainda foi abordada por mulheres que viviam em Serrolândia nos anos 1980. Ver VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, op. cit.

¹³⁰ *Idem.*

conversa. Então assim, mas mesmo assim, a gente não tem esse momento, a gente não quer ter, acha que tem que ter uma liberdade mais assim, e aí ficamos assim. É por isso que todas (*filhas*) casaram cedo. Não teve dois, três, quatro namorados. Minha mãe se deixasse na praça um pouco, ela já ficava “não quero aqui”. Que aqui era a praça antiga, né? Mas hoje as coisas mudaram...¹³¹

Dona Farailda parece ter criado formas próprias de “formação sexual”. Ela teve apenas seis filhos, em uma época em que era muito comum as mulheres terem um número bem superior a este.¹³² Ao perguntar-lhe como lidava com a contracepção, ela explicou detalhadamente um método de prevenção à gravidez, aprendido com uma amiga:

Por isso, porque a muier tem por obrigação... eu digo que foi por isso que eu passei um bando de tempo sem ter fio, meus fio era três ano, quatro ano de um pra outro. Porque eu não tinha preguiça, quando eu terminava, eu já tava prevenida, se tivesse frio, já tava prevenida, a água na chapa do fogão, e eu tinha um regador, tu sabe, né? (...) Eu tinha um vaso, chama-se regador, todas as mulheres mais velhas deviam possuir, eu mesmo possuía, comprei, e ali tem um bico como se fosse o bico de bucha. (...) E ali quando terminava de fazer relação eu tomava minha lavagem, me limpava toda. Que tem muier que acaba, deixa por conta. (...) Uma ocasião uma moça teve lá em casa (...) e passou uma receita pra nós, que a gente devia usar essas coisa pra evitar quentura, evitar filho, que não tinha que tomar remédio, o remédio era terminar a relação, já ta pronta a lavagem e tomar. E ali eu usava essas coisa, né? Não sei se foi isso que me defendeu tanto, acho que foi.¹³³

Dona Farailda iniciou a vida sexual nos anos 1940 e seu filho mais jovem nasceu em 1971. A pílula anticoncepcional começou a ser comercializada no Brasil no início da década de 1960, o que significa que o acesso a métodos mais seguros de prevenção à gravidez inexistia na maior parte do tempo de sua vida sexual reprodutiva. No entanto ela, como muitas mulheres, criava os próprios métodos anticoncepcionais, construindo uma cultura compartilhada que lhes garantia vivenciar experiências para além da maternidade.

A pílula anticoncepcional teve grande contribuição na mudança do comportamento sexual feminino, apesar de não atingir a todas as classes sociais e existir muito preconceito, na época em que foi criada, quanto ao seu uso. Embora fizesse parte das políticas internacionais voltadas para a redução da população,¹³⁴ provocou insatisfação de setores conservadores, especialmente da Igreja Católica. De certa forma, podemos considerá-la como uma das grandes conquistas femininas do século passado.

¹³¹ Entrevista com Valmira, realizada em 11.01.2014.

¹³² A média de filhos na década de 1940, na região Nordeste, era de 7,15 filhos por família. No entanto, suponho que em áreas rurais esse número era consideravelmente maior. A mãe de Dona Farailda, duas décadas antes, teve 22 filhos. Ver <http://www.ibge.gov.br/home/>.

¹³³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011.

¹³⁴ PEDRO, Joana Maria. “A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração” In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 23, nº 45, julho/2003, pp. 239-260.



Figura 5: Elenita, Anelita, Valmira, Carlos e Dona Farailda (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

Não localizei muitos registros de Dona Farailda com os filhos, sendo a imagem acima a mais antiga encontrada. Nela, a “senhora” Farailda aparece ao lado de quatro, dos cinco filhos. Da esquerda para a direita: a segunda, Elenita, a terceira, Anelita e os dois mais jovens, Valmira e Carlos. No período em que a fotografia foi feita a filha mais velha, Luiza, já se encontrava casada, e não morava em Serrolândia, sendo provavelmente esse o motivo da sua ausência na imagem. A fotografia foi tirada no Monte Serrote, serra que deu origem ao nome de Serrolândia e que, ao lado do Açude, se constituiu como um ponto turístico e espaço de lazer da cidade. Todos aparecem bem vestidos, com as chamadas roupas “domingueiras”,¹³⁵ provavelmente em um dia de descanso, quando Dona Farailda aproveitara para sair com os filhos. A imagem foi produzida possivelmente com a intenção de registro familiar, pois todos posam diretamente para o fotógrafo, inclusive as crianças menores.

Embora Dona Farailda positive em seu discurso a experiência da maternidade, também revela as dificuldades que teve que enfrentar em duas relações amorosas, em consequência dos problemas ocorridos com os parceiros por causa dos filhos. Ela garante ter-se separado do terceiro e do quarto marido, para proteger os filhos dos conflitos com os enteados:

¹³⁵ Esse termo era muito utilizado na região para referir-se às melhores roupas, reservadas para serem usadas no dia de domingo. GONÇALVES Marcos Ferreira. Roupas de ver Deus: cotidiano e vestimenta em Salvador (1958-1968). Dissertação de Mestrado em História Regional e Local – UNEB. 2012. p. 67.

Porque minha fia pessoa que tem filho, abra o olho na hora de casar nova vez com quem tem filho, tudo (*refere-se aos dois maridos*) era ótima pessoa comigo, mas queria judiar do meu filho, então meu filho, foi o meu filho, gente judiar dele, não! (...) Não, não, não deu certo, queria judiar do meu filho, então sem discussão nenhuma, tchau, cuida de tu, que eu cuido de mim.¹³⁶

E ai que me entusiasmava, com pouco vinha outro. Eu dizia, **eu não quero, tinha que ser desocupado, por causa do meu filho** e assim, assim, assim... Desocupado sem filho, que agora dá pra nós viver! Passava tempo... atemava, porque eu era muito atemosa! E pra os filho, to aqui com essa idade e tou dizendo que não vou mais casar. Não vou mais casar minha filha, porque os homem de hoje... É diferente.¹³⁷

Fica muito evidente a opção de Dona Farailda em abrir mão das relações amorosas, mesmo das que eram consideradas por ela “boas”, em favor dos filhos. Esse é um traço marcante da imagem da “mãe” ideal: aquela que é capaz de resignar-se em favor da prole. No entanto, diferentemente de muitas mulheres que desistiam de construir novas relações, ela passou a buscar parceiros “desocupados” (sem filhos), tornando possível a continuidade da vida afetiva. Valmira, que presenciou os conflitos que levaram a mãe a duas separações, valoriza sua atitude, afirmando que os filhos sempre foram importantes para ela:

Ela sempre era assim, ela pensava, se fosse pra alguém maltratar, tipo querer bater, querer falar alguma coisa, ela muitas vezes ela preferia desistir, dizia: “não, cada um segue pra um lado e eu sigo pro outro.” **Porque os filhos sempre foi importante pra ela.** Sempre foram importante.¹³⁸

Dona Farailda afirma relacionar-se bem com as três filhas. Em sua narrativa não aparecem conflitos, nem divergências, pois, como discutido anteriormente, ela faz questão de enfatizar a harmonia nas relações familiares. Atualmente todas vivem em Serrolândia, sendo que Valmira viveu a maior parte da vida em São Paulo, estando muito próxima da mãe, quando esta também morou na grande metrópole. Consegui entrevistá-las e apresento a seguir visões sobre a “Farailda mãe” que emergiram nos discursos dessas mulheres. A primeira questão que elaborei para elas foi: “Como é ser filha de Dona Farailda?”:

Como é ser filha? Ah, é maravilhoso. Eu acho assim, eu admiro muito ela. Uma senhora já de oitenta e três anos, né? Assim com a autoestima lá em cima, e ela nunca se deixa assim, se elevar, pra dizer assim “eu tou ruim”, ou “eu tou doente”. Não. Ela quer sempre tá bem, e as coisa dela. “E aí mãe como tá?” Por mais ruim que ela esteja, se ela tiver sentindo alguma coisa ela nunca desanima, a gente sabe. “Não, eu tou bem, eu tou ótima e tal”. Graças a Deus, né? É aquela coisa

¹³⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010. Grifo meu.

¹³⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006. Grifo meu.

¹³⁸ Entrevista com Valmira, realizada em 11.01.2014. Grifo meu.

maravilhosa. Ela é muito pra cima. (...) Uma pessoa assim, **a gente sente orgulho de ser filha dela, porque foi uma heroína, minha mãe.**¹³⁹

Ah, é bom, muito bom ser filha dela. Pra mim ela é uma **grande mulher**, né? Tem suas falhas, tem seus defeitos como eu tenho os meus. Todos nós temos. Mas assim **eu me orgulho de ser filha dela**. Até mesmo, é como eu tou te falando, pra mim ela foi assim tudo, tudo assim. Que ela fez de tudo por mim e me criou sem pai, né? E ela foi uma guerreira pra mim. Foi uma mãe muito boa, inclusive até hoje ela sempre tem me amparado, sempre tá do meu lado, a gente sempre tá junta.¹⁴⁰

De fato ser filha de Dona Farailda por um lado **tinha seus desafios**, porque nós naquela época, a sociedade era cheia de complexos, preconceitos. (...) Nós tínhamos um irmão, Carlinhos, que na escola ele sofria muito com isso, na escola, no grupinho de amigos, porque as pessoas, elas não mediam palavras pra denegrir a imagem dela pelo fato dela ser essa pessoa liberal, ela conversava com todos os homens de Serrolândia, as pessoas chegavam na casa dela, ela sempre oferecia cafezinho e as vezes **nós, filhas, até ficávamos com vergonha**, dizia “mãe pare com isso, o que é que o povo vai dizer? Mãe não faça tanta praça não, chegou, bom dia, tchau, não pare pra conversar, não dê tanta intimidade, não.”¹⁴¹

Para analisar as falas das filhas de Dona Farailda é preciso considerar o tempo da narrativa e a perspectiva de abordagem delas; devo ponderar, que suas falas trazem uma perspectiva do presente a respeito da trajetória da mãe. É preciso atentar também para o fato de que, ao aceitarem gravar uma entrevista para mim, como biógrafa da mãe, sua fala está provavelmente influenciada por uma certa responsabilidade com a imagem de uma pessoa muito próxima.

Nas duas primeiras entrevistas há uma visão totalmente idealizada de Dona Farailda como uma “grande mulher”, uma “heroína”, da qual as filhas sentem muito orgulho. A filha “do meio” admira a mãe pelo olhar otimista sobre a vida, olhar que aparece constantemente na própria narrativa de Dona Farailda, como é possível perceber ao longo da tese. A filha “caçula”, embora demonstre muita admiração pela mãe, afirma que esta não tem apenas qualidades, tendo “falhas” e “defeitos”, como qualquer ser humano. Já a mais velha oscila entre a admiração e a dificuldade em lidar com o comportamento da mãe. Em sua narrativa aparece “a dor e a delícia”¹⁴² de ser “filha de Dona Farailda”; diz que esse não era um sentimento apenas dela, pois suas irmãs também, algumas vezes, sentiam vergonha pela conduta transgressora da “casamenteira”. Relata ainda que o filho homem era o que mais sofria, pois enfrentava problemas na escola, em consequência do “mau comportamento” da mãe.

¹³⁹ Entrevista com Anelita, realizada em 24.08.2012. Grifo meu.

¹⁴⁰ Entrevista com Valmira, realizada em 11.01.2014. Grifos meus.

¹⁴¹ Entrevista com Elenita, realizada em 28.05.2010. Grifos meus.

¹⁴² Parafraseando Caetano Veloso em sua música “Dom de iludir”.

A narrativa de Elenita traz elementos interessantes para pensar nas contradições entre o discurso e as práticas de Dona Farailda. Ela afirma que a mãe era extremamente rígida quanto à educação das filhas, exercendo forte vigilância sobre a sexualidade destas:

A criação era rígida, **ela era uma figura, até hoje, moralista, ela é liberal em partes**, mas em outras ela, na época, por exemplo, nós tínhamos uma vigilância terrível, era só de casa pra escola, pra igreja e só, tínhamos amigos, amigas, mas esse negócio de sair pra dar uma voltinha na rua e chegar a hora que quisesse, hã, hã. Era hora de chegar, naquele tempo era luz a motor, faltando quinze para as vinte e duas horas a luz baixava, dava um sinal e onde nós estivéssemos ali pertinho corria pra casa, então ela as vezes ficava muito nervosa, ela chegava a espancar mesmo a gente, as surras eram terríveis. (...) Nós não tínhamos liberdade de sair pra ficar a vontade onde nós quiséssemos não, tinha que ficar perto dela, pra ela... orientando, vigiando.¹⁴³

Mãe? **Não, nera muito rígida não. Ela deixava a gente a vontade, só que...** Eu não sei nem como contar minha infância porque quando eu namorei com meu primeiro marido eu tinha treze anos mais ou menos e eu não me recordo muito como foi a minha infância e logo, logo eu casei. (...) **Ah vigiava, vigiava.** Ia pro colégio e o horário, terminou o colégio cinco horas, já cinco e quinze tinha... era pra tá em casa. Aquele cuidado terrível. Que antigamente os pais tinha aquele negócio de virgindade, né? Que tinha que ter a virgindade, não podia de jeito nenhum se jogar lá fora e tal. Que era pra ter cuidado. Que era pra casar “moça” (*virgem*). Que antigamente tinha aquela coisa, né? Aquele cuidado, né? **Aquele cuidado muito bom com a gente.**¹⁴⁴

A criação dela? Minha mãe ela sempre teve assim, esse lado, **não é bem ser rígida, mas é meio assim, uma mãe enciumada.** Ela tem esse cuidado com a gente todo, é sempre muito atenciosa, ela é muito enciumada, não deixava a gente muito a vontade com as pessoas, né? Sempre aquela mãe mesmo segura, aquela mãe protetora, né? Era ciumenta, né? Ela ciuava demais. Minha mãe não deixava, não tinha liberdade de deixar a gente só, ela não deixava. Mesmo comigo foi assim, não tinha muita liberdade de deixar muito tempo só.¹⁴⁵

Todas as filhas de Dona Farailda confirmam a vigilância sofrida durante a infância e adolescência; entretanto, é interessante perceber como, com exceção de Elenita, elas justificam a atitude da mãe, vista como uma forma de cuidado. Anelita chega a negar que a mãe fosse rígida, apesar de em seguida abordar a vigilância e o “cuidado terrível” para com ela. Mesmo compreendendo as “orientações” da “mãe enciumada”, elas lamentam terem sido encaminhadas muito cedo para o casamento:

Casasse logo. Não podia namorar dois, três, quatro anos não. Namorou um ano, dois, casou. Eu casei com... quando eu comecei a namorar com meu primeiro marido ele tinha vinte e sete anos e eu tinha treze anos e dias. O primeiro namorado. Nera nem uma escolha, foi um fanatismo assim dele, eu não sei, porque terminei duas

¹⁴³ Entrevista com Elenita, realizada em 28.05.2010. Grifo meu.

¹⁴⁴ Entrevista com Anelita, realizada em 24.08.2012. Grifos meus.

¹⁴⁵ Entrevista com Valmira, realizada em 11.01.2014. Grifo meu.

vezes e ele “não, não, não, vamos casar, vamos casar”. (...) Mãe disse: “oh minha fia casa, que quando tu casar o amor chega”.¹⁴⁶

Então um **lema que ela tinha “olha, vocês estão sendo preparadas pra o casamento”**, então lá em casa foi assim, quando eu completei, por exemplo, a oitava série, concluí o fundamental ela já insistiu: “tem que casar, é hora de casar”, isso eu com quinze anos, dezesseis anos, pois é, então eu tive que me preparar pro casamento porque na cabeça dela a mulher tinha que ser educada para o casamento e namorar só na porta,¹⁴⁷ “pode arrumar os paquerinhas de vocês, mas traga pra namorar dentro de casa, eu quero ver, eu quero conversar, eu quero acompanhar”. Ela era muito rígida na criação, de vigiar mesmo, de controlar mesmo, era terrível.¹⁴⁸

Fazia questão de casar. Ela nunca falou de namorar, não, também lá em casa quase ninguém namorou muito, muitos namorados. Se foi dois ou três no máximo. Porque ela era muito segura. Ela era muito controlada, não deixava. Você ver no namoro, a gente namorando ela não deixava, ficava próximo. Porque assim, todas nós.... Todas foram cedo. Então todas fizeram o mesmo assim, teve que tipo, casar logo. Minha mãe nunca deixou a gente sair, viajar. Era uma coisa da tradição dela, da criação que ela teve, talvez foi isso. Então ela acha que, achou que a gente também tinha que ser assim. E ela sempre foi pra esse lado de casar, e sempre aconselhou que a gente não deixasse, tomasse cuidado com homem, com namorado.¹⁴⁹

Como dito na introdução desse trabalho, o casamento é o grande tema da vida de Dona Farailda, portanto, é compreensível que ela tivesse conduzido as filhas o mais cedo possível para casar-se, já que considera esse evento a melhor coisa que pode ocorrer na vida do ser humano. Ela não apenas se casou muitas vezes como recriou um ritual em que casava pessoas em busca de união fora dos trâmites burocráticos.¹⁵⁰ Mas o desejo de “juntar” casais ia além do âmbito familiar e dos “casamentos de contratos”. Segundo Elenita, ela estava constantemente atenta a pessoas sozinhas, fossem solteiras, separadas ou viúvas, ou em relações conflituosas, para se colocar como um elo entre elas, agindo como se sua missão fosse uni-los:

Quando ela ouvia falar que alguém estava brigado no casamento, ou brigado no noivado, ela queria ir lá fazer as pazes, se não deu certo aquele casamento, ela queria arrumar um outro casamento pra aquela pessoa, então ela é uma pessoa muito dada, queria ver todo mundo feliz, todo mundo casando, todo mundo namorando, então isso deixava a gente meio que incomodado, porque a gente não sabia lidar com isso, porque pra nós era como se ela estivesse abusando da privacidade das pessoas e queria podar isso, e pra ela é muito normal: “que é que tem minha filha? Aquilo mesmo, você não está com o seu?”¹⁵¹

¹⁴⁶ Entrevista com Anelita, realizada em 24.08.2012.

¹⁴⁷ Expressão muito comum na região de Dona Farailda, que significa “namorar em casa”, sob o olhar da família.

¹⁴⁸ Entrevista com Elenita, realizada em 28.05.2010. Grifo meu.

¹⁴⁹ Entrevista com Valmira, realizada em 11.01.2014.

¹⁵⁰ Os “casamentos de contratos” serão analisados no quarto capítulo.

¹⁵¹ Entrevista com Elenita, realizada em 28.05.2010.

A relação de Elenita com Dona Farailda é de muito carinho. Apesar disso, a filha está sempre abordando a dificuldade que teve em lidar com o comportamento da mãe, mas, de modo ambíguo, tece elogios à forma como a “casamenteira” se portava: “apesar dessa rigidez toda, ela sempre foi uma mãe presente, uma mãe amiga a ponto de a gente criar laços e se abrir, contar segredos pra ela...”¹⁵²

A ambiguidade presente na relação entre Dona Farailda e as filhas, sendo rígida e amiga ao mesmo tempo, ao ponto de conquistar sua confiança, também pode ser vista como uma tática utilizada por ela, assim como por muitas mães, para exercer um controle mais eficiente sobre o comportamento feminino. Não há relato sobre o tratamento dado ao único filho, mas é bastante provável que nossa personagem estivesse mais preocupada em vigiar as mulheres, mais vulneráveis ao controle exercido pela própria comunidade. De acordo com Joseli Maria Silva:

As relações sociais na cidade pequena são marcadas pela personalidade que geralmente exerce um controle muito eficaz sobre os membros de sua coletividade. (...) Além do ambiente da casa que tem como referência a família, o ambiente fora de casa é altamente controlado, em primeiro lugar pela "vizinhança", e só então o espaço fora da vizinhança ganha importância. O espaço limite dos "vizinhos" serve de encontros e lazer, como os bares, lanchonetes, salões de baile, salões paroquiais, ou campos de futebol de várzea. A forma de comportamento das pessoas está sujeita a uma determinada forma de controle. (...) Os espaços demarcados desta maneira são utilizados como referência para distinguir seus usuários como pertencentes a uma rede de relações e, para pertencer a esta rede, é preciso que se cumpram determinadas regras de convivência.¹⁵³

O controle de que fala a autora pode ser percebido em Serrolândia, inclusive em ambientes que deveriam representar espaços de liberdade e subversão. Ao estudar formas de lazer nessa cidade, nos anos 1970, período em que Elenita e Anelita viveram na adolescência, identifiquei práticas de controle e vigilância dos comportamentos na primeira boate da cidade.¹⁵⁴

É provável que as filhas de Dona Farailda se tenham deixado atingir pelo controle social muito mais que sua mãe. Embora ela incorpore o discurso normativo, reafirmando, mas também questionando, hierarquias de gênero, como veremos ao longo da tese, não me parece que tenha deixado de fazer aquilo que desejou, dando pouca importância à forma como era vista por uma sociedade conservadora. Isso é revelado na fala de Elenita:

¹⁵² *Idem.*

¹⁵³ SILVA, Joseli Maria. “Cultura e Territorialidades Urbanas: uma abordagem da pequena cidade” In *Revista de História Regional*, Ponta Grossa PR, v. 5, nº 2, 2000, pp. 09-38.

¹⁵⁴ VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, op. cit. p. 88.

Casada, muito feliz e até briga comigo porque eu já não me casei.¹⁵⁵ Mas, olhe Vânia, eu acho que uma das coisas que eu ainda não fiz o balé de estar casando também assim, acho que na minha adolescência, de acompanhar tudo isso e sofrer as vezes com os comentários de Serrolândia, isso me fez me trancar, sabe, fez me preservar, fez me cuidar pra não sofrer o mesmo.¹⁵⁶

Como dito anteriormente, Elenita foi vereadora em Serrolândia, além de atuar como militante em vários movimentos sociais e, na condição de mulher pública, é provável que ela tivesse mais dificuldade em romper com as regras sociais que sua mãe; esta, vale ressaltar, pela sua condição de “casamenteira”, também pode ser considerada uma mulher pública. Em umas das nossas conversas ela declarou que meu trabalho de pesquisa sobre a trajetória de Dona Farailda a ajudou a reelaborar a visão sobre a mãe, passando a ter uma visão positiva de suas práticas.

Para encerrar a discussão sobre a experiência da maternidade de Dona Farailda, apresento um episódio que marcou a memória de duas das três filhas. Para Elenita e Anelita ela se teria destacado por participar de uma cavalgada, em um tempo em que era muito raro mulheres montarem a cavalo nesse tipo de evento, considerado masculino:

Quando ela tinha parece que seus... eu tinha quantos anos? Eu não me recordo, eu sei que ela gosta muito de cavalo, aí teve uma festa de cavalo aqui na rua **ela foi a primeira da frente**, minha filha. Montada no cavalão, toda de chapéu. Ela e o irmão dela e guiando o povo na frente. Aí foi uma diversão pro pessoal. Uma cavalgada. É. Toda de chapéu, toda na calça, montada numa mulona, ela e o irmão dela.¹⁵⁷

Diferentemente das filhas que veem a participação da mãe na cavalgada como algo admirável, Dona Farailda apresenta outra perspectiva, colocando-se como mais uma mulher participante do evento:

Eu já era acostumada a andar a cavalo quando eu morava na roça desde eu menina, que montava a cavalo, né? Mas nessa vez, não sei, trouxeram uma cavalgada aqui e correu essa notícia, correu essa notícia e não sei quem era essa época, acho que era o prefeito que fez essa festa aí. Eu sei que todos nós quem quis, olha Januária entrou na farda, Raulinda fez farda, eu fiz farda, eu sei que foi um bocado de muier. E home não se fala! Aí nós entremo na brincadeira, chegemo sete hora do dia nos montemo nos cavalo e passeava por aqui, passeava na Légua, passeava no Roçadinho,¹⁵⁸ passeava pro lado dali, de lá, toda boca de estrada nós tirava um fino. E passamo o dia tudo alegre, sartisfeita, eu sei que eu num caí, nem caio...¹⁵⁹

¹⁵⁵ Elenita é divorciada e, desde que se separou, não voltou a se casar, como gostaria Dona Farailda.

¹⁵⁶ Entrevista com Elenita, realizada em 28.05.2010.

¹⁵⁷ Entrevista com Anelita, realizada em 24.08.2012. Grifo meu.

¹⁵⁸ Légua e Roçadinho são distritos de Serrolândia.

¹⁵⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.



Figura 6: Pedro e Dona Farailda (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

O irmão a que Anelita se refere é fruto do segundo casamento do pai de Dona Farailda, sendo bem mais jovem que ela, como é possível observar na imagem acima. A vestimenta usada por ela, apropriada para montar a cavalo, foi abordada em uma das entrevistas:

Eu trabaiei, comprei meu cavalo, quando eu casei logo e comprei um culote.¹⁶⁰ Sabe o que é culote, não sabe? Calça. Já tinha meu traje de montar. Vezes que eu emprestava, vezes que eu ia pros casamento. Daqui pra... daqui pro Tapeipú. Nesse mundão tudo eu ia testemunhar moça pra casar e eu já tinha meu cavalo... no capricho. Quando eu não tinha animal e me chamavam pros casamentos, o povo me emprestava os animais e eu montava normalmente, **enganchada que nem mesmo o macho** e aí eu acompanhava aqueles terno de casamento.¹⁶¹

Dona Farailda afirma ter comprado o próprio cavalo e uma roupa adequada para montá-lo, mas o mais interessante é que mais uma vez o casamento está no centro da sua narrativa. Lá vai a mulher “casamenteira”, em seu cavalo “como um macho” ao evento que mais a encanta...

Ao longo da tese pretendo mostrar como Dona Farailda foi-se construindo como uma mulher autônoma e independente, apesar de reforçar hierarquias de gênero em seu discurso.

¹⁶⁰ De acordo com o Dicionário Aurélio “culote” significa: calça comprida, apertada abaixo do joelho e usada para montar a cavalo. www.dicionariodoaurelio.com.

¹⁶¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 27.12.2013.

Não pretendo cair na armadilha de pensar a vida como repetição ou continuidade, sugerindo que ela teria sido “sempre” uma mulher que agia na contramão do que se esperava para as mulheres na sociedade em que vivia. Mas não posso perder de vista que ela tinha uma referência primeira de feminilidade que destoava da maioria, o que provavelmente contribuiu para ela desenvolvesse práticas subversivas. No paradoxo entre o desvio e a norma, ela “gostava de casar”... é que o veremos a seguir.

Capítulo 2

**“Eu gostava de casar...”: táticas de uma
“casamenteira” do sertão baiano**

*Cada individualidade é o lugar onde
atua uma pluralidade incoerente*
Michel de Certeau

No ano de 2005 Dona Farailda ficou viúva pela sexta vez e alardeou aos quatro cantos do mundo que não queria mais casar-se. Dizia estar velha demais para essa empreitada. Não “achava bonito” uma senhora de 76 anos em busca de um homem para casar-se; além disso, afirmava considerar um problema ter um marido e não “dar conta” da vida sexual, devido a sua idade, correndo o risco deste ir à procura de “mulheres na rua” e ela não ter mais força para “pegar a peixeira”, como fazia em outros tempos, quando era jovem, reagindo de forma violenta a possíveis traições dos maridos.

Nesse mesmo ano a viúva foi ao INSS, em uma unidade da cidade de São Paulo, onde morava na época, tratar de questões ligadas à sua aposentadoria; nada especial, apenas assuntos corriqueiros de aposentados, ocasiões que tornam necessária a saída de idosos de casa para garantir a continuidade do benefício. Ela foi acompanhada do sobrinho Tiago, de 18 anos. Como se pode imaginar, havia muitos idosos e idosas tratando de assunto semelhante ao que Dona Farailda fora resolver. De acordo com Tiago, sua tia não se sentou como a maioria que estava no recinto; ficou de pé por um bom tempo observando os presentes na sala, virando a cabeça de um lado para o outro e não sossegando, olhando ao redor, para o lado esquerdo, para o lado direito, para frente e para trás ininterruptamente... Observava com paciência e atenção cada um dos presentes. Olhava-os de cima a baixo, como se os tivesse avaliando. Ele ficou confuso com o comportamento da tia e enfim lhe perguntou:

- Tia, o que a senhora tanto olha?

Farailda respondeu prontamente:

- Estou procurando um velhinho para casar...

Essa história maravilhosa me foi contada no dia 27 de abril de 2013 na casa do Sr. Venerino, pai de Tiago e irmão de Dona Farailda, em São Paulo. Entre risos dos presentes (esposa, filha e neto deste) - que parecem lidar muito tranquilamente com o fato de ter uma “casamenteira” na família, termo utilizado pelo próprio Venerino ao longo da entrevista - muitas outras histórias foram contadas. A intenção inicial era entrevistar apenas o irmão da “casamenteira”, mas percebi que havia um interesse geral em falar sobre a personagem.

Dona Farailda exerce certo fascínio sobre aquela família, que parece amá-la e admirá-la profundamente. A entrevista realizada com o Sr. Venerino foi agregando histórias contadas pelo filho Tiago, a filha Vilma e a esposa, dona Terezinha. O (a) historiador (a) que trabalha com fontes orais deve estar aberto a esse tipo de interferência, mas não perder de vista as transformações que ocorrem no resultado da entrevista.

A opção em iniciar o segundo capítulo da tese com essa história é uma forma de provocar o leitor a se relacionar com a “pluralidade incoerente” de Dona Farailda, para citar Michel de Certeau.¹ Essa e outras histórias que mostram como ela “gostava de casar”, apesar de fazer questão de negar essa opção aos 76 anos, são importantes para pensar na complexidade e ambiguidade presentes em seu processo de construção de si.

Neste capítulo me proponho a apresentar cada uma das relações matrimoniais de Dona Farailda, para que seja possível fazer uma análise das representações que constrói sobre si e sobre o modo como é vista na comunidade. É uma tentativa de não generalizar seu comportamento como uma “mulher casadoira”, mas tentar pensar como ela vivenciou cada uma dessas experiências e qual significado tiveram para ela.

Para apresentar as experiências matrimoniais de Dona Farailda me utilizei do recurso da cronologia como forma de situar o leitor na trajetória da personagem. Como defende Vavy Pacheco Borges,² esse recurso pode ser importante como forma de mapear os fatos narrados pelos sujeitos envolvidos com a pesquisa. Inicialmente me recusei a fazê-lo, aterrorizada pela ideia de cair na “ilusão biográfica”, para usar a expressão de Pierre Bourdieu, considerando que o uso da cronologia me faria cair na armadilha de que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de

¹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, pp. 91-100.

² BORGES, Vavy Pacheco. “Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieller”. In BRESCIANI, Stella; NAXARA Márcia (Orgs.). *Memória e Ressentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. p. 204

uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva de um projeto” ou ainda “essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica, que também é uma ordem lógica...”³

No entanto, ao examinar os sucessivos casamentos de Dona Farailda a partir da ordem cronológica, compreendi a complexidade da sua vida afetiva, entendendo-a para além de uma “mulher casadoira” ou “a casamenteira”. Percebi, por exemplo, que ela tanto vivenciou relações longas, como breves, e que essas relações tiveram significados distintos para ela. Procurei estar atenta às “idas e vindas” da sua narrativa, para compreender sua trajetória como um campo de possibilidades, fugindo da ideia de que sua vida transcorreu de forma linear, dada e coerente, como um “projeto”.⁴ O desafio do historiador que se propõe a escrever uma biografia está em tentar “construir uma narrativa que dê conta dos elementos contraditórios que constituem a identidade de um indivíduo e das diferentes representações que dele se possam ter conforme os pontos de vista e épocas”.⁵

É necessário atentar para os deslocamentos, as discontinuidades, as incoerências inerentes a qualquer história de vida. Parafraseando Benito Schmidt, penso que Dona Farailda “a cada momento da sua vida (...) tinha (ou ainda tem!) diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual fazia (faz) escolhas alicerçadas nas suas experiências e na percepção das possibilidades e dos limites impostos pelo contexto em que vivia (vive)”.⁶

Ao narrar suas diversas experiências matrimoniais, Dona Farailda não parece ter-se impressionado muito com as hierarquias de gênero no campo sexual. Em suas práticas parece ter vivido a sexualidade não como se esperava de uma mulher naquela sociedade, mas de forma autônoma e livre, apesar de afirmar que a vivia sempre dentro do casamento. Era muitas vezes associada por suas amigas a um “macho”, por admitir gostar de sexo:

Dizia elas que meu tabaco (*vagina*) coçava mais que o delas, que o marido morre... cansava de dizer, (...) parece que tu é doída, se eu ficar viúva eu não caso mais.(...) Amiga de dizer que eu não era como elas, que parece que eu era macho, que eu não podia ficar quieta, eu disse: deixe comigo, que eu sou sã.⁷

³ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 184.

⁴ Baseio-me aqui nas noções de “projeto” e “campo de possibilidades” de Gilberto Velho. *Projeto e Metamorfoses: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. pp. 46-47.

⁵ LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 170-771.

⁶ SCHMIDT, Benito Bisso. Os muitos tempos de Gilda: sobre biografia e estratos do tempo. In NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das *et al.* (orgs.). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2011.

⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

Eu sempre minha fia fui muiher sadia. Tinha amiga que dizia: você é danada, parece que você é macho, você gosta. Eu digo: **eu gosto e sou sã e é remédio**. Pra mim me sinto que é saúde.⁸

As representações em torno da sexualidade feminina que aparecem nas duas entrevistas nos fazem pensar nas construções de feminilidades e masculinidades no espaço pesquisado. Dona Farailda diz ser associada a um “macho” por admitir ter vida sexual e gostar da mesma; ou seja, a mulher que assume sua vida sexual é masculinizada, sendo considerada tal atitude uma alteração da natureza feminina. É significativa a defesa que ela faz do próprio comportamento afirmando ser “sã” (saudável), visto que parece estar presente no imaginário social a ideia de que ela não era “normal”, que tinha mais necessidade de sexo que outras mulheres da comunidade. Inclusive ela afirma praticá-lo com seus atuais 84 anos. Mas, além de afirmar ser “sã”, vai além, dizendo que o sexo era “remédio” para ela, insinuando uma inversão do discurso anterior. Ou seja, seria ela “sã” por fazer muito sexo? A associação entre sexo e saúde é feita também em outros momentos da narrativa:

Nós conversando, né? Até já morreu essa veia... bom, que eu nunca fui operada de nada, sou toda sã até hoje. Eu nunca vi uma pessoa ter uma história pra contar que nem eu, minha fia, por que se eu fosse uma muiher doente daqui eu dizia, eu cuidava, e eu nunca fui doente, eu nunca tive um corrimento, eu nunca tive nada. **Só era gostosura**. Então uma pessoa dessa num pode dizer que é doente, né? Não pode dizer que tem medo de fazer sexo.⁹

Embora seja muitas vezes “falada” por seu comportamento considerado transgressor, tanto no campo da sexualidade, como pelo fato de realizar “casamentos de contrato” que não possuíam validade jurídica, Dona Farailda defende o casamento como o único lugar de vivência da sexualidade para uma mulher. Ela não apenas nega ter vivido qualquer experiência fora dessa instituição, como condena terminantemente as mulheres que o fizeram.

Entretanto, as representações sobre ela na comunidade não a condenam apenas por ter-se casado mais vezes que o considerado “normal” para uma mulher; paira no ar a desconfiança de que ela teria vivido sua sexualidade para além das relações conjugais. Não me interessa saber o que ocorreu, ou se existe uma “verdade” a esse respeito; o que pretendo discutir é como ela se foi construindo a partir de referenciais normativos estabelecidos em sua comunidade, mas, ao mesmo tempo, fazendo as próprias escolhas com autonomia.

Não me parece que ela tenha deixado de viver aquilo que desejou; no entanto, a imagem que constrói deve ser coerente com as expectativas dos outros a seu respeito, já que

⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011. Grifo meu.

⁹ *Idem*. Grifo meu.

afirma em diversos momentos que sempre foi admirada na cidade, especialmente por suas práticas de caridade. Não quero defender que a construção dessa imagem seja uma estratégia deliberada por ela para sobreviver em uma sociedade conservadora, pois fica claro na sua narrativa que ela própria compartilha de muitas concepções normativas.

No próximo tópico me proponho a apresentar uma versão da “trajetória casadoira” de uma mulher que vivenciou diversas relações matrimoniais, procurando compreender o sentido que cada uma teve para ela.

2.1 “Fui feliz nos meus casamentos todos...”

Entre experiências de viuvez e separações, Dona Farailda casou-se sete vezes ao longo da vida. Apesar de tantos matrimônios, nunca se divorciou, pois ficou viúva dos cônjuges de casamentos civis e separou-se dos de “casamentos de contrato”, sem necessidade de oficializar o rompimento das relações.

Em 1945, aos 16 anos, casou-se pela primeira vez com o senhor Dário, 15 anos mais velho que ela, e tiveram seis filhos, dos quais sobreviverem cinco. De acordo com suas informações, casou-se apenas na Igreja, pois seu pai a aconselhava a não se casar no civil, levando em conta que se o casamento não “desse certo” não teria que dividir a pequena herança que possuía. É significativa a postura do pai, se considerarmos a importância do casamento e a condenação às separações nessa época. Apenas após 20 anos o casal decidiu casar-se no civil quando, segundo ela, um político da cidade lhes ofereceu o casamento gratuitamente.

Ao narrar sua história de “namoro e noivado” com o senhor Dário, ela não romantiza a relação, dando a entender que estava cumprindo um ritual estabelecido para as mulheres da sua geração:

Ele tinha acabado o casamento, estava procurando, já tinha ido na casa de umas três primas carnais e ninguém deu certo lá, e tudo era... ninguém, nós não conversava não e depois bateu na porta lá de casa nesse dia. Aí continuemos aquele namorinho, aquele namorinho. (...) Foi à carta, era por carta, ele não falou nada pra mim, naquele tempo ninguém conversava muier, era coisa só de olho, ele mandou a carta lá pra casa por uma prima carnal dele também, deu um sabonete, um pó, pra ela vim dá essa carta pro meu pai.¹⁰

¹⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

O trecho citado nos deixa com a impressão de que o primeiro marido de Dona Farailda estava em busca de uma mulher para casar-se, já que tinha “acabado o casamento” com sua noiva. A busca se dava entre mulheres da própria família e ela não vê nenhum problema em ter sido procurada após ele não ter “dado certo” com outras “primas carnis” (de primeiro grau). Apesar de não aparecer nessa entrevista, ela me informou que também era “prima carnal” do senhor Dário. O pedido de casamento muitas vezes ocorria entre os homens (através de cartas, como citado acima), sem que as mulheres fossem consultadas. Embora Dona Farailda esteja narrando sua experiência vivida no início dos anos 1940, ainda identifiquei esse tipo de prática nos anos 1960 e 1970 em Serrolândia.¹¹

Apesar da predominância do discurso antirromântico de Dona Farailda com relação ao seu primeiro casamento, identifiquei em uma das entrevistas um relato no qual fala da emoção sentida ao receber um beijo “na mão” do futuro marido:

Ele me deu a aliança, tava com oito mês com essa aliança no dedo. E um dia de tardezinha minha mãe chegou da roça, não foi? (...) E nós chegamos e fomos debulhar o feijão, ainda pra comer naquele dia, feijão verde. Eu ia debulhava o feijão e juntava as cascas na mão. Era desse lado. E Dário sentado na frente, ai quando, quando ele me tirou, disfarçou, e ele pegou aquelas casca de feijão, ligeiro e fez assim.... beijou na aliança, na minha mão, jogou as cascas lá, minha mãe ai, as meninada tudo ai, e ele tirou as cascas e beijou meu dedo. Eu tive uma emoção tão grande, um amor, mas um amor. Assunte se não é uma coisa de Deus! (*pausa*). Ai pronto! Muitas vezes nós tava assim junto, ele queria dar um beijo em mim e eu afugentava, com medo, minha filha! E mãe ensinava nós, e o padre todo mês nós confessava, eu já tinha catorze anos, comecei a me confessar desde os dez. O padre ensinava muita coisa pra nós e dizia: “oh, quando você tiver seus namoradinho, não deixe pegar no peitinho”. Ensinava mesmo a gente a fugir dos homens.¹²

Como discutido anteriormente, Dona Farailda faz questão de afirmar que seguia as regras de comportamento estabelecidas para as mulheres da sua geração. Ela agradece o fato de ter-se relacionado com um homem mais velho que ela, que tinha “juízo” e a protegeu das tentações da juventude:

(...) aí graças a Deus casei virgem como nasci, minha mãe educava nós dizem como era nós se livrar de bicho home, que bicho home onde ia deixava o rastro, essas conversa e a gente num sabia mais, como diz o outro e graças a Deus ele tinha juízo, era mais velho que eu, nós não namorava no escuro, nós não namorava assim

¹¹ Discuti a relação entre família e casamento e os limites de escolhas dos parceiros pelas mulheres de Serrolândia na minha pesquisa de mestrado. VASCONCELOS, Vânia N. P. *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*. Salvador: EGBA, Fundação Pedro Calmon, 2007. p. 112.

¹² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

agarrado, num tinha esses beijo e mais beijo, eu casei uma pessoa que num sabia nem chupar língua de ninguém, como não sei.¹³

A relação entre Dona Farailda e o senhor Dário antes do casamento durou um pouco mais de dois anos; quando iniciou o relacionamento ela tinha 14 anos e se casou aos 16. É interessante analisar a informação de que o casamento foi remarcado três vezes, por problemas financeiros do pai da noiva:

E aí fiquemo dois ano e quatro mês antes do casamento, noivo. (...) Esse casamento marcou pra fazer em setembro, meu pai não teve condição de me arrumar, de acabar de me dar o que eu tinha precisão, mudou pra novembro, não pôde em novembro, foi pra janeiro. Quando eu me casei, o enxoval que eu levei foi uma cama feita a machado, uma bacia de esmalte, um ferro de passar porque eu trabaiei e comprei, ajudei muito e comprei porque tinha que comprar as minhas coisinha, pra durar pro casamento, pra não ir casar pura de...¹⁴

Duas questões devem ser consideradas nessa fala. Primeiro, as dificuldades que envolviam famílias pobres para “montar a casa” dos filhos, especialmente os pais que tinham muitas filhas, pois havia regras que definiam quais móveis eram de responsabilidade do pai da noiva.¹⁵ Segundo, não se pode perder de vista o esforço feito por essas adolescentes para adquirir, com o próprio trabalho, parte do chamado “enxoval”.

Isso nos leva a refletir sobre a diferença entre as possibilidades de autonomia e independência entre mulheres de camadas abastadas e mulheres pobres. Os limites financeiros das famílias de camadas populares possibilitavam que suas mulheres se tornassem independentes financeiramente muito cedo, o que, apesar de não garantir a autonomia destas nas relações de gênero, poderia favorecer mudanças significativas.¹⁶

No caso de Dona Farailda, como discutido no capítulo anterior, o trabalho, que desde muito cedo estava presente em sua vida, lhe possibilitou independência e autonomia que muito contribuíram para que ela pudesse fazer escolhas pouco convencionais, contrariando o modelo idealizado para as mulheres do tempo e espaço vividos.

Retomando a trajetória da nossa personagem, ela viveu com o senhor Dário até a morte repentina deste, após 28 anos de relacionamento. Abaixo apresento uma fotografia que

¹³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.

¹⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

¹⁵ VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...op. cit.*, p. 121.

¹⁶ Ferreira Filho estudou as relações sexo-afetivas entre as camadas populares em Salvador no século XIX, e embora defenda que as mulheres desta classe tinham maior autonomia que as das classes altas, especialmente por estarem nas ruas dessa cidade como vendedoras, isso não significou que efetivamente rompessem com as hierarquias de gênero presentes naquela sociedade. FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!* : mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003. Ver especialmente o capítulo 1.

se encontra na sala de estar da sua casa, junto a outras imagens que são consideradas importantes. Além das fotos expostas, Dona Farailda possui um acervo guardado em uma caixa de sapatos. Ele é o único marido, além do atual, que possui foto ao lado dela, que pode ser vista por qualquer pessoa que visite o casal Farailda e Severino atualmente:



Figura 7: O casal Dário e Farailda (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

Após oito meses de viuvez, Dona Farailda casou-se com o senhor Aristides; sobre esse casamento não há muitas informações. Diz que, assim como ela, seu segundo marido tinha cinco filhos, que não moraram com o casal, como ocorreu com seus casamentos subsequentes, nos quais os filhos interferiram na relação. Ela aponta esse dado como importante para sua boa convivência com o senhor Aristides: “Deu certo, os fio dele nunca precisou de vim pra minha companhia nem as minha fia pra lá, tudo vinha passear e voltava”.¹⁷ Encontrei apenas uma fotografia dele, na qual não aparece Dona Farailda:

¹⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.



Figura 8: Sr. Aristides (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

Na fotografia, que foi tirada em uma igreja católica (que não é a de Serrolândia), o Sr. Aristides aparece vestido de terno e gravata, o que sugere que provavelmente participava de um evento importante. Dona Farailda não conseguiu identificar o homem que aparece ao seu lado, o que limita as possibilidades de maior aprofundamento de análise da imagem.

De acordo com sua fala, o casamento com o Sr. Aristides, que também foi realizado apenas na Igreja, durou nove anos, quando ficou viúva pela segunda vez em 1983.

Quem mais sofreu foi Aristides, Aristides ele bebia muita cachaça e ele sofreu do esôfago, então Dr. Manoel fez uma consulta, achou de mandar ele pra Salvador, lá ele passou cinco mês no hospital, ali na Santa Izabel, passou cinco mês no hospital e eu visitando, visitando, saí de lá sete horas da noite, ele ficou caminhando, sorrindo, (...) quando foi no domingo quando cheguei da roça, já a notícia me deram que ele estava passando mal, corri pra lá, cheguei já achei sem fala, as enfermeira me disse que ele chamou por mim, muito devoto chamou por Nossa Senhora, eu cheguei lá ainda tava vivo.¹⁸

Em geral Dona Farailda demonstra certa tranquilidade ao falar da morte dos maridos. O trecho apresentado aqui que trata do falecimento do Sr. Aristides se assemelha com a

¹⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

narrativa das mortes do Sr. Dário e do Sr. Antônio, o sexto marido. Ela não lamenta as perdas, pois geralmente atribui a Deus todos os acontecimentos da sua história. Para ela, a vida continua.

2.2 “Faz de conta que foi um vento que passou... como se fosse uma brincadeira...”

A partir desse momento podemos dizer que se iniciou uma nova fase da vida afetiva de Dona Farailda: a de sucessivos casamentos pouco duradouros. Todos foram realizados apenas no “comercial”, como ela denomina, ou seja, não se casou nem no civil, nem na Igreja, utilizando-se da prática de “casamento de contrato”, que costumava realizar com casais da comunidade, para ela própria.¹⁹

Fui feliz nos meus casamentos todos, por isso que eu teimei, casei, casei, casei... Eu casei seis vezes. O primeiro morreu [...] Não dava nem tempo de eu pensar. Eu me casei seis vezes, namorei com catorze anos e casei com dezesseis, vivi 28 anos, o outro casamento durou três... [...] Primeira viuvez, com oito mês eu casei com um rapaz de Jacobina. Uma surpresa pro povo de Serrolândia. Porque eu tava com oito mês de viúva. [...] Ah! Isso ai virou uma baderna. Dentro de cinco anos eu casei três vezes.²⁰

Essa entrevista foi recolhida em 2006, quando ela ainda não se tinha casado pela sétima vez. Mas o que me interessa aqui é sua afirmação de que “dentro de cinco anos eu casei três vezes”. Não é possível saber ao certo se isso ocorreu de fato, mas pelas pesquisas realizadas se pode afirmar que de 1983, quando fica viúva pela segunda vez, a 1987, quando se casa pela sexta, ela teve três experiências matrimoniais breves. A qualificação de “baderna” acerca dessas experiências de certa forma volta a aparecer ao longo das várias entrevistas realizadas, pois ela parece não dar a mesma importância a todos os casamentos. Isso nos leva a questionar se ela levava menos a sério os “casamentos de contrato” ou se teria sido apenas uma coincidência o fato de eles terem durado menos que os oficiais. Ela definiu assim tais experiências: “Aquilo foi uma brincadeira. (...) Eu fiquei viúva, não queria casar, mas depois me apareceu uns casamentos, eu com medo de perder minha aposentadoria casei no comercial”.²¹

¹⁹ Dona Farailda afirma que seus “casamentos de contrato” foram feitos por uma amiga que deu continuidade à prática quando ela deixou de realizá-los. Entretanto, embora a mulher confirme que fazia os casamentos, nega ter feito o dela.

²⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

²¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

Tal “baderna” parece ter incomodado muito os filhos de Dona Farailda. Na entrevista realizada com Elenita, aparecem as dificuldades em lidar com o comportamento diferenciado da mãe. Os trechos apresentados a seguir me causam a impressão de que havia uma tentativa malsucedida de controle das práticas da mãe pelos filhos:

O povo falava e pra gente também não foi muito confortável não, por que ela é meio que... ela não parava pra pensar, por exemplo, quando ela perdeu meu pai, só durou oito meses, ela já arrumou um outro marido, naquele tempo era comum usar o luto, então as mulheres ficavam viúvas e usavam luto fechado seis meses, luto fechado é: até o calçado tinha que ser preto, a roupa de manga comprida preta, o lenço na cabeça preto, então aquele luto guardado, e ela fez isso, só que com seis meses que ela tirou o luto ela vestiu roupa mais clara e logo já foi logo namorando e procurou e com oito meses já estava se casando com outro.²²

(...) ele (*refere-se ao segundo marido da mãe*) faleceu e ela em seguida, antes dos oito meses, antes dos seis meses já procurava outro, já se engraçava por outro, então isso já começou a incomodar a gente “minha mãe não faça isso, tenha paciência, coloque critérios, pense bem, vamos escolher, apresente a gente antes, não faça isso” e ela não queria “deu vontade, estou sozinha e eu tenho mais é que ser feliz e vocês vão entendendo e eu não consigo ficar só” e era isso. Era complicado pra gente, porque cada vez que ela ficava viúva ou separada pra gente era uma dor, por que nós sabíamos que logo, logo ela não ia ficar só e que as pessoas não iam entender, e aquela coisa, a gente vivia muito para a sociedade. Então a gente assim, é bom, foi muito agradável, hoje depois de muitos anos, com a consciência que a gente tem é ótimo ser filha de Dona Farailda, só que naquele tempo, com a cabeça que nós tínhamos, pra sociedade da época foi muito bom não, a gente sofreu muito pra lidar com todas as situações.²³

A primeira união da fase de casamentos breves de Dona Farailda foi com o Sr. Gildásio e é provável que tenha durado um ano, de 1984 a 1985. De acordo com ela, a relação com ele era boa e só terminou por causa dos problemas com os filhos:

Gidásio saiu de dentro da minha casa três vez, eu disse a ele: você não deixe inteirar quatro, porque se você deixar inteirar as quatro eu vou passar pra frente, porque, porque eu sei que com você, não dá. **Você tirou meus pés e meus dois braços, só que eu fiquei com cabeça, se inteirar as quatro vez... e aí eu sei que é com a cabeça que se anda.** Aí eu expliquei tudo pra ele. Passou oito mês quietinho, bonzinho, ele e o filho. (...) Aí então ele ficou bonzinho oito meses, com oito meses o menino tornou a querer pegar o meu pra matar, diz que era pra matar o meu filho, aí eu tornei dar queixa a ele, que os meninos estavam brigando, que ele pegasse o dele e evitasse (...) O meu tinha dez anos e o dele tinha quatorze e aí eu pedi a ele pra dar conselho ao filho e aí quando eu falava pra ele dar conselho ao filho, ou dar um surra ou fazer... ele apanhava o pano, botava nas costas e ia dormir na casa filha, (...) passava três semana, quinze dia lá, e vinha dentro da minha casa panhar água na cisterna e beber e comer e lá na casa da... parece uma tentação, ne? Aí foi onde dessa vez passou, que inteirou as quatro vez, ele tinha três semana que tinha saído pra casa da fia, eu mandei dizer a ele que não viesse mais que eu ia me casar, já tinha

²² Entrevista com Elenita, realizada em 28.05.2010.

²³ *Idem.*

arrumado outro. Na hora do casamento. (...) aí eu vivia contrariada, enfezada com Gildásio e o fio, aí **eu limpei e ajitei o casamento...**²⁴

Dona Farailda demonstra ser uma mulher prática. Se aparecia um problema, ela se dedicava a resolvê-lo; se esse se tornasse inviável, ela buscava nova solução, ainda que esta fosse o rompimento das relações afetivas. A alusão que faz à importância da “cabeça” reflete o seu lado racional. Embora com frequência atribua a Deus as ações da vida, fica muito claro aqui que agia de acordo com a razão, fazendo escolhas que favoreciam seus projetos. A autonomia que demonstra ter em relação aos maridos destoa do comportamento da maioria das mulheres da sua geração naquela comunidade.²⁵ Em geral, elas tinham mais dificuldade de romper o casamento, idealizado como principal finalidade de vida.

A versão de que o casamento com o senhor Gildásio teria terminado por problemas com os filhos é contestada por ele. Em uma entrevista difícil, pois, além da sua idade avançada, não parecia estar muito disposto a aprofundar questões ligadas a sua relação com Dona Farailda, ele afirmou que “ela não me respeitou”.²⁶ Em respeito a sua resistência em falar da vida afetiva do passado, optei por não insistir em aprofundar sua resposta; no entanto, penso ser muito provável que sua afirmação se refira ao comportamento da ex-esposa.

Embora Dona Farailda defenda o tempo inteiro a importância do casamento, não parece temer a separação, pois para ela não era muito difícil iniciar uma nova relação. Ao comunicar ao “ex” marido que já tinha “arrumado outro”, ela rompe completamente com as representações tradicionais de gênero e comporta-se como um “homem”; não espera ser cortejada ou seduzida, mas vai ela própria em busca da conquista dos seus parceiros.

As fotografias abaixo fazem parte do seu acervo, que possui imagens com quatro dos seus sete maridos. Nas duas selecionadas abaixo aparece o Sr. Gildásio, seu terceiro marido:

²⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010. Grifos meus.

²⁵ Discuti os limites de autonomia das mulheres serrolandenses entre as décadas de 1960-1990, assim como as resistências ao modelo idealizado para estas naquela sociedade, em trabalho citado anteriormente. Ver VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, *op. cit.*.

²⁶ Entrevista com Sr. Gildásio, em 02.08.2010.



Figura 9: Família de Dona Farailda (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)



Figura 10: Aniversário do neto de Dona Farailda (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

A primeira fotografia é o que podemos chamar de “foto de família”, tirada provavelmente na casa em que Dona Farailda vivia com o Sr. Gildásio. A nossa personagem é a única pessoa que aparece sentada e, embora não esteja exatamente no centro da imagem, essa posição traz uma ideia de ser ela a figura “central” da fotografia. Ao seu lado esquerdo está o terceiro marido, o que sugere que foram fotografados entre os anos de 1984 a 1985. À sua direita estão três das suas quatro filhas, com os respectivos filhos “no colo”, além de uma criança à frente das filhas de Dona Farailda, um dos seus netos; atrás desta aparece o único filho. A imagem não parece revelar nenhuma ocasião especial e, ao ser entrevistada, ela diz não se recordar do momento em que a foto foi tirada.

De acordo com Boris Kossoy “toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade”,²⁷ ainda que essa afirmação possa parecer um pouco exagerada, se pensarmos nas condições em que a fotografia acima foi produzida; de certa forma, isso pode ter sentido se pensarmos que talvez seu registro tenha ocorrido com a simples intenção de capturar a relação familiar, na qual gerações distintas aparecem.

Diferentemente da primeira, a segunda fotografia parece ter uma “finalidade” mais aparente; a imagem registra, sem dúvida, um evento comemorativo. De acordo com Dona Farailda, trata-se da festa de aniversário de um dos netos, que aparece no colo da avó. Além do aniversariante, aparecem outras crianças, que segundo ela eram suas netas e os filhos do Sr. Gildásio, além de uma das filhas e o seu genro. Embora a entrevistada não tenha confirmado, creio que a criança do sexo masculino, situada ao lado da geladeira vermelha, seja seu filho. Se olharmos atentamente a imagem, pode-se ver mais uma vez Dona Farailda como figura central da fotografia.

Retomando a narrativa sobre a fase dos sucessivos casamentos breves de Dona Farailda, é possível afirmar que entre os anos de 1985 e 1986 ela teve mais dois casamentos, que provavelmente duraram em torno de seis meses cada um. Em algumas entrevistas ela oculta essas relações, provavelmente consideradas menos importantes na sua extensa vida afetiva. Ao conhecer o atual marido, com o qual está casada desde 2006, não revelou a este toda a sua trajetória de mulher casadoira; disse que havia se casado apenas quatro vezes, negando essas duas experiências.

É compreensível sua atitude se pensarmos nas dificuldades a que estão expostas as mulheres que se comportam de forma não convencional. Embora Dona Farailda mostre que é possível sobreviver em uma sociedade conservadora, comportando-se na contramão dos

²⁷ KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 47

modelos idealizados para as mulheres, seu discurso reafirma a norma. Ele constitui provavelmente uma de suas táticas para escapar da discriminação.

Voltando aos casamentos, o novo marido, substituto imediato do senhor Gildásio, chamava-se Didilo²⁸ e, como dito acima, o casal não ficou muito tempo junto. Dona Farailda justifica o fim da relação pelos mesmos motivos da separação com o senhor Gildásio; problemas com os filhos: “(...) Didilo pegou o facão assim pra cortar o pescoço de Carlinhos (*filho dela*) na ponta de um tonel, tudo isso porque tinha neto dentro de casa”.²⁹

Ela lamenta o final de dois dos seus casamentos por causa de problemas com os filhos: “porque era pessoa boa, Gidásio não tem defeito, pessoa paciente, pessoa boa, especial, mas não aguentamos, foi os dois filho brigando, ele não tinha onde botar o dele, eu não tinha onde botar o meu”.³⁰ Nos dois casos ela parece ter feito a escolha de proteger o filho dos conflitos com os enteados, separando-se dos maridos. Esse episódio nos faz refletir sobre os significados da maternidade para as mulheres.

Elizabeth Badinter, ao discutir o amor materno, desconstrói a ideia deste sentimento como inato, visto que ele teria sido naturalizado no mundo moderno; a autora demonstra que, no decorrer da história, a importância desse sentimento variou de acordo com as circunstâncias, sendo o final do século XVIII o momento em que se desenvolveu um discurso moralizador no qual se construiu um ideal de mãe:

No fim do século XVIII, o amor materno parece um conceito novo. Não se ignora que esse sentimento existiu em todos os tempos, se não todo o tempo e em toda parte [...] Mas o que é novo, em relação aos dois séculos precedentes, é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e a sociedade.³¹

A importância do trabalho da autora francesa está em questionar a naturalização do amor materno, especialmente se pensarmos como essa naturalização impôs às mulheres um modelo de abnegação e resignação, no qual muitas vezes a mãe é vista como uma “santa”, que deve abrir mão dos projetos pessoais em função da família. No caso de Dona Farailda, embora ela afirme ter terminado os casamentos com o Sr. Gildásio e o Sr. Didilo por causa dos problemas com o filho, não estou convencida de que isso fosse uma prática comum em sua

²⁸ É provável que “Didilo” seja um apelido, no entanto não consegui saber qual o nome do quarto marido de Dona Farailda, pois ela própria não se recorda: “Eu não lembro não. Conheci por esse nome e nunca...” Entrevista realizada em 27.12.2013.

²⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

³⁰ *Idem*.

³¹ BADINTER, Elizabeth. “Um novo valor: o amor materno”. In *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985. pp. 145-146.

vida. Como visto acima, sua filha Elenita afirma que, em geral, ela não seguia as orientações dos filhos, preocupados com sua imagem de “mulher honesta”, agindo de acordo com suas próprias convicções.

No entanto, existe outra versão para o fim da relação com o Sr. Didilo. De acordo com Dona Marina, além dos problemas com o filho dela, o casamento teria terminado porque ele suspeitava do comportamento da esposa:

(...) o povo falava muito dela. Falava. Tinha gente aí, que dava marido a ela, num sei se... um tempo ela inventou de casar com Seu Didilo da Tapioca, casou, com oito dia de casada voltou, porque ela tinha um menino muito perigoso e Seu Didilo achou que não devia ficar com ele, e ela toda semana vinha pra aqui e o povo dizia que ela tinha um chamego aqui (...), aí Didilo soube aí um dia causo de Carlinhos, Didilo aproveitou e disse a ela: pra (...) menino sem vergonha que ele tinha um facão de vinte polegada, aí ela veio embora...(...) aí depois ela arranjou esse Aristides e sempre foi assim, agora o povo falava dela (...) Falava muito dela assim, mas eu mesmo não afirmo que era verdade, mas o povo badalava e sempre foi assim.³²

Chama a atenção o fato de a entrevistada não se responsabilizar por confirmar nenhuma informação a respeito do suposto comportamento transgressor de Dona Farailda. Expressões como “o povo falava”, “diziam”, apareceram em muitas falas na minha pesquisa de mestrado quando os entrevistados se referiam a mulheres consideradas “faladas”.³³ Em geral eles nunca assumiam como seus os comentários referentes a elas, atribuindo sempre ao “outro” o lugar de informante.

A fofoca foi discutida por Cláudia Fonseca no trabalho *Família, fofoca e honra*³⁴ no qual esta aparece como forma de vigilância feminina, mas também de poder das mulheres. A pesquisa foi realizada entre camadas populares de Porto Alegre e mostra como muitas mulheres se utilizaram desse artifício de exposição do “outro” para arruinar a imagem dos homens na comunidade, especialmente em questões ligadas à sexualidade masculina. Apropriando-se de discursos baseados em uma masculinidade dominante ou hegemônica, elas comprometiam a imagem dos companheiros disseminando, através da fofoca, informação sobre a impotência destes.

A fofoca é sempre coletiva. Apesar de haver figuras consideradas “fofoqueiras”, ela só funciona quando compartilhada por uma rede de pessoas, sendo utilizada como forma de

³² Entrevista com Dona Marina, realizada em 08.02.2011.

³³ VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, op. cit.

³⁴ FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de gênero e violência entre grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

controle social dos comportamentos. A ideia de existirem “mulheres faladas” só é possível se essa “falação” tiver ressonâncias eficientes na comunidade.

Voltando a Dona Marina, e lembrando que ela foi vizinha de Dona Farailda por muitos anos, sua fala reflete bem a situação da “casadoira” frente à sociedade serrolandense. Muito provavelmente ela era considerada uma “mulher falada”. Interessa-me pensar como ela incomodava aquela sociedade que não podia aceitar uma mulher com um comportamento tão distinto da maioria, subvertendo a norma, mas ao mesmo tempo, reafirmando-a em seu discurso.

As informações que aparecem na “fofoca” da vizinha estão em desacordo com a pesquisa realizada até o momento. Ela diz que Dona Farailda, ao ser expulsa de casa pelo Sr. Didilo, casou-se com o senhor Aristides. Isso teria sido impossível, visto que o casamento com este ocorreu após a morte do primeiro esposo. Aristides foi o segundo e Didilo o quarto marido de Dona Farailda. O segundo equívoco se refere ao período em que estiveram juntos (apenas oito dias). Ainda que eu não tenha conseguido saber qual o período exato da duração do relacionamento, não tenho dúvida que este durou muito mais que uma semana. A fofoca é assim, as informações são imprecisas, pois foram sempre ouvidas e contadas por outros, que contaram a outros e outras... Segue-se uma rede interminável de estórias, como a velha brincadeira do telefone sem fio.³⁵ O problema é que as consequências não são tão divertidas quanto à frase que chega ao ouvido do último brincante.

Mas há quem pense que Dona Farailda era tão poderosa que não havia fofoca sobre ela, já que “o povo tinha acostumado, já acostumou já. Não tinha fofoca, acabou a fofoca. (...) Tanto que ela fez, que o povo acostumou”.³⁶ A frase é do irmão Venerino, que a admira por ir em busca de seus desejos. Ele acha que ela se casou quatro vezes, mas não creio que teria problema se soubesse que foram sete, já que não aparenta fazer nenhuma censura ao fato de a irmã ser “casadoira”.

Dona Farailda gosta muito de falar. Sinto-me privilegiada por biografar uma mulher com tamanho desprendimento para compartilhar sua trajetória, que inclui felicidade, prazer, amor, mas também dores, perdas, discriminação, pobreza. No entanto, quando se trata de alguns temas, a exemplo do relacionamento com o senhor Didilo, ela praticamente não fala. Com exceção da frase citada acima, há um silenciamento sobre o assunto; esse parece ser um dos seus segredos.

³⁵ Nessa brincadeira, o primeiro brincante diz uma frase ao ouvido do segundo, que repassa ao terceiro que repete o que ouviu até chegar ao último.

³⁶ Entrevista com Venerino, realizada em 27.04.2013.

Pollak problematizou, com muita competência, as diferenças entre esquecimento e silêncio no campo da memória.³⁷ Para o autor o silêncio não necessariamente significa que o indivíduo se esqueceu da experiência vivida, mas que, por razões diversas, optou por não manifestar qualquer elocução sobre ela. Embora ele discuta fenômenos bem diferenciados do que analiso aqui, creio que sua abordagem pode iluminar minha reflexão sobre a escolha de Dona Farailda em silenciar sobre algumas experiências da vida. É importante não perder de vista, como lembra o autor francês, que esse silenciamento não é fixo, ele pode ser alterado em função de mudanças no contexto presente.

Os “silêncios” ou “não-ditos” de Dona Farailda estão geralmente relacionados à construção de uma “imagem de si”. Ela evita falar de práticas que, de certa forma, possam questionar a “construção de si” como “mulher honesta”. Pollak afirma que “mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida”.³⁸ Ou seja, não é possível analisar as memórias do indivíduo fora do seu contexto, tampouco pensá-lo unicamente como fruto deste. É uma via de mão dupla. Retomarei essa discussão no terceiro capítulo.

Voltando à narrativa da fase dos casamentos efêmeros de Dona Farailda e ainda refletindo sobre os silêncios dela, citarei o último marido dessa fase. Falar dele se tornou um desafio, pois tal casamento constituiu a relação mais negada por ela. Da mesma forma que faz com a relação com o senhor Didilo, em algumas entrevistas Dona Farailda oculta esse casamento. Em uma delas esqueceu o nome do cônjuge, que foi seu quinto marido. Afirma que só falou para seu atual marido sobre os casamentos nos quais “casou, bem casada”, excluindo o quarto e quinto marido. Apesar da pouca importância que tentou dar a esta relação, ela também se casou no “casamento de contrato” e um pouco depois lembrou o nome:

Lembrei do nome do de Paraíso.³⁹ Arsênio. Mas eu nem falo no nome nesse povo... (...) Foi bom, mas eu não preciso falar, eu só mostro o que eu casei, bem casada. O Gidásio eu falei pra ele (*atual marido*), que eu casei com ele, contei o caso todo, nós se larguemo. Os outro, foi pouco tempo e não sei não... não deu pra viver, faz de conta que foi um vento que passou...⁴⁰

³⁷ Ver especialmente o texto POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricas*, vol. 2, nº 3. 1989. pp. 3-15.

³⁸ *Idem*, p. 15.

³⁹ Paraíso é um distrito do município de Jacobina, localizado a 15 km de Serrolândia.

⁴⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

Aqui aparece uma tendência muito presente na narrativa de Dona Farailda, que discutirei mais adiante, que é a idealização das relações afetivas. Mesmo não querendo “falar no nome” do ex-marido, ela diz que o relacionamento “foi bom”. É impressionante a dificuldade que demonstra em fazer emergirem os conflitos que, pelo visto, nessa relação eram mais constantes, a exemplo dos motivos que a fizeram deixá-lo:

Ele nem era crente, nem era católico... (...) de sexta feira da paixão, chamei ele pra nós ir na procissão lá no Paraíso, ele disse que não, o que é que ele vinha fazer na procissão? Ficou só oiando pro mundo. Eu digo: tá bom. Fiquei na minha, amanheceu o dia, quando foi na sexta feira de noite... porque eu como, toda vida, toda vida, quarta e sexta da paixão eu não tenho relação (*sexual*), tem que aproveitar antes (...) porque não é lícito, porque dizem minha fia que relação quarta e sexta o inimigo está por dentro, está sorto, então nêgo dá pra brigar, dá pra ciumar, a vida se torna ruindade.(...) na sexta-feira de noite da paixão, tivemos relação, ele quis, eu não neguei, que diz que tem que não negar o matrimônio, que isso é o matrimônio do casal, não é assim?⁴¹

Não é possível saber ao certo quais os verdadeiros motivos que levaram Dona Farailda a separar-se do senhor Arsênio, no entanto a sua versão está associada aos conflitos ocorridos por conta das divergências religiosas. Como ela diz acima, ele não tinha religião, tampouco cria nos preceitos determinados pela Igreja Católica para serem seguidos na Semana Santa. Além de ter relações sexuais na sexta-feira da Paixão, ele comia carne nesse período, o que para ela é absolutamente condenável. Mas parece que o que mais a incomodou foi o fato de ele dizer a outras pessoas que não se importava em cumprir tais regras; ela afirmou que, após o comentário de uma senhora que a encontrou na feira, ela decidiu que não podia continuar ao lado de um homem tão diferente dela. Foi a Serrolândia e voltou com um carro para buscar suas coisas em Paraíso (onde morava com o senhor Arsênio):

(...) nós pegamos o carro, quando chegamos na porta dele, ele ainda estava dormindo, lá no Paraíso, aí buzinou o carro, deu duas buzinas, ele levantou, abriu a porta, aí eu disse: bom dia. Ele disse: bom dia. Eu disse: eu vim buscar meus trem, eu não vou ficar aqui não. Você é quem sabe, ele me respondeu. Aí eu entrei, comecei apanhar os pertence, já tinha desarmado o sofá e tudo, começou a jogar dentro do carro, aí já tinha um porco no chiqueiro, peguei o porco, peguei o que eu tinha lá, já tinha galinha, já tinha tudo, peguei e joguei em cima, quando cheguei na porta ele todo arredio, parecia que não tava nele, aí eu cheguei na porta, peguei na mão dele e disse: tchau viu. Ele disse: tchau. Fui me embora mais Luiz Baleia e Helio, e depois eu descii pra, não me lembro, Carlinhos tinha ficado trabaiando aqui, só sei que eu fui pra Teixeira de Freitas mais Carlinhos, cheguei lá eu casei com Antônio depois de um ano.⁴²

⁴¹ *Idem.*

⁴² *Idem.*

É impressionante a facilidade que Dona Farailda demonstra ter para se desvincular dos parceiros. Bem ao seu estilo de mulher prática, ela solicita o apoio de amigos (um deles seu genro, naquele momento) para recolher seus pertences: “bens”, que apesar de não serem muitos, sem dúvida eram importantes para uma mulher pobre, como ela. Ao finalizar a relação com um “tchau”, não renuncia a novas possibilidades e, após alguns meses, se casa mais uma vez, voltando a ter uma relação bastante duradoura, que perdurou por volta de dezoito anos, até que ficasse viúva novamente.

2.3 Uma mulher carinhosa...

Dessa vez ela se casa com um senhor com perfil bem diferente do marido anterior: um homem evangélico. Ao casar-se com o senhor Antônio Teixeira, em 1987, abandona a prática de realizar os “casamentos de contratos”, que vinha fazendo ao longo da década de 1980, a pedido dele, que argumenta que eles eram evangélicos e não considerava correto continuar com aquela prática. Aprofundarei essa discussão no quarto capítulo. Algum tempo após o casamento, o casal se mudou para São Paulo, onde viveu durante muitos anos até ela ficar viúva mais uma vez em 2005.

As fotografias mostradas a seguir revelam um pouco da relação entre Dona Farailda e o Sr. Antônio. É o segundo maior acervo de fotografias com seus maridos. O primeiro é com o atual, o Sr. Severino, que exibirei mais adiante.



Figura 2: Casamento de Dona Farailda e Sr. Antônio (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)



Figura 12: O casal Dona Farailda e Sr. Antônio (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)



Figura 13: O casal Dona Farailda e Sr. Antônio (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)



Figura 14: O casal Dona Farailda e Sr. Antônio (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

A seção de fotografias apresentada pode ser analisada separadamente ou como um conjunto de imagens relacionadas. Na primeira, que retrata o casamento de Dona Farailda com o Sr. Antônio, embora sua protagonista pareça séria, ela revela em sua narrativa que os casamentos eram sempre momentos muito felizes. Como analisado ao longo do texto, o casamento representa para Dona Farailda uma das maiores conquistas do ser humano, sendo para ela incompreensível a opção de uma pessoa em não se casar. Um dado que chama atenção na imagem é que a noiva está vestida da cor rosa, e não da cor branca, o que revela que Dona Farailda provavelmente seguia as normas de vestimenta da época, na qual o branco era permitido apenas às noivas que estavam se casando pela primeira vez, considerando que

essa cor estava relacionada simbolicamente à “pureza” (virgindade).⁴³ Na fotografia do seu último casamento, ocorrido em 2006, que apresentarei mais adiante, ela também aparece vestida da cor rosa, o que me fez atentar para tal detalhe.

Na comparação entre a segunda e as duas últimas fotografias aqui apresentadas, chama atenção a postura mais austera de Dona Farailda na imagem em que aparece segurando o símbolo da sua conversão: a bíblia. A imagem sugere uma apresentação da personagem de “mulher evangélica”. Nas duas últimas ela aparece bem mais descontraída; aqui se revela uma mulher carinhosa, sorridente, capaz de demonstrar seu afeto em público. Essa é a impressão que tenho todas as vezes em que a visito para conversarmos ou para gravação de entrevistas.

Ela não só se constrói como uma mulher que gosta de amar, como parece ser vista assim por muitos entrevistados. Em uma entrevista me contou que a filha de um dos maridos comentou: “Como meu pai gosta dessa mulher! Nunca vi meu pai dá um beijo em minha mãe...”.⁴⁴ Sua filha Elenita, ao presenciar cenas de carinho entre a mãe e os maridos, afirma que fica surpreendida e encantada ao mesmo tempo. Tenho a impressão, a partir desses relatos, que Dona Farailda define o estilo das relações, conseguindo fazer com que homens formados em uma cultura na qual a demonstração de carinho em público está ausente, não resistam aos seus “chamegos”.

A relação com o Sr. Antônio foi marcada pela migração para a cidade de São Paulo. Mudança importante na vida de Dona Farailda, pois pela primeira vez ela ficou longe dos filhos, além de ter que criar novas formas de sobrevivência, pois nunca antes tinha vivido em uma cidade grande. De acordo com sua fala, o casal morou em Teixeira de Freitas (na Bahia) no primeiro ano de casamento. Em seguida, voltaram a Serrolândia, plantaram uma “roça” para sobreviver, mas decidiram ir para a metrópole em função de a seca ter destruído toda a plantação. Dona Farailda lamenta o fato de ter sido convencida pelo marido a ficar morando na grande cidade, já que foi apenas “passear” e visitar os filhos dele. Em uma entrevista ela deixa escapar que chegou a cogitar a possibilidade de voltar a Serrolândia, deixando mais um marido para trás:

... não tem trabalho pra mim aqui não? Ela (*dona de uma confecção de roupas em São Paulo*) disse: não tem não D. Farailda, as máquina já ta tudo ocupada, aí eu disse assim, eu acho que eu vou me bora, eu quero ir me bora, não sei... esse véio

⁴³ Discuti em minha pesquisa de mestrado os elementos que compunham as representações acerca da importância da virgindade para uma “moça de família” em Serrolândia, entre 1960-1990. Ver VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, *op. cit.* pp. 30-70.

⁴⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.05.2012.

(refere-se ao marido) não quer ir, acho que eu vou largar ele aí mais vocês e vou me bora. Eu tenho o que fazer em casa, lá minha casa me esperando e aqui eu tou brincando...⁴⁵

É possível perceber que o incômodo de Dona Farailda estava relacionado ao fato de não ter encontrar trabalho na chegada à metrópole. Além disso, ela jamais gostou de São Paulo, mas viveu lá provavelmente por mais de 20 anos, até 2009. Mais uma vez, apesar desses problemas iniciais, ela afirma que a relação era boa.

Seu sobrinho Tiago confirma que o Sr. Antônio “era um companheiro pra ela. Eu lembro sim, mas eu lembro um pouco dele na fase dele doente, né? Já doente”.⁴⁶ Dona não confirma que o Sr. Antônio tenha estado doente. Ao narrar o dia da sua morte ela diz que tudo ocorreu de forma muito rápida. Seu marido não se sentiu bem, sendo internado em um hospital em São Paulo e falecido 24 horas depois, no ano de 2005. Como afirmado anteriormente, ela geralmente enfatiza a tranquilidade em lidar com situações difíceis, no entanto, ao narrar a morte inesperado do sexto marido, Dona Farailda deixa escapar sua reação:

E aí eu endoidei, perdi a cabeça. Disse que não queria saber mais de home, que eu não tinha sorte com home, mas ainda tinha essa benção preparada pra cair na minha mão. E aí, ele também tinha ficado viúvo, quase na mesma, não sei se foi um mês ou dois de um pro outro.⁴⁷

A “benção preparada para cair em sua mão” a que se refere Dona Farailda era o Sr. Severino, sétimo e atual marido. Ela o imaginou antes mesmo de conhecê-lo “como no cinema”.

2.4 “Como cinema...”

Na entrevista realizada em abril de 2006, quando Dona Farailda ainda morava em São Paulo e estava viúva do senhor Antônio, percebi que apresentava um discurso ambíguo a respeito da possibilidade de casar-se novamente. Na fala, ao mesmo tempo nega e afirma esse desejo:

⁴⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.

⁴⁶ Entrevista com Tiago, realizada em 27.04.2013.

⁴⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 27.12.2013.

(...) tou aqui com essa idade e tou dizendo que não vou mais casar. Não vou mais casar minha filha, porque os homem de hoje... É diferente. (...) Tou aqui, tenho minha casa, tenho minha saúde, tenho tudo. Só me farta agora (*risos*), ontem eu falei isso assim: “Só me falta agora um véi, um véi bom!” Aí os meninos começou a ri. Porque é difícil ter um véi bom hoje, ou uma véa boa. (...) Um homem bom você acha na igreja. Porque uns homem bom, não pra tomar cachaça com aquelas negrinha, não se ajuntar mais aquelas negrinhas, não vai dar um cigarro, não vai dar uma cerveja, né assim?⁴⁸

Seis meses após a entrevista ela parece ter encontrado “um véi bom” e se casou pela sétima vez com Severino, um senhor “doze anos, dois meses e doze dias”⁴⁹ mais jovem que ela. Entre a morte do Sr. Antônio e o casamento com o Sr. Severino passaram-se um ano e quatro meses,⁵⁰ provavelmente o maior tempo em que Dona Farailda esteve sozinha. Ela apresenta uma narrativa mística sobre esse “encontro”, afirmando que antes mesmo de conhecê-lo teve uma visão com ele “como cinema”:

Assunte. Eu tava orando de joelho, com quatro mês que Antônio tinha morrido, a luz acessa e eu ali orando, chorando e orando, sozinha dentro de uma casona grande. (...) E eu tinha medo de ficar ali naquela casa sozinha, né? Luizinho (*seu genro*) trabalhava, só chegava uma hora da madrugada, duas horas. (...) Era aquele movimento. Aí eu orei, subi pra riba da cama, eu deitei assim enviesada assim na cama, com as pernas pra lá e deitei, comecei a orar, comecei a orar, nisso passou uma fita assim, como cinema, passou Severino como um cinema assim, olhe, porque ele, tem hora que olhar nos olhos dele assim, dá aparência com meu pai. Aí naquilo eu me assustei, eu digo: oh Jesus, meu pai já morreu, será que é meu pai que tá vindo até eu? Aí passou assim, devagarzinho, a lente assim sumiu. E aí eu abri os olhos assim e disse: Jesus, quem é? Será que foi gente dos meus que morreu? Eu fiquei encabulada agora pra quem morreu e fazer aquela visita pra mim. Aí foi indo, foi indo, foi indo, paguei a luz e me deitei e garrei no sono, quando eu levantei já era oito e tanta do dia. Perdi a noite pensando. (...) Não dormi direito. Aí vortei, com poucos dia chegou Geni me levando na casa dela lá em Ermelino e lá foi onde eu conheci ele. Quando eu conheci ele que olhei pros olhos dele, me pareceu, me retratou aquele home que eu vi.⁵¹

Ao contar como conheceu Severino, insiste em afirmar que não queria se casar mais, pois “já estava velha” e “não tava mais mulher de tomar conta de home”. No entanto, sua narrativa vai totalmente na contramão dessa afirmativa. Primeiro, ela conta que não tinha nenhum interesse em casar-se, mas uma sobrinha insistiu em apresentá-lo. Apesar da falta de interesse, ela aceitou o encontro:

⁴⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁴⁹ Achei muito interessante o fato do Sr. Severino saber “de cór” a diferença exata de idade entre ele e a esposa. Entrevista com Severino, realizada em 04.05.2012.

⁵⁰ Essa informação pôde ser comprovada quando tive acesso às certidões de óbito do Sr. Antônio Teixeira e a do casamento entre Dona Farailda e o Sr. Severino.

⁵¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 24.08.2012.

(...) eu cheguei lá, cheguei lá dei a Paz do Senhor porque tinha me dito que era crente, (...) Aí entrei na casa dele assim, aí ele disse: sente, arraste uma cadeira aqui e sente aqui. Eu digo: não. Eu não quero sentar não. Não quero sentar não. Toda assombrada. Aí não sei como foi, não me lembro como foi que eu falei, aí eu disse assim: você é viúvo mesmo? Que ela tinha me dito. Foi assim: e você ta viúvo? Ele disse: tô. De quanto tempo? Ele disse: de tantos meses. Aí eu disse: **vá lá em casa pra gente chorar junto.** Assunta! Vá lá em casa pra nós conversar e chorar junto, conversar e chorar junto. **Mas sem mardade de casamento, perante a Deus minha fia, não tava pensando em casar...**⁵²

Essa fala demonstra que a velhice não a transformou em uma mulher mais passiva, pois continua agindo da mesma forma como agia quando era mais jovem: se tinha interesse em um homem, apresentava sua proposta. Nesse caso, o convite a Severino para ir a sua casa “chorar junto” não parece o desejo de alguém que não quer iniciar uma relação. No entanto, necessita justificar seu comportamento, que talvez ela própria considere inadequado a uma “senhora” de 76 anos.

Inicialmente o futuro marido se mostrou desinteressado afirmando que “... quando ela falou, eu digo bom, eu tou com uma em vista, vamo ver...”⁵³ Diante da possível concorrência, Dona Farailda tratou logo de garantir o encontro entre eles.

Mas eu falei, que eu não conhecia ele, eu falei assim: vá lá em casa pra nós chorar junto, conversar, dialogar. Não foi? Aí ele disse assim: eu tou reparando uma ou duas aí na igreja, tou reparando, eu vou vê aí uma coisa. Como quem estava interessado nas outra. (...) Aí quando ele disse que não podia vim que não sabia onde era, eu disse assim: se você não sabe onde é eu vou aí lhe buscar. Eu vou aí, vou lhe buscar, amanhã é feriado, ainda disse assim, não foi? Se você não pode vim eu vou aí te buscar, aí ele disse venha.⁵⁴

Ela rompe aqui com representações tradicionais de gênero e geração, pois o fato de ser “mulher” e “idosa” não modificou em nada suas práticas; continuou fazendo suas escolhas e exercitando seu desejo sexual como o fazem os homens. A sexualidade na terceira idade ainda é considerada tabu nessa sociedade, especialmente a sexualidade feminina.⁵⁵

Alguns estudos⁵⁶ revelam que enquanto para o homem a viuvez na velhice pode significar um tempo de tristeza e abandono, visto que muitos estavam acostumados com os cuidados especiais de suas esposas, para muitas mulheres viúvas ela significa um tempo de

⁵² Entrevista com D. Farailda, em 28.05.2010. Grifos meus.

⁵³ Entrevista com Severino, realizada em 28.05.2010.

⁵⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.

⁵⁵ Ver ALMEIDA, Lucimère Alves de e PATRIOTA Lúcia Mara. "Sexualidade na Terceira Idade: um estudo com idosas usuárias do Programa de Saúde da Família do Bairro das Cidades" In *Qualit@s* Revista eletrônica V. 8, N. 1, 2009 e RISMAN, Arnaldo. "Sexualidade e Terceira Idade: Uma visão histórico-cultural" *Textos Envelhecimento*. RJ. V.8 N.1, 2005.

⁵⁶ POSSAS, Lídia. M. V. "Viuvez, gênero e oralidade: recuperando os sujeitos invisíveis" In *História Oral* (Rio de Janeiro), v. 12, p. 87-102, 2009.

libertação, no qual podem finalmente fazer suas próprias escolhas, de forma autônoma e independente, o que não foi possível ao longo da vida ao lado do marido.

Dona Farailda, pelo contrário, não vê a viuvez como libertação, mas como possibilidade de construir uma nova relação. Ela afirma repetidas vezes que não gosta de ficar sozinha, no entanto, justifica o fato de ter-se casado tantas vezes ao longo da vida, atribuindo-o à sorte ou a Deus, como veremos mais adiante.

Após um encontro com o Sr. Severino, em que cogitaram a possibilidade de se casarem, ela pediu que ele viesse a sua casa para comunicar-lhe a desistência do casamento, apresentando como argumento os limites da sua idade avançada para manter relações sexuais com um homem mais jovem que ela, e a não aceitação a possíveis traições do parceiro:

(...) óia fio, óia Severino é que sobre casamento eu não quero, eu não sou mais aquela de casar e você vá me descurpano, (...) porque não dá pra nós casar porque você é muito mais novo do que eu e eu sou... (...) eu não quero casar, vamos deixar isso pra lá. Ele olhou assim pra mim e disse: apôis eu não desisto. Mesmo assim. Aquilo me deu coragem naquela hora, aí vamos conversar no modo de tratar, no modo de viver, o modo de se combinar. (...) Eu disse: **eu sou doida, meu fio, eu sou dou doida da cabeça, entendeu? Comigo é assim, assim, assim... Óia, eu me casei tantas vez, nunca briguei com meu marido, marido me respeitava e tem que me respeitar.** Pra eu ter um marido mais novo do que eu pra eu vê ele amando outra, eu não aceito, por isso, porque você é mais moderno e você pode botar de junto de mim, pode deixar eu vê você amando outra, aí eu morro de depressão, não pego mais no facão pra matar ninguém e morro de depressão. É aonde vai a véia morrer...⁵⁷

É interessante perceber como Dona Farailda mudou rapidamente de opinião; isso sugere que não tinha a intenção de desistir do casamento, mas impor suas regras de convivência ao pretendente, fazendo-o de uma forma que fosse difícil para ele não aceitá-las. A sedução parece ser mais uma de suas táticas; nas palavras de Certeau “as maneiras de mudar (seduzir, persuadir, modificar) o querer do outro (o destinatário)”.⁵⁸

A sedução da nossa “casamenteira” foi bem sucedida, pois o casal se uniu pelo “laço do matrimônio” um dia após a noiva completar 77 anos. Abaixo apresento fotografias de Dona Farailda vestida de noiva, da cerimônia de casamento civil entre ela e o sétimo marido, e do casal, em um momento cotidiano, nessa ordem:

⁵⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010. Grifos meus.

⁵⁸ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 47.



Figura 15: A noiva Farailda (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)



Figura 16: Casamento de Dona Farailda e Sr. Severino (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)



Figura 17: Casamento de Dona Farailda e Sr. Severino (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)



Figura 18: O casal Dona Farailda e Sr. Severino (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

Embora se tenha casado tantas vezes, Dona Farailda diz que o dia do casamento é sempre muito especial para ela. Pelo visto ela não perde o encanto pelo ritual de união entre um homem e uma mulher, chegando a afirmar que ficou doente de tanta emoção:

Nós casamos nesse dia no civil de manhã, dez horas (...) Casamos na igreja de noite. Foi uma festa viu, deu muita gente. (...) E lá em casa... Coisa foi lá em casa. Lá em casa foi uma festa tão grande, eu adoeci, **a emoção foi tão grande que eu adoeci...** (...) Muier, **foi uma festa de amanhecer o dia**. E estamos aqui pra honra e gloria do Senhor, o meu companheiro de ir pra igreja, de ajudar de dia e de noite. (...) Eu sei dizer minha fia que a festa rendeu, Deus multiplicou mesmo essa festa. Foi boa, foi boa.⁵⁹

É muito provável que nessa fala haja uma idealização das comemorações do casamento pela noiva, especialmente no que se refere à festa “de amanhecer o dia”. Talvez esse tenha sido o desejo de Dona Farailda. No entanto, de acordo com o Sr. Venerino, que se fez presente junto com a família, a festa tinha muitos convidados, foi bonita, mas “rápida”, tendo terminado por volta das 23 horas (a própria noiva me confirmou essa informação na última entrevista que realizei com ela):

Ah foi uma beleza. É um comes e bebes, Deus me livre! (...) Fui só na igreja. Aquilo é uma beleza. Igreja de crente, você sabe como é que é. Festa de crente, já sabe como é que é, né? A festa de crente é daquele jeito mesmo. É tirando foto, muita comida e coisa. Aí todo mundo vai embora né? É rapidinho... Teve a cerimônia, depois da cerimônia o pastor... na base de onze horas da noite acaba, vai todo mundo embora. (...) Não é como aquelas festa, como é na Igreja Católica que dali vai pro salão e o pau come até de manhã, não. A festa vamos dizer que seja uma festa religiosa, né? É festa de crente... (...) Se a igreja tava cheia? A igreja tava lotada.⁶⁰

Embora o Sr. Venerino lamente os limites da “festa de crente”, ele estava feliz em ver a irmã (sem dúvida a preferida) se casando. Como dito anteriormente, ele não vê nenhum problema no comportamento “casadoiro” de Dona Farailda. Narra de forma divertida como soube que sua irmã se casaria mais uma vez:

Rapaz, o finado Antônio morreu e passado uns dias, uns dois mês, três mês, uma coisa dessa assim, ela me ligou “Venero, eu vou casar”, eu digo: “ah, para com isso.” Eu digo: “de novo?”, ela: “de novo, ô meu fio, eu achei um véio aqui e esse véio tá me querendo e eu vou casar”. Eu digo: “tá bom”. Casou. (...) É por que é o seguinte: ela toda vida foi uma mulher que nunca gostou da casa dos outros. De morar na casa dos outros, então ela sempre teve a casinha dela pra morar. E sempre tinha que ter um companheiro ou uma companheira pra tá ao lado dela. Eu num

⁵⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010. Grifos meus.

⁶⁰ Entrevista com Venerino, realizada em 27.04.2013.

podia ir, a minha irmã Beata também não podia, que tava aqui, a filha tava pra lá, quem? Tinha que ter uma pessoa que, né?⁶¹

A entrevista com o irmão de Dona Farailda foi um dos momentos mais marcantes dessa pesquisa. Como já dito na introdução da tese, fui a São Paulo em busca dos parentes da minha personagem, sendo que sua irmã, citada na fala acima, recusou-se a me conceder uma entrevista. Em compensação fui presenteada com uma conversa apaixonada, na qual o entrevistado demonstrou um enorme prazer em falar da irmã, vista “como uma mãe” para ele. A imagem principal que constrói sobre esta é de uma mulher extremamente feliz. Quando lhe pergunto se ela estava feliz no dia do casamento, afirma emocionado: “Ave Maria! Ainda pergunta se ela tava feliz? Aquilo nunca fica triste. Ali é difícil, é difícil. Olhe, eu nunca vi na minha vida ela triste. Eu nunca vi, nem na morte dos maridos, eu nunca vi ela triste”.⁶² A “mulher feliz” comunga da ideia do compositor brasileiro Tom Jobim de que “é impossível ser feliz sozinho”.⁶³

Depois de Gidásio foi Antônio Teixeira, depois de Antônio Teixeira foi Severino e assim continua minha fia, hoje eu creio que ele é que vai me enterrar, mas tá na mão de Deus, né? Se ele chegar a faltar eu não quero mais outro, pra que pelo amor de Deus?⁶⁴

Aqui mais uma vez ela oculta o nome de dois ex-maridos, afirmando que não pretende se casar mais, se por acaso ficar viúva mais uma vez. Será? Tudo depende da “sorte” ou de “Deus”, como discutiremos a seguir.

2.5 “Quem me fez casar diversas vezes foi muita sorte”

O povo fala... Eu é porque eu... além da pessoa ter precisão do companheiro, a gente se sente sozinha, a gente se sente tão envergonhada de sair, sair e o povo do bairro ficar falando que tá saindo é porque ta caçando. Então eu prefiro me casar com aqueles viúvos, aquelas pessoas desocupadas [...] E eu gostava de casar... eu num queria amigar, né? Também nunca tomei nome de rapariga de ninguém. Todo mundo dizia: “era a mulher de fulano”, né bonito?⁶⁵

⁶¹ *Idem.*

⁶² *Idem.*

⁶³ Trecho retirado da música *Wave* (Vou te contar), composta por Tom Jobim e gravada por João Gilberto em 1977.

⁶⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.

⁶⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

Ao narrar sua experiência de diversos casamentos, Dona Farailda procura justificar sua “prática casadoira”, mostrando-se preocupada com a visão que as pessoas teriam dela. É muito provável que ela não se casasse apenas para ser “a mulher de fulano”, sendo mesmo possível que esse não fosse o principal motivo que a levou a ter diversas experiências matrimoniais; afirmou na entrevista que jamais gostou de ficar sozinha. Ela se tornou uma figura lendária em Serrolândia por ter-se casado mais vezes que o considerado “normal” para uma mulher: “(...) o povo, uns dizia: ‘oh mulher danada, oh mulher de fogo’. Mas num era fogo, era precisão, solidão, viver sozinha, como de fato eu tenho medo, eu tinha medo de viver sozinha, eu tinha medo de viver sozinha, minha fia”.⁶⁶

Nas entrevistas realizadas com Dona Farailda, o pavor de viver sozinha aparece com bastante frequência. Mas o que chama atenção em suas falas é a preocupação em justificar um comportamento considerado transgressor: o de uma mulher casar-se muitas vezes. Sua narrativa é recheada de justificativas religiosas, quando muitas vezes atribui a Deus, ou à sorte, o fato de ter-se casado tantas vezes, como no trecho abaixo:

Não, nunca liguei pra ninguém não, chegou a hora de casar eu me casava, eu... chegou a hora eu pedia: Jesus eu estou só, se Deus vê que eu mereço me dê um home meu, porque eu não quero vida a toa, isso eu cansei de conversar nas minhas orações, eu não quero vida a toa, e vinha Vânia, vinha home, era eu ficar sozinha vinha home me ver...⁶⁷

Em outra entrevista afirmou: “Quem me fez casar diversas vezes foi muita sorte”,⁶⁸ refletindo a noção de que ela não se coloca como uma mulher “sedutora” ou “poderosa”, embora seja vista assim por algumas pessoas da comunidade. A construção que faz de si parece estar pautada na ausência de ação própria, quando atribui à sorte ou a Deus o fato de casar-se mais que o considerado normal para uma mulher; assim, é interessante pensar que ela não quer ser responsabilizada por subverter a ordem. Isso é muito compreensível se pensarmos na sociedade conservadora em que ela vivia (e ainda vive); entretanto, em diversas entrevistas, é possível perceber que ela era uma mulher autônoma e independente, embora prefira se “travestir” de mulher submissa.

Outra reflexão possível nessa fala é que, ao mesmo tempo em que diz não se importar com o que os outros iriam falar, ela afirma não querer ter “vida à toa”, o que significa uma demonstração da importância dada à norma presente em seu discurso.

⁶⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

⁶⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

⁶⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

As histórias sobre ela parecem ter permanecido no imaginário de pessoas que viveram na cidade, a exemplo de Dona Marina, que foi vizinha de Dona Farailda, e de sua filha Suzana, que disse ter convivido com ela desde criança:

A história de Farailda é muito complicada. Farailda tinha uma freguesa, que tinha uma barraca na porta dela, dia de feira e o marido ficava ali junto com a mulher ajudando, que era seu Gildásio, quando pensa que não, seu Aristides (...) morre, (...) Quando foi com pouquinhos dias, com oito dias que Aristides morreu a mulher do home morreu, que tinha barraca na frente junto, na frente da casa dela, aí Farailda chegou, num sei se tinha um mês, disse: ah, seu Gildásio fulana morreu... esqueci o nome dela. É. Aristides morreu, nós agora todos dois tamos viúvo, tá bom de nós casar. Ela mesmo falou a ele. Aí casaram.⁶⁹

Era assim, todo mundo falava, ela era uma mulher falada, [...] e o interessante é que ela era muito exposta, se ela se interessasse por um homem, ela chorava. Era assim decidida. [...] E ela, tadinha um dia contou a mainha que foi falar em casamento com o avô de Nilsinho, ela disse que foi toda de preto, a bolsa preta, de sobrinha preta, vestido preto, óculos preto, sapato preto. Chegou lá e: “Benedito, boa tarde, vim aqui lhe falar um negocinho”... [...] Aí ele: “pois não Dona Farailda, a senhora por aqui é uma novidade”. “Novidade mesmo. É porque eu vim aqui porque o senhor é viúvo e eu também sou viúva e eu quero marcar um casamento com você”. Aí ele disse: “mas eu não estou querendo casar. Eu não estou procurando casamento”, na hora não mandou nem ela sentar não. “Tá bom, até logo, já que o senhor não quer”. Oh! foi atrás de outro.⁷⁰

Ao descrever o comportamento de Dona Farailda, as duas entrevistadas a apresentam como uma mulher completamente autônoma, que subvertia os modelos tradicionais em que as mulheres esperavam ser cortejadas e requeridas para o casamento. É muito provável que fosse considerada uma “mulher falada”, pois ela própria confirmou o incômodo que causava nas pessoas ao comportar-se de forma não convencional:

(...) teve gente que me ciomou, ainda foram levar fuxico a mulher do homem. (...) E foram contar pra Vanice, que disse que Vanice não tava sabendo de nada. Eu andava mais Givaldo, que eu era rapariga de Givaldo. Ai levaram lá na casa de Vanice, pensando que Vanice... Aí Vanice chegou na minha casa me contou: “Oh, eu tou sabendo da sua amizade com Givaldo”. Eu disse: “Vanice, não pense isso, eu não sou mulher pra isso, eu não sou mulher pra isso!” Vanice disse: “Eu disse a essa burra da fofoca que você não era mulher pra isso e porque se você tinha precisão, você casava. Quando você tinha precisão de homem, casava”. Eu digo: Muito bem, não me interessa homem de ninguém.⁷¹

É possível perceber nessa fala que o comportamento considerado “anormal”/ “transgressor” gerava comentários negativos em torno dessa personagem. É muito

⁶⁹ Entrevista com Dona Marina, realizada em 08.02.2011.

⁷⁰ Entrevista com Suzana, em 28.02.2006.

⁷¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

interessante perceber como ela constrói um discurso sempre vinculado ao casamento como forma de afirmação de uma “honestidade” feminina, pois a ideia de que “se ela precisasse de homem se casava” é tão presente em seu discurso que ela o atribui à outra.

2.6 “Quem morreu, morreu e eu tou aqui, ninguém morreu porque eu mandei, morreu foi porque Deus quis...”

O que me interessa aqui é problematizar a construção que Dona Farailda faz de si, pautada nos discursos normativos, tendo sido mais importante construir-se como uma “mulher honesta”, visto que era difícil a sobrevivência das “mulheres faladas” em seu espaço e tempo, especialmente nos anos 1970. É nessa década que fica viúva pela primeira vez e inicia as experiências de sucessivos casamentos, rompendo com a imagem da “viúva casta”, ainda presente no meio social da época.

Em sua narrativa, a imagem de mulher obediente é frequentemente reforçada, ao tempo em que deixa escapar sua desobediência, como no trecho abaixo em que narra sua experiência como parteira:

Oito criança eu peguei, hoje tá tudo aí. Veio curso de Jacobina pra eu tomar, de parteira, **e eu não fui, meu marido não deixou**, disse que não era besta pra ficar ele dormir na cama e eu ia sair pra pegar menino. (...) Eu peguei minha filha, peguei dois no caminho de Jacobina, só cheguei lá pra cortar o umbigo. Depois Deus me ajudou que eu aprendi. E aí eu levava as mulher. (...) cansei de sair dez horas, onze horas da noite, deixar minhas filhas dormindo, meu marido em casa, ia pegava o carro na porta e ia lá naquelas rua, panhava aquelas mulheres pa Jacobina.⁷²

É muito interessante a forma como constrói um discurso ambíguo. Relata a proibição do marido para fazer o curso de parteira, afirma ter-lhe obedecido, mas em seguida mostra que manteve a prática de fazer partos, ainda que esta contrariasse os interesses dele. Não sabemos ao certo se essa é a principal razão para a negação dessa prática em diversos trechos das entrevistas. Ela narra episódios em que “pegava” crianças, como o citado acima, mas quando lhe pergunto se era parteira, responde negativamente. Tal atitude parece ser mais um dos seus segredos.

⁷² *Idem*. Grifo meu.

Bom, aí minha filha, eu era assim, eu era muito conhecida. Quando (*refere-se às vizinhas*) tava de barriga cansei de ajudar, incomodar na roça ia pra minha casa, pra ir pro posto, pra ganhar neném, quando chegava no posto os médico dizia que não é hora não, pode voltar. E aí ficava na minha casa, **quando era madrugada paria e eu pegava o filho.** (...) **Eu não, eu não fui parteira não.** Eu era só ajudante. Só ajudava e curiava, e curiosa. Então eu dava aquele chá, as massagens e daí a pouco chegava a dor. Menino nascia, não precisava... Tirava, cortava o umbigo.⁷³

Alguns estudos⁷⁴ sugerem que muitas mulheres que faziam partos não se reconheciam como parteiras, visto que essa profissão era muitas vezes relacionada ao aborto, ao qual as mulheres não gostavam de ser associadas por ser uma prática proibida, além de totalmente condenável do ponto de vista religioso.

A tentativa de mostrar-se uma mulher obediente ao (s) marido (s), mas ao mesmo tempo a de demonstrar que agia da forma como desejava, não ocorre apenas nesse episódio e nos faz refletir acerca das possibilidades de “invenção do cotidiano”. Como uma mulher que afirma em seu discurso os deveres femininos dentro do casamento, é muito provável que ela não questionasse as ordens dos seus parceiros diretamente, convencendo-os da sua obediência, mas agindo de acordo com suas próprias convicções.

Nesse sentido penso que a afirmação de Certeau “o cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*”⁷⁵ nos ajuda a problematizar as possibilidades de reação e criação dos “fracos”. Sua pesquisa tem a intenção de questionar a passividade dos consumidores, mas, como ele próprio recomenda, pode ser estendida aos indivíduos ou grupos de forma geral. Ao afirmar que “as táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas”⁷⁶ o teórico me faz pensar como Dona Farailda, ao agir de forma ambígua com relação aos maridos, cria formas de enfrentamento “sutis” das hierarquias de gênero, “politizando as práticas cotidianas”.

As alternativas encontradas por Dona Farailda para “inventar o cotidiano” nos fazem refletir que, assim como ela, provavelmente outras mulheres nessa sociedade criaram formas de burlar a norma, apropriando-se das “falhas da conjuntura”, como afirma Certeau em sua abordagem sobre a tática:

Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que

⁷³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

⁷⁴ Ver PEDRO, Joana (Org.). *Práticas proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

⁷⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano... op. cit.*, p 38.

⁷⁶ *Idem, ibidem*, p. 44.

utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.⁷⁷

A tática como astúcia sugere um movimento sutil, muitas vezes imperceptível. Algumas atitudes de Dona Farailda pensadas como “tática” já foram abordadas ao longo do capítulo, a exemplo da sua tentativa de demonstrar não fazer as próprias escolhas, delegando a Deus ou à sorte o rumo da própria vida. Também é significativa a reflexão que faz ao falar sobre o fato de ter ficado viúva três vezes: “quem morreu, morreu e eu tou aqui, ninguém morreu porque eu mandei, morreu foi porque Deus quis...”,⁷⁸ na qual mais uma vez atribui a Deus os acontecimentos da vida.

Não podemos perder de vista que, embora Dona Farailda subvertesse normas de conduta estabelecidas para mulheres na sociedade em que vivia, como afirmado acima, ela provavelmente não era a única. Quando realizei a pesquisa do mestrado encontrei outras mulheres que, como ela, eram consideradas “à frente do seu tempo”. Considero problemático esse jargão, muito presente em discursos que se referem a mulheres tidas como “revolucionárias”, na medida em que temos que considerar que elas foram produzidas (ou se produziram) no tempo em que viveram, ainda que suas práticas estivessem na contramão das ações da maioria.

É possível perceber nas construções de si de Dona Farailda mais uma tática: a negação de conflitos nas relações com as pessoas com as quais convive. Em suas narrativas acerca das relações afetivas, como visto anteriormente, ela constrói uma imagem idealizada dessas relações. No processo de idealização, ela reforça a ideia de que não havia hierarquias de gênero na convivência com os maridos, negando qualquer poder exercido sobre eles:

(...) é tudo combinado, não é Severo? **Não é Deus?** Quando eu vejo uma muier, uns marido dar grito, chama de doida, bota apelido, fecha a cara, não minha fia, meu negócio é Deus, to lhe dizeno minha fia, é Deus na minha vida, porque o que eu peço a Deus, mas eu peço com toda convicção que eu arcanço.⁷⁹

Além de pedir ao atual marido para confirmar que “é tudo combinado”, ela também pede a confirmação de Deus, o que sugere que para ela é muito importante provar essa “igualdade”. Uma vez lhe fiz uma provocação com a seguinte questão: “seus maridos sempre eram mais calados que a senhora?”, ao passo que reagiu imediatamente com a frase: “tudo foi

⁷⁷ *Idem, ibidem.*

⁷⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

⁷⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010. Grifo meu.

de acordo, Vânia”.⁸⁰ Assim, afirma que foi muito feliz em todos os casamentos e que todos os maridos eram “bons” para ela; ao mesmo tempo “deixa escapar” os conflitos que permeavam essas relações, apresentando inclusive a sua reação em algumas situações difíceis.

(...) aí casemos e graças a Deus ficamos vinte e oito ano em paz, graças a Deus, sabe o que é em paz? Eu não esperava por ele me dar uma roupa, eu sempre trabalhava, eu sempre ajudava, era uma coisa séria, graças a Deus, todo mundo aqui na rua via meu viver mais Dário e todo mundo dizia, mas vocês levam uma vida excelente.⁸¹

Essa fala se refere a seu casamento mais duradouro, com o primeiro marido. É interessante notar a importância dada à opinião dos vizinhos a respeito da sua relação, pois é evidente o modo como ela gosta de ser admirada pelo “bom” casamento. Também é relevante a afirmação da sua independência financeira, que ela sugere ser essencial para a qualidade da relação com o marido.

No entanto, apesar de afirmar inúmeras vezes que suas relações eram tranquilas e que não havia conflitos, em algumas entrevistas narrou os problemas e as dificuldades presentes no cotidiano com os maridos. Chama a atenção a forma como descreve a sua reação ao descobrir que o primeiro marido possuía uma amante.

Peguei uma peixeira que tinha na cozinha, desse tamanho assim, fui e peguei a peixeira. **É o diabo, é o diabo que bota aquela raiva na gente.** Aí eu fui bater lá no fundo da casa da sujeita. Ah sim... nesse dia ele terminou de tomar café, uma sete e meia da noite. Eu cheguei aqui na janela, fiquei aqui, ele chegou ficou assim, disse: Eu vou aqui mulher... Quem não conhece a treita? Eu vou aqui mulher na farmácia, e saiu (...) Não deu dois minutos uma coisa bateu no meu coração assim, aí eu peguei a peixeira e saí no portão, **peguei o chapéu dele,** que ele tinha chegado e botado no cabide assim na sala. Peguei o chapéu botei na cabeça e saí com a peixeira na mão. Digo: é hoje que eu vou pegar! O diabo que ajuda a crescer aquela coisa ruim. (...) Quando ele ia chegando no portão da sujeita, eu fiquei de pé, digo: oh fio, a farmácia é aqui? Ele quis me empatar de eu falar. Mas eu tava com a faca. Ela tava dentro da casa fumando um cigarro. (...) eu digo: não entra não, que eu toucom a faca aqui, **eu te boto os fato no chão!**⁸² (...) Eu peguei uma pedra desse tamanho assim, toquei na porta da bicha assim, e gritei: sai pra fora sujeita! (*risos*) Sai pra fora sujeita. Naquele tempo eu era doida. Ela se trancou, pôs um pauzão assim e trancou a porta.⁸³

A narrativa da reação violenta que Dona Farailda teve nesse episódio reflete um comportamento considerado condenável para uma “mulher de família”. Ela conta que o marido ficou revoltado com sua reação, visto que ele não aceitava o fato de ela querer ser

⁸⁰ *Idem.*

⁸¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

⁸² Na região pesquisada, “os fatos” a que Dona Farailda se refere dizem respeito às vísceras do corpo humano.

⁸³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006. Grifos meus.

“diferente das outras mulheres” que aceitavam e naturalizavam a infidelidade dos maridos: “Aí chegou se pôs em pé assim e disse: você foi curiar pra ver, num foi? Você viu? Todo homem tem mulheres e as mulheres num faz nada disso. Você que é a bonita!”⁸⁴ Para ela, esse comportamento masculino é inaceitável, sendo a fidelidade uma das condições apresentadas ao atual marido para que o casamento fosse realizado, como discutido anteriormente.

Algumas reflexões podem ser feitas a partir da fala apresentada acima. Primeiramente, além de Deus, o diabo também parece ser responsável pelas reações de Dona Farailda. A alusão ao poder do “inimigo” é frequentemente utilizada em narrativas nas quais os agentes praticaram algum tipo de violência. É uma forma de se eximir da responsabilidade de ações condenadas socialmente. No caso em questão, Dona Farailda não estava desviando tanto do papel de “esposa traída”. De forma geral, em sociedades marcadas por fortes hierarquias de gênero, como é o caso de Serrolândia, é muito comum que as esposas reajam violentamente contra as amantes do marido, uma vez que este é visto como um bem adquirido. Raramente as mesmas atingem o cônjuge, considerado muitas vezes como vítima da astúcia das “mulheres perigosas”, “destruidoras de lares”.

Outro ponto que chama a atenção na narrativa é a apropriação de um símbolo tido como masculino para realização de uma ação violenta: o chapéu. O uso deste teria sido uma estratégia de Dona Farailda para não ser reconhecida ou uma apropriação simbólica de um lugar masculinizado?

Embora tenha reagido de forma violenta contra outra mulher, Dona Farailda não naturalizou a atitude do marido, afastando-se dele, sendo necessária a intervenção do pai e de um dos irmãos (os homens da sua família) para a reconciliação do casal:

Aí ele, eu mandei chamar meu pai na roça no outro dia, meu pai veio nós conversamos, fizemos uma reunião, com João meu irmão, Eu digo: ói, eu... não foi mardade, o negócio foi visto e eu não quero mais ele na minha cama , a partir de hoje eu faço tudo pra você, só que você não tem mais muiet, vá cuida dela, você não escolheu? Então eu fecho a porta do meu quarto e você dorme lá fora. Aquela ignorância danada, bom ele ficou caladinho, mas não suportou, chorou que nem um doído, me pediu perdão na presença de meu pai, meu pai disse: ó minha fia, foi a primeira vez que ele fez, perdoe, é seu marido. Me deu aqueles conseio de pai. Bom, fiquemos uns quinze dias sem olhar pra cara de um do outro.⁸⁵

É possível que a solicitação da presença dos homens da família por parte de Dona Farailda tenha sido uma forma de ela se fortalecer diante da decisão de romper laços sexuais com o esposo, embora tenha decidido continuar vivendo com este sob o mesmo teto. É

⁸⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

⁸⁵ *Idem*.

provável que o marido tenha mesmo chorado diante do pai e do seu irmão, pois já devia estar acostumado com as decisões da mulher. Ela me contou que tiveram que mudar de cidade, pois: “Ele se envergonhou do escândalo que eu fiz, sabe? Porque foi um escândalo muito feio. (...) eu fui preparada pra matar...”⁸⁶ Essa é Dona Farailda: complexa, plural e paradoxal... uma mulher que não aceita nada “pela metade”:

Eu fico suntuando minha fia, como é que tem muier que fica brigando mais marido. Eu nunca briguei mais marido. E brigo se eu ver ele amando outra. Meu calo só é esse. Eu não gosto de nada de meia. Eu só faço briga se eu ver isso aí. Entendeu? Quando foi pra eu me casar com esse eu contei tudo, tudo quanto eu passei, passava. Eu contei tudo a ele. Disse: “olhe, eu sou dessa natureza. Eu sou muito boa, vorto a ser muito ruim. Se for pra modo de você casar comigo, que eu sou mais velha de que você e você mais tarde me botar uma ponta, pelo amor de Deus não venha não.” Eu não aceito não. Graças a Deus até hoje eu não aceito porque é minha natureza.⁸⁷

2.7 “Minha luta foi criar gente...”

A citação que dá início a esse capítulo “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente”⁸⁸ me interessa para tentar compreender as diversas faces de Dona Farailda, buscando problematizar suas possíveis “contradições” como possibilidades do humano. Assim como Scott positiva o paradoxo na análise sobre o feminismo, espero compreender suas atitudes, pensando-a como paradoxal.

Nesse sentido, sugiro que ela, como todo ser humano, apresenta várias facetas, por vezes contraditórias, o que em muitas ocasiões propiciava uma visão negativa de seu comportamento: ora era acusada de enganar “o povo” por realizar os “casamentos de contrato”, ora era considerada “bondosa”, por ajudar as pessoas a não serem discriminadas por estarem na condição de “amigada”. Aprofundarei a análise acerca das representações dessa prática no quarto capítulo.

Assim como a trajetória de Dona Farailda, as representações que povoam o imaginário sobre ela são complexas. Ao mesmo tempo em que as pessoas condenam seu comportamento, vendo-a como uma “mulher falada”, é muito presente a ideia de que ela era uma “mulher boa”. A oscilação entre o positivo e o negativo é marcante nas narrativas e me interessa problematizar tais representações.

⁸⁶ *Idem.*

⁸⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 27.12.2013.

⁸⁸ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano... op. cit.*, p 37.

Adjetivos como “generosa” “bondosa”, “popular”, entre outros, aparecem nos discursos sobre sua atuação e a relação com a cidade, a exemplo da entrevista com Célia Santos e Severino Costa, casal que teve seu “casamento de contrato” realizado por ela. De acordo com ele: “Ela era popular onde ela vive, né? Fala com todo mundo... (...) Ela é muito gente boa. (...) Bem conhecida, bem popular demais, né? (...) Até hoje todo mundo gosta dela, né?”⁸⁹

A referência de Dona Farailda como uma mulher generosa, além de ser muito recorrente nas falas dos entrevistados, aparece no seu próprio discurso. Sua filha (e ela própria) confirma que ao longo da vida ela teria “criado” algumas crianças e adolescentes órfãos ou que tinham sido abandonados pelos pais. Também acolheu em casa o sogro, pai do primeiro marido, que parece ter vivido com o casal até a morte, o que ocorreu dez anos depois. Além disso, na época em que morava em São Paulo, recebeu em casa, para morar com ela, o filho do primeiro marido com “outra mulher” que, segundo ela, “não tinha culpa” dos atos do pai:

Aí eu posso dizer que acabei de criar, arrumei emprego pra ele... (...) Quando vai ver morou dez anos mais eu. Quando tá assim com dois mês lá a mãe me telefonou, (...) aí eu fui atender era a mãe do menino. Aí eu: alô, alô, quem é? É Celi, Farailda, cadê meu fio, tá bom? Ah Farailda me perdoe. Eu digo: não, você está perdoada, peça perdão a Deus porque por mim você está perdoada. Olhe Celi, não pense pelo seu filho, você pariu ele foi com dor ou foi com amor? Ah! Como muita dor. E eu digo: E eu recebi ele com muito amor, porque eu sei verdadeiramente que é filho de Daro e você, se você tivesse me falado, eu tivesse sabido disso quando você tava grávida você tinha parido antes da hora, porque eu não agüentava... mas você criou ele, ele morreu, deixou ele com dois mês no seus braços, você criou ele, guardou o segredo, me zelou.⁹⁰

É interessante a forma como Dona Farailda se refere à ex-amante do marido, valorizando o fato desta lhe ter escondido uma “verdade dolorosa”. Apesar de condenar completamente qualquer forma de relação extraconjugal, diz ter perdoado a mãe do filho do marido, considerando a sua atitude de preservá-la. Aqui aparece uma mulher bem mais dócil e amável que a da narrativa acima, que reagiu de forma violenta ao descobrir a outra amante do marido quando ainda era jovem.

A construção de si como uma “mulher boa” também é feita a partir de referências de outras falas, mostrando o quanto era admirada por práticas generosas, pela capacidade de perdoar e não discriminar. Em uma entrevista diz que sua casa era frequentada por

⁸⁹ Entrevista com Célia e Severino, em 28.05.2010.

⁹⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

“raparigas”⁹¹ e que apesar de condenar os romances extraconjugais, não discriminava essas mulheres.

E aquelas outras raparigas dali de dentro, elas dizia assim (pras amigas né?): um homem como seu Dário, eu não posso nunca dizer que... fazer um mal, aquele homem tem uma mulher de fibra! Aquela mulher não mede distância pra fazer visita a um doente, pra cuidar da gente, ela estende as mãos, e ela não merece, não merece que bula no bolso dele, não! Tá vendo? Agora se eu fosse uma mulher miserável, que desfizesse delas, acho que ele tinha bem uns dez filhos por aí....⁹²

Na sua avaliação, o fato de ela “não desfazer” das “mulheres perigosas”, que se relacionavam sexualmente com os homens casados, lhe rendeu admiração e respeito da maioria delas, garantindo que seu marido tivesse somente um filho fora do casamento. Ou seja, na sua visão poderia ter sido pior. Se pensarmos que ela também era uma “mulher falada”, é provável que ela se sentisse identificada com as “raparigas”, no entanto, isso não aparece em seu discurso, visto que se refere a essas mulheres como “as outras”, reafirmando a condenação de suas práticas, elemento importante na sua construção como “mulher honesta”.

Suponho que o componente da generosidade, recorrente nas representações sobre Dona Farailda, e na “construção de si”, pode ter contribuído para sua sobrevivência; também, de certa forma, para a aceitação do seu comportamento, visto que, além de se casar diversas vezes, como dito anteriormente, ela era acusada de ter uma relação extraconjugal na cidade, procedimento aceito e naturalizado apenas para os homens em seu meio social. Apesar dos comentários, ela nega, utilizando-se do discurso religioso do matrimônio:

Nunca, nunca eu neguei o matrimônio, como se chama matrimônio, que você sabe a palavra matrimônio o que é. Um dia o povo ignorou a palavra matrimônio. Eu digo: gente vocês não é católico? Porque catolicismo, quando a gente se confessa, o padre explica o que é o matrimônio, **matrimônio é um casamento sincero, porque nem o marido pode trair a mulher, nem a mulher pode trair o marido.**⁹³

As falas de Dona Farailda são muito marcadas por uma visão religiosa do mundo pois, como vimos anteriormente, ela atribui a Deus a maioria dos acontecimentos da vida. É possível que esta seja uma tática de sobrevivência naquela sociedade conservadora na qual as pessoas se incomodavam com seu comportamento, a exemplo de Dona Marina:

⁹¹ Termo utilizado para se referir a mulheres que se relacionam sexualmente com homens casados.

⁹² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁹³ *Idem.*

Farailda já casou bem umas seis vez, eu num sei onde ela acha tanto casamento. (...) É... homem pra Farailda é fácil demais, eu nunca vi uma coisa dessa porque eu... Eu num sei onde ela acha tanto home, que tem moça que... a Vanda coitada luta pra arranjar uma pessoa que preste pra casar num acha e Farailda acha demais.⁹⁴

Apesar da crítica à “facilidade” que Dona Farailda tinha em “achar casamento”, Dona Marina é uma das pessoas que reconhece sua generosidade, afirmando ficar impressionada com sua capacidade de cuidar e com o desprendimento sem limite:

(...) Ela não tinha receio, podia ser quem for, podia ser ferido, podia tá de qualquer jeito, podia tá fedendo, ela fazia a limpeza com o maior cuidado da vida, num tinha nada disso, era muito caridosa, gostava tanto de ajudar o povo, fazer casamento, ajeitar quem era largado, quando via um home viúvo ou largado corria a ajeitar. Ela gostava muito dessas coisas. Ah pra essas coisas... (...) Foi aceita, porque ela não media distância pra cortar uma mortalha de um defunto, gente adoecia não tinha quem tomasse conta, ela tomava conta, então o povo não tinha... ela tinha seus defeitos, mas também tinha suas qualidades, eu mesmo gosto muito dela.⁹⁵

A visão de Dona Marina não é isolada. Na maioria das entrevistas com pessoas da comunidade, a ideia de que Dona Farailda tinha uma generosidade admirável aparece com uma frequência impressionante. O acolhimento de pessoas em casa, a “criação” de crianças e adolescentes, o cuidado com doentes e a visita a eles, a prática de partear, além da distribuição de comida para os pobres no período da quaresma, são algumas das práticas citadas por ela e pelos entrevistados. Dependendo do ponto de vista, os “casamentos de contrato” também podem ser considerados mais uma forma de generosidade. Esta qualidade também está presente nos discursos de pessoas da família, a exemplo do irmão Venerino e do sobrinho Tiago, nessa ordem:

Toda vida foi e não só com os irmão, como com os estranhos. Ela criou muitas moça lá. Muitas moça casaram lá na casa dela. (...) Porque ela não regulava não. Era duas, três... “mas minha filha pra que você quer?”, papai chegava lá: “minha filha, não faça isso não, pra que você quer esse monte de gente dentro de casa?”, “ah pai a coitadinha tava a toa, jogada, eu trouxe pra casa e tá aí”. Daí a pouco as muier arrumava um marido e ia embora com marido e pronto. (...) Ela é daquele tipo que morre uma vizinha lá, ela quer chegar e quer dar banho, veste a mortalha e quer pôr no caixão. Vixe, já fez isso muito tempo. Agora não sei, que ela não aguenta mais.⁹⁶

Eu creio, assim, ela é uma mulher que é da sociedade. Ela gosta muito de ajudar os outros, então sempre que a gente ia lá na casa dela, sempre tinha uma pessoa diferente na casa dela. Morando com ela, eu achava bem estranho assim, que sempre a pessoa vinha do norte e não dava muito certo aqui em São Paulo, ela colocava dentro da casa dela e fazia a pessoa trabalhar. É uma pessoa hospedeira, né?⁹⁷

⁹⁴ Entrevista com Dona Marina, realizada em 08.02.2011.

⁹⁵ *Idem.*

⁹⁶ Entrevista com Venerino, realizada em 27.04.2013.

⁹⁷ Entrevista com Tiago, realizada em 27.04.2013.

Em geral as pessoas se mostram surpresas com a capacidade de doação da nossa personagem. Para Tiago, jovem de 25 anos, pertencente a uma geração bem mais individualista que a da tia, é estranho o fato dela acolher pessoas desconhecidas em casa, migrantes que vinham tentar a sorte na metrópole. Ao mesmo tempo, o adjetivo de “mulher da sociedade” sugere certa admiração das práticas caridosas dela. Mas pelo visto o estranhamento também vinha dos mais velhos, no caso, o pai de Dona Farailda que, de acordo com Sr. Venerino, considerava excessiva a quantidade de pessoas ajudadas pela filha.

Algumas narrativas, que se aproximam da fala de Dona Marina, destacam o desprendimento de Dona Farailda para cuidar de doentes e mendigos; elas enfatizam sua falta de pudor para limpeza de feridas e dedicação absoluta aos que necessitavam de auxílio. Chega a ser comparada com Irmã Dulce⁹⁸ pelo Senhor Luiz, um dos homens que se casou no “casamento de contrato”:

É. ela fazia coisa que até admiro. (...) As coisa com gente pobre, carente, botava na casa dela, dava banho naquele povo, tinha uma Sônia mesmo aí, chamava Sônia da Lama, ela num ligava pra essas coisa não, mulher de muita garra. (...) Ela sempre tem essa parte. É como eu disse um dia a ela, a senhora parece que tá como a Irmã Dulce, nasceu pra essas coisa. Ela disse: nada meu irmão, tou aguentando mais não, não, que a véia agora já tá com oitenta e tantos ano.⁹⁹

A ideia de que ela não media esforços para ajudar os necessitados aproxima-a da imagem de uma “santa”. É interessante problematizar essa imagem, levando em conta que ela também é associada a uma mulher “mal comportada”.

A dicotomia entre a mulher santa *versus* tentadora (“mal comportada”) é uma construção histórica ligada à constituição de modelos idealizados para as mulheres, nos quais aquelas que não se enquadram na norma são associadas às “putas”,¹⁰⁰ não no sentido da prostituição, mas pela associação destas com mulheres “desonestas”; assim, na sociedade ocidental, os principais referenciais simbólicos dessa oposição são as figuras de Eva e Maria.¹⁰¹ Analisando os discursos sobre Dona Farailda, podemos perguntar-nos se ela encarnaria os dois modelos, rompendo com a dicotomia que insiste em classificar as mulheres, embora não com resultados satisfatórios, pois nenhuma se enquadra nessas idealizações.

⁹⁸ Irmã Dulce foi uma religiosa católica brasileira, que se notabilizou por suas obras de caridade e de assistência aos pobres e necessitados na Bahia.

⁹⁹ Entrevista com Sr. Luiz, em 14.11.2011.

¹⁰⁰ VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, op. cit. pp. 19-30.

¹⁰¹ DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 315.

De certa forma, a própria Dona Farailda reforça esse discurso, defendendo valores conservadores como a virgindade e o casamento monogâmico e desaprovando práticas sexuais fora desta instituição. Diz ter “criado” 14 meninos e meninas que nem sempre eram órfãos, pois, afirma que, em alguns casos, a mãe dizia que não podia cuidar e ela imediatamente se oferecia para assumir o papel de cuidadora. Não especificou a quantidade por sexo, mas quanto à “criação” de meninas, orgulha-se de nenhuma ter “se perdido”:¹⁰²

Agora eu criava aquelas meninas, dava remédio, dava vestido, era assim. Aí quando casava, aparecia o namoradinho e graças a Deus, Deus foi por mim, que nunca que perdeu uma. Teve uma que teve um filho, entrou pra dentro de minha casa, me ajudava e casou, era mãe solteira, casou. É assim... antes de eu ser crente, eu era muito católica, todo mês eu batizava uma criança, duas, antes de entrar pra igreja. É... oitenta e três afilhados, quando eu deixei de batizar, oitenta e três. Chegou um tempo que meu marido dizia assim: oh mulher, nós já podia ter um carro na porta, mas você da tudo pra esses seus afilhados. Dava presente, dava roupa. Fazia bolo. Minha luta foi criar gente ali, mas era um prazer que eu tinha...¹⁰³

Podemos supor que Dona Farailda tenha exagerado no número de afilhados informado, mas ainda assim é muito provável que ela tivesse uma quantidade considerável. O que interessa é pensar que, ao referir-se à quantia de afilhados que possuía ao deixar de ser católica, reforça a ideia de que era amada e admirada na cidade. Sua atuação como mulher “boa” e generosa, sem dúvida, lhe conferia um poder não tão comum em mulheres pertencentes às camadas populares.

Em geral, aqueles que chegavam a ter um número tão significativo de afilhados eram pessoas públicas, como políticos, que em sua maioria eram homens. A prática de “dar” os filhos para os políticos batizarem era muito comum nas cidades do interior e está geralmente ligada à ideia de proteção dos pobres por aqueles que têm poder político, daí decorrendo o termo “apadrinhamento”.

Apesar de ser uma mulher pertencente às camadas populares, ao longo da vida Dona Farailda parece ter-se relacionado bem com pessoas consideradas importantes do ponto de vista político e econômico da cidade. Ela afirma que os “casamentos de contrato” que realizava só foram possíveis graças a essas relações; também relata a distribuição de alimentos para os mais pobres no período da quaresma,¹⁰⁴ junto com a primeira dama da época e com outras senhoras ilustres.

¹⁰² Discuti em minha pesquisa de mestrado as consequências da perda da virgindade para uma “moça de família”, bem como as mudanças em torno das representações desta em Serrolândia, entre 1960-1990. Ver VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, *op. cit.* pp. 30-70.

¹⁰³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

¹⁰⁴ A quaresma tem início na quarta-feira de cinzas e termina na Sexta-feira Santa.

A participação em ações geralmente realizadas por mulheres de camadas mais abastadas e a ênfase dada ao número de afilhados parece estar relacionada com a sua construção como mulher pública. Se pensarmos na forma como ela se constrói, podemos perceber que, em geral, embora sua vida privada interesse à comunidade, ela prefere projetar-se como uma mulher do espaço público.

É importante refletir também sobre a interferência que Dona Farailda afirma ter sobre a vida das pessoas que cuidava. Como parte da sua “militância” em favor do casamento, ela faz questão de informar que as “meninas” que “criou” só saíram da sua casa após se casarem, incluindo a que já era mãe solteira. A intervenção na vida e nos valores dos “necessitados” foi muitas vezes associada às pessoas que exercem a filantropia. Essa visão tem sido criticada por uma historiografia que problematiza a relação entre mulheres e filantropia que apresentarei a seguir.

A filantropia vem sendo discutida a partir de uma nova perspectiva, rompendo com a visão tradicional que a associa exclusivamente com o assistencialismo e com o favorecimento do poder masculino. Maria Lucia Mott propõe uma releitura na análise da filantropia lembrando a pouca atenção que esse tema tem recebido da historiografia, sendo considerado como algo menor. Para a autora é necessário rever a ideia de que essa prática se reduzia a uma forma de combate ao ócio das mulheres de elite, ou a uma forma de estas darem projeção à carreira de seus pais ou de seus maridos. Considera ainda que repensar o papel das entidades filantrópicas na elaboração de políticas públicas pode ajudar a compreender o potencial transformador dessa prática, especialmente para a vida das mulheres.¹⁰⁵

Michelle Perrot, analisando a Europa do século XIX, percebe a filantropia como uma possibilidade de as mulheres ocuparem o espaço público,¹⁰⁶ julgando esse elemento importante para a conquista da independência feminina. Ela considera que essa prática foi uma forma de poder feminino, se considerarmos o papel que teve na saída das mulheres do espaço privado, tendo contribuído para o desenvolvimento destas na apropriação de conhecimentos tidos como masculinos, como a administração financeira, gestão e comunicação. Para a autora, o fato de as mulheres utilizarem esse espaço para se relacionar, debater questões e ampliar seu olhar sobre o mundo pode ter contribuído para o desenvolvimento do que ela chama de “consciência de gênero”.

¹⁰⁵ MOTT, Maria Lucia. "Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945)" In *Cadernos Pagu* volume 0, número 16, pp. 199-234.

¹⁰⁶ PERROT, Michelle. "Sair" In DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Século XIX. Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1991, pp 503-539.

O potencial transformador da filantropia para as mulheres também foi discutido por Martha de Luna Freire, ao tratar da relação entre mulheres e médicos no Brasil, nas primeiras décadas do século passado. Lembrando que a filantropia é “herdeira da caridade”, que tem um caráter religioso, Freire argumenta que, com sua laicização, tal prática foi muito importante como espaço de sociabilidade entre as mulheres das camadas abastadas, possibilitando-lhes atuarem em lugares antes ocupados apenas por homens. Afirma que o próprio movimento feminista havia incorporado as ações da filantropia como “mais uma oportunidade de as mulheres participarem da vida pública”.¹⁰⁷

Tida como uma atividade exclusivamente feminina, embora fosse realizada também por homens, a filantropia foi utilizada pelas mulheres como lugar de poder; ao se apropriarem do discurso maternalista, que idealizava a mulher como mãe, elas acabaram revertendo aquilo considerado historicamente como opressão feminina para uma forma de atuação na esfera pública. A ação social como uma extensão da maternidade favoreceu a atuação das mulheres, que foram ganhando cada vez mais espaço na sociedade. No início do século XX, a filantropia está imbuída do ideal nacionalista e patriótico, para o qual as mulheres seriam essenciais na formação de uma nação saudável, higienizada e moralmente forte.

É importante lembrar que quando abordamos a importância da “saída” das mulheres do espaço da casa, estamos nos referindo às mulheres de camadas média e alta, visto que as mulheres pobres sempre ocuparam o espaço público, em função do seu trabalho. Alberto Heráclito Ferreira Filho, ao estudar as mulheres das camadas populares em Salvador nas primeiras décadas do século XX,¹⁰⁸ mostrou que muitas mulheres pobres e negras eram as principais responsáveis pelo sustento dos filhos. Portanto, a importância dada à filantropia e a outras atividades vistas como essenciais para as mudanças na condição das mulheres deve vir acompanhada de uma leitura de classe.

Apesar de as autoras citadas acima se referirem às mulheres de camadas mais abastadas, não deixa de ser interessante relacionar a filantropia realizada por elas com a “generosidade” atribuída a Dona Farailda, no sentido de pensá-la como elemento de resistência feminina, que aparentemente reforça representações tradicionais de gênero, mas que também pode transformar-se em poder.

¹⁰⁷ FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos. Discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, pp. 67-78.

¹⁰⁸ FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!* Mundos femininos, maternidade e pobreza em Salvador, 1890-1940. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 2003. Ver especialmente o capítulo 1.

De acordo com Elenita, a atuação da mãe não se limitava apenas ao exercício da “caridade”, já que também fazia reivindicações junto aos poderes públicos para transformar a situação dos menos favorecidos:

(...) Muito dada, dada mesmo, mainha era dada ao extremo mesmo, os mendigos naquela época, ela ajudou a todos, ela cobrou do prefeito uma casa pra ela agasalhar uma família que sofria aqui em Serrolândia, ela conseguiu ajudar, então mainha é assim, dada demais, demais mesmo, e isso inquietava a gente, porque a gente tinha medo dela ser mal... de interpretarem mal essa situação, como de fato algumas pessoas falavam muito dela... (...) Uma parte da sociedade via Dona Farailda como uma pessoa que ajudava, uma pessoa caridosa, uma pessoa que... **Acho que alguns defeitos dela eram cobertos por essas caridades que ela fazia**, mas por outro lado, (...) o desafio a que eu me refiro é por ela ser liberal pra aquela época e isso chocava, muitas pessoas até confundiam, acabavam até difamando, caluniando e tecendo comentários que não tinham pudor.¹⁰⁹

É interessante como Elenita demonstra uma preocupação com a forma como a mãe seria interpretada pela atuação generosa. Como discutido anteriormente, em vários trechos da entrevista, ela oscila entre a admiração e a dificuldade em lidar com o comportamento da mãe. Ao afirmar que “alguns defeitos dela eram cobertos por essas caridades que ela fazia”, a filha de Dona Farailda aborda a relação entre a generosidade e a discriminação sofrida pela nossa personagem, me levando à seguinte reflexão: a atuação de Dona Farailda como uma mulher generosa seria uma estratégia construída por ela para neutralizar sua imagem de “mulher falada”? Não creio nisso. Sua generosidade me parece algo espontâneo, que ela fazia (e ainda faz), independentemente da repercussão que essa prática poderia ter ou dos benefícios que poderiam lhe trazer. Mas o que me parece relevante analisar é como a construção da sua imagem como uma “mulher boa” acabou contribuindo para sua sobrevivência e aceitação naquela sociedade.

Para concluir o capítulo, gostaria de reafirmar que as formas encontradas por nossa personagem para sobreviver à discriminação sofrida por conta do comportamento transgressor foram sendo tecidas ao longo da vida, na experiência concreta do cotidiano. Não podemos pensar nas táticas como uma ação “maquiavélica”, elaborada minuciosamente para vencer a “guerra normativa”. Se pensarmos como o poeta Ferreira Gullar para o qual “a vida é uma invenção”, creio que Dona Farailda inventou formas muito próprias de viver na qual a felicidade – que também é uma invenção, pois é algo totalmente subjetivo - está no centro. Mas não apenas viveu em busca dessa felicidade, como elaborou concepções de mundo que justificam sua forma de existir. É o que tentarei buscar no próximo capítulo.

¹⁰⁹ Entrevista com Elenita, realizada em 28.05.2010. Grifo meu.

Capítulo 3

**“Nunca me apaixonei por homem nenhum.
Tenho amor, entendeu?”: concepções de mundo
da “casamenteira”**

“Eu sou uma pessoa que só Deus me entende”

“Eu nunca fui fácil”

“É um romance minha vida”

“Não vou casar porque os homens de hoje... é diferente”

“Matrimônio é um casamento sincero”

“O mundo hoje tá assim...”

“Nunca nenhum homem me conheceu antes de eu casar”

“Eu tinha temor a Deus e a meu pai”

“Aí botei o casamento pra frente”

“A emoção foi tão grande que eu adoeci”

“Homem é como dente de alho”

“Tudo é ordem de Deus”

“Minha vida é comprida, meus problemas são compridos,
só Deus me dá vida e sabedoria”

“Faz de conta que foi um vento que passou... como se fosse uma brincadeira”

“Botei uma lei nele”

“Quem morreu, morreu e eu tou aqui, ninguém morreu
porque eu mandei, morreu foi porque Deus quis...”

“Eu sou eu e ele é ele”

“Parece que eu era macho”

“Você tirou meus pés e meus dois braços, só que eu
fiquei com a cabeça... e eu sei que é com a cabeça que se anda”

“Assim como é fácil pra ‘ficar’ é fácil pra deixar”

“Eu fui preparada pra matar”

“Nunca aborreci o amor”

“Fui cheia de prazer”

“Eu já transei demais e nunca me enjoiei”

“Eu sou doida, meu fio, eu sou dou doida da cabeça, entendeu?”

“Quem me fez casar diversas vezes foi muita sorte”

“Um homem bom, pra morrer em meus braços ou eu nos braços dele, dando prazer...”

“E eu gostava de casar... eu num queria amigar, né?”

Nesse capítulo pretendo analisar as ideias e concepções de mundo de Dona Farailda, levando em conta que ao narrar sua trajetória ela faz emergir um conjunto de concepções sobre a vida, sobre o mundo e as pessoas, defendendo ideias acerca da felicidade, do casamento, do amor, da paixão, do sexo, entre outras. O tema da sexualidade deverá ser aprofundado aqui, visto que a personagem parece romper com padrões de gênero e de geração, tendo sido muito vezes acusada de apresentar um comportamento masculino. Nesse sentido, pretendo problematizar concepções de masculinidades e feminilidades presentes na sociedade de Serrolândia, a partir das práticas e ideias defendidas pela personagem central da tese. A tentativa é relacionar indivíduo e sociedade, procurando entrecruzar concepções, fugindo da armadilha de pensar sobre a personagem apenas como fruto do contexto.

A opção em iniciar o capítulo com frases retiradas das várias entrevistas realizadas com Dona Farailda é um convite ao leitor a encontrar-se com ela. A apresentação em forma de frases “soltas”, aparentemente sem conexão entre elas, é uma provocação para pensar-se sobre a vida como descontinuidade, como um campo de possibilidades no qual se podem criar subjetividades, inventando formas de “ser no mundo”. Nossa personagem “costurou” seu itinerário a seu modo, mas não apenas “viveu a vida”, como também teceu ideias, criando um mundo no qual os limites do contexto foram sendo taticamente rompidos, como em uma dança em que os passos já existem, mas os pares podem reinventar a forma de bailar.

Todos eu amei, quer dizer, todos eu amei, só que o amor só é até... é como diz: nunca fui apaixonada. Que Deus controlou minha vida de tal maneira que eu nunca me apaixonei por ninguém, chorava, sentia falta, mas... (...) Eu nunca me apaixonei por homem nenhum. Tenho amor, entendeu? Quando nós começa a se conhecer aí entra aquele amor no coração e dá casamento.¹

A citação escolhida para dar início à análise das ideias de Dona Farailda é muito reveladora das suas concepções acerca dos temas que me proponho discutir aqui. Ela foi retirada da sétima entrevista realizada com a “casamenteira” em sua casa e, como é possível perceber, Dona Farailda apresenta uma diferença entre os conceitos de amor e paixão, sugerindo nunca ter-se permitido experimentar a segunda. Em sua narrativa, quando aborda as diversas experiências matrimoniais vividas, ela deixa claro que nunca gostou de ficar sozinha e que uma vez viúva ou separada tratava logo de encontrar um “novo amor” e casar-se.

A diferença estabelecida entre amor e paixão parece estar pautada na ideia de que a paixão é irracional e deve ser “controlada”, enquanto o amor é algo a ser construído ao longo

¹ Entrevista com Dona Farailda, em 24.08.2012.

do tempo e deve ser concretizado através do casamento. No discurso de Dona Farailda aparece a necessidade de justificar sua racionalidade, nesse caso pela recusa em se apaixonar, através da presença e atuação de Deus em sua vida. Esse tipo de construção discursiva é bastante frequente nas entrevistas realizadas com ela, como discutido em capítulos anteriores. No processo de construção de si, ela normalmente se coloca como uma mulher que não toma decisões, nem é responsável pelas suas escolhas, preferindo atribuir a Deus, ou à sorte, o rumo da vida. A seguir apresento mais uma fala na qual ela expõe ideias acerca da paixão e do amor:

É porque tem pessoas que apaixonam por outro, tá vendo que o outro não quer e fica andando atrás e eu não. Nunca cheguei a adular ninguém. Vem, quando vem dá certo e quer me parecer que o amor é completo. Quer me parecer, porque eu tenho amor, mas também se o coração deslizar, eu penso assim, Jesus me sustente. Porque o coração do homem ninguém conhece, né não? Só Jesus. Então a gente tem que fazer por viver pra ver se o amor permanece, ver se o amor cresce, porque não é fácil uma pessoa gostar de outro, é marido, é mulher e voltar e se largar e o amor acabar. Eu acho que não é fácil. (...) Se não me quisesse eu também queria não.²

Nesse trecho a racionalidade de Dona Farailda se revela de forma mais contundente. Fica muito claro que não está disposta a “adular ninguém”, ou seja, interessam-lhe relações possíveis, parafraseando a banda Titãs: “só quer saber do que pode dar certo”.³ Aqui, ela rompe com a concepção romântica de “amor eterno”, propondo-se a construí-lo, mas indica a possibilidade desse sentimento acabar, levando à separação do casal. Essa ideia parece coerente com a forma em que viveu até o presente, tendo se separado três vezes e ficado viúva mais três; vemos que mais uma vez aparece em sua fala a alusão ao discurso religioso no qual conta com a “ajuda de Jesus” para superar possíveis término amorosos. Seu discurso é fortemente marcado por esse referencial, como no trecho seguinte:

Então fia, com a minha sorte, a minha sina eu tenho me dado muito bem. Porque minha sina e minha sorte é Deus por mim, Deus tem me livrado de tanta coisa e eu digo pra você, digo pras minhas amigas: eu nunca pude me acostumar até aqui, eu tenho encontrado a felicidade porque não pude ficar só e achei quem me acolhesse e quem morreu, morreu e eu tou aqui, ninguém morreu porque eu mandei, morreu foi porque Deus quis, Deus é tão bom que levou tudo (*refere-se à morte dos maridos*) assim ligeiro, tudo ligeiro.⁴

Considero essa fala de Dona Farailda muito interessante para discutir seu processo de construção de si. Ao afirmar ser uma pessoa feliz faz questões de apresentar essa felicidade

² *Idem*.

³ Trecho retirado da música *Go Back*, composta por Sérgio Britto e gravada pela banda Titãs em 1988.

⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

(que está diretamente ligada a não estar sozinha) como fruto dos desígnios de Deus, algo ligado a sua “sorte” ou “sina”. Seria Dona Farailda uma escolhida de Deus ou uma mulher que fez escolhas que possibilitaram sua felicidade? Aqui mais uma vez ela se exime da responsabilidade sobre o rumo da vida. Quanto mais ouço as entrevistas realizadas com ela fica clara para mim a necessidade em justificar suas práticas.

Para compreender essa construção é preciso atentar para a sociedade em que ela vivia (e ainda vive), na qual, em geral, mulheres não se casavam com tamanha frequência, tampouco escolhiam seus parceiros com a sua desenvoltura. Portanto, creio ser totalmente compreensível essa construção de si como “escolhida de Deus”.

Essa discussão nos leva a refletir sobre os limites e possibilidades do indivíduo em seu contexto. Ao analisar “a vida e os tempos” de Valtèro Peppoloni,⁵ um operário e militante comunista italiano, Alessandro Portelli aborda questões que me interessam para compreender a trajetória de Dona Farailda. Discute a relação entre indivíduo e contexto, fundamental para se pensar a construção de biografias. Para ele as histórias de vida se relacionam com padrões mais amplos e compartilhados da cultura; elas são representativas e únicas ao mesmo tempo. Penso que a narrativa do indivíduo se dá dentro de um contexto e sem dúvida é marcado por ele. De acordo com Jordi Roca i Girona a própria forma de narrar é baseada em referenciais presentes no espaço vivido,⁶ no entanto, esse sujeito que narra é também singular e tem uma visão própria do mundo, ainda que marcada pelos referenciais da sua cultura.

Embora Portelli identifique nas histórias de Peppoloni traços de padrões compartilhados pela sociedade em que este vive, ao ponto de afirmar que sua história pode ser tomada como representativa da cultura a que pertence, ele não perde de vista o que lhe é singular, individual. Segundo o autor “traços culturais ‘coletivos’ adquirem, para ele, um significado intensamente pessoal (...) a dimensão da ‘coletividade’ é absolutamente singular”.⁷

No caso de Dona Farailda creio que alguns valores fundamentais para a sociedade em que vive, a exemplo da importância dada ao casamento, são compartilhados por ela. Está presente em sua narrativa a defesa dessa instituição como essencial para o ser humano; assim,

⁵ PORTELLI, Alessandro. “The Best garbage man in town: life and times of Valtèro Peppoloni, worker”. In: *The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history*. Albany: State University of New York Press: 117-137, 1991.

⁶ GIRONA, Jordi Roca e FLORES, Lidia Martinez. “Relatar la vida, delatar la identidad”. *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, 36. 2006, pp. 89-112.

⁷ PORTELLI, Alessandro. “The Best garbage man in town...” *op. cit.* p. 137.

o casamento para ela não era apenas um projeto individual, mas uma espécie de “projeto social”, tanto que realizava os “casamentos de contrato”.

No entanto, a forma como ela vive a experiência, casando-se várias vezes e/ou oferecendo à comunidade um ritual de casamento que não possuía validade jurídica, nos faz pensar que, apesar de compartilhar da importância daquela instituição, ela a vivencia de forma completamente singular, reelaborando representações sobre o casamento e criando uma forma própria de vivência da sexualidade.

3.1 “Um homem bom, pra morrer em meus braços ou eu nos braços dele, dando prazer...”

Para Dona Farailda é inconcebível que uma pessoa opte por não se casar. Mesmo tendo parado com a prática dos “casamentos de contrato” desde o final dos anos 1980, ainda é procurada atualmente pelos seus “dotes casamenteiros”, sendo muito famosa em Serrolândia por encontrar parceiros para pessoas viúvas ou separadas. Em um dos nossos encontros deixou claro para mim que considera inaceitável que eu (uma mulher com 37 anos⁸) ainda não tenha me casado, e não perde oportunidade para me aconselhar sobre o tema:

Case minha fia, peça sorte a Deus e case. Que é tão bonito sua mãe mais seu pai, é tão bonito ver... um casal unido é uma bênção, quando a gente quer ter essa felicidade, a gente pede a Deus: Jesus eu preciso de um home, mas me dê um home bom, pra morrer em meus braços ou eu nos braços dele, dando prazer. Né assim?⁹

O mais interessante da sua abordagem é a relação que estabelece entre casamento, felicidade, amor e sexo. Apesar de estar presente em seu discurso a defesa dessa instituição, já que considera inaceitável a união consensual, condenando casais “amigados”,¹⁰ ela não a defende apenas como uma obrigação moral. Quando me sugere “pedir a Jesus um homem”, faz questão de assegurar que seja “um homem bom” para minha “felicidade” e “prazer”. Ou seja, para ela não basta casar-se para cumprir um ritual social; o mais importante é casar-se para ser feliz. Essa ideia é bastante frequente em seus discursos nos quais justifica porque se casou tantas vezes:

⁸ Essa era minha idade na época em que foi realizada a entrevista.

⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011.

¹⁰ Termo usado (de forma pejorativa) para referir-se às pessoas que vivem em união consensual.

Graças a Deus, minha fia, **se eu vivesse ruim com marido eu nunca tinha casado, só tinha casado uma vez só.**¹¹

Foi experiência boa, todos me zelou (*refere-se aos maridos*), ninguém nunca me maltratou, nunca assim, nunca me maltratou, nós vivia sempre trabalhando igual. O que era meu era dele, o que era dele era meu, (...) nosso bolso era junto, num tive separação de dizer assim: ah, eu tenho, isso é meu e o seu é seu, não. Então foi uma vivência muito boa, eu acredito que Deus trabalhou na minha vida, como eu pedia e peço né, minha fia?¹²

Nunca tive um marido ciumento, fia. Nunca tive um marido pra dizer assim: você hoje tava conversando mais fulano? Não. Nunca, nunca e **quanto mais eu tinha esses marido bom mais a gente se entusiasma...**¹³

E aí minha fia graças a Deus fui muito feliz. Por que foi que eu me casei? Me casei, me casei, morreu, eu me casei. **Pra não dá o que falar aos outros e nem precisar dos outros.** Não. Graças a Deus.¹⁴

Embora já tenha tratado da idealização que Dona Farailda faz das relações afetivas no segundo capítulo, retomo aqui essa discussão para refletir sobre a concepção de felicidade da nossa personagem. Com exceção da última citação, na qual apresenta a necessidade de justificar-se para a comunidade não “dando o que falar aos outros”, os trechos citados revelam uma mulher em busca da felicidade pessoal através do casamento. Afirma que só se casou muitas vezes por ter sido “bem tratada”, fazendo questão de enfatizar que foi muito feliz em seus casamentos e que todos os maridos eram “bons” para ela. Seu conceito de amor está relacionado ao bom tratamento dos maridos: “Menina, o amor pra mim é tratar bem. Se a pessoa me trata bem, eu também trato bem”.¹⁵

É interessante refletir sobre a imagem de Dona Farailda como uma mulher feliz. Ela não aparece apenas em seu discurso, sendo reafirmada por outras pessoas entrevistadas, a exemplo da cunhada (esposa do Sr Venerino) Dona Terezinha: “Mas é que ela pensa que todo mundo vai casar pra viver que nem ela, viver bem que nem ela, mas hoje em dia não é assim”.¹⁶ Tenho a impressão que ela é vista como uma espécie de “exemplo de felicidade” para algumas pessoas que convivem com ela. O Sr Venerino, mostra-se um admirador da irmã pela forma como esta encara as dificuldades da vida:

Nunca vi ela chorando nos cantos, emburrada, não. De jeito nenhum! O marido morria, ela tava lá no pé, tratando dele e dando ordem pra fazer aquilo ali pra alguém que tava ao redor. Era assim. Ali não tem tempo ruim não. Ali é **fora de**

¹¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011.

¹² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011

¹³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 24.08.2012

¹⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010. Todos os grifos das citações são meus.

¹⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.05.2012.

¹⁶ Entrevista com Dona Terezinha, realizada em 27.04.2013.

série. (...) É uma pessoa que eu admiro muito. (...) Nunca vi (*refere-se a tristeza de Dona Farailda*). Se já teve essa data foi nos cantos, escondida, que na presença de todo mundo ela sempre foi firme.¹⁷

Como discutido em capítulos anteriores, em geral o discurso de Dona Farailda é harmônico e nega conflitos. A ela interessa construir uma imagem idealizada da vida, no entanto, por mais que faça essa tentativa, os conflitos aparecem em sua narrativa. Essas ambiguidades discursivas nos fazem refletir que todo indivíduo é complexo e contraditório, sendo um equívoco do historiador-biógrafo ir em busca da unidade, coerência e linearidade da vida do sujeito estudado.¹⁸

Além da associação entre casamento e felicidade, Dona Farailda também estabelece uma relação entre amor e sexo. Arrisco-me a dizer que o trecho citado anteriormente “um homem pra morrer em meus braços ou eu nos braços dele, dando prazer” tem um caráter erótico. Ela me surpreende pela capacidade de romper com o comportamento esperado para uma mulher da sua geração, pois o interessante não é que sinta prazer, mas o fato de declará-lo.

Ao pesquisar representações de gênero em Serrolândia recolhi relatos de mulheres (muitas das quais bem mais jovens que Dona Farailda) que consideravam o sexo como um sacrifício a ser feito apenas para cumprir o papel de esposa; estas tampouco relacionavam casamento com amor, mas sim com obrigação feminina, ligada à maternidade. Essas entrevistas estão permeadas de representações construídas historicamente acerca da sexualidade nas sociedades ocidentais, na qual a feminina deve ser reprimida, enquanto a masculina é incentivada.¹⁹

A própria Dona Farailda afirma já ter ouvido em Serrolândia a ideia do sexo como obrigação, dissociado do prazer: “(...) delas (*refere-se às amigas*) que dizia assim: eu só faço obrigada, não tenho prazer de fazer, eu não sinto nada...”.²⁰ Apesar de não se identificar com as amigas que fazem sexo por obrigação, já que para ela o ato sexual está relacionado com prazer, faz questão de caracterizá-lo como um dos deveres femininos dentro do matrimônio:

(...) Que diz que tem que não negar o matrimônio, que isso é o matrimônio do casal, não é assim? (...) Tudo isso é matrimônio, é da Bíblia, não pode, marido e mulher têm que ceder. (...) Qual era o tempo que nós não satisfaz o home sem querer? Por

¹⁷ Entrevista com Venerino, realizada em 27.04.2013.

¹⁸ SCHMIDT, Benito Bisso. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004. BORGES, Vavy Pacheco. *Em busca de Gabrielle*. São Paulo: Alameda casa editorial, 2009.

¹⁹ VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*. Salvador: EGBA, Fundação Pedro Calmon, 2007.

²⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011.

que quando eles estão doidos, eles tão doido é ligeiro, é pra eles só e acaba, satisfaz e fica quieto...²¹

Ainda que afirme que o casal “tem que ceder” para “não negar o matrimônio”, fica claro que cabe às mulheres a satisfação sexual dos parceiros. Mais uma vez a narrativa de Dona Farailda entrelaça discurso normativo e desejo pessoal. Mesmo recorrendo ao referencial religioso, a relação com a sexualidade está muito presente em sua narrativa. Rompendo com padrões de gênero e geração afirma fazer sexo atualmente, mas, como sempre, justifica esse comportamento a partir do discurso do outro, nesse caso, o penúltimo marido:

E aí eu estou aqui como diz a palavra: **nunca aborreci o amor**. Esse daqui (*referindo-se ao Sr Antônio*) dizia que **pra se fazer sexo não tinha idade**. (...) Eu num sabia disso, aprendi com ele. Ele que dizia. (...) Pra fazer amor muier não tem idade. Pra fazer sexo não tem idade. E é mesmo né? Não tem idade porque a pessoa quando ama, quando Deus deixou assim, por que assim é pra se fazer. (...) **Eu já transei demais e nunca me enjoiei**.²²

Embora se utilize do discurso alheio para afirmar a naturalidade da vida sexual na terceira idade, fica evidente, na fala apresentada, que ela tem uma boa relação com a sexualidade, associando sexo com prazer, e demonstrando que esse fez (e faz!) parte da sua vida. Aqui é interessante refletir sobre as ambiguidades presentes na narrativa de Dona Farailda; há momentos, em que assume o desejo sexual, ainda que utilize uma justificativa religiosa, reafirmando que “Deus deixou assim”. Em outros foge da questão. No entanto, a relação entre amor e sexo está sempre presente, como na citação a seguir:

É o amor. Depois de ser... vamos dizer assim, depois de ser marido e muier, depois de casar o sexo é amor, é uma coisa que se deve saber o que tá fazendo, porque sem amor não consegue, sem amor ninguém consegue, consegue? Tem que ter o amor, né isso? Bom. E o sexo é através do amor, da consideração, saber que a relação foi Deus quem deixou, entre o casal tem que ter o sexo sincero, não doido. Né isso?²³

Dona Farailda considera inaceitável o sexo sem amor ou fora do casamento, condenando qualquer relação extraconjugal. Em seu discurso há uma idealização do amor, expressado através da valorização do “sexo sincero” em contraposição ao “sexo doido”, que explica a seguir:

²¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

²² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011. Grifos meus

²³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.05.2012.

Com raiva. A pessoa com raiva não pode fazer sexo, né assim? Deus me livre! Não. Eu nunca tive raiva, eu já passei por uma, mas não guardei no coração. (...) Não presta, não presta não. Eu acho que tem que passar aquela raiva, porque eu creio que não presta, por isso que eu dentro de mim, eu só tenho amor.²⁴

Para compreender melhor as escolhas de Dona Farailda, perguntei-lhe do que gosta em um homem e quais critérios utiliza para eleger seus parceiros afetivos. Sua narrativa acerca desse tema revela um pouco mais sobre as ambiguidades dessa mulher:

Eu sei lá o que, num sei não, minha irmã. Eu acho que é o modo. Eu num sei não, Deus é quem sabe, Deus é quem sabe. Esse mesmo (*refere-se ao atual marido*) eu vi esse home numa revelação. Vi todo como ele é. (...) **Quando conheço é que eu escolho.** Não, eu sempre tinha pedido a Deus nas minhas oração, uma pessoa sincera. (...) Eu não me importo com pobreza, que eu também sou uma pessoa pobre. **Uma pessoa sincera, que tenha amor para comigo.** Pessoas marcadas por Deus. É assim que eu sempre pedia, né? Porque a gente quando é crente, tudo muda o jeito de conversar. A gente não quer pessoa malandro.²⁵

Embora continue afirmando que “Deus é quem sabe”, Dona Farailda deixa escapar uma ideia interessante. Na frase citada “quando conheço é que eu escolho” revela que não tem um perfil pré-definido dos parceiros que elege para com eles se relacionar. Ela parece ser uma mulher prática, que escolhe dentro do universo possível; não gosta de estar sozinha e por isso seleciona parceiros disponíveis, interessados em se relacionar e que tenham “amor para com ela”. Assegura nunca ter sido rejeitada, afirmando que se um homem escolhido por ela não demonstrasse interesse ia logo em busca de outro. Ela constrói a vida priorizando o “cuidado de si”,²⁶ fazendo escolhas que lhe possibilitam a felicidade.

É importante salientar a importância do cuidado em não considerar as falas de Dona Farailda como uma “verdade” sobre sua vida. Não podemos perder de vista que estamos trabalhando com a memória e que, entre lembranças e esquecimentos, esta seleciona, recria e reelabora os fatos que devem e podem ser lembrados e / ou esquecidos a partir dos anseios individuais e coletivos do presente. Concordo com Michael Pollak quando afirma que “a memória é um fenômeno construído”²⁷ e que esse processo pode não ocorrer de forma consciente; falar do passado geralmente leva o narrador a organizar e selecionar os fatos. Nas palavras do autor:

²⁴ *Idem.*

²⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 24.08.2012.

²⁶ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Ver especialmente a introdução.

²⁷ POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social” In *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10, 1992, 204.

Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construções podem ser tanto conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.²⁸

Isso também se aplica ao processo de construção de si de Dona Farailda, discutido anteriormente. Ao tratar da relação entre memória e sentimento de identidade, o autor citado também analisa as construções da imagem de si pensando na:

imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida na maneira como quer ser percebida pelos outros.²⁹

O fato dos entrevistados construírem uma imagem sobre si não invalida a importância da sua narrativa, muito pelo contrário, cabe ao historiador ter consciência desse processo para pensar que “o relato da vida também parte da vida”.³⁰ Não compartilho da ideia de que as construções de si são feitas de modo deliberado, no entanto, é preciso considerar que os sujeitos se interessam pela imagem pela qual serão lembrados e que essas construções estão relacionadas aos valores presentes na sociedade vivida.

3.2 Uma mulher “fora de série”

Vavy Pacheco Borges, ao estudar a trajetória de Gabrielle Brune-Sieler, uma mulher pertencente às camadas abastadas do Rio de Janeiro que viveu entre fins do século XIX e primeira metade do XX, discute o “caráter intersticial de liberdade de que dispõem os sujeitos históricos”.³¹ Para ela não é possível pensar na sua personagem sem refletir sobre as normas, as práticas, as regras da sociedade em que viveu Gabrielle. É interessante refletir que, mesmo convivendo em uma sociedade marcada por fortes hierarquias de gênero, ela parece ter feito escolhas distintas da maioria das mulheres de sua época, no entanto pagou um preço alto, sendo interdita como louca.

²⁸ *Idem, ibidem.*

²⁹ *Idem, ibidem.*

³⁰ PORTELLI, Alessandro. “The Best garbage man in town...” *op. cit.* p. 122.

³¹ BORGES, Vavy Pacheco. “Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieller”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA Márcia (Orgs.). *Memória e Ressentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. pp. 287-312.

Atenta às duas problemáticas que permeiam a história de vida de Gabrielle: a “loucura” e as “questões de gênero”, Borges analisa as representações presentes no imaginário sobre ela, especialmente a sua imagem como “mulher louca” que de certa forma parece ter sido cristalizada na memória dos familiares. É como se os outros tantos aspectos da existência de Gabrielle tivessem se perdido em meio à insistente imagem construída ao final da sua vida. O trabalho desta importante historiadora me trouxe reflexões interessantes para pensar sobre os limites e possibilidades da vida de Dona Farailda, especialmente sobre as questões que envolvem o indivíduo e seu contexto. Reflete Borges:

(...) pergunto-me se Gabrielle não seria uma “nova mulher”, aquela que, por suas atitudes de vida – embora distante de uma militância feminista concreta –, ajuda a abalar as estruturas rígidas do chamado tripé mãe-esposa-dona-de-casa, que sustentava o papel de rainha do lar. (...) Reafirmo que não penso nela (...) como uma heroína especificamente lutando a favor das mulheres (...) Seu percurso não constitui uma história convencional de uma mulher dos fins do século XIX e primeira metade do XX.³²

As questões que aparecem aqui me levam a pensar na atuação de Dona Farailda na cidade de Serrolândia. As inquietações de Borges me fazem refletir sobre um tema bastante fascinante: a excepcionalidade. Quando estudamos personagens que de alguma forma, subvertem padrões, questionando regras estabelecidas a partir de suas práticas, é preciso pensar nas imagens que são construídas em torno delas. Como sugere a autora, por mais que ela não coloque Gabrielle como “uma heroína feminista” também não é possível negar que suas práticas, ou seu percurso, não convencionais, a fizeram diferente da maioria das mulheres de sua época.

Creio que o que interessa tanto a mim, ao estudar a vida de Dona Farailda, quanto a Borges, embora ela não trate da possível excepcionalidade de Gabrielle, não é apenas o que essas mulheres fizeram, mas a forma como são vistas e lembradas, não esquecendo que essa visão geralmente está baseada em referenciais normativos, presentes na sociedade em que viveram.

No meu caso, procuro pensar nas construções que “minha” casamenteira faz de si e sua relação com o discurso normativo. Quando ela insiste na ideia de que não há “nada demais” em sua trajetória que mereça atenção, mostrando certa desconfiança em relação à minha pesquisa, fico refletindo sobre as problemáticas que envolvem as construções de si e o contexto da personagem estudada.

³² *Idem, Ibidem*, pp. 303-304.

O historiador Benito Schmidt, em artigo intitulado “Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher ‘excepcional’”,³³ discute o processo de “construção de si” da jornalista Gilda Marinho que, segundo ele, se constrói como uma “mulher excepcional”. De acordo com o autor, Gilda, “filha de uma família de projeção na cidade Pelotas”, tornou-se jornalista em Porto Alegre, participando de grupos nos quais qualidades como inteligência, comunicação e beleza eram valorizadas e estimuladas para uma mulher. Provavelmente por isso construiu-se como uma “mulher excepcional”, que gostava de subverter normas, pois provavelmente era, ou gostaria de ser, admirada por isso.

Diferentemente de Gilda, Dona Farailda tenta construir-se como uma mulher “normal”/“comum”, construção perfeitamente compreensível, levando-se em conta que precisa sobreviver em uma sociedade conservadora. A aceitação dos sujeitos em uma dada sociedade está relacionada aos valores compartilhados por ela; mas é claro que esses valores não são homogêneos, variando de acordo com as classes, gêneros, gerações, raças/etnias, entre outras categorias.

Há personagens que querem ser lembrados como diferentes, especiais, excepcionais, enquanto outros, e esse é o caso de Dona Farailda, afirmam que sua vida não se diferencia em nada dos sujeitos da sua comunidade. Talvez essa seja mais uma vertente da sua “construção de si”.

A ideia de excepcionalidade traz o risco de hierarquização dos sujeitos, no sentido de que uns são mais interessantes que outros, entretanto, não é possível negar que as práticas de Dona Farailda vão de encontro às da maioria das mulheres daquela comunidade e que foram elas que me fizeram decidir escrever sua biografia. Creio ser esta uma questão complexa para o historiador preocupado com a representatividade e singularidade do sujeito biografado.

No processo de “construção de si” Dona Farailda se projeta como uma mulher que em nada difere da maioria das mulheres da comunidade, no entanto, por mais que se esforce nessa construção, não parece ser vista assim. A recepção dessa imagem pode ser problematizada a partir das próprias contradições do discurso que veicula. Ela prefere construir uma imagem de si o mais próxima possível do que se espera de uma “mulher normal”, a de esposa submissa e recatada, e não de uma mulher autônoma e “desobediente” como revelam as narrativas sobre ela, e as suas próprias, em alguns momentos. Em sua trajetória ela inverte papéis de gênero,

³³ SCHMIDT, Benito Bisso. “Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher ‘excepcional’”. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, pp. 155-171.

visto que se comporta a partir de padrões de masculinidade, rompendo com o que se espera do comportamento feminino.

Interessa-me retomar aqui a discussão já iniciada sobre os limites e possibilidades do sujeito no contexto vivido. A historiadora Natalie Davis discute em sua obra *Nas margens* os limites da fuga das hierarquias.³⁴ Ao estudar a trajetória de três mulheres nascidas na Europa do século XVII, que viveram “nas margens”, ela mostra que apesar das hierarquias de gênero, tão presentes naquela sociedade, essas mulheres conseguiram romper o cerco e criar formas de vivência na qual realizaram projetos que iam na contramão ao que se esperava para as mulheres da época. Embora tenham muitas vezes se utilizado de referenciais ligados às imagens idealizadas para as mulheres, elas construíram seus próprios caminhos, mostrando que há um campo de possibilidades para os sujeitos desenvolverem seus projetos.³⁵

Carlo Ginzburg também tratou dos limites do indivíduo no contexto afirmando que “da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação”.³⁶ Isso nos leva a refletir que vivemos em “uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um”,³⁷ como ironiza o autor em sua célebre obra *O queijo e os vermes*. Apesar desse alerta, o autor encontrou uma figura absolutamente singular que, mesmo diante das regras discursivas do tempo em que viveu, foi capaz de elaborar uma visão de mundo completamente própria, ainda que formada a partir de elementos da sua cultura. Talvez a maior importância da obra citada seja o fato de o autor, a partir das ideias do moleiro Menocchio, ter conseguido traçar um quadro analítico extremamente complexo da sociedade italiana no século XVI. A singularidade do moleiro é fascinante na medida em que nos permite compreender as possibilidades de “invenção da subjetividade”³⁸ dos indivíduos.

Passei muito tempo refletindo sobre a complexidade de Dona Farailda, essa mulher “fora de série”!³⁹ Ao longo da pesquisa, me dei conta de que não posso negar sua singularidade. Creio que ao mesmo tempo em que não podemos perder de vista os limites do

³⁴ DAVIS, Natalie. *Nas margens*. Três mulheres do século XVII. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

³⁵ VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfoses*: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

³⁶ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 27.

³⁷ *Idem, ibidem*.

³⁸ Utilizo aqui a expressão empregada por Margareth Rago em sua obra recém lançada *A aventura de contar-se*, na qual a partir de conceitos de Michel Foucault a autora analisa os processos de escrita de si, “invenção (e reinvenção) da subjetividade” de sete feministas brasileiras. RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se*. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Ed. UNICAMP, 2013.

³⁹ A expressão foi utilizada pelo Sr. Venerino, referindo-se à irmã Farailda.

indivíduo, compreendendo os processos de sujeição, é necessário ir em busca das formas de subjetivação. É o que tentarei fazer a seguir a partir da sua narrativa.

3.3 “Quem viaja pra trás é caranguejo. Tem que viajar é pra frente”

Na construção da trajetória de Dona Farailda me deparo com uma questão que me persegue na condição de sua biógrafa: “o que ela quer da vida?” Essa pode parecer uma questão sem importância; no entanto, a resposta que me vem à cabeça a partir da convivência com ela se torna essencial para compreendê-la: “ela quer ser feliz”.

Estou segura de que Dona Farailda não tem nenhuma pretensão de tornar-se modelo de conduta, nem de provocar transformações nas desigualdades de gênero, muito menos de ser “heroína feminista”. Ela quer ser feliz. Mas a forma como constrói essa felicidade de alguma forma provoca questionamentos na ordem vigente, pois sua felicidade está associada à vivência do amor e da sexualidade. Interessa-me pensar nas formas que ela encontra de se produzir como sujeito.

A partir do conceito de subjetivação, aqui compreendido como a criação de novos modos de existência que escapam aos mecanismos de normatização da sociedade, pretendo discorrer sobre as formas como Dona Farailda se produz como sujeito a partir das possibilidades de “invenção de si”. Ser humano é ser histórico, portanto a dinâmica da construção da subjetividade vai muito além daquilo que é revelado quando aprisionamos os indivíduos em lugares sociais instituídos pela norma.

Para Gilles Deleuze a subjetivação é compreendida como “a produção dos modos (próprios) de existência ou estilos de vida. (...) a subjetivação se distingue de toda moral, de todo código moral: ela é ética e estética, por oposição à moral que participa do saber e do poder”.⁴⁰ Michel Foucault desenvolveu esse conceito em seus últimos trabalhos, escritos nos anos 1980, principalmente na *Hermenêutica do Sujeito* e nos dois últimos volumes da *História da Sexualidade*. Ao discutir “o efeito Foucault na historiografia brasileira”, Margareth Rago afirma:

Foucault proporá outras questões à história, operando com a ideia de objetivação, isto é, da constituição de domínios de objetos; e de subjetivação, isto é, dos modos através dos quais os indivíduos se produzem e são produzidos numa determinada cultura, através de determinadas práticas e discursos, enquanto subjetividades.

⁴⁰ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2000. p.142.

Afinal, é ele quem explica numa entrevista que sua questão central não era o poder, nem o saber, mas a produção do sujeito, sua sujeição e posteriormente as formas de subjetivação por ele encontradas. Para dar conta da constituição do sujeito enquanto objeto e enquanto sujeito na cultura ocidental, estuda o poder e as disciplinas, a produção da verdade e os saberes; as práticas de si e as formas de subjetivação.⁴¹

De acordo com a historiadora apesar de Foucault ser visto pelos seus críticos como um autor que se limitou ao estudo do poder e da disciplina, dando “demasiada ênfase aos modos da sujeição na constituição dos sujeitos”,⁴² ele também se preocupou com os modos como estes constroem formas próprias de subjetivação. Na *História da sexualidade - O uso dos prazeres*, ele apresenta uma “estética da existência”, na qual:

Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.⁴³

Para pensar sobre o processo de subjetivação de Dona Farailda escolhi o caminho de analisar suas ideias, proposta-chave desse capítulo. É importante afirmar mais uma vez que não busco contar sua história, mas compreender como ela se constrói e se inventa como sujeito. Construir sua biografia me ajuda a pensar como foi possível a ela produzir-se na contramão da norma, mas ao mesmo tempo reforçá-la em seu discurso; isso sugere que outras mulheres de Serrolândia também podem ter práticas antinormativas, que se perdem no discurso dominante.

Interessa-me analisar como suas concepções de gênero estão baseadas no discurso normativo, mas ao mesmo tempo ela demonstra uma visão de mundo muito singular, na qual oscila entre a reafirmação das hierarquias de gênero e o questionamento destas. Início essa análise com um trecho de uma entrevista que considero significativa para se refletir sobre ela:

Porque tem homens que pensa que a mulher não tem direito. A mulher é fia do homem! A mulher mata, a mulher larga, a mulher pinta, a mulher borda! (*fala com muita ênfase*) Se o diabo entra nela e o veneno ajuda, se ela for uma mulher que não tenha Deus no coração, ela mata! Mata os home na cama! (...) Mas a mulher é fia do homem, ela não pode engolir umas certas coisas, o homem pensa que ele só que é o tal. Mas a mulher é fia do homem, o mesmo sangue que corre na veia da mulher, corre na veia do homem, tudo que o homem faz a mulher faz também!⁴⁴

⁴¹ RAGO, Margareth. “O efeito-Foucault na historiografia brasileira”. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 7(1-2): 67-82, outubro de 1995.

⁴² *Idem, ibidem*.

⁴³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: O uso dos prazeres*, Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 15.

⁴⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

Apesar de reproduzir em seus discursos hierarquias de gênero, como apresentado ao longo da tese, em alguns momentos Dona Farailda defende a igualdade entre os sexos, demonstrando uma revolta contra a inferiorização da mulher. O texto é extremamente interessante para pensar sobre a complexidade dela; ao mesmo tempo em que defende os “direitos das mulheres”, mais uma vez ela se utiliza do discurso religioso que reforça a passividade feminina. A frase “a mulher é fia (*filha*) do homem” apareceu em quase todas as entrevistas e em uma delas pedi que ela me esclarecesse qual o significado de tal afirmativa:

Minha fia, eu lhe digo assim, a diferença entre o home e a muier é porque a muier é muier e o home é home, mas Deus livre e guarde a muier também mata o home, assim, o mesmo tanto que um home as vez mata uma muier. **Muier é fia de home, num repente ela transforma num home também, eu tô errada? Entendeu aí?** A muier, justamente, ela é fia do home e acontece que ela não tem medo, não tem medo, age muitas vezes que nem o home age, nem todo home, nem todo home age que nem você faz. Vamos dizer, botar assim você, né? Nem todo home faz o que você faz, nem todo home faz o que eu faço, o que eu já fiz, então cada um com a vocação que Deus deixou, eu creio.⁴⁵

A afirmação de que “a mulher é fia (*filha*) do homem” nos remete à ideia de origem, baseada no mito bíblico do Gênesis, no qual o homem “pariu” a primeira mulher.⁴⁶ Alguns autores discutem como este mito pode ser pensado como fundador da ordem moral das sociedades ocidentais.⁴⁷ Embora Dona Farailda não se refira à passagem bíblica, nos arriscamos a estabelecer tal relação, considerando que na sua construção discursiva a concepção do homem como criador da vida é sugerida.

Mas, além disso, o trecho da entrevista traz muitos elementos para refletirmos sobre as concepções de gênero de Dona Farailda. Embora afirme que homens e mulheres são diferentes, tendo cada um vocação própria, definida por Deus, ela enfatiza que as mulheres podem ter o mesmo comportamento dos homens, podendo inclusive “fazer mais” que estes; por serem “filhas do homem”, elas podem se transformar em um deles. O referencial que utiliza está ligado à naturalização dos sujeitos, mas, ao mesmo tempo em que afirma que “o

⁴⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.05.2012.

⁴⁶ No mito do Gênesis Eva, a primeira mulher, é criada a partir de uma costela de Adão, o primeiro homem. (Gênesis, 2, 21).

⁴⁷ Discuti as diversas representações sobre as mulheres construídas na sociedade ocidental, especialmente entre o final da Idade Média e o século XIX, na Europa. VASCONCELOS, Vânia. “Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental” In *Revista Artemis*. Número 3, dez 2005. Georges Duby mostra como no século XII, num contexto de reforma moral da sociedade, a Igreja vai falar sobre as mulheres recorrendo ao livro do gênesis, aquele que segundo ele “relata a origem do gênero humano, a fundação da ordem moral, da ordem social e fornece, em algumas frases, uma explicação global da condição humana” DUBY. Georges. *Eva e os padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 p. 168.

homem é assim”, defende que tanto homens quanto mulheres podem subverter esses lugares “naturais”, se transformando no “outro”.

Seu discurso é ainda marcado por uma revolta pela forma como mulheres “modernas” são tratadas pelo “povo”: “Porque o povo quando eles vêem uma muier muderna, bonita, satisfeita com todo mundo, eles bota sempre um defeito”.⁴⁸ Ou pelas diferenças de gênero: “Quando morre só a fama da mulher corre”.⁴⁹ Suponho que esse incômodo esteja diretamente ligado às próprias discriminações que parece ter sofrido por se comportar de forma não convencional:

E isso foi Deus que fez a natureza da gente de conversar com todo mundo. Nem o diabo desfaz, porque Deus fez o diabo não desfaz. (...) E aí é onde a pessoa as vez leva nome, leva nome de namoradeira, “fulano de tal tá conversando ali, tá interessado.”, o povo bota o olho. (...) Mas graças a Deus que não olhamos para trás, né isso? **Quem viaja pra trás é caranguejo. Tem que viajar é pra frente.**⁵⁰

No discurso de Dona Farailda mais uma vez Deus é o grande responsável pelo seu comportamento. No entanto, ela parece ter feito as próprias escolhas e não quer “viajar para trás”, apenas para frente; essa é sua forma de se construir no mundo, de se produzir como sujeito. A metáfora do caranguejo é reveladora dos projetos que desenvolve dentro do “campo de possibilidades”. Desafia os limites e se considera uma vencedora: “E aí minha fia, a minha sina, é uma sina muito longa, mas eu tenho prazer de viver porque, eu posso dizer que eu venci”.⁵¹

3.4 “Você vai cuidar da sua vida e eu da minha. Não nascemos de umbigo pegado com outro não!”

A frase que selecionei para iniciar mais um tópico desse capítulo foi retirada de uma entrevista na qual Dona Farailda narra uma das separações. Ao lembrar ao ex-marido que o ser humano nasce sozinho e não “de umbigo pegado” ela revela sua autonomia, não apenas econômica, como afetiva. Ela “se inventou” como uma mulher que escolheu não depender dos homens, apesar de vincular sua felicidade ao casamento. A capacidade de superação que demonstra ter nos processos de separação é impressionante.

⁴⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 24.08.2012.

⁴⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁵⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 24.08.2012.

⁵¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.

Várias histórias presentes em sua narrativa mostram essa vertente da nossa personagem. Quando foi para São Paulo, acompanhando o sexto marido, o Sr Antônio, ela se sentiu infeliz por não ter conseguido encontrar trabalho logo que chegou na grande metrópole. O incômodo em estar dependendo, não só do marido, como dos filhos deste, que a receberam em casa, a fez decidir pelo retorno a Serrolândia, mesmo contra a vontade do companheiro:

Aí ele botou aquela banca, no meio de sete fio lá, aí eu quetei, quetei, fiquei só futucano, vombora, vamo sair da casa dos seus fio, porque tem criança e a casa tem só dois cômodos, entregaram um quarto a nós e ficaram com o outro quarto, os fio, as fia tudo já mocinha, e ele botando banca. **Aí eu me determinei, orei assim a Deus, tomei a direção, digo: olha Antonio, o que vai acontecer é que eu não vou ficar aqui dentro dessa casa mais,** que os meninos ta dormino no sofá e eu tomei o quarto das criança. Ou então faz assim: a gente aluga um cômodo, dois cômodo, que casa grande a gente não pode alugar e eu vou comprar uma maquina e vou costurar. **Aí ele olhou pra mim assim, não deu nem terminação, ele era um pouco calado.** Aí minha fia foi trabaiaar, fui numa casa lá de uma costureira (...) aí eu disse: não tem trabalho pra mim aqui não? Ela disse: não tem não D. Farailda. As máquina já ta tudo ocupada, aí eu disse assim, **eu acho que eu vou me bora, eu quero ir me bora, não sei... esse véio não quer ir, acho que eu vou largar ele aí mais vocês e vou me bora, eu tenho o que fazer em casa,** lá minha casa me esperando e aqui eu tou brincando...⁵²

Apesar de Dona Farailda acolher tantas pessoas em casa, sendo considerada uma mulher generosa por realizar essa prática, a ela não lhe agrada ser recebida em um espaço que não é seu, principalmente sentindo que estava incomodando os anfitriões. Para ela é muito importante ter o próprio espaço, sendo a autonomia e independência requisitos essenciais à vida.

A despeito do episódio citado, apesar de não ter retornado à cidade de que tanto gosta, pois conseguiu comprar uma máquina de costura, tornando-se costureira em São Paulo, para ela foi muito importante posicionar-se diante da “banca”⁵³ do marido, que não queria sair de lá. Esses conflitos aparecem sutilmente no discurso de Dona Farailda, pois ela sempre prefere afirmar que não tinha problemas, nem divergência com os companheiros.

A independência financeira é um traço marcante nas relações amorosas da nossa personagem; ela condena o casamento por interesse econômico, argumentando que só é possível ser feliz se o casamento for realizado “por amor”:

Por isso que eu digo: o que vale é ter um amor, cê trabaiaar igual pra ter o que é seu. Nunca casei com um homem pensando no que é dele. Também todos eram pobres, também nunca precisou nós vender uma teia pra nós comer, né minha fia? É um

⁵² *Idem.* Grifos meus.

⁵³ A expressão “botar banca” é muito comum na região estudada e, nesse caso, significa “impor sua vontade ao outro”.

exemplo que dou, vamos dizer assim, porque casar interessado em bens é perdido, acontece o que não quer.⁵⁴

Dona Farailda rompe com a imagem da esposa dependente, em busca de um homem para sustentá-la e protegê-la. Nessa fala fica clara a importância que atribui à independência e autonomia das mulheres para que a relação seja bem sucedida, sendo que ela se construiu como uma mulher que não apenas buscava independência econômica, como afetiva. O fato de não gostar de ficar sozinha e de necessitar estar casada para ser feliz, não significa que dependa dos homens para construir-se subjetivamente, pois está sempre criticando o ideal do casal “dois em um”, tão presente nos discursos sobre o amor romântico. Afirmações como: “Eu sou eu e ele é ele”, “Não nascemos de umbigo pegado com outro não!”, “Quem morreu, morreu e eu tou aqui...”, entre tantas outras, sugerem essa ideia.

A alternativa que ela encontrou para encarar o desafio de estar sempre acompanhada, mas ao mesmo tempo ser independente, foi escolher companheiros que não interferissem nas suas escolhas, deixando-a livre:

Isto é que me vem eu pensar, porque tem home que não deixa a muiet nem... (...), nem passear e se eu pudesse e num tivesse fios, eu passeava por ali tudo. Eu fui em São Paulo sozinha mais Mirinha (*filha caçula*), Mirinha desde tamanho (*faz gesto mostrando que a filha era pequena*), da vez que Luiza (*filha mais velha*) se casou e foi pra lá e que teve a Edna, eu fui lá e passei lá vinte dias em São Paulo. Eu não ciomava de marido, nem marido me ciomava.⁵⁵

Tentei traçar o perfil dos maridos de Dona Farailda e, apesar das dificuldades e limites que encontrei para fazê-lo, visto que consegui entrevistar apenas dois deles, foi possível perceber que a “casamenteira” escolhia homens que fugiam ao padrão de masculinidade predominante na região estudada. Em geral, os “eleitos” eram homens “calados”,⁵⁶ com pouca atitude diante da vida e que não consideravam um problema ter uma mulher que tomava decisões. Outro elemento percebido é que eram homens zelosos com a companheira.

Na narrativa de Dona Farailda acerca do final do relacionamento com o Sr Gildásio, seu terceiro marido, aparecem alguns elementos que nos ajudam a delinear seu perfil. Ao lhe perguntar qual a reação dele quando ela lhe comunicou que não o aceitava mais em casa, pois já tinha encontrado um novo parceiro, responde:

⁵⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

⁵⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

⁵⁶ Esse adjetivo apareceu nas entrevistas de Dona Farailda em alusão a dois maridos dela.

Nada, não reagiu nada, no dia que nós casamos (*refere ao Sr. Didilo, substituto imediato do Sr. Gildásio*), quando foi de manhã cedo Didilo foi na roça cedinho, trouxe o animal na carroça, quando nós tava arrumando pra modo eu ir pra roça de manhã, tranquei a casa, ele chegou na porta, Gildásio, eu tinha dado um capa a ele, que eu estava com esse capa guardado há muitos anos, que foi do meu primeiro marido, mas eu tinha dado a ele. Aí ele chegou na porta, “bom dia”, “bom dia” “cadê o capa, você ainda me dar?”, eu digo: dou. Entrei dentro, peguei o capa, entreguei o capa, Didilo tinha... peguei o capa e dei a ele. Pronto, ficamos de bem (...) Passou sete mes sem casar com ninguém e eu orando a Deus pra Deus botar uma muiher no caminho dele, uma mulher que prestasse. (...) Eu já estava com o meu do lado.⁵⁷

É preciso considerar que a imagem do Sr. Gildásio como um homem que “não reagiu nada”, após ser substituído por outro, faz parte do imaginário de Dona Farailda, no qual mais uma vez faz questão de negar conflitos e afirmar que “ficaram de bem”. Para ter acesso a outra versão, consegui entrevistá-lo e, apesar de abordar os conflitos vividos pelo casal durante o período em que esteve junto, discutidos no capítulo anterior, o ex-marido de Dona Farailda afirmou que atualmente tem um bom relacionamento com ela, não demonstrando mágoa ou ressentimento:

O povo considerava, e os fio dela, e genro, tudo tem proximidade até hoje, como separado, mas os fio dela se considera, me considera direito, **eu considero ela, ela tombém**, como a merma pessoa, nós se conversa, nós se fala, nós se conhece. (...) Quando não deu certo mais eu me separei dela e pronto.⁵⁸

O outro marido entrevistado é o atual, o Sr. Severino. Antes de se casar com Dona Farailda ele ficou viúvo duas vezes. Afirma que sempre teve muita paciência e cuidado com suas mulheres, mesmo nos momentos de conflitos. Referindo-se à segunda esposa, contou:

É. Que ela ia pra casa de uma comadre, bebia lá até meia noite. (...) Hum. E eu com a casa cheia de criança. (...) aí minha cunhada: “eu num sei como tu tem tanta paciência desse jeito, não!” Eu digo: “eu vou fazer o que?” (...) É porque ela já morou mais a gente e sabia, via tudinho. E morava perto. Que ela fugiu lá de casa. (...) eu num gosto de andar brigando, discutindo. Então toda vida foi assim, nunca tive mal querência com ninguém. Com a muler, com os outro, não. (...) Onde eu morei, todo mundo gostava de mim, nunca tive um intrigado e é bom a gente viver de cabeça erguida, sem ter nenhum intrigado. Então não tenho o que dizer de nenhuma. A primeira porque era muito ciumenta, a primeira não podia vê eu conversar com um rapaz assim, que ela dizia que tava me dando conselho pra largar ela.⁵⁹

Em sua “construção de si” o Sr. Severino aparece como um homem generoso e compreensivo, que rompe com papéis “tradicionais” de gênero, já que cuidava dos filhos,

⁵⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

⁵⁸ Entrevista com Sr. Gildásio, realizada em 02.08.2010. Grifo meu.

⁵⁹ Entrevista com Sr. Severino, realizada 04.05.2012.

enquanto a mulher “bebia com a comadre”. Também afirmou ter cuidado da primeira esposa até a morte, ocasião em que esta faleceu em consequência de uma doença. A sua imagem como “homem cuidador” parece ter sido importante para Dona Farailda repensar a decisão de desistir de casar-se com ele por causa da diferença de idade entre o casal:

Ele disse: eu zelei da minha muier, eu zelei daquela tal e tal. Me contou os sessenta dele. Aí botei o casamento pra frente. (...) Depois ele disse assim: é mulher eu tenho aquela casinha lá em Ermelino, eu se eu pudesse, achasse jeito, será que é difícil se eu vendesse aquela casinha lá e comprasse uma aqui mais perto de você? Pra ficar nós mais perto. (...) aí pegou e entrou uma mudança e vortou a outra lá pra casa, (...) aí pronto, acabo os tempo ruim. Quando o povo deu fê ele já tava perto de mim. Bom. Aí ligeiramente nós peguemos, botemo os papel e casemos. Deus minha fia é um negócio que dá tudo certo.⁶⁰

Dona Farailda tem uma forma muito própria de sedução. O episódio narrado acima, no qual o atual marido decide comprar uma casa no bairro onde morava em São Paulo para ficar próximo dela, mostra o poder que exerce sobre os homens que se apaixonam por ela. Esse não é um episódio isolado; muitos outros me fizeram chegar a tal conclusão.

Outra vertente da sua autonomia está relacionada aos filhos. Ela deixa muito claro que nunca gostou de depender destes, argumentando que todos têm a própria vida e ela prefere seguir a sua, com independência. Fica claro como exerce um “cuidado de si” ao fazer essa opção:

Porque filho, minha fia, eu vou dizer: não sei como é que eu sou assim, eu nasci pra Deus me determinar e me orientar. Porque... esperar por filho? Filho nas suas casas vai olhar pra mãe, nem pai, cá? Não olha como deve ser. (...) É isso aí, quando eu digo que quero ficar só, não fico, mas eu sei que é Deus na minha vida, tombem até hoje nunca tive, eu falo assim, se o primeiro fosse ruim, tivesse achado um home ruim no meio dos meus casamentos eu não queria mais. (...) Deus só me dá o que é bom.⁶¹

Tendo Deus como responsável pelo destino, Dona Farailda segue com sua “vida feliz”, construída a partir de escolhas que lhe proporcionaram autonomia econômica e afetiva. A forma de se eximir da responsabilidade pelo que ocorre em sua vida aparece mais uma vez na narrativa sobre o último casamento, em que é uma sobrinha a responsável por lhe apresentar o atual marido:

Aí eu digo: não quero Geni, não quero não, não tou mais mulher de tomar conta de home não. Aí vortemo pra casa, quando chegemos em casa, aí ela disse assim: “oh

⁶⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.

⁶¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.

tia”. Aí eu cheguei e fiquei em casa mais as menina e ela sumiu assim, pensei que ela tinha entrado na casa da irmã, era na porta da casa dela. Com pouco mais ela chegou e disse: “vem cá tia, vem cá tia” e me arrancou outra vez no caminho. Aí chegou na porta dele, bateu na porta dele, ele saiu. Ela já tinha vindo, disse que falou com ele, viu ele e disse assim: (...) “eu tenho uma tia aí que está a fim de casar, você não quer conhecer ela não?” (...) Mas aí ela não me disse que ela já tinha ido lá fazer essa permuta.⁶²

De acordo com sua versão, Dona Farailda teria sido vítima de uma “armação” da sobrinha, que lhe omitiu a informação de que já havia estado na casa do Sr. Severino para fazer a “permuta”.⁶³ Esse tipo de discurso é muito recorrente em sua narrativa, como discutido anteriormente. Embora tenha aceito conhecer o atual marido, ela constrói uma narrativa de negação dessa opção; depois do primeiro encontro, no qual discutiram a possibilidade de casar-se, Dona Farailda recua, usando como argumento o fato de ele ser mais jovem que ela:

Eu pedi a Deus um homem. Se eu tivesse precisão de um home, eu não queria um homem véio. Oh! Jesus me dê um homem moderno, **pra eu cair e ele me levantar, não cair em cima de mim**, todos dois véio. Se for assim eu quero, Jesus... e preciso, e olha que eu tou forte em tudo e eu ainda recebo (*refere-se a relação sexual*), tu sabe. Confessei tudo com Deus e não demorou, me apareceu ele, ele com oito dias que nós tinha conversado assim sobre casamento, ele me deu a idade dele eu dei a minha. Eu fui dormir e não dormi de noite pensando na idade dele.⁶⁴

Só pensando “meu Deus, eu casar... será que eu dou conta desse homem, mais novo do que eu?” Que todos passados eram mais véio. (...) **Só ele que caiu na rede de mais novo**. Aí eu não dormi, atribulada, cansada, pensando, chorando, minha fia eu sofri. (...) Oxe, eu sofri, eu não queria mais casar não, já tava véia, mulher, com setenta anos, não era? Setenta e sete, já tava com setenta e sete (...) quando nós casemo.⁶⁵

Mesmo já tendo discutido esse episódio no segundo capítulo, decidi retomá-lo aqui para analisar algumas ideias que aparecem nesses trechos, oriundos de duas entrevistas. Por mais que Dona Farailda afirme que é Deus que rege sua vida, é ela quem define o que este deve lhe conceder. A forma como faz os pedidos, determinando detalhes daquilo que deseja, mostra uma mulher que sabe exatamente o que quer da vida. Ela não pede apenas um homem, mas um “home bom”, como discutido anteriormente. Não quer qualquer homem para ser seu novo marido, mas um “homem moderno” (jovem), que lhe levante quando cair, e “não caia por cima dela”.

O discurso de Dona Farailda é marcado por uma “construção de si” de uma mulher que segue defendendo normas sociais, mas ao mesmo tempo faz da vida aquilo que deseja,

⁶² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.

⁶³ De acordo com o dicionário Aurélio, o termo “permuta” significa “ação de trocar coisas (de maneira recíproca) entre seus respectivos proprietários; troca recíproca ou permutação”. <http://www.dicionarioaurelio.com/>

⁶⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011. Grifo meu.

⁶⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010. Grifo meu.

contrariando códigos normativos que ela própria considera corretos. No tópico seguinte pretendo discutir suas concepções de gênero, na tentativa de compreender melhor essa mulher paradoxal.

3.5 “Quando morre só a fama da mulher corre”

Em geral a narrativa da nossa personagem é marcada por concepções bastante rígidas quando se trata do comportamento feminino. Ela demonstra ter muito claro o que considera correto ou errado, embora seja possível perceber as contradições na tentativa de apresentar “seu mundo ideal”:

Minha fia eu sou crente há muitos anos. Antes deu ser crente meu amor era completo... era completo, solidário e nada mais. Meu amor eu não sei nem como te contar. Não queria saber de vida torta, pedi a Deus toda vida, vida certa: “Olhe Jesus tu levou meu marido, mas eu nunca quero ter uma vida errada. Me acerte, me proteja, me dê o que eu merecer, meu Deus.” Sempre pedi a Deus e ele me deu.⁶⁶

A partir de uma perspectiva maniqueísta do mundo, na qual existe uma “vida certa” em oposição à “vida torta” (errada) Dona Farailda solicita ajuda divina para seguir o caminho que considera correto. No entanto, chama atenção a afirmativa de que mesmo antes de “ser crente” (evangélica) ela já tinha preocupações morais relacionadas a seu comportamento, fazendo questão de reiterar a busca pelo seguimento de regras de conduta que direcionavam o comportamento das mulheres em Serrolândia.

O fato de ter-se casado mais vezes que o considerado “normal” para uma mulher, leva-a a justificar com frequência essa prática. Ela jamais gostou de ficar sozinha e sempre que se encontrava viúva ou separada ia em busca de um novo parceiro, não esperando ser cortejada para iniciar uma nova relação, como ocorria com a maioria das mulheres da sua geração. Nesse sentido, valoriza a figura masculina, necessária para realizar seu projeto de estar sempre casada:

Bom, e aí cuidando de uma coisa e de outra, mas graças a Deus quando eu ficava viúva Deus botava outro no lugar. Que Deus levava e trazia de vorta outro, e é por isso que eu ateimei, porque aprendi dar valor o que é o home, **o home é uma honra, é Deus no céu e o home na terra**, se a palavra diz que é, e é mesmo.⁶⁷

⁶⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 24.08.2012.

⁶⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011. Grifo meu.

Eu tou véia como eu estou, tem hora que eu olho pro meu véio, assim, nós conversano, eu digo: “é Deus no céu, meu fio e o home na terra”. **O home diz que é um destruidor, mas nos momentos eles têm valor.** Home bom custa caro. É como uma muier boa, muier sábia edifica a casa.⁶⁸

A visão de Dona Farailda sobre o “homem” é ambígua, pois ao mesmo tempo em que idealiza o gênero masculino, chegando a compará-lo a Deus, em outros momentos, a “casamenteira” demonstra uma revolta contra o comportamento masculino: “Toda vida os homens foi danado. Por que é que Maria tá largada? Por que muitas larga? Mulher só larga marido quando num aguenta, por causa de outra, entendeu? Eu mesmo não suportava, Deus me livre!”⁶⁹

Apesar da autonomia afetiva, Dona Farailda nunca suportou ficar sozinha; o medo da solidão que aparece constantemente em sua narrativa, também é enfatizado pelo sobrinho Tiago, que questiona o discurso da tia de que “é impossível ser feliz sozinho”: “Acho que a solidão pra ela é a pior coisa. (...) Não gosta não. Ela gosta de ver um casal, uma pessoa feliz. Ela acha que uma pessoa sozinha não é feliz, na verdade. Solidão pra ela é a pior coisa, mas a gente é feliz sozinho também, né?”⁷⁰ Para não estar sozinha, Dona Farailda sempre recorreu a Deus para encontrar parceiros que a fizessem feliz e estivessem disponíveis, já que condena relações extraconjugais:

E aí tou aqui pra honra e gloria do Senhor. Uma coisa eu te digo, quando eu ficava viúva, sozinha, eu dizia pra Jesus: Jesus, eu não quero, nunca me dê coragem de eu ter homem escondido, marido das outra, quando passava aquele povão ali, que eu morava na praça, aquelas mulher costumada a... eu ouvia, meu marido andava por ali tudo e dizia, e a conversa saia, que fulana traia com fulano, com fulano de tal, com fulano de tal, olhava assim e dizia: grande coragem porque no escuro recebe o marido das outra e no claro o marido das outra passa com suas mulher e a gente as vezes não pode nem olhar, Deus me livre!⁷¹

Então eu digo minha fia: muier sozinha o povo fala, o povo fala de quem não é só, quanto mais! Inveja de mim... Era assim, o povo, as mulheres diziam: “oh danada, tu já foi já veio, você já fez isso?” Entendeu? Enquanto a cidade dorme eu dava meu recado, **mas com o capricho de eu sempre ter o meu do meu uso**, né? Pra não deixar as mulher com raiva de mim. Mesmo assim eu também digo se eu morrer hoje, não deixei ninguém com raiva de mim e por favor ninguém me faça raiva.⁷²

Nos dois trechos, retirados de diferentes entrevistas, Dona Farailda reafirma seu lugar de “mulher honesta” dizendo que nunca quis “homem das outras”, tendo sempre “o do seu

⁶⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011. Grifo meu.

⁶⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

⁷⁰ Entrevista com Tiago, realizada em 27.04.2013.

⁷¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010.

⁷² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

uso”; assim, nessa passagem, ela se refere ao homem como um elemento necessário para satisfazer sua vontade sexual. É muito interessante como subverte o lugar da tradição no qual a mulher é vista como objeto sexual. Apesar desse tipo de narrativa, em geral, sua visão sobre o feminino e o masculino não foge muito ao “senso comum”, condenando determinados comportamentos de mulheres que subvertem a ordem moral:

Você não tá vendo essa véia aqui, essa véia que tava aqui? Não é casada não, ela vive mais esse homem, já morou com não sei quantos, agora mora mais ele. Mas isso é fogosa, doida, boca porca, qualquer coisa pra ela... (...) Não vê, ela diz que tem um vizinho que ela vai agarrar ele e o vizinho vai pra outro canto. **O mundo hoje ta assim**, o mundo hoje ta assim...⁷³

A revolta contra as mudanças do “mundo” apareceu em muitas entrevistas com Dona Farailda. No entanto, ao mesmo tempo em que se mostra indignada com as transformações dos comportamentos sociais, afirma que “essas coisas” sempre existiram, sendo que ocorriam de forma “mais oculta”:

Quando eu cheguei nesse mundo, sua mãe, seu pai, seu avô, nós chegamos nesse mundo de ternura, já tinha de tudo! **De tudo que existe já tinha, agora mais oculto! Era mais oculto.** Mas hoje o povo, o mundo, o povo do mundo, não o mundo não, o mundo tá no mesmo lugarzinho, **é o povo! Perdeu a vergonha!** As crianças, essa televisão vira todo mundo. (...) Era mais oculto, ninguém ficava sabendo, era muito oculto, os homens tinha mais vergonha, as mulher muito pior, certo? Tinha medo, tinha mais pouca mulher largada, e hoje essas mulher, essas mulher vive largada ai, foi a novela que ensinou, pode crê que é!⁷⁴

A narrativa de Dona Farailda nos deixa com a impressão de que para ela o problema não está no fato das pessoas se comportarem “mal”, mas de fazerem isso explicitamente, sem pudor, nem “vergonha”. De certa forma, parece-me que ela admira as “gerações passadas” por subverterem códigos morais de forma camuflada, oculta. Retomo aqui o conceito de “tática” discutido no segundo capítulo, para pensar mais uma vez que a ela não interessa enfrentamentos, nem questionamento da ordem vigente. Ao ser convidada a falar sobre as diferenças percebidas entre os comportamentos da “sua” geração, pensando no tempo em que era jovem, e da geração atual, afirmou:

Misericórdia! É muita! As mulher de hoje em dia, até as grávida bota a barriga toda de fora! Outro dia, tava ai na rua, chegou uma menina, bem longe, o guarda olhou pra ela, ela olhou pro guarda, fez uma cara assim. A mulher ia nua minha fia! Só

⁷³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁷⁴ *Idem.*

com uma roupa no pé da barriga... O guarda olhou assim e eu olhando pro olho dele.⁷⁵

A condenação da televisão, vista por ela como um símbolo de “perdição,” apareceu em algumas entrevistas de forma enfática, assim como a reprovação de práticas como o uso do álcool e do cigarro. Dona Farailda questiona ainda a falta de repressão da Igreja Católica aos comportamentos, sendo esse tipo de censura muito comum no discurso dos evangélicos:

Deus é um só, mas a pessoa cumprir o mandamento é muito bom, Deus é um só Deus, cuida de nós, mas eu creio assim Vânia, que muitos católico... Você não ver televisão? Televisão tira a visão da gente, não tira não? Tira o pensamento da gente, quando a gente está entretido na televisão, acontece que está com o juízo fora das coisa de Deus, tem um dizer que diz que “a televisão tira a visão do home com Deus”. (...) Nós que somos católicos, eu fui católica cinquenta e tantos anos, e eu digo pra você, lá se fuma, lá se dá o fumo pros outros fumar, lá se bebe o pingo de cachaça e dá ao outro, entendeu minha filha? Então, eu vim de lá, você dando uma festa, por mais que você não queira, você bebe um pouquinho, não é assim? É assim.⁷⁶

Quando eu ia pra igreja fazer batizado, cansou daquelas muier que ia mais eu, saía da igreja, tinha uns vestidos de bolso, agarrava naqueles bolso, arrancava o fósforo, o cigarro e fumava no meio da rua, **as muier faziam isso, eu achava aquilo feio.** (...) Só fumava em casa, no meio da rua eu não fumava não. (...) Em casa em tirava duas tragada, eu não sei como era aquilo não, aí depois eu adoeci, fiquei verde igual da cor daquela folha lá...⁷⁷

No segundo trecho Dona Farailda traz um olhar baseado no gênero, pois “acha feio” uma mulher fumar em público; quando era usuária do cigarro nunca se expunha, provavelmente por não considerar correto esse comportamento para uma mulher. Será que ela demonstraria o mesmo incomodo se o fumante fosse um homem?

Nas idas e vindas entre um discurso marcado pela normatização dos comportamentos e uma revolta contra as desigualdades de gênero, nossa personagem traz na perspectiva de vida posições políticas bem claras: não aceita a inferiorização e sujeição das mulheres. Por mais que em alguns momentos comungue de uma lógica discursiva androcêntrica, as escolhas que fez na vida e a forma como se construiu, pautadas na liberdade e autonomia, tornam-na uma mulher libertária. Para discutir essas questões, reuni algumas pequenas histórias sobre mulheres, contadas a partir do olhar de Dona Farailda. Todas têm em comum o tema das relações extraconjugais:

⁷⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁷⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

⁷⁷ *Idem.*

Vige menina! Acontecia muito (*homens com relações extraconjugais*), eu vi muitas morrer, que nem a mulher de João, a Marta, você conheceu? Não foi do seu tempo. João, finado João era meu cumpade. Quando ela teve Genésio, (...) após, quando ela teve Genésio ele apresentou com a sujeita, pra vê quem era... João era daquele jeito. Ela botava Genésio na cama, e João ficava de um lado e ela do outro. Nenhum largou a cama. E ela ficou bestalhada da cabeça, com depressão, fia! Porque isso é ruim, viu? Ela morreu com depressão, morrendo mais não aceitou nunca o marido.⁷⁸

Oh minha fia, eu ajudei muito meu marido, porque eu não queria pra mim qualquer coisa, nós não discutia, mas qualquer coisa nós conversava e achava feia a vida dos outros. Um dia mesmo eu disse pra ele: “Dario olhe o rojão que esta Marta, uma mulher moderna... seu João... Genésio era pequenininho e estão largado de cama e a mulher com uma depressão horrível!” Repare como foi o destino de Paula de Dirceu, morreu, que ela morreu agora. Em depressão. Quem matou? Quem matou não foi Dirceu? Que mulher era Paula, eu sei tudo ali, que nós era vizinha. E é assim minha fia.⁷⁹

Lá em Teixeira de Freitas minha fia, um home começou a ter mulher fora, a mulher pegou e se aguardou. E quando é um dia, o bestalhado, danado, dormindo, e chegou, passou, pegou assim e: crak! Rancou a bexiga! Ainda correu, chegou até a delegacia, e ele ficou escorrendo no meio da cama, puf, puf, e o sangue. Ela chegou: “doutor menino, delegado: - Aqui oh! Isso aqui é a bicha que eu ranquei fora, que nem eu, nem ela! (*conta e depois ri*) (...) Tudo isso ai é demônio, mas as mulher tinha medo! E a gente tinha medo dessas mulher assim!⁸⁰

Era um pé desse pau aí, um pezão muito, um tronco já dessa grossura assim, tinha escada assim pra subir, na porta dele. Tanto que as folha caia dentro de casa, o vento levava aquele ... pra dentro de casa, entendeu? E dizem que ela tinha um amante aí que vinha pra... Subia no pau não sei que hora era, e quando a rua silenciava, ele descia e dormia mais ela na cama. Mas isso é mentira, muier, eu não acredito nessas coisa não. Eu não acredito nem um pingo, mas o diabo quando começa a fuxicar tudo parece e tudo é pra ser. Só quem sabe é ela e ele. (...) E surgiu esse caso aí, mas eu num tinha assim aproximação pra ir, nem oiari, nem vigiar e nem acreditar. Porque o povo quando eles vêem uma muier moderna, bonita, satisfeita com todo mundo, eles bota sempre um defeito.⁸¹

Mas olhe, muitas coisas ali em Serrolândia eu sabia de tudo e não queria nem tomar conhecimento. **Porque eu não sou mulher de fofoca, eu sou mulher de agir** em minhas coisas, eu era assim dessa maneira, entendeu?⁸²

Nas três primeiras histórias mulheres aparecem como vítimas da “traição” dos maridos. As duas primeiras não reagem e morrem de depressão. Para Dona Farailda a culpa da morte dessas mulheres teria sido dos maridos, que não tiveram nenhuma preocupação ou cuidado com o efeito que as relações extraconjugais poderiam causar em suas companheiras. Provavelmente existiam outros tipos de subjugação que as levariam à morte. Dona Farailda revolta-se e alerta o marido de que ela não aceitaria esse tipo de tratamento.

⁷⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁷⁹ *Idem.*

⁸⁰ *Idem.*

⁸¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 24.08.2012.

⁸² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

Na região pesquisada, as relações extraconjugais masculinas eram naturalizadas, sendo que o fato de um homem casado possuir uma ou várias “amantes” fazia parte das construções de masculinidade hegemônica. Quanto mais mulheres um homem “possuísse”, mais “macho” ele era considerado. Essa não é uma visão presente apenas no sertão baiano, tendo sido construída historicamente nas sociedades ocidentais.⁸³

Na terceira história, ocorrida na cidade de Teixeira de Freitas, a mulher “traída” reage de forma violenta: assassina o companheiro e se entrega à justiça local, apresentando a bexiga arrancada do marido, como uma espécie de símbolo da não aceitação de dividi-lo com outra mulher, já que profere a frase: “nem eu, nem ela”!

No último episódio selecionado, supõe-se que é uma mulher que vive a relação fora do laço matrimonial. Dona Farailda recusa-se a acreditar no fato, sugerindo que os comentários ocorridos na cidade seriam consequências da discriminação que mulheres “modernas” e “bonitas” sofriam naquela sociedade. Ela, no entanto, rejeita o papel de “olhar, vigiar e acreditar”, já que nunca foi “mulher de fofoca”.

A posição de Dona Farailda ao contar as histórias é muito clara: desaprova a atitude masculina de manter relações extraconjugais e recusa-se a crer que mulheres também o fariam. Em sua visão estas são vítimas de um sistema desigual, no qual algumas práticas quando realizadas por homens e mulheres são vistas de forma diferente.

Embora não faça apologia ao crime praticado pela mulher da terceira história, ela tampouco a recrimina, já que considera inaceitável compartilhar o marido com outra mulher: “botei uma lei nele, digo: “olhe, você tem precisão de fazer isso comigo? Se tem precisão, vai para onde está ela, porque você ficar com as duas não dá certo! Aí pronto, Deus ajudou que ele deixou”.⁸⁴ Se pensarmos em sua trajetória, veremos que ela sempre reagiu às tentativas de subjugação, nunca aceitando qualquer tipo de dominação masculina, assumindo o “controle da própria vida e tornando-se sujeito de si pelo trabalho de reinvenção da subjetividade”.⁸⁵

Ao assegurar ao terceiro marido que ele “tirou meus pés e meus dois braços, só que eu fiquei com a cabeça... e eu sei que é com a cabeça que se anda”,⁸⁶ ela afirma sua posição de mulher racional, que não permite ser submetida a qualquer forma de subjugação. No entanto, na contramão da sua “invenção de si” como mulher independente, Dona Farailda naturaliza a autoridade dos genros em relação às filhas. Conta com naturalidade que o marido da filha

⁸³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo* – uma história do gênero masculino. Maceió: Edições Catavento, 2003.

⁸⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

⁸⁵ RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se... op. cit.*, p. 52.

⁸⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

caçula não permitiu que esta a acompanhasse à casa de Severino em uma visita, quando ainda não havia se casado com ele.

Ela não questiona, tampouco mostra estranhamento diante de tal atitude. Em histórias narradas sobre as outras filhas ocorre o mesmo. Isso reforça mais uma vez a posição tática dela, pois apesar da revolta contra a inferiorização das mulheres, não parece ter intenção de alterar lugares sociais de gênero.

3.6 “Casamento é a vivência”

Para concluir a análise sobre as concepções de mundo da “casamenteira”, optei por encerrar o capítulo discutindo o tema central da vida de Dona Farailda: o casamento. Apesar de tê-lo debatido ao longo da tese, selecionei alguns trechos nos quais ela expõe ideias sobre o tema. De forma paradoxal, ao mesmo tempo em que considera o casamento civil a mais importante forma de união conjugal, afirma que outros modos de “encontros afetivos” também são possíveis, a exemplo do “casamento de contrato” reinventado por ela.

Ao afirmar que “casamento é a vivência” subverte as próprias ideias: “Que dizem que o casamento é a vivência e justamente é a vivência, mas depois desse (*refere-se ao “casamento de contrato”*) eu nunca gostei de não casar, já que eu fiquei viúva, tem que casar no civil novamente”.⁸⁷ Aqui Dona Farailda se contradiz: ao mesmo tempo em que valoriza a convivência do casal, independentemente do tipo de união estabelecida, mais uma vez reafirma a importância da instituição do casamento civil:

Menina, não é brincadeira a pessoa ter um namorado, gostar duma pessoa e não dar certo. Tem que pensar positivo, né? E o que Deus faz ninguém desfaz, **e o civi em primeiro lugar**, o civi em primeiro lugar, pra tudo quanto vier. Né assim? É pra tudo, se fulano morrer a pessoa tem a aposentadoria, se o fulano morrer, morreu a viúva de seu fulano. E o casamento comercial é um casamentinho pra pessoas desamparadas, que não quer tá amigado, tem a palavra de casado.⁸⁸

Dona Farailda supervaloriza o compromisso matrimonial; assim, apesar de afirmar que o casamento civil está “em primeiro lugar”, ao trazer para Serrolândia o casamento “comercial” ou “de contrato”, ela reafirma a defesa daquela instituição. Como discutido

⁸⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 24.08.2012

⁸⁸ *Idem*.

anteriormente, o casamento para ela não é apenas um projeto individual, mas um projeto social. Orgulha-se de ter contribuído para que as noras saíssem da condição de “amigada”:

Depois que eu me casei com ele (*Severino*) Deus ajudou que duas fia dele que era amigada, todas duas já casou, já com fio noivo. (...) **Influenciei e expliquei**, digo: “minha fia serve pra você viver junto, serve pra vocês ter filhos, tombém serve pra casar, já que vocês acha que é marido e muier aqui, mas num tá ainda certo, **tem que casar!** Vamo lá”. Dei aliança pra gente, ajeitei casamento, entrei pelo meio, fiz casar. Esse mesmo aqui, esse rapaz (...) morava mais essa fia dele, tinha o que? Já tinha mais de dez anos, tem três fio, né?⁸⁹

Mesmo não realizando mais os “casamentos de contrato”, ela continua (atualmente) unindo pessoas que buscam um laço afetivo. Vários entrevistados afirmaram que Dona Farailda não perde a oportunidade de encontrar parceiros desimpedidos para pessoas sozinhas. Sua militância em favor do casamento é um traço marcante da sua atuação como “casamenteira”, independentemente da existência dos “casamentos de contrato”.

Existem muitas formas de dizer a importância do casamento. Dona Farailda me deu de presente o *bouquet* do seu último casamento quando realizei a quinta entrevista com ela. Foi um momento muito marcante na minha trajetória de pesquisadora, pois sabendo da importância que ela dá ao casamento, posso considerar esse gesto simbólico uma forma carinhosa de ela me desejar sorte. Considerando o sentido que a passagem desse acessório entre mulheres tem no ritual do casamento, pois quando a noiva “joga” o *bouquet*, a mulher que o pega será a próxima a casar-se, suponho que a “casamenteira” tinha as melhores intenções para comigo, como podemos evidenciar em suas palavras:

Eu vou te oferecer esse buquê, tu quer? Ô minha fia, Deus te abençoe. Ele tá limpinho, viu? Bote lá pra lembrar deu. (...) Eu nunca te dei nada, minha fia, Deus que te dê sorte, Jesus abençoe, quando você lembrar de mim, lembre assim que ela casou com setenta, eu tenho oitenta e dois, eu casei com setenta e sete, não foi?⁹⁰

Por considerar o casamento a experiência mais importante do ser humano, independentemente do gênero, Dona Farailda se mostra irritada com a falta de compromisso percebida por ela entre as “novas gerações”. A condenação da prática de “ficar”, termo muito utilizado nas últimas décadas pelos jovens para designar encontros casuais desvinculados de compromisso, apareceu em várias entrevistas com ela:

⁸⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010. Grifos meus.

⁹⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011.

Lá (*refere-se a Serrolândia, pois a entrevista foi realizada em São Paulo*) eu não sei, mas aqui tem um tal de “ficar”, que ninguém casa, nada, ninguém aqui casa mais. Casamento aqui já acabou!⁹¹ (...) Piorou porque assim como é fácil pra “ficar” é fácil pra deixar.⁹²

Partindo dos discursos proferidos por Dona Farailda sobre o casamento e outros temas relativos às relações de gênero, gostaria de retomar a discussão sobre a singularidade da nossa personagem, levantando algumas questões: quais ideias, presentes em sua narrativa, podem ser consideradas originais? Quais dessas ideias eram compartilhadas pela comunidade onde vive? Quais elementos discursivos teriam influenciado sua visão de mundo?

Carlo Ginzburg, ao discutir a singularidade de Menocchio, afirma que jamais podemos considerá-lo “um ‘camponês típico’ (no sentido ‘médio’, ‘estatisticamente mais frequente’),”⁹³ se levarmos em conta a originalidade das suas ideias e as dificuldades que enfrentou por não ser compreendido pelos seus conterrâneos. Mas, como discutido anteriormente, o autor afirma que essa singularidade tinha limites bem claros. No caso de Dona Farailda, por mais que se possa perceber a originalidade e autonomia das suas ideias, o diálogo que ela estabelece com o contexto é visível. Ao apresentar suas concepções de mundo percebe-se que ela compartilha da linguagem que estava “historicamente à sua disposição”.⁹⁴ Menocchio era visto como um homem “ao menos em parte, diferente dos outros”.⁹⁵ Dona Farailda também era (ou ainda é) considerada uma mulher “diferente” em Serrolândia. Sua trajetória de mulher casadoira, assim como a realização dos “casamentos de contrato”, chamou atenção da comunidade; sua existência nunca passou despercebida, sendo ainda hoje vista como uma espécie de “lenda” viva.

Procurei investigar quais elementos discursivos teriam influenciado suas ideias, a exemplo do rádio, das telenovelas ou dos almanaques, mas ela nega qualquer tipo de contato com tais tecnologias. Como mostrado anteriormente, condena terminantemente a televisão, considerada por ela um elemento desagregador da família, negando ter escutado rádio, prática muito comum entre seus conterrâneos; tampouco confirma a leitura de nenhum tipo de escrito, assegurando não ter tempo para “esse tipo de coisa”, pois precisava trabalhar para sobreviver. Para ela, estas influências poderiam representar um desvio para a “mãe de família trabalhadora”.

⁹¹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁹² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

⁹³ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes... op. cit.*, p. 27.

⁹⁴ *Idem, ibidem.*

⁹⁵ *Idem, ibidem.*

É possível que Dona Farailda de fato não tenha lido almanaques ou literatura de cordel, que provavelmente circularam em Serrolândia no período pesquisado; poucas mulheres da sua geração tiveram acesso à educação, já que a escolaridade é muito recente naquela região.⁹⁶ O que havia era uma predominância de uma cultura oral; no entanto, isso não significa que ela não tenha estabelecido contato com seu conteúdo, se consideramos a circularidade dessas ideias na cidade.

Suponho que seu principal canal de formação tenha sido a Igreja Católica, como apresentado no primeiro capítulo. Nesse sentido, Dona Farailda não se desvincula dos discursos dominantes sobre o casamento, sendo este visto por ela sempre na perspectiva heterossexual. Sem fugir da heteronormatividade, sua fala pressupõe que casais são formados por um homem e uma mulher. As raras vezes em que o tema da homossexualidade apareceu nas nossas conversas, ela reafirmou posições normativas.

Alguns estudos têm mostrado como o casamento foi elemento fundamental da heterossexualidade compulsória.⁹⁷ Cláudia Maia, em *A invenção da solteirona*, discute a estigmatização sofrida pelas mulheres que não se casavam, mostrando como as mudanças nos discursos sobre a família, ocorridas especialmente entre fins do século XIX e início do XX, vão ter um impacto na vida das mulheres solteiras no Brasil. De acordo com a autora, “a família se converteu em braço fundamental do Estado, na medida em que atendia às suas novas demandas; por isso ela foi percebida como lugar estratégico para instaurar a ordem e o progresso”.⁹⁸ Nesse sentido, a “verdadeira mulher”, representada pela esposa e mãe, torna-se a única condição aceita para as mulheres, sendo que as solteiras passam a ser ridicularizadas e inferiorizadas, como nunca visto antes. A substituição do termo “solteira” ou “celibatária” pelo de “solteirona” no campo discursivo republicano, denuncia uma preocupação com o celibato feminino, que passa a ser visto como uma ameaça à conjugalidade moderna:

Se “solteira” era apenas um *status* jurídico ou uma condição de desprestígio social, com o discurso científico-moral, “solteirona” passou a ser um desvio da natureza, uma anomalia social, um ser desprezível e risível, a figura da diferença.⁹⁹

⁹⁶ Discuti no primeiro capítulo as limitações de leitura de Dona Farailda, assim como as dificuldade de acesso a escolaridade em Serrolândia.

⁹⁷ NAVARRO-SWAIN, Tânia. *A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário*. Textos de História, Brasília: UNB, v. 8, n. 1, p. 47-85.

⁹⁸ MAIA, Cláudia. *A invenção da solteirona*. Conjugalidade moderna e terror moral, Minas Gerais (1890-1948). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011, p. 26.

⁹⁹ *Idem, ibidem*, p. 24.

Diante disso, muitas mulheres se sentiam obrigadas a cumprir um ritual social cada vez mais naturalizado. Outras resistiam e, apesar da estigmatização, mantinham-se firmes em sua escolha. Em Serrolândia, em geral, as “solteironas” eram vistas como mulheres rejeitadas, que não tinham sido selecionadas para sua função no mundo: casar e ter filhos.¹⁰⁰ No entanto, ao entrevistar uma mulher que não se casou, foi possível perceber uma “visão de si” completamente distinta dos discursos predominantes:

E aí o tempo foi passando e eu também levei mais minha vida assim, em festa. Eu gostava muito de dança, de festa e de rir. Quando a gente tava num lugar assim eu chamava todo mundo a atenção porque eu gostava mais assim, **é tanto que eu não sou frustrada, num casei, mas não sou frustrada.** [...] Quando passava de 20 anos já era criticada, agora eu nunca, eu não me importava, eu dizia que **eu nem casei e nem tenho inveja de quem casa, nunca tive, eu acho que é por isso que eu nunca tive depressão.** Num casei porque também, Alvino diz assim: você num casou porque você não era apaixonada pra casar, porque quando você quer casar você casa, num tem ninguém ruim pra num casar, num tem feiúra pra pessoa num casar. No meu caso foi uma opção, enquanto eu era bem jovem eu tinha aquela vontade de casar, me apaixonava, **depois quando eu vi o outro lado da vida eu achei que casamento não era a coisa mais importante...**¹⁰¹

A necessidade de Edite em afirmar que não se sente frustrada ou deprimida por não ter-se casado, de alguma forma revela como o casamento pode configurar uma imposição realizada através de múltiplas práticas discursivas e não discursivas da sociedade, que articula uma estratégia na qual a condição do sujeito não casado é inaceitável. A solteirice, embora seja apenas uma condição civil, é vista como uma prática ameaçadora ao modelo de família idealizado pela República, ainda presente em Serrolândia. No entanto, ela pode ser simplesmente uma escolha feita por mulheres que “vêm o outro lado da vida” e não acham o casamento “a coisa mais importante do mundo”. Esse não é o caso de Dona Farailda.

Retomo aqui as ideias da nossa personagem para trazer uma questão chave do seu pensamento em relação ao casamento e fazer uma provocação ao leitor. Embora reconheça que ela comungue dos discursos normativos sobre o matrimônio, visto que sua narrativa é marcada pela idealização da condição da “mulher casada”, posso afirmar que ela não defende o casamento por considerá-lo necessário à manutenção de uma ordem moral, mas como uma forma de “cuidado de si”.

¹⁰⁰ Encontrei o uso do termo “moça velha” para referir-se às mulheres solteiras. O termo faz uma referência ao significado de ser “moça”, quer dizer, virgem; a palavra moça, no sentido literal, significa mulher jovem, havendo assim uma contradição aparente no termo “moça velha”. VASCONCELOS, Vânia. *Evas e Marias...*, *op. cit.*, p. 132.

¹⁰¹ Entrevista com Edite, realizada em 11.11.2011. Grifos meus.

A associação que faz entre amor, casamento e felicidade, discutida anteriormente, sugere que Dona Farailda rompe com as construções discursivas instituintes do casamento. Isso é revelado na forma como “se inventou” como sujeito. É a partir do casamento que ela enfatiza seu lugar de “mulher feliz” e, assim, incorpora à vida o abstrato conceito de felicidade como algo possível, experimentado, real. Ao narrar a vida, faz uma “idealização de si mesma”, afirmando ter feito tudo que quis e ter conquistado tudo que desejou. Se a vida é uma invenção, Dona Farailda se inventou como uma mulher feliz, realizada em seus projetos e sem arrependimentos das escolhas feitas:

Não até aqui nunca me arrependi, até aqui eu nunca passei sede, eu nunca passei fome, eu nunca passei nudez, sempre tenho um prato de comida pra dá a uma pessoa na minha casa. O que eu quero mais? Minha saúde, graças a Deus nunca fui operada de nada. (...) Não tem nada que eu, eu não fiz nada de errado não.¹⁰²
Eu gosto de tudo meu, graças a Deus. (...) Tudo que eu fiz, como diz o outro, tudo que eu fiz de vida material, tudo que eu peguei pra fazer eu fiz. (...) Tudo o que eu sabia fazer, e as vezes eu nem sabia fazer, e eu fiz, entendeu? (...) Mas eu agradeço, eu agradeço de tal maneira porque eu nunca fiz nada forçada, pra ninguém achar bonito, viu Vânia?¹⁰³

Seu “cuidado de si” está relacionado às escolhas que fez na vida. A ela só interessa o possível. Sua construção subjetiva está pautada em práticas de liberdade, de não sujeição. Ao assegurar que “fez o que quis” da vida, reafirma o lugar de mulher autônoma e livre; desse modo, mesmo quando trata de um tema delicado como o ciúme, Dona Farailda prefere abordar o diálogo como possibilidade de construção das relações afetivas:

Eu sou muito boa de viver, fazer que nem diz o outro, eu ciúmo, mas meu ciúme é escondido. Quando eu fui pra casar com todos, com todos, foi a primeira coisa em namoro, em conversação, nós conversando e nós conversa muita coisa, pra poder eu sentar, entender. (...) Porque a gente entende, viu Vânia. **A gente conversando a gente entende** mais ou menos o pensamento do home, a inteligência dele, a gente entende. Bom, eu conversei com todos, eu sou ciumenta que mato, mas eu tenho a forma de ciumar, não quero ser ciumenta, não quero aguentar nome de corna, botar um corno em eu? Não! Assim como eu trato todo mundo bem, todo mundo me trata também, né? Eu sou uma pessoa, eu sou uma pessoa que nem eu mesmo me entendo, eu sou muito amiga, sou muito camaradeira, eu tenho muitas amigas, trato todos muito serio. (...) É meu jeito mesmo, né? Que tem pessoas que é assim, né?¹⁰⁴

A ideia de que Dona Farailda fez escolhas que lhe permitiram “viver bem”, também está presente no olhar dos outros, a exemplo do irmão Venerino:

¹⁰² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

¹⁰³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 04.05.2012.

¹⁰⁴ *Idem*.

É bem vivido. Aquela dali pode dar glória a Deus, que é bem vividos esses oitenta e três anos dela. E o pior de tudo é que todo mundo gosta dela. É. Todo mundo. Pode entrevistar Serrolândia todinha, que Serrolândia todinha gosta da danada. (...) Não tem ninguém que diga assim: eu não gosto daquela mulher.¹⁰⁵

A negação de conflitos com a comunidade e a necessidade em afirmar que deixará um legado de paz e harmonia ao partir desse mundo, parece fazer parte da sua “construção de si” como “mulher amada”:

Um dia eu tenho que morrer e quero deixar pra todos os meus vizinho, dizer: “Deus te dê o céu. Não dizer: Deus te leve pros infernos.” Num é verdade? Eu quero é assim, porque diz que um bom pedido faz um bom dar e o bom vizinho quem faz ele é nós.¹⁰⁶

É assim Vânia, eu creio, eu não sei assim o que dizer de ninguém, se eu morrer hoje, eu não tenho uma intrigada. **Eu trabaiei num ponto de fazer bons maridos e boas amizades**, porque eu sei com toda certeza que um dia eu vou. Num sei quando.¹⁰⁷

O trabalho de “fazer bons maridos” parece ter obtido frutos. O sétimo e atual esposo de Dona Farailda não consegue encontrar defeitos na amada e se declara sem reservas: “Eu gosto de tudo. (...) É bom, né? A gente vive bem, se combina tudo, tudo o que a gente quer, se combina. Então é uma ótima pessoa”.¹⁰⁸ Quando visito Dona Farailda em sua casa, o casal está sempre junto e é possível perceber gestos carinhosos entre os dois. Além do *bouquet* do último casamento, em uma dessas visitas, ela me deu outro presente e me pediu para guardar com carinho: uma fotografia na qual aparece ao lado do atual companheiro. Compartilho com o leitor essa imagem de uma “mulher feliz”:

¹⁰⁵ Entrevista com Venerino, realizada em 27.04.2013.

¹⁰⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011.

¹⁰⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 15.11.2011.

¹⁰⁸ Entrevista com Severino, realizada em 04.05.2012.



Figura 19: O casal Dona Farailda e Sr. Severino (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

Para encerrar o capítulo selecionei uma fala na qual Dona Farailda mais uma vez defende, de forma original, mais uma de suas ideias:

Meu conselho minha fia, sempre é para o bem, desde, essa noite nós tava na igreja e saiu uma parte lá e eu chorei, eu chorei mesmo, eu chorei, porque eu só vi que cada um de nós tem um compromisso, Deus deixou cada um pra servir uma coisa, né verdade? **Pra ser uma coisa, ninguém é igual não.** Então **Deus deixou cada quem ter um destino**, ter uma profissão. Como você, você tem sua profissão, que é o destino. É como Lena (*filha*). Cada um de nós tem um plano dado por Deus. Então o meu plano que eu sei, hoje eu não presto mais não, hoje eu não presto pra nada. Tem hora assim que eu digo: Jesus, eu não presto mais não Jesus. Tanta força que eu tive!¹⁰⁹

Se cada um de nós tem um destino, como supõe Dona Farailda, qual seria o dela? Casar-se muitas vezes? Ajudar pessoas que precisam dela? Viver intensamente a vida sem medo de ser feliz? No próximo capítulo me dedico a compreender a arte de Dona Farailda em promover a união entre pessoas em busca de encontros possíveis. Seria esse seu principal destino?

¹⁰⁹ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 24.08.2012. Grifos meus.

Capítulo 4

**“Casamentos de contrato”
– um costume em comum**

Maria Célia conheceu Severino numa manhã de domingo do ano de 1979 na cidade de Serrolândia. Ele havia chegado do Rio de Janeiro, cidade onde viveu alguns anos com a mãe, mudando-se para a Bahia quando esta se casou e decidiu viver na terra do marido. A primeira vez que o viu ele estava fazendo adubo. Ela passou por ele, que lhe disse: “tu mora perto de mim!”. Provavelmente estava tentando chamar a atenção da moça, que se lembra bem de que ele era “cabeludo”, como boa parte dos jovens que viviam nas grandes cidades brasileiras na década de 1970. Severino sumiu por “uns tempos” e quando retornou à cidade procurou por Célia, que não gostou muito da sua nova aparência: ele estava careca. Quando o viu, reagiu instintivamente: “Oxe... queta com tudo... ele é feio!”¹ Com o novo visual, parece-nos que o rapaz não tinha muita chance de conquistá-la, mas enfim, em mais um retorno à cidade, a moça se recorda de que seu admirador voltou bonito, e só aí iniciaram um namoro que os levaria a casar-se no “casamento de contrato” realizado por Dona Farailda.

Depois de conquistar sua paixão, alguns anos depois, Severino lhe pediu em casamento. Célia aceitou imediatamente casar-se com o namorado, agora “bonito”, mas o casal se deparou com um problema: em umas das viagens feitas por Severino a trabalho, ele perdeu todos os documentos. Nos inícios dos anos 1980 não era fácil adquirir documentos de identidade no interior da Bahia. Além disso, Severino nasceu em Caramazol, pequeno distrito pertencente à cidade de Nazaré da Mata, no estado de Pernambuco e não tinha recursos para viajar a tal cidade para retirar a segunda via da certidão de nascimento, necessária para a solicitação dos documentos perdidos.

O drama do casal foi marcado pelo desejo de casar-se, pois não gostaria de “amigar-se”, e a inviabilidade disso, já que não era possível oficializar a união sem os documentos dele. Diante do problema, recorreram aos serviços oferecidos por Dona Farailda em Serrolândia, ao longo da década de 1980.

O casal se uniu pelo “casamento de contrato” no dia 05 de outubro de 1983. A cerimônia, realizada na casa da “casamenteira” e presidida por ela, contou com a presença das testemunhas Justiniano Gonçalves e Isabel Alves Dias e uns poucos familiares e amigos; ao

¹ Entrevista com Célia, realizada em 28.05.2010.

final do ritual o “contrato de mútua assistência” foi lido em voz alta e assinado pelos noivos, pelas testemunhas, pela “escrivã” (sua filha), e pela “juíza” Farailda Alves de Oliveira.

A noiva, que tinha 20 anos na época, estava vestida da cor branca, segurava um *bouquet* nas mãos e estava radiante por realizar seu sonho de casar-se. O noivo, que também estava se casando pela primeira vez, aos 29 anos, não se continha de tanta felicidade e agradecia a Dona Farailda por lhe tornar possível essa experiência. Não fosse a existência dos “casamentos de contrato,” eles teriam que adiar seu sonho ou “juntar-se” em União Consensual,² o que não gostariam de fazê-lo, em função da discriminação que sofriam os casais que assim o fizeram. O casal pagou um valor irrisório pelo serviço.

A comemoração pelas bodas foi realizada na casa de Célia. Uma festinha muito simples, com a presença dos familiares e de alguns amigos, já que o casal não possuía condições econômicas para fazer algo mais suntuoso. Apesar da simplicidade do ato, o casal tem as melhores recordações daquele dia especial, estando junto até os dias hoje, com três filhos fruto dessa união. Ambos guardam o contrato, com muito carinho.

4.1 “Representante do povo lá de Serrolândia...”

Eu comecei porque eu conheci... (...) Tinha um cartório em Gavião (*cidade vizinha a Serrolândia*) e a Dona Júlia e seu Pantaleão era quem fazia o casamento lá. Então teve uma pessoa, (...) que eu fui testemunha dessa pessoa, eu levei no Gavião, (...) todo mundo sabia que eu acompanhava e fizemos linha, quando é um dia nós foi pro casamento... (...) Quando é um dia o guarda nos pegou na estrada (...). Aí nós chegamos atrasados no cartório. Depois que terminou o casamento, a Dona Júlia falou: “Dona Farailda a senhora é **representante do povo lá de Serrolândia**, que vem pra aqui sempre trazer, porque a senhora não põe um cartório lá?” Eu disse assim: “Eu não posso mulher, como é que eu ponho lá?” Ela disse pra mim: “Você não tem suas amizades lá com o cartório civil?” Eu digo: “Tenho”. (...) Aí ela disse: “Você vai lá no cartório e você conversa com alguém no cartório e você explica, que esse casamento aqui só pra gente de maior, aqui não se casa moça, nem rapazinho, se casa porque é viúvo, é largado”. (...) Disse oh: “**Ninguém vai lhe bulir**, a senhora sendo acertada pelo juiz de paz, pela mulher do cartório e pelo sargento aí, você vai abrir seu cartório em sua casa”.³

No trecho citado acima, Dona Farailda narra os motivos que a levaram a iniciar os “casamentos de contrato”, também conhecidos como “casamentos comerciais”. Na sua versão, ela teria estabelecido um acordo com o Juiz de Paz e a Escrivã do Cartório de

² Estado conjugal no qual a pessoa vive em companhia de cônjuge com quem não contraiu casamento civil ou religioso.

³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006. Grifos meus.

Serrolândia para realizá-los. Segundo ela, eles eram uma alternativa para as pessoas “largadas” (separadas não oficialmente), que não podiam se casar oficialmente, pois ainda não haviam conseguido o divórcio. É interessante como ela afirma ser considerada “representante do povo de Serrolândia” pela companheira de ofício, Dona Júlia, que lhe sugeriu colocar um “cartório em sua casa”.

A versão da filha Elenita a respeito dos “casamentos de contrato” coincide em muitos pontos com a sua:

O que eu lembro é que naquele tempo uma coisa forte na população de Serrolândia era o medo de morar junto, então como eles não queriam morar junto e surgiu esse casamento em Serrolândia através de outro município, Gavião, que já existia em Gavião e mãe por ser essa pessoa muito dada, caridosa e ajeitar os casais na época, muita gente começou a procurá-la pra ser testemunha desses casamentos em Gavião, ela, pra facilitar a vida desse povo, pra não ficar indo pra lá, pediu ao pessoal do cartório de lá se podia trazer a cópia para aqui e eles passaram todas as informações de como seria, se ela poderia aplicar aqui em Serrolândia, **ela sendo essa representante**, que eles davam o nome do juiz desse processo. Disseram lá: “tudo bem, se você achar alguém que escreva e junto com a senhora presida todo o momento, o ritual direitinho, tranquilo, pode fazer”, aí ela pegou essa representação de lá, chegou em casa me convenceu, eu fui a escritã desse processo todo, só que, quando as pessoas procuravam a gente pra concluir esse ato contratual, nós nunca escondíamos “por que você quer se casar?” “ah, por que eu já sou casado no civil, não posso me casar novamente”, “ah, já sou casado na igreja, não posso me casar de novo, nem quero me casar no civil por enquanto, e os pais da menina também não permitem morar junto”, os dois já são maiores de idade, os dois já sabem o que querem, os pais liberaram, então só fazíamos com maiores de idade e que de fato não quisessem ir para o civil, nem pro religioso devido algum empecilho, então era um negócio assim muito aberto, muito claro, tinha pessoas que faziam questão de reconhecer a firma da gente, (...) então era uma coisa **meio que legal**, pra gente era legal naquela época, e o maior de tudo isso é que pras pessoas ficavam um sentimento mesmo de união, de casamento, a gente tem hoje exemplo de famílias que moram até hoje, casais que estão juntos até hoje, constituíram filhos e levam com seriedade mesmo esse contrato dessa época.⁴

Ao aprofundar as pesquisas em torno dessa prática, foi possível perceber que os motivos que levaram os casais a procurar Dona Farailda para a realização dos casamentos eram diversos; também eram múltiplas as representações em torno dessa experiência. É provável que os “casamentos de contrato” representassem uma alternativa para pessoas de baixa renda que não tinham condições de arcar com as despesas do cartório e com as roupas. Não obtive informações precisas acerca do custo do casamento civil na década de 1980, mas, a partir de algumas informações encontradas nas fontes orais, é possível sugerir que o acesso a esse serviço não era tão fácil para as camadas populares.

⁴ Entrevista com Elenita, realizada em 28.05.2010.

Dona Farailda relata que seu primeiro casamento foi realizado apenas na Igreja, tendo-se casado no civil com o Sr Dário (seu primeiro marido) apenas 20 anos após o enlace matrimonial. Embora não aponte a falta de recursos como um motivo para esse fato, afirma que o casamento civil ocorreu por causa do oferecimento desse serviço, por um político da cidade, em época de eleição:

(...) Nós vivia muito bem graças a Deus, cuidando da nossa obrigação, quando tava com vinte anos, foi até na eleição de Jaime,⁵ com vinte anos nós casado, Jaime se candidatou aí e começou a dar casamento civil ao povo, então quando é um dia ele chegou lá, tava pra rua, chegou e disse: ô muier, chegou o tempo de nós casar no civi. Eu tomei até um choque, não tava sabendo do que tava passano, aí eu disse: por que tu diz assim? Ele disse assim: Jaime está dando casamento de graça aí, vamos casar? Eu digo: vamos. Aí troquei a roupa e saí. (...) Vinte ano casada na Igreja, todo mundo admirava e aí quando botei os papeizinhos... Eu não sei por que, teve amiga que chegou na minha casa falou e disse: tu é besta, tu só viveu bem mais Dário até hoje, de hoje em diante tu não vai viver mais bem. Eu digo: não senhor, eu creio que eu vou viver até o fim da vida, aí graças a Deus...⁶

Além da narrativa sobre o convite do esposo para casar-se no civil, Dona Farailda também se recorda do comentário de uma amiga acerca das mudanças que essa decisão poderia acarretar em sua relação. A crítica feita por esta ao casamento civil está totalmente na contramão dos discursos moralizantes; há uma desvalorização do mesmo ao insinuar que Farailda não continuaria a “viver bem”, depois de aderir àquela instituição.

O fato de um político “dar o casamento civil ao povo”, provavelmente como moeda de troca pelo voto, é muito significativo para pensarmos sobre as dificuldades de acesso da população a essa instituição. Em geral, os políticos ofereciam serviços que consideravam “sedutores” para a população mais pobre, como forma de atingir o objetivo de angariar votos. Essa era uma prática muito comum em Serrolândia nesse período.⁷ Em plena ditadura militar brasileira, a política local era disputada por dois grupos ligados à ARENA; a política assistencialista, que incluía a prática de “compra de voto”, além de ameaças à população, pode ser considerada a base das administrações da época. Tais práticas não desapareceram com o fim da ditadura nos anos 1980, quando os “casamentos de contrato” eram feitos por Dona Farailda, sendo necessária uma investigação mais aprofundada para saber se os políticos ainda ofereciam o casamento civil “de graça” para a população pobre nessa época.

⁵ Jaime Ferreira Franco foi prefeito de Serrolândia por três mandatos.

⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

⁷ Refiro-me aos anos 1960, visto que Dona Farailda se casou (no religioso) pela primeira vez em 1945 e seu casamento civil foi realizado em 1965.

Não é possível afirmar se os casais pobres que aceitavam a “doação”, feita muito provavelmente a cada quatro anos, período em que havia eleições municipais, estavam se casando pela primeira vez, ou haviam se casado anteriormente no religioso, como foi o caso de Dona Farailda e Sr. Dário, ou, ainda, se já tinham uma união consensual.

Mas o que nos interessa aqui é refletir acerca da importância dada ao casamento civil e a dificuldade de acesso da população pobre a ele. Quanto à primeira questão, sugiro que a existência dos “casamentos de contrato” realizados por Dona Farailda demonstra que a realização de um ritual de casamento era imprescindível para a maioria da população, ainda que este não tivesse validade jurídica, reforçando a importância dada à instituição. Aprofundarei a discussão acerca da importância do casamento em Serrolândia mais adiante.

Quanto ao acesso ao casamento civil, Dona Nilda, escritã do cartório, ao mesmo tempo em que afirma que ele era caro, nega ser o mesmo inacessível aos pobres, assegurando que muitas vezes ela os isentava do pagamento de taxas que deveriam ser cobradas. Responsável pela realização deste desde a década de 1950⁸ em Serrolândia afirmou:

Naquela época era caro, né? Agora é de graça, mas eu não me lembro quanto era. (...) Mas eu facilitava muito. Porque tinha os proclamas que tinha que cobrar e eu facilitava, eu afixava, mas não cobrava. Eles colocava os papeis e eu pagava pra reconhecer as firmas e assim foi. (...) Existia a taxa, mas eu não cobrava...

A fala de Dona Nilda nos faz refletir sobre o afrouxamento das instituições públicas nesse período. Se de fato ela tinha o poder de não cobrar uma taxa de um serviço público, significa que não havia nenhum tipo de controle sobre o pagamento de taxas da Justiça de Serrolândia. No entanto, isso não garante que o casamento civil fosse tão acessível à população, como tenta garantir a escritã.

Dona Nilda defende o casamento civil como símbolo de evolução: “com o decorrer do tempo, eles (*referindo-se ao povo*) foram evoluindo e foram chegando os benefícios pra pessoas e eles foram vendo que estava errado morar junto, aí casavam”.¹⁰ Esse discurso está muito próximo das ideias defendidas no Brasil, entre o final do século XIX e início do XX, quando a República instituiu o casamento civil¹¹ como forma de normatizar as famílias, na

⁸ O cartório civil foi instalado em Serrolândia no dia 01.09.1955, sob a responsabilidade da escritã entrevistada, Sra. Nilda Souza e Silva. Isso ocorreu provavelmente porque o povoado se tornou distrito.

⁹ Entrevista com Dona Nilda, realizada em 15.11.2011.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ O casamento civil foi instituído no Brasil através do Decreto Federal nº 181 de 24/01/1890, cujo principal objetivo era a legitimação da prole e proteção à família, excluindo a família natural. O casamento era indissolúvel e tal regulamento somente permitia a separação de corpos em determinadas hipóteses. Ver http://www.sinoreg-es.org.br/boletins/boletins.php?campo_notas_id=540.

perspectiva de incorporá-las ao Estado, através dessa instituição. Casar-se no civil adquire um significado de integração social, sendo o ato visto por Dona Nilda como “um benefício” para os pobres, que deveriam abandonar seus costumes “errados”, a exemplo da União Consensual.

Em seu discurso, a escritã condena totalmente os “casamentos de contrato” realizados por Dona Farailda. Quando perguntei a sua opinião sobre os motivos que levavam as pessoas a procurarem os serviços desta, respondeu: “Num sei, ela tinha uma lábia tão grande”.¹² Voltarei às ideias de Dona Nilda quando for discutir a repressão aos “casamentos de contrato”.

Não posso deixar de concordar com ela que Dona Farailda tinha, ou ainda tem, “uma lábia grande”, visto que todos os entrevistados demonstram certo fascínio pela capacidade de argumentação e convencimento da “casamenteira”, especialmente se o tema for o casamento. Entretanto, não podemos negligenciar o fator econômico, assim como outros motivos, para a procura dos “casamentos de contrato”, pois todos os casais entrevistados¹³ confirmaram que ela cobrava uma taxa pelo serviço, mas que era um valor muito baixo, quase insignificante.

Para além do fator econômico, não podemos perder de vista que a ocorrência dos “casamentos de contrato” também pode estar relacionada a uma resistência cultural das camadas populares ao casamento civil. Assim como Dona Nilda considera a União Consensual parte dos “costumes errados dos pobres”, essa população poderia não se sentir identificada com instituições ligadas ao Estado, vendo-as como “um lugar” que não lhe pertence. Nesse sentido, muitos casais podem ter optado por viver em união consensual ou unir-se através do ritual criado por Dona Farailda. Na década de 1980, como discutirei posteriormente, houve um crescimento significativo das Uniões Consensuais, o que pode revelar que a instituição do casamento talvez já não fosse tão imprescindível para uma parte da população serrolandense. Paradoxalmente, essa é a década em que ocorreram os “casamentos de contrato”, realizados pela “casamenteira”.

Em entrevista, Dona Farailda deixou claro que os “casamentos de contrato” constituíam uma forma de sobrevivência para ela: “Tinha dia lá em casa, tinha semana de eu fazer cinco, seis casamentos. Agora foi um ganha pão pra mim”.¹⁴ No entanto, membros da sua família, a exemplo da filha e do irmão, apresentam outra versão, afirmando que ela fazia

¹² Entrevista com Dona Nilda, realizada em 15.11.2011.

¹³ Consegui entrevistar apenas seis casais que participaram desse ritual.

¹⁴ Como discutido acima, é possível afirmar que era cobrada uma taxa pelo serviço.

os casamentos apenas para “ajudar as pessoas”, mas que eles não constituíam uma fonte de renda:

Não. Por que nesse tempo meu pai tinha uma renda estável, ele era vendedor de cereais na feira e tínhamos casa própria, ela era costureira.¹⁵ (...) ela fazia principalmente por prazer, porque na cabeça dela tem ainda a felicidade das pessoas, mainha é apaixonada por vê as pessoas felizes, realizadas, estarem bem.¹⁶

Era pra ajudar, era pra ajudar mesmo, que eu nunca vi dizer que ela cobrasse um réis de ninguém, entendeu? Era só pra ajudar. Ela arrumava. A mulher tava sem marido, o cara lá tava sem mulher, você entendeu? Aí ela ia devagarzinho e tal e parecia que o cara vinha e se arrumava com ela e aí pronto, ela fazia o casamento.¹⁷

Levando em conta que a memória é seletiva e que geralmente relatamos aquilo que nos interessa narrar, visto que a narrativa se faz no presente a respeito do passado, é provável que a filha de Dona Farailda prefira referir-se aos casamentos realizados por sua mãe (condenados pela justiça, de acordo com Dona Nilda) como um ato de bondade, ao invés de lembrá-los como uma espécie de trabalho remunerado. Além disso, há um desencontro de informações, pois quando os “casamentos de contrato” eram realizados seu pai já havia falecido.

No entanto, não podemos desconsiderar que, como discutido anteriormente, o casamento era para Dona Farailda uma espécie de projeto social. Então, mesmo que houvesse cobrança pelo serviço, é provável que a “casamenteira” não o fizesse apenas para obter renda, mas também para “ajudar” os casais, como sugerem seus familiares.

4.2 “Casamentos de contrato”: um costume em comum?

O historiador Edward Thompson apresenta em *Costumes em Comum* a “venda de esposas” como um costume das camadas populares inglesas dos séculos XVIII e XIX.¹⁸ O autor se refere ao ritual, visto por muitos como levandade dos pobres em relação ao casamento, como “divórcio popular”. Segundo Thompson, no rito “a esposa podia ser levada

¹⁵ A informação não coincide com as pesquisadas realizadas, visto que quando Dona Farailda iniciou a prática dos “casamentos de contrato” seu primeiro marido já estava morto.

¹⁶ Entrevista com Elenita, realizada em 28.05.2010.

¹⁷ Entrevista com Venerino, realizada em 27.04.2013.

¹⁸ THOMPSON, Edward. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 305-352.

ao mercado puxada por uma corda, ou a corda podia aparecer no momento da venda”¹⁹ e era entregue assim ao comprador. Havia a aparência de um leilão e a troca de algum dinheiro.²⁰

Essa prática pode parecer aos nossos olhos contemporâneos algo absolutamente condenável; o próprio autor vai mostrar que havia uma literatura na Inglaterra que criticava tal costume, reduzindo-o à “compra direta de um bem”, mas, para Thompson, “uma vez estabelecido o estereótipo, é demasiado fácil interpretar a evidência por meio do clichê”.²¹

Assim, o historiador inglês nos convida a atentar para outros aspectos daquele ritual: em primeiro lugar mostra que, ao invés de descaso, esse ritual pode ser interpretado como uma forma de valorização do casamento e, além disso, o fato de ser necessário o consentimento da comunidade para a realização do mesmo demonstra certa autonomia da cultura plebeia em relação às camadas mais abastadas. Pode ainda ser considerada uma possibilidade de formalização do divórcio, visto que a maioria da população não tinha acesso a ele naquela sociedade. De acordo com Thompson: “Fica claro (...) que temos de retirar a ‘venda de esposas’ da categoria de uma brutal venda de gado e colocá-la na do divórcio seguido de novo casamento”.²²

Sem querer cometer nenhum anacronismo, pois é necessário considerar as diferenças entre a sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX e o sertão baiano da segunda metade do século passado, sugiro que os “casamentos de contrato”, realizados por Dona Farailda, são uma espécie de “costume em comum”. Considero que essa prática foi “inventada” por sujeitos que não tinham acesso às instituições do casamento e do divórcio, mas compartilhavam da importância desses valores, de forma que essa população excluída passou a utilizar um ritual considerado “sem validade” para as autoridades jurídicas, mas aceito por eles.

Na introdução do livro citado acima, Thompson discute o conceito de *costume em comum*, levantando problemáticas que me interessam muito para pensar sobre o ritual realizado pela “casamenteira” do sertão da Bahia. Ao analisar os costumes da sociedade rural inglesa, argumenta que esta possuía normas próprias, contrariando a ideia de que seguia regras impostas pelas camadas mais abastadas e urbanas. Thompson também chama atenção para o fato de essa população reforçar costumes conservadores, ligados a uma “cultura tradicional”, ao mesmo tempo em que tinha práticas rebeldes; nesse sentido, ela se

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 317.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 318.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 306.

²² *Idem, ibidem*, p. 323.

apropriava de regras “oficiais” para criar as suas próprias. O autor defende ainda que os trabalhadores ingleses do século XVIII tinham regras invisíveis e que a cultura “do povo” é imbuída de interesses próprios, rompendo com a imagem de vitimização e resignação desta.²³

Muitos desses argumentos me interessam para pensar sobre como uma sociedade, também predominantemente rural, “inventou” ou “recriou” um ritual de “casamento popular”. Um dos objetivos deste capítulo é compreender quais as razões que levaram a população pobre de Serrolândia a procurar os serviços de casamento de Dona Farailda. Pretendo fazer essa análise rompendo com a ideia (muito presente no imaginário dos entrevistados) de que essa população era ingênua, sendo enganada pela “casamenteira” citada, tentando compreender como esse ritual lhe interessava por motivos diversos, pautados em interesses próprios.

Outra contribuição de Thompson será a de fazer pensar como essa população reafirma valores “conservadores/tradicionais”, como o casamento, criando uma prática rebelde, que afrontava a Justiça e era desconsiderada e criticada por parte da sociedade serrolandense. A existência dos “casamentos de contrato” leva-nos a refletir sobre a importância que o casamento tinha para as camadas populares nessa sociedade; ela sugere, igualmente, que a realização de um ritual de união entre os casais ainda era imprescindível para aquela comunidade, independentemente de seu aspecto legal. Também o temor de ser apontado como “amigado”²⁴ pode ser uma das razões para sua existência.

4.3 “Era mais gente pobre, era só pra não dizer tá amigado, tá morando junto”

Ao traçar o perfil dos seis casais protagonistas do “casamento de contrato” a que tive acesso, foi possível confirmar algumas informações presentes no imaginário dos entrevistados acerca da condição econômica e da situação de domicílio destes. Todos eram pobres, tendo profissões como: lavrador (a), pedreiro (a), motorista, dona de casa, pequeno (a) comerciante, entre outras. A maioria morava na zona rural no período em que ocorreu o

²³ *Idem, ibidem.*

²⁴ Em pesquisa realizada em Serrolândia, já citada anteriormente, foi possível perceber a discriminação sofrida por casais “amigados”, ou seja, que viviam em União Consensual. VASCONCELOS, Vânia N. P. *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*. Salvador: EGBA, Fundação Pedro Calmon, 2007.

casamento; tal informação não é surpreendente visto que a população de Serrolândia era predominante rural nesse período.²⁵

Também parece um tanto óbvio o fato de os casais que utilizavam os serviços da “casamenteira” serem pobres; muito provavelmente, as classes mais abastadas, por possuírem bens, não se arriscariam a participar de um ritual e a assinar um contrato que não possuía validade jurídica. No entanto, trago esses dados, pois me interessa discutir as representações em torno da população rural e pobre.

A partir das entrevistas realizadas foi possível perceber que havia uma ideia de que os casais que utilizavam os serviços de Dona Farailda eram ingênuos, podendo ser facilmente enganados, especialmente por serem pobres e “da roça”.²⁶ Apesar de, como afirmado acima, a cidade ter a maioria da sua população vivendo na zona rural, o “povo da roça” era visto como “o outro” por quem vivia na cidade. É possível perceber que havia uma tendência à inferiorização dessa população, vista como mais ingênua, boba, sem formação, e por isso mais vulnerável a práticas consideradas “ilegais” como o “casamento de contrato”, realizado por Dona Farailda.²⁷

Ao analisar o perfil dos participantes da “venda de esposas”, Thompson afirma que havia um consenso de que essa prática era realizada pela população pobre da Inglaterra. Ele apresenta apenas uma exceção, ao encontrar um caso de 1815, que “chamou atenção precisamente por causa da riqueza e status das partes envolvidas.” Segundo o autor, a imprensa noticiou o fato com reprovação, com expressões como as que afirmavam que “até então só víamos aqueles que pertencem às classes mais baixas da sociedade degradando-se desse jeito.” Para o estudioso citado:

O consenso da opinião esclarecida na metade do século XIX era de que a prática existia apenas entre os estratos mais inferiores dos trabalhadores, especialmente nas zonas rurais mais afastadas: como Brand dissera “os mais baixos dentre os vulgares”. Isso pode ser verificado pelas ocupações atribuídas aos maridos ou ao comprador na minha amostra.²⁸

²⁵ De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 1980 a população de Serrolândia era de 22.359, sendo que apenas 3.673 habitavam na zona urbana e 18.686 na zona rural. Ver <http://www.ibge.gov.br/home/>.

²⁶ Categoria específica que identifica, na região estudada, a chamada zona rural.

²⁷ Faço essas afirmações baseada em entrevistas feitas com pessoas de Serrolândia no processo de construção da minha pesquisa de Mestrado que resultou no livro VASCONCELOS, Vânia N. P. *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*. Salvador: EGBA, Fundação Pedro Calmon, 2007.

²⁸ THOMPSON, *Costumes em Comum. Op. cit.* p. 312.

Embora considere as diferenças entre os “casamentos de contrato” e a “venda de esposas”, sugiro que há muitas proximidades entre as duas práticas. Como discutido acima, Thompson considera a “venda” como uma espécie de “divórcio popular”, no qual a população pobre encontrou um modo de “oficializar” o fim do casamento diante da comunidade, geralmente seguido de um novo casamento. No caso dos “casamentos de contrato”, pode-se arriscar dizer que eles são também uma forma encontrada pela população pobre de legitimar a união conjugal para seus pares.

Nos discursos que tratam dos envolvidos na “venda de esposas”, com os quais Thompson trabalha em seu estudo, a população pobre e rural aparece como “ignorante”, “depravada”, “analfabeta”, entre outros adjetivos. Embora os discursos que se referem aos participantes dos “casamentos de contrato” não sejam tão degradantes, a associação com a ignorância e ingenuidade dos pobres é muito recorrente na referência às duas práticas.

No caso dos pobres envolvidos com a “venda de esposas”, sua ignorância estaria associada à recusa em procurar os direitos de separação legal. Nos debates envolvendo a repressão à prática referida, em que pessoas podiam ser presas, acusadas de bigamia, em consequência da não aceitação do ritual pela Justiça da época, elas eram vistas assim:

Eles (*os pobres*) nem sempre infringem a lei com conhecimento de causa – pois nada é maior do que a ignorância dos pobres a esse respeito (*refere-se à realização de novo casamento sem ter se divorciado oficialmente*) (...) Eles acreditam em qualquer coisa, menos no que é de fato – isto é, que eles podem fazer legalmente o que sabem ser legalmente feito nas classes superiores.²⁹

Apesar de discursos como este serem usados para combater a prática da “venda de esposas”, Thompson afirma haver no século XVIII um “duplo padrão que permitia um divórcio difícil e dispendioso para os ricos (...) mas o negava para os pobres”; as “vendas” eram vistas como uma afronta moral às autoridades jurídicas.³⁰ Aprofundarei esse tema quando for discutir a repressão aos dois rituais.

Voltando aos “casamentos de contrato” e ao perfil dos seus protagonistas, Dona Marina, que era vizinha de Dona Farailda na época em que os casamentos eram realizados, afirmou que embora nunca tenha assistido ao ritual, podia ver os participantes da janela da sua casa:

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 342.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 310.

Era o povo mais pobre, o povo da roça, quem casava mais era da roça. (...) O povo da roça que não tinha condição, aproveitava... ela cobrava baratinho deles que casava, chegava aí, casava e ia embora, ia morar junto e pronto. (...) Porque era mais barato. (...). Era mais gente pobre, era só pra não dizer tá amigado, tá morando junto.³¹

Na narrativa de Dona Marina aparecem os motivos que levavam casais “pobres e da roça” a se casarem no ritual inventado (ou recriado) por Dona Farailda; dentre eles, o fator econômico aparece como principal. Ela afirma ainda que o casamento tinha a função de livrar o casal do estigma de ser “amigado”, argumento utilizado também por Dona Farailda e por muitos outros entrevistados acerca da importância que o ritual tinha para os que se utilizavam dele. Aprofundarei esse tema mais adiante.

4.4 “Igual mesmo a casamento”

A seguir, tentarei reconstituir o ritual do “casamento de contrato” a partir das descrições feitas pelos entrevistados, incluindo os casais, e também por Dona Farailda. De acordo com esta:

(...) Eu era a juíza (...) Mas as meninas como tinha leitura, Lena cansou de preencher e Nele batia na máquina. Saía tudo bonitinho, certinho (...) Eu já tinha o vestido de noiva, meu vestido, até hoje ainda tenho a grinalda (*risos*) Alguém chegava lá pra casar e eu alugava tudo. Entendeu? Tirava retrato. Tudo na minha casa. Era uma festa. Depois, ali na pracinha enchia de carro, fazia até gosto! No dia que era coisa de casamento, as meninas arrumava a casa e nós fazia o casamento ali.³²

A pracinha³³ à qual Dona Farailda se refere aqui é a mesma onde Dona Marina viveu e ainda vive atualmente, e é provável que ela realmente avistasse os casais que chegavam para a realização do ritual, presidido pela “juíza” Farailda, pois os casamentos eram feitos na casa desta.

No contrato a que tive acesso, que analisarei mais adiante, de fato Dona Farailda assina como “juíza”. Quanto à informação de que suas filhas “batiam na máquina”, esta não

³¹ Entrevista com Dona Marina, realizada em 08.02.2011.

³² Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

³³ A Praça Juracy Magalhães, localizada no centro da cidade, era conhecida como “Praça da Bíblia” na época em que ocorriam os “casamentos de contrato”. Ela foi modificada nos anos 1990, quando o monumento da Bíblia foi substituído por um quiosque, cercado de bares, espaço muito frequentado pela juventude da cidade atualmente.

pôde ser confirmada, pois encontrei um contrato manuscrito; entretanto, como tive acesso apenas a um deles, é possível que houvesse uma variação na forma de escrita do contrato.

Com relação ao vestido, na versão da “casamenteira”, ela o alugava às noivas, revelando que a prática envolvia mais elementos do que o do casamento em si, se constituindo como um serviço de *buffet* e aluguel de vestido de noiva, tornando-se vantajoso para os pobres pagar pelo “pacote completo”. Essas informações não foram confirmadas pelas noivas, e não é possível saber se isso está presente em suas memórias como idealização da prática, ou se ocorria de fato.

O vestido de noiva é talvez um dos elementos centrais do ritual do casamento. Não obtive muitas informações sobre os vestidos que as noivas utilizaram na cerimônia realizada por Dona Farailda, mas ela me apresentou duas fotografias como se fossem dos “casamentos de contrato”. As imagens me proporcionaram várias análises a respeito da vestimenta das noivas, da presença de convidados, entre muitos outros temas que me interessam; por isso, cheguei a apresentá-las no texto da qualificação. No entanto, após a entrega do texto e antes do encontro com a banca estive com Dona Farailda, que me apresentou uma nova versão sobre as imagens. Informou-me que se tratam de casamentos de afilhadas suas, que ela guarda com muito orgulho, pois teria sido uma das responsáveis por estas terem se casado no civil.

Discuti com os membros da banca de qualificação tal equívoco e eles consideraram o episódio extremamente rico para analisar os possíveis motivos que teriam levado Dona Farailda a afirmar que as fotos documentavam “casamentos de contrato”, me sugerindo incorporar a discussão à tese. As hipóteses para a confusão podem ser muitas; Dona Farailda, simplesmente, pode ter-se confundido, me passando a informação equivocada sobre as fotografias. No entanto, também podemos supor que a ela lhe interessa mostrar uma imagem idealizada da prática que realizava e que era considerada ilegal.

Trago este episódio para refletir como o processo de investigação é rico e surpreendente, uma vez que não são apenas as fontes que definem os limites e possibilidades para o historiador,³⁴ mas a própria forma de acesso a elas deve ser considerada. Dona Farailda poderia ter mantido a versão de que as fotos retratam o ritual “recriado” por ela, mas ao trazer a nova informação muda o rumo da minha investigação, possibilitando-me refletir sobre o próprio acontecimento. Enfim, decidi manter a exibição e análise sobre as imagens

³⁴ BORGES, Vavy Pacheco. “Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieller”. In BRESCIANI, Stella; NAXARA Márcia (Orgs.). *Memória e Ressentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. p. 204

que, apesar de não retratarem os “casamentos de contrato”, dizem respeito a casamentos realizados no civil no mesmo período destes.

Em dezembro de 2013, com a tese em processo de finalização, estive em Serrolândia e fiz uma visita a Dona Farailda; não tinha intenção de entrevistá-la, tampouco de recolher novas fontes. No entanto, ao ouvi-la falar não resisti e gravei uma última entrevista; além disso, ela resolveu mostrar-me algumas fotografias. Junto com estas encontrei uma imagem de um casamento que me deixou curiosa. Pedi a Dona Farailda para identificar os protagonistas da imagem, e ela me afirmou se tratar de um casal que se uniu através do “casamento de contrato”. A filha Valmira confirmou tal informação. Enfim, após “os 45 minutos do segundo tempo do jogo”, encontrei uma fonte importantíssima que possibilitou-me ampliar a análise sobre o ritual realizado pela “casamenteira”. A seguir, apresento as fotos dos casamentos civis e, em seguida a do “casamento de contrato”:



Figura 20: Casamento civil (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)



Figura 21: Casamento civil (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)



Figura 22: “Casamento de contrato” (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

O primeiro elemento que chama atenção nas imagens é que as noivas que aparecem nelas estão vestidas “de branco”. Apesar de a vestimenta parecer simples, elas aparentam estar trajadas como tradicionalmente se vestem as noivas: além do vestido branco, estão usando grinalda, as duas primeiras usam luvas brancas e, como não poderia faltar, todas se apresentam com um *bouquet* nas mãos, elemento dos mais importantes na vestimenta de uma noiva “tradicional”. A vestimenta dos noivos (homens) também é bastante similar se compararmos as fotografias; usam camisa com mangas compridas, mas nenhum aparece com o tradicional paletó utilizado muitas vezes por classes mais abastadas. Diferentemente dos noivos dos casamentos civis, o noivo do “casamento de contrato” não usa gravata.

Dona Farailda está presente nas fotografias; nas duas primeiras como madrinha de batismo das noivas; como uma mulher totalmente ligada a rituais de casamento, claro que ela não poderia estar ausente de um momento considerado por ela tão importante e especial na vida do ser humano. Na última, como “casamenteira”, sua presença sem dúvida era essencial no registro, que deve ter ocorrido logo após a cerimônia presidida por ela. Nas três fotografias ela aparece ao lado dos noivos. Na primeira e na última está à esquerda destes; na segunda, também ao lado dos protagonistas do ritual, segura uma criança em seus braços.

Embora nas figuras 19 e 21 apareçam apenas algumas pessoas, na 20 há um número considerável de convidados, o que nos faz refletir sobre o caráter público do ritual do casamento. Enfim, o acesso à fotografia do “casamento de contrato” apenas reafirmou que ele era “igual mesmo a casamento”, como afirma a maioria dos entrevistados, ou seja, o ritual

“inventado” ou “reinventado” por Dona Farailda era composto de elementos do casamento civil, provavelmente para lhe conferir maior legitimidade.

A descrição sobre o uso da cor branca para o vestido das noivas dos “casamentos de contrato” apareceu em várias entrevistas; no entanto, apenas Dona Marina fez uma descrição mais detalhada da vestimenta destas: segundo ela, as noivas podiam vestir “qualquer roupa”, sendo que “tinha que ser branca”. Para ela, mesmo quando as mulheres pobres se vestiam “de branco”, elas não estavam “trajadas de noiva direito”, pois “tinha umas que botavam uma grinaldinha, umas coisinha mixuruca assim, uns vestidinhos simples, mas sendo branco”.³⁵ Essa descrição revela uma idealização da noiva, tendo como referência mulheres de classes mais abastadas, havendo uma crítica à vestimenta mais “simples” de noivas das classes populares; entretanto, sua descrição não condiz com a da noiva da fotografia apresentada aqui. Não temos como saber se as outras noivas dos “casamentos de contrato” não se trajavam “direito”, como afirma Dona Marina, mas podemos supor que suas impressões podem estar relacionadas à sua visão negativa sobre essa prática, como veremos mais adiante, quando analiso mais detidamente, sua visão sobre os “casamentos de contrato”.

O uso do vestido branco nas cerimônias de casamento nem sempre foi uma regra, sendo que, por mais inimaginável que possa parecer aos nossos olhos contemporâneos, já foi comum as noivas se vestirem da cor vermelha, verde e até de preto, cor atualmente associada à morte. Só a partir do século XIX o branco passa a ser a cor predominante dos vestidos de noiva e o que marca essa mudança é a influência exercida sobre a moda pela Rainha Vitória, da Inglaterra, que se veste de branco em seu casamento com o príncipe Albert de Sax Cobourg-Gotha, seu primo.³⁶

De acordo com Marilyn Yalom, na era romana “o vestido de noiva era uma tirinha branca longa, tecida em uma única peça de rapa e amarrada com um cinto cujo nó só o marido poderia desfazer”.³⁷ No entanto, o branco não era utilizado apenas pelas noivas, sendo adotado como cor principal em qualquer ritual de passagem, desde a Antiguidade. Já na Idade Média “não havia uma cor específica para o vestido de noiva. (...) a cor preferida para os enlaces matrimoniais (...) era o vermelho, por simbolizar “sangue novo”, ou mesmo

³⁵ Entrevista com Dona Marina, realizada em 08.02.2011.

³⁶ TRIZOLI Talita e PUGA Vera Lúcia. “Vestidos de noivas” In *Caderno Espaço Feminino*, v.13, n.16, Jan./Jun. 2005. p. 56.

³⁷ YALOM, Marilyn. *A história da esposa, da Virgem Maria à Madonna: o papel das mulheres dos tempos bíblicos até hoje*. Trad. Priscila Coutinho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 107.

por fazer uma alusão distante à fertilidade”.³⁸ No Renascimento ainda permanece o uso de cores diversas, tanto para a nobreza, como para os camponeses.³⁹

O casamento era (ou ainda é) o momento no qual as famílias demonstravam, através da vestimenta, riqueza e prestígio perante a sociedade. É interessante refletir que, sendo uma instituição que historicamente envolveu interesses econômicos, já que só muito recentemente elementos como o amor romântico e a escolha do parceiro passaram a ser considerados, é realizado em todas as camadas sociais.

Se voltarmos às fotografias analisadas acima, por exemplo, vemos que, mesmo as noivas de camadas desfavorecidas economicamente, como é o caso das afillhadas de Dona Farailda assim como da noiva do casamento de contrato, demonstram preocupação com a vestimenta, de forma que elas incorporam elementos que tradicionalmente compõem o traje da noiva, como as luvas, o *bouquet*, a grinalda. O que sugere que valores e símbolos que em princípio são importantes para as classes altas também são apreciados pelos mais pobres.⁴⁰

O ritual do casamento pode ser estudado historicamente e seria muito interessante analisar as mudanças e invenções que o compõem; no entanto, esse não é o foco deste trabalho. Assim, finalizarei a discussão lembrando que é importante considerar que, quando pensamos nesse ritual, o que tomamos como referência é o casamento católico; apesar disso, houve uma luta interna dentro da própria Igreja para que o matrimônio se tornasse um sacramento.

Apenas no século XIV o padre passa a ter poderes de celebrar o matrimônio, antes considerado um ato doméstico. De acordo com Vainfas, é nesse século que “criou-se a liturgia matrimonial (precursora da cerimônia moderna): o padre substitui ritualmente o pai da noiva; a entrada da igreja tomou o lugar da casa; a Igreja, enfim, sobrepôs-se às famílias e impôs aos leigos a sua moral”.⁴¹

Pensar o casamento historicamente, suas disputas, invenções e transformações me trazem uma questão. Se considerarmos essa instituição como uma invenção, por que considerar ilegítima a prática “reinventada” por Dona Farailda?

Os “casamentos de contrato” trazem elementos do ritual oficial do casamento, ao mesmo tempo em que o reelaboram, introduzindo novas regras que tornam possível sua

³⁸ TRIZOLI Talita e PUGA Vera Lúcia. “Vestidos de noivas”. *Op cit.* p. 55.

³⁹ A afirmação é feita pelas autoras a partir da análise da iconografia da época, mas é possível que houvesse uma diferenciação na vestimenta entre as classes sociais do período. Ver TRIZOLI Talita e PUGA Vera Lúcia. “Vestidos de noivas”. *Op cit.* p. 51-54.

⁴⁰ Muitos autores discutiram essa questão, a exemplo CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano de trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas: Editora da Unicamp.

⁴¹ VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Editora Ática, 1992. p. 33.

viabilidade dentro da ilegalidade.⁴² Para entender essa mescla de elementos, é interessante trazer à tona as memórias daqueles que o protagonizaram; na construção discursiva dessas personagens, algumas informações coincidem com as da “casamenteira”, outras não. Para tal análise temos que considerar o lugar de fala de cada envolvido no processo, além de levar em conta o processo da memória, pois “ao abrir o passado através do ato de evocar lembranças, a narrativa constrói incessantemente sentidos e significados novos, alterando a compreensão do que foi vivido, do tempo presente e do futuro”.⁴³ Eis algumas descrições da prática realizada por Dona Farailda:

Fazia. Fazia as pergunta, a gente tinha que responder, na presença das testemunha.⁴⁴

Perguntava, ela perguntou, fez igual ao casamento do padre. (...) Aí ela perguntava: Abelarda da Silva dos Santos quer casar com Raimundo Martins dos Santos? Eu disse: quero. Aí ela vortou e perguntou a ele tombem e ele disse que queria. **Igual a casamento de padre.** (...) A merma coisa de casamento de igreja. (...) Tinha testemunha. A minha foi minha irmã. Todo mundo se assinou **como se eu tivesse casado no civi** na fichinha, e Farailda que foi quem fez o casamento também se assinou na folha e me deu, agora essa folha sumiu.(...) Tirou muito foto, só que acabou tudo.⁴⁵

Ela procurava saber se queria casar. Normal mesmo... **Igual mesmo a casamento.**⁴⁶

Ô minha filha, eu não me lembro mais não, eu sei que ela ia fazendo as perguntas e escrevendo. Eu sei que pegou uma aliança e botou no dedo. Olhe eu não me lembro mais não.⁴⁷

Na narrativa apresentada pelos casais, muitas informações coincidem. A primeira é a de que o casamento era realizado na casa de Dona Farailda, localizada na “pracinha”. Outro consenso é que ela exigia testemunhas para a realização do ritual, fazendo perguntas “iguais às do padre” ou do juiz e escrevendo as informações em um papel (supostamente o contrato); as duas primeiras ações parecem legitimar a validade do casamento, na visão dos casais. A exigência de testemunhas, que assinavam o contrato, é citada de forma enfática para referendar o ritual. É interessante observar o fato de pessoas pouco letradas, pertencentes a uma sociedade também pouco letrada, valorizarem a escrita como forma de legitimação de

⁴² Refiro-me aqui à dispensa de documentos para sua realização.

⁴³ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1997, p. 43.

⁴⁴ Entrevista com Luiz, realizada em 14.11.2011.

⁴⁵ Entrevista com Abelarda, realizada em 08.02.2011. Grifos meus.

⁴⁶ Entrevista com Célia, realizada em 28.05.2010. Grifos meus.

⁴⁷ Entrevista com Alcilene, realizada em 03.08.2010.

um ritual, ainda que este não fosse oficial, nem válido juridicamente. A idéia de que a presença de testemunhas valida o ritual faz lembrar novamente a “venda de esposas”.⁴⁸

É difícil saber até que ponto os casais desconheciam a ausência de validade jurídica do “casamento de contrato”. Alguns demonstram uma crença nessa validade, convencidos pela “casamenteira” de que esta se daria no momento em que eles reconhecessem a firma do documento. Dona Abelarda, por exemplo, diz que Dona Farailda lhe sugeriu fazê-lo, mas ela não o fez, e acabou perdendo o “papel”:

Que Farailda me disse assim, disse: olhe, se você pegar esse papel e você levar no fórum, chega lá você e Raimundo se assinar é a mesma coisa, vocês ficam casados no civil, só que um dia mandou eu levar e eu nem liguei e aí esse papel sumiu.⁴⁹

Dona Etelvina, que também se casou no “casamento de contrato”, embora realizado em outra cidade (Gavião), garantiu que o contrato lhe serviu para adquirir a aposentadoria quando ficou viúva. Entretanto, outros casais demonstram desconfiança quanto à validade do ritual de que participaram. Retomarei o tema da validade e dos motivos que levaram os casais a procurarem Dona Farailda mais adiante, pois gostaria de concluir as reflexões acerca das descrições do ritual.

O uso da aliança, do vestido de noiva, do *bouquet*, entre outros elementos citados nas entrevistas, nos faz pensar que Dona Farailda recriou um ritual, supostamente existente em outra cidade, com elementos pertencentes ao casamento civil e/ou ao religioso. O que, de certa forma, legitima práticas de caráter oficial: “conservador e rebelde” ao mesmo tempo, para lembrar Thompson mais uma vez.

Tratando de mais um elemento do “casamento de contrato”, apesar de alguns entrevistados, além de Dona Farailda, produzirem uma descrição do ritual associando-o à festa, nenhum casal confirmou esse elemento em sua experiência. Apenas o Sr. Luiz, um dos entrevistados que se casou no “casamento de contrato”, embora tenha respondido negativamente a minha pergunta sobre a realização da festa, acabou confirmando que havia comemoração após a cerimônia:

Não. Depois não tinha jeito tinha que sair uma bebidazinha, né? Tem que ter, pra ter alegria tem que sair. (...). Tinha que sair uma gradinha de cerveja, duas ali, o povo até gostava. Aquela pracinha do quiosque era tampada, que ela morava ali. Ela fez muito casamento aí.⁵⁰

⁴⁸ THOMPSON, *Costumes em Comum. Op. cit.*

⁴⁹ Entrevista com Abelarda, realizada em 08.02.2011.

⁵⁰ Entrevista com Luiz, realizada em 14.11.2011.

Quanto aos documentos exigidos para a realização dos casamentos, há divergências entre os casais entrevistados. Dona Abelarda garante que Dona Farailda lhe exigiu o batistério para a realização do ritual:

Agora o meu eu tinha o registro, foi feito com a identidade dele, o casamento. Ela pediu a identidade dele e eu num tinha identidade dei meu registro, foi tudo escrito na fichinha, foi dum jeito que meu batistério num estava aqui, tava em Capim Grosso e ela mandou buscar, Farailda mandou que eu mandasse meu povo buscar. (...) Olhe, tava sendo uma coisa, **foi uma coisa que nem o casamento civil**, sendo que não era no cartório.⁵¹

Dona Abelarda não parece ter nenhuma dúvida de que o “casamento de contrato”, realizado por Dona Farailda, tinha a mesma validade do casamento civil, sendo a única diferença o fato de o primeiro não ser feito no cartório. Ela cita a solicitação do batistério nesse processo como sinal de que nele havia as mesmas exigências do casamento civil, ou, nesse caso, do religioso. Entretanto, outros entrevistados afirmam que não havia nenhuma exigência quanto à documentação: “Não, ela não exigia não, procurava assinatura da gente. (...) Só assinatura, não dava documento não”.⁵²

Os indícios da pesquisa mostram ser pouco provável que Dona Farailda solicitasse esse tipo de documento (batistério) para a realização dos “casamentos de contrato”, sendo inclusive a ausência de exigência de documentos um dos principais motivos para a procura por esse serviço; um exemplo dos que assim justificavam sua adesão ao processo é o casal Célia e Severino, como analisarei mais adiante. Entretanto, é provável que essa construção discursiva de Dona Abelarda faça parte de uma tentativa de valorização do ritual que vivenciou.

De todos os casais entrevistados, apenas Célia e Severino guardaram o “contrato”, que parece ter para eles o mesmo valor que a certidão de casamento civil tem para a maioria das pessoas. Os outros casais lamentaram a perda do registro e o Sr. Luiz afirmou que o “papel” ficava com Dona Farailda. No entanto, esta garante que o entregava aos casais e não ficava com nenhum registro, o que dificultou meu acesso aos casais, pois dependo totalmente da sua memória para chegar a eles. É muito provável que de fato ela não tenha guardado nenhum documento relacionado a essa prática, visto que, por mais que tente afirmar que “era tudo combinado” com as autoridades da cidade, ela não deveria correr o risco de deixar vestígios de uma prática considerada ilegal.

⁵¹ Entrevista com Abelarda, realizada em 08.02.2011. Grifos meus.

⁵² Entrevista com Luiz, realizada em 14.11.2011.

De acordo com a “casamenteira”, o “contrato” possuía a vantagem de poder ser desfeito ou renovado, sem precisar de divórcio: “Comercial mesmo. (...) Quem quer passar um contrato, faça de dez anos, faça de cinco anos, faça de um ano. (...) Renovava se quisesse, se vivesse bem, se não, não tinha divórcio”.⁵³ Essa informação não foi comprovada quando tive acesso a um dos contratos; nele não consta nenhuma referência ao prazo em que os casais deveriam ficar casados. Eis a única referência à duração do casamento: “O presente contrato terá duração vitalícia começando a vigorar da presente data em diante”.⁵⁴

Apesar disso, além de Dona Farailda, a maioria dos entrevistados, mesmo os que nunca tiveram acesso ao contrato, afirmaram que nele era definido o período de duração da união.

Considerava por que ela dizia assim que aquilo ali era pra dois ano, três ano, quatro ano, se a pessoa quisesse renovar o contrato. Que ela dizia que **ficava mais bonito** dizer assim, um Comercial, do que dizer fulano tá amigado com fulana, mas era uma coisa assim mais **decente**, né?⁵⁵

Eu não lembro mais não. Parece que era assim, ela falou que no tempo ela fazia aquele casamento e com um ano tornava a repetir, acho que era assim, não lembro mais não.⁵⁶

Vivia o tempo que queria, que ela mesmo casou com Didilo, com poucos dias se largaram, quantos que casa no civil e na igreja se separa, avalie esse **casamento véi, besta**, que validade tem aquilo? A validade é assim, aqueles casamentos com... você sabe, marca tantos anos, se a pessoa viver aquele tempo de ano tudo bem, e se não, diz que tinha que pagar, mas acho que ninguém aí pagou foi nada.(...) Os que casava eu acredito que casava porque considerava, agora eu mesmo num acho, num achava que era vantagem não, mas cada um tem seu jeito. (...) E não tinha segurança, a segurança era essa, eles dizia que se a pessoa, fazia um calco de viver dois ano, se antes daqueles dois ano se separasse perdia, se foi a mulher que exigia se separar ela perdia o dinheiro e se fosse o home ele tinha que pagar, **era assim uma coisa descontrolada, não era um casamento de vantagem não**.⁵⁷

É muito interessante refletir sobre as representações que foram sendo construídas acerca dessa prática. As duas primeiras citações são de pessoas que se casaram no “casamento de contrato”; elas provavelmente tiveram acesso ao contrato do seu próprio casamento, no entanto, reafirmam a ideia de que havia uma definição do tempo de convivência, sendo possível inclusive “renovar” o contrato. Posso afirmar, a partir das pesquisas realizadas, que não houve renovação de nenhum contrato, parecendo que há um

⁵³ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁵⁴ Trecho do contrato de casamento de Maria Célia Nascimento Santos e Severino Daniel Amorim Costa, 1983.

⁵⁵ Entrevista com Luiz, realizada em 14.11.2011. Grifos meus.

⁵⁶ Entrevista com Alcilene, realizada em 03.08.2010.

⁵⁷ Entrevista com Dona Marina, realizada em 08.02.2011. Grifos meus.

mito em torno dessa ideia, que não é comprovada por nenhum dos casais envolvidos. A esse respeito, a própria Dona Farailda reafirma o mito, não confirmando ter realizado nenhuma renovação.

A última citação é de Dona Marina, a vizinha que acompanhava os casamentos pela janela. A criatividade presente em sua narrativa é impressionante. Ela afirma que, além de definir o período da união, havia uma taxa a ser paga, se o casamento não fosse bem sucedido. Mas o mais interessante da sua fala é a forma como se refere ao ritual “inventado” por Dona Farailda. Chamando de “casamento véi”, uma “coisa descontrolada”, “sem vantagem”, ela questiona a validade do casamento que para Dona Farailda (de acordo com o Sr. Luiz, na primeira citação) tornava a situação do casal “mais decente”, que viver “amigado”.

Na narrativa do Sr. Luiz aparecem muitas ideias atribuídas por ele a Dona Farailda; além da citação acima, em outro trecho ele “coloca palavras na boca” da “casamenteira”, ao referir-se aos “casamentos de contrato” com certa ironia:

Aí fazia casamento lá na casa dela, os casamentos, como diz ela: umas cachorrada por semana. Diz ela: uns casamento vei porco. Ela casava, tanto casava a gente, ela fazia até graça, diz: tanto casa ela, como casa gente que apareça. Aí fazia assim, esses casamento lá, depois botava quatro, cinco testemunha pra assinar um papel, e lá esse papel ficava na mão dela. (...) ⁵⁸

Na fala do Sr. Luiz aparecem muitos elementos a serem analisados. Ao se referir aos “casamentos de contrato” como “cachorrada” ou “uns casamento véi porco”, sua narrativa se aproxima da de Dona Marina. No entanto, ao invés de assumir as ideias como suas, como faz a última, ele as atribui a Dona Farailda, como dito acima. Não é possível saber se ela falaria dessa forma da prática que defende tão veementemente em seu discurso. Imagino que não, e penso que talvez esta seja uma forma encontrada pelo Sr. Luiz para expor suas ideias acerca da experiência que viveu, sem assumir sua crítica ao processo.

Mais uma vez gostaria de estabelecer uma relação entre a “venda de esposas” ocorrida na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX e os “casamentos de contrato” realizados por Dona Farailda na segunda metade do século passado. A associação dessas práticas com algo negativo é recorrente na documentação pesquisada por Thompson, na Inglaterra, e aparece em algumas entrevistas de Serrolândia. Mas é interessante pensar que, ao mesmo tempo em que são condenadas, elas parecem ter uma função moral: a “venda de esposas” livrava as

⁵⁸ Entrevista com Luiz, realizada em 14.11.2011.

mulheres de serem acusadas de “adúlteras”, enquanto os “casamentos de contrato” eram responsáveis por absolver o casal do estigma de “amigado”.

No caso da “venda”, por ser uma prática que, além de ilegal, era considerada imoral, bárbara e repugnante por alguns, é interessante refletir como ela resistiu durante tanto tempo, nos fazendo pensar como as camadas populares são capazes de defender seus próprios interesses, indo de encontro aos discursos oficiais. Os “casamentos de contrato” são condenados pela Justiça e desvalorizados por algumas pessoas da cidade. Considero a discussão acerca da validade deles essencial para refletir-se sobre a importância que tinham para a sociedade de Serrolândia nos anos 1980. É o que analisarei a seguir.

4.5 “Tinha validade assim pra eles...”

Duas entrevistadas, sendo uma delas a escritora citada acima, afirmaram que, apesar de os “casamentos de contrato” não terem nenhuma validade jurídica, eles eram realizados com certa frequência. De acordo com Suzana, que morava próxima à casa de Dona Farailda:

O povo era muito bobo. O povo pagava e achava que aquilo tinha validade. Além disso, ela não podia ver ninguém sozinho que ela queria fazer um casamento. (...) O casamento era de gente solteira. Tinha validade assim pra eles. (...) No dia do casamento era na casa dela, ela era a anfitriã da festa, aí tinha ki-suco, bolo, o que tiver. Ela fazia tudo, tudo, ela era a juíza.⁵⁹

A visão de que o povo era enganado por Dona Farailda pode ser facilmente contrariada quando ouvimos os próprios sujeitos que vivenciaram essa experiência. Entrevistei algumas pessoas que se uniram através do “casamento de contrato” realizado por ela e as representações acerca dessa experiência são diversas: Célia e Severino, ao serem questionados sobre a validade daquele casamento, me olharam surpresos, visto que para eles a minha pergunta não fazia nenhum sentido:

Severino: Nunca vi. Nós não sabe se... (...) Nós não procurou saber sobre isso aí, na época. (...)

Célia: Nós queria mermo... ter assim... (...) Um papel...pra mode dizer...casemo. Pra não ficar em vão de tudo... (...) Tem que casar... Ficar sem casar? A maioria hoje não quer casar não, né? Ai... meu sonho era casar. Mas casemo, graças a Deus!⁶⁰

⁵⁹ Entrevista com Suzana, realizada em 28.02.2006.

⁶⁰ Entrevista com Célia e Severino, realizada em 28.05.2010.

Nesse trecho da entrevista eles reforçam a ideia, defendida por Dona Farailda, de que as pessoas atribuíam muita importância ao casamento e provavelmente não gostavam de ser apontados como “amigados”; estão juntos há 30 anos e nunca procuraram outra forma de oficializar a união. Quando lhes perguntei se gostariam de casar-se na Igreja, ele respondeu: “Nunca casemo. É pra casar e nunca tivemos tempo de casar. Tem que frequentar...”⁶¹

Como visto acima, o motivo que os levou a procurar Dona Farailda não foi nenhum tipo de limitação jurídica relacionada com casamentos anteriores, nem a falta de recursos, mas o fato de ele não possuir documentos de identidade, necessários para uma cerimônia oficial (civil ou religiosa). Isso nos faz refletir que provavelmente as razões que levavam casais pobres a se casarem com Dona Farailda eram diversas, não se limitando apenas aos argumentos por ela apresentados.

Em todas as entrevistas realizadas com Dona Farailda ela afirma que os motivos que levavam as pessoas a procurarem-na para fazer os “casamentos de contrato” estavam relacionados a problemas de ordem jurídica; ou seja, pessoas que embora já estivessem separadas não tinham conseguido o divórcio. Mas dos seis casais (ou cônjuges) que entrevistei, nenhum confirmou tal informação; o principal motivo citado foi o fato de um cônjuge não possuir documentos necessários para a realização do casamento civil, como também a rapidez com que o “casamento de contrato” ocorria. Mas, ao fazer uma análise mais atenta, lendo “as entrelinhas” dos discursos, foi possível perceber que havia outros motivos não declarados para a procura do último.

Além do exemplo de Célia e Severino, citado acima, Alcilene, que se casou com o Sr Miminho em 1984, não possuía registro de nascimento até pouco tempo. Ela afirmou na entrevista que seus documentos foram obtidos recentemente, quando fez uma viagem e foi obrigada a tirá-los. Não é possível saber ao certo se esse teria sido o principal motivo para o casal ter procurado Dona Farailda para a realização do casamento, pois realizei entrevista apenas com ela, que se recusou a responder a tal questão, afirmando que “não se lembra de nada”.⁶²

Quando se casou no “casamento de contrato” com o Sr Miminho, Alcilene era mãe solteira, e embora não faça nenhuma referência a esse fato, sugiro que essa pode ser uma das razões para a procura dos serviços de Dona Farailda. Sem dúvida é uma questão a ser aprofundada; no entanto, ao pesquisar as representações em torno das mães solteiras em

⁶¹ *Idem.*

⁶² Entrevista com Alcilene, realizada em 03.08.2010.

Serrolândia,⁶³ nos anos 1980, foi possível perceber que mulheres nessa condição ainda eram discriminadas socialmente, tendo dificuldade de se casar formalmente. Apesar das mudanças ocorridas ao longo das décadas pesquisadas (1960 a 1990), muitos homens preferiam “amigar-se” com essas mulheres, recusando-se a se comprometer com o casamento civil ou religioso.

As representações acerca do “casamento de contrato” realizado por Dona Farailda eram diversas, como apontado acima. Embora houvesse casais, como Célia e Severino, que lhe atribuíam a mesma validade do casamento civil, é possível que para alguns homens ele representasse uma forma de estar menos comprometido, como parece ser o caso do Sr Raimundo. Quando questionado sobre qual motivo o levou a se casar com a senhora Abelarda nesse tipo de casamento, ele ri e desconversa. Após a minha insistência afirma:

Porque eu num queria casar no civi não. (...) Não. Porque antigamente o rapaz que cassasse no civi, se ela chegasse faltar eu ficava muito... pra casar de novo. (...) Isso aí foi Farailda que inventou... (...) Porque eu queria casar ligeiro, não dava tempo de dizer eu vou casar no civi. Eu tava sozinho, não tinha quem cuidasse... (...) Só foi dois mês entre noivo...⁶⁴

É interessante a forma como ele se refere ao “casamento de contrato” como uma “invenção” de Dona Farailda; tal narrativa é bem coerente com as representações acerca da “casamenteira do sertão”. Nas entrevistas com os casais, com sua filha e com outros entrevistados, a exemplo de Suzana, aparece seu fascínio pelo casamento. A maioria, além dela própria, relata que ela “não gostava de ver ninguém só”, e ia logo propondo casamento. A prática de casar-se tantas vezes ao longo da vida não era apenas um projeto de vida seu, mas uma espécie de “projeto social”. De acordo com Dona Marina:

O povo tinha aquela simpatia porque queria uns casamento veio, doido, comercial, o casamento que ela casava. Qualquer hora, ela mesmo chamava, dizia: olha, tu tá bom de casar, tu num tem marido, o outro home num tem muler, então tá bom de casar fulano com fulana. Aí ajeitava, ela mesmo fazia o casamento. O povo falava disso, mas o povo num tinha nada a ver com isso, o cara queria, ela casava. Casou muita gente.⁶⁵

Na fala do Sr. Raimundo é ainda possível perceber mais um motivo para que os casais procurassem os “casamentos de contrato”: a rapidez com que ele ocorria, superando a demora dos trâmites burocráticos da Justiça brasileira. Nesse caso, sua pressa estava

⁶³ VASCONCELOS, Vânia N. P. *Evas e Marias em Serrolândia*, op. cit., p. 75.

⁶⁴ Entrevista com Raimundo e Abelarda, realizada em 08.02.2011.

⁶⁵ Entrevista com Dona Marina, realizada em 08.02.2011.

relacionada ao fato de estar só e “necessitar” de uma mulher para dele cuidar. Ele não apresentou nenhum constrangimento em fazer tal afirmação ao lado da esposa, que também não demonstrou nenhum problema com a perspectiva pragmática e “tradicional” do casamento, na qual cabe às mulheres cuidarem do marido e da casa, rompendo completamente com a visão romântica da união conjugal. Dona Abelarda afirmou ainda que ele propôs “amigar-se” com ela, no entanto ela não aceitou, tornando os serviços de Dona Farailda uma alternativa para ambos:

Porque ele disse que era casado na igreja com outra mulher, ele disse que no civil ele num casava, ele disse: borá casar no comercial? Eu já morava lá em Farailda, nós se conhecemos lá em Farailda, eu trabalhava lá, ele gostava de ir lá, Farailda vendia uma cachacinha, ele gostava de beber umas cachacinha. (...) aí eu digo não vou casar não. Aí ela (*Dona Farailda*) ajeitou lá. (...) Aí nós casamos, já tem o que? Vinte e oito anos fez agora em novembro, no dia 20 de novembro fez vinte e oito anos, nós casamos, nunca separou não.⁶⁶

A visão de que o casamento “comercial” era menos importante que o civil não é predominante entre os casais entrevistados. Dos seis, três estão juntos desde a década de 1980. Dois casais se separou alguns anos após o ritual e Dona Odália ficou viúva do seu parceiro de “casamento de contrato”. Outro dado interessante é que apenas um casal se casou depois no casamento civil, reafirmando assim a importância dada ao ritual realizado. Também, com exceção de Dona Odália, todos tiveram filhos.

Na contramão desses dados está Dona Farailda; ela se separou dos três maridos oriundos da união pelo “casamento de contrato”. Como sugeri no segundo capítulo, não é possível saber se ela própria dava menos importância ao ritual que criou, ou teria sido uma coincidência ter-se separado apenas dos parceiros desse tipo de casamento, sendo que ficou viúva dos outros três com que se havia casado no civil e/ou no religioso.

O discurso de Dona Farailda a respeito da validade do ritual realizado por ela é ambíguo, sendo que ao falar da separação de um dos maridos, que se uniu a ela através do “casamento comercial”, demonstra certa desvalorização desse tipo de casamento. Entretanto, em outras entrevistas, defende o papel deste em tirar as pessoas da condição de “amigado”. Apresento as duas perspectivas:

(...) Você vai cuidar da sua vida e eu da minha. (...) Também porque foi um casamento comercial eu mais ele, né? Aí quando... (...) Eu acho que o casamento comercial é mais fácil se largar e não ter... Porque é um casamentinho simples, fácil, não precisa de juizes, juizes forte, entendeu? Aí a pessoa é mermo que ser sorteiro

⁶⁶ Entrevista com Abelarda, realizada em 08.02.2011.

de novo, (...) é mermo que não ter casado. Depende (...) depende da sorte, entusiasmo e não quer largar de um ou outro e vai viver.⁶⁷

Casei no próprio casamento que eu fazia, porque ninguém vai querer amigar e a palavra de casado minha fia é muito bonito, não é? (...) E pra quem tem família, dizer: fulano tá amigado. Que de repente... hoje não que o povo tá acostumado, mas naquele tempo... quem quiser que fizesse uma coisa assim. (...) se uma fia minha ficar largada é **melhor casar no comercial do que amigar**, por causa que no **comercial tem aquela palavra de casado**.⁶⁸

É interessante refletir sobre a construção discursiva da “casamenteira” com relação à prática que reinventou. Ela afirma que “o casamento comercial é mais fácil se largar”, pois não precisa de “juízes fortes”, sugerindo que havia menos segurança e garantia de convivência entre casais que optavam por esta modalidade. Em geral, Dona Farailda insiste na importância que ele tinha para a comunidade, pela sua função social de afastar os casais do estigma do “amigamento”. Aqui há uma afirmação do valor social do casamento no período em que os “casamentos de contrato” eram realizados por ela, ao mesmo tempo em que chama atenção para as mudanças, afirmando que “hoje o povo tá acostumado”. Podemos sugerir que Dona Farailda era uma espécie de intermediária entre valores das camadas mais abastadas e dos pobres; uma mediadora entre normas e práticas sociais.

Voltando à análise da visão que os protagonistas tinham da prática efetuada por Dona Farailda, gostaria de trazer as reflexões de Dona Odália, viúva que se casou no “casamento de contrato” em 1984. Ela apresentou em sua entrevista um discurso ambíguo acerca da validade deste: ao mesmo tempo em que considera a experiência importante em sua vida, fala desconfiada dela. Mas, para compreender a desconfiança que aparece em sua fala, temos que levar em conta que ela traz a visão do presente sobre uma experiência do passado. Provavelmente para ela essa não era uma questão relevante no momento em que se casou.

Alcilene se mostrou confusa em relação à validade da experiência vivenciada há quase 30 anos. Com respostas pouco seguras, em que foram predominantes expressões como “eu nem sei...”, “eu sei lá...” ou “eu não lembro”, acabou por afirmar que acredita mais no casamento civil que no “de contrato”:

Hum, hum, só que o papel eu não sei não onde foi que eu joguei, perdeu. Mais eu acho que casou nesse casamento, não é casado que nem o outro não. (...) Eu sei lá, pra mim que no civil que é. Um dia, um tempo desse eu fui fazer, eu queria abrir uma conta no banco aí precisou do papel dessa casa, da luz. E o papel da luz é no

⁶⁷ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 24.08.2012.

⁶⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 03.08.2010.

nome de Miminho, aí ele (*funcionário do banco*) me perguntou se eu não tinha... eu disse que não. Aí ele perguntou quem é essa pessoa? Eu digo: marido. Tem quantos anos que moram? Eu falei. Ele disse: por que você não casa? Porque você tem de casar, porque qualquer hora um ou outro morrer, se morrer você fica igual a uma fulana. Ele falou a pessoa, eu não lembro mais, aí você fica, vamos supor, se ele morrer primeiro que você, você não aposenta...⁶⁹

É difícil saber qual a relação estabelecida por ela com a validade do “casamento de contrato” na época da sua realização; sua fala revela certa descrença na validade, baseada, sobretudo, em episódio em que foi criticada por não ser casada oficialmente, o que teria acarretado problemas com a burocracia. No entanto, é importante salientar que o funcionário do banco, que lhe sugeriu o casamento civil, justificando os problemas que ela teria caso viesse a ficar viúva, parece bastante desinformado quanto às mudanças recentes na legislação brasileira.⁷⁰

Alcilene demonstra certo constrangimento ao falar dessa experiência, não só com relação à validade, mas também com relação aos motivos que a levaram, junto com seu companheiro, a procurar Dona Farailda para casar-se: “Eu não sei nem como... resolvi de uma hora pra outra, eu não sei nem explicar como diacho foi isso, eu sei que minha irmã foi testemunha, foi minha irmã e a irmã de Miminho, Antônia, que mora em São Paulo”.⁷¹ Revela ainda o desejo de casar-se oficialmente: “Um dia, que as vezes... (...) se der certo um dia, se consertar (*referindo-se ao marido*) eu posso casar um dia, sei não”.⁷²

Como é possível perceber em sua narrativa, Alcilene tenta justificar um comportamento que ela própria parece não considerar correto, oscilando entre a aceitação e a negação da validade. É interessante sua afirmação de que só se casará oficialmente se o marido “se consertar”, idealizando o casamento civil como lugar de comportamentos ligados aos valores da família. Ao ser questionada se se sente casada, ela mais uma vez hesita: “Eu sei lá, acho que sim, sei lá”.⁷³ Quanto à visão da comunidade sobre o “casamento de contrato”, afirma: “Nunca falou nada não, que eu não toco nada”.⁷⁴

⁶⁹ Entrevista com Alcilene, realizada em 03.08.2010.

⁷⁰ A Lei nº 9.278, de 10 de maio de 1996, no seu Artigo 1º reconhece como entidade familiar a convivência duradoura, pública e contínua, de um homem e uma mulher, estabelecida com objetivo de constituição de família. Ela regula o § 3º do art. 226 da Constituição Federal que afirma que “Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”. Ou seja, a partir dessa lei não é mais necessária a oficialização da união através do casamento civil, para que o casal goze de direitos e deveres adquiridos neste. Ver http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19278.htm

⁷¹ Entrevista com Alcilene, realizada em 03.08.2010.

⁷² *Idem.*

⁷³ *Idem.*

⁷⁴ *Idem.*

A idealização do casamento civil, presente na fala de Alcilene, pode ser ironicamente questionada se analisarmos a trajetória conjugal dos seis casais entrevistados. Como afirmado acima, três permanecem juntos desde a realização do ritual feito por Dona Farailda, nunca tendo procurado outra forma de união; Dona Odália ficou viúva do seu companheiro de “casamento de contrato” e o Sr. Luiz, o único que se casou no casamento civil três anos após a assinatura do contrato, separou-se um ano depois. Na sua versão ele teria sido abandonado pela esposa com dois filhos pequenos; em sua fala ironiza o fato de ter-se casado no civil: “Casei no civil e depois paguei pra desquitar... (*risos*)”.⁷⁵

Diferentemente do que Alcilene imagina, parece-nos que a instituição do casamento civil não garante que a união será duradoura e segura, embora ela fosse bastante valorizada na sociedade estudada, como veremos a seguir. Apresentarei dados que demonstram a importância do casamento civil e religioso em Serrolândia, bem como as mudanças em torno dessa instituição.

4.6 Importância do casamento em Serrolândia

Ao realizar pesquisas sobre casamento em Serrolândia entre as décadas de 1960 e 1980, foi possível perceber que houve mudanças significativas na importância dessa instituição para os habitantes da cidade. Procurei investigar a importância relativa do casamento religioso e civil durante o período estudado, através da análise da frequência de ambos os tipos de matrimônio. Vejamos a tabela e o gráfico abaixo:

⁷⁵ *Idem.*

TABELA 1 - NÚMERO DE CASAMENTOS RELIGIOSOS E CIVIS

Ano	Casamentos Religiosos	%	Casamentos Civis	%
1961	36	40,5	53	59,5
1962	44	55,8	35	44,2
1963	93	58,9	65	41,1
1964	60	58,9	42	41,1
1965	77	51,7	72	48,3
1966	86	63,8	49	36
1967	88	62	54	38
1968	65	58,9	37	41,1
1969	55	58	40	42
1970	86	62,5	52	37,5
Década de 60	740	62,4	447	37,6
1971	61	62,3	37	37,7
1972	58	56,4	45	43,6
1973	58	47,5	64	52,5
1974	80	50	80	50
1975	102	46,1	119	53,9
1976	37	21,2	138	78,8
1977	54	29,2	131	70,8
1978	62	35,8	111	64,2
1979	52	31,7	112	68,3
1980	37	24,7	113	75,3
Década de 70	601	40,4	889	59,6
1981	36	22,8	122	77,2
1982	51	28	131	72
1983	47	28,5	118	71,5
1984	12	7,3	152	92,7
1985	18	11,5	138	88,5
1986	11	8	126	92
1987	58	26,7	159	73,3
1988	47	23	157	77
1989	41	25,6	119	74,4
1990	31	22,3	108	77,7
Década de 80	352	20,9	1.330	79,1
Total	1.693	48,8	1.777	51,2

Fontes: Fórum Manoel Pereira Lima - Serrolândia/BA e Arquivo das Secretarias Paroquiais de Capim Grosso e Serrolândia.

GRÁFICO 1

NÚMERO DE CASAMENTOS

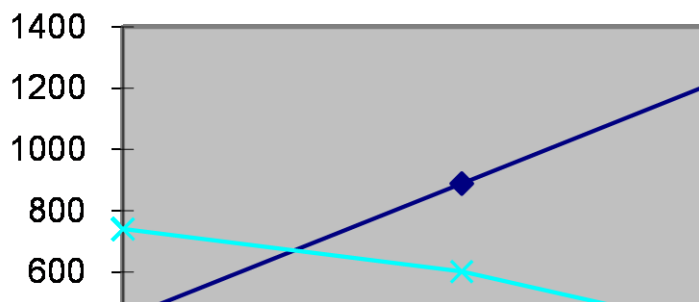


Figura 23: Gráfico de número de casamentos

Ao analisar a tabela número 1 é possível perceber que, na década de 1960, o número de casamentos civis correspondia a 60% do número de casamentos religiosos, sendo que em apenas um ano (1961) o número de casamentos civis superou o de religiosos, o que demonstra a importância deste sacramento e certo descaso com a legalidade. É provável que para as pessoas criadas em um universo católico fosse imprescindível a bênção da Igreja, mas na década seguinte houve uma inversão, visto que o casamento religioso passou a corresponder a 68% do número de casamentos civis. É provável que muitos desses casamentos correspondessem aos mesmos casais, que se casavam no civil e no religioso,⁷⁶ entretanto outros se casavam apenas em um dos dois.

Uma mudança que deve ser considerada é que a partir de 1973, com a Lei de Registros Públicos nº 6.015/73, o casamento religioso passou a ter efeito civil, o que fez elevar o número de casamentos civis, visto que muitos padres passaram a não realizar mais o casamento apenas no religioso. Na década de 1980, o número de casamentos religiosos se reduziu para menos da metade em relação à década de 1960, correspondendo a apenas 26,5% do número de casamentos civis. Houve uma queda significativa no número de casamentos religiosos, principalmente entre os anos de 1984 e 1986, voltando a haver um crescimento a partir de 1987, devido à fundação da Paróquia São Roque em Serrolândia, em 08 de março de 1987, uma vez que anteriormente esta pertencia à Paróquia de Capim Grosso.

A tabela a seguir, baseada nos Censos do IBGE, traz índices da população que se declarou casada, por tipo de casamento e sexo:

**TABELA 2 - PESSOAS CASADAS,
POR TIPO DE CASAMENTO E SEXO**

Ano do Censo	Civil e Religioso	%	Somente Civil	%	Somente Religioso	%	União cons.	%	Totais casados
1970 Masc	904	29	522	16,75	1.554	49,86	137	4,4	3.117
1970 Fem	904	29,23	521	16,84	1.536	49,66	132	4,27	3.093
1970 Total	1.808	29,11	1043	16,80	3.110	50,08	269	4,33	6.210
1980 Masc	1.091	29,83	960	26,25	1.215	33,22	-	-	3.657
1980 Fem	1.097	30,35	931	25,76	1.211	33,51	-	-	3.614
1980 Total	2.188	30,09	1.891	26,01	2.426	33,37	-	-	7.271
1991 Masc	539	26,27	732	35,67	424	20,66	347	16,91	2.052
1991 Fem	539	26,27	732	35,67	424	20,66	347	16,91	2.052
1991 Total	1.078	26,27	1.464	35,67	848	20,66	694	16,91	4.104

Fonte: IBGE – Censos de 1970, 1980 e 1991.

⁷⁶ Dentre os casos encontrados estão Eunice Rodrigues Queiroz e José Queiroz Filho, que se casaram em 1970 no civil e no religioso e Maria Rita Pereira Vasconcelos e Antônio Pereira Neto, que se casaram no religioso e um mês depois no civil, no ano de 1969.

A tabela acima, ao apresentar informações acerca das pessoas casadas no civil e no religioso, confirma o fenômeno percebido a partir dos dados do número de casamentos realizados entre as décadas de 1960 a 1980. Ou seja, no censo de 1970 (que corresponde à década de 1960), as pessoas que se declararam casadas apenas no religioso chegaram a 50 %; esse número se vai reduzindo nas décadas posteriores, sendo de 33,37 % em 1980 e apenas 20,66 % no censo de 1991. O inverso ocorreu com os casados apenas civilmente: em 1970 eram 16,8 %, subindo para 26,01 em 1980, chegando a 35,67 % em 1991. As pessoas casadas nos dois tipos de matrimônio permaneceram em torno dos 30 %, havendo uma pequena redução no censo de 1991 para 26,27 %, provavelmente devido à diminuição da importância do casamento religioso, discutida anteriormente.

Outro dado interessante para ser analisado diz respeito às Uniões Consensuais que ultrapassavam os 4 % no censo de 1970 e elevaram-se significativamente em 1991 para quase 17 %, o que representou um aumento de 400 %. Infelizmente não conseguimos dados sobre o ano de 1980, visto que o censo desse ano não registrou tal informação. Esse crescimento revela que as uniões oficiais, embora ainda consideradas importantes, já não atingiam todo o universo da população.

A tabela a seguir apresenta a média anual de idade em que homens e mulheres se casavam em Serrolândia, no período estudado; a partir desses dados foi possível fazer uma comparação entre essas idades em casamentos civis e religiosos. Tendo como objetivo montar um quadro que possibilite retratar a idade com que as pessoas se casavam pela primeira vez, excluimos os dados sobre os casamentos de viúvos.

**TABELA 3 – MÉDIA DE IDADE DOS NOIVOS
NOS CASAMENTOS RELIGIOSOS E CIVIS**

Ano	Idade Mulher Casamentos Religiosos	Idade Homem Casamentos Religiosos	Idade Mulher Casamentos Civis	Idade Homem Casamentos Civis
1961	20	22	24	29
1962	19	24	24	29
1963	20	24	24	30
1964	20	23	24	28
1965	20	23	22	25
1966	20	23	22	26
1967	20	22	24	27
1968	20	23	21	29
1969	20	24	21	24
1970	20	23	23	27
Década de 60	20	23	23	28
1971	20	23	23	27
1972	20	24	23	28
1973	20	24	25	30
1974	20	24	23	28
1975	21	25	23	28
1976	22	26	22	27
1977	24	29	21	26
1978	22	26	23	28
1979	23	27	21	25
1980	22	26	21	25
Década de 70	21	25	23	27
1981	22	25	23	27
1982	20	24	23	28
1983	21	25	25	30
1984	22	25	23	28
1985	22	25	23	28
1986	24	30	22	27
1987	23	26	21	26
1988	24	26	23	28
1989	26	29	21	25
1990	25	29	21	25
Década de 80	23	26	23	27

Fontes: Fórum Manoel Pereira Lima - Serrolândia/BA e Arquivo das Secretarias Paroquiais de Capim Grosso e Serrolândia.

Se compararmos os dados apresentados na tabela, percebemos uma diferença significativa na média de idade entre os casamentos religiosos e os casamentos civis na década de 1960, sendo mais baixas as médias dos casamentos religiosos, o que vem indicar mais uma vez que a maioria das pessoas se casava pela primeira vez no religioso, sendo de 20 anos a média feminina e de 23 anos a masculina. É muito provável que esta seja a média real com que as pessoas se casavam nesse período; tal diferença vai permanecer até a primeira metade da década de 1970, quando ocorre paralelamente um aumento do número de casamentos civis e a diminuição do número de casamentos religiosos, devido às mudanças legais analisadas acima.

A partir de 1975, o quadro começou a inverter-se; a média de idade dos casamentos civis começou a cair, enquanto a de casamentos religiosos aumentou progressivamente, chegando a ser na década de 1980 de 23 anos para a mulher e 26 anos para o homem. Já a idade do casamento civil, que na década de 1960 era de 23 anos para a mulher e 28 anos para o homem, passou em 1980 para 22 anos para a mulher e 26 anos para o homem. Esta inversão pode revelar que a média real de idade em que as pessoas se casavam pela primeira vez até 1975 era a de casamentos religiosos, passando a ser, nos últimos quinze anos do período analisado, a de casamentos civis.

Como é possível ver na tabela, as diferenças de idade entre homens e mulheres não variavam muito; em geral, a diferença do homem para a mulher, de acordo com as médias, era de três a quatro anos. Eram raros os casos em que a mulher era mais velha que o homem. O caso que mais nos chamou a atenção, por ser a maior diferença encontrada no sentido inverso do comum, foi de 1967, em que uma mulher de 42 anos se casou com um homem de 25. Apesar de não ser o mais comum, encontramos casos de mulheres que se casavam entre os treze e quinze anos de idade, sendo vinte e um deles na década de 1960 e vinte na década de 1970, o que corresponde respectivamente a 2,8 % e 3,3 % do total de casamentos religiosos. Estes casos não apareceram nos casamentos civis, visto que a lei não permitia casamentos de mulheres com idade inferior a 16 anos.⁷⁷ Os homens geralmente casavam-se um pouco mais tarde que as mulheres, sendo raros os casos de homens menores de 19 anos. A menor idade masculina encontrada foi de dezesseis anos em um casamento religioso ocorrido em 1962 em que a mulher tinha apenas treze anos.

Se fizermos uma comparação da média de idade dos noivos que se casavam no casamento civil e religioso em Serrolândia com os protagonistas dos “casamentos de contrato”, realizados por Dona Farailda, teremos um quadro bastante distinto. Antes de apresentar essa análise gostaria de relativizá-la, levando em conta que o universo quantitativo dessa amostra é infinitamente menor que o da primeira, considerando que só obtive dados a respeito de seis casais. Ainda assim, acho interessante fazê-la.

A primeira distinção que chama atenção é que enquanto a diferença de idade entre homens e mulheres no casamento civil e religioso era de três a quatro anos, nos “casamentos de contrato” ela gira em torno de 10 anos, sendo que nesse último, assim como nos primeiros,

⁷⁷ O período pesquisado era regido pelo Código Civil de 1916 (Lei nº. 3.071), que entendia que a mulher com 16 anos já estaria apta para o matrimônio; entretanto, o homem atingiria essa capacidade apenas aos 18 anos. No novo Código Civil (Lei nº. 10.406, de 10 de janeiro de 2002) houve uma mudança apenas no que se refere à idade núbil do homem, que passou a ser de 16 anos.

os homens são sempre mais velhos que as mulheres. Em geral é a idade dos homens que apresenta maior divergência entre os tipos de casamento, sendo de 32 anos a média de idade dos noivos do “casamento de contrato”, distinguindo-se dos 27 apresentados na média dos casamentos civis (provavelmente a idade real, como dito acima) na década de 1980. Quanto aos dados sobre as mulheres, as noivas dos “casamentos de contrato” casaram-se por volta dos 19 anos, sendo que apenas uma delas se casou aos 29. Portanto, elas se uniam a seus parceiros no ritual realizado por Dona Farailda um pouco mais cedo que as noivas dos casamentos civis (23 anos) no mesmo período.

Apesar dos limites da análise já mencionados acima, é interessante refletir sobre o perfil dos nossos personagens. Por que homens com idade acima dos 30 anos, provavelmente com significativa experiência no campo afetivo, procuravam os serviços da “casamenteira” para se casar com mulheres tão mais jovens que eles? Esta é uma questão para ser aprofundada mais adiante.

Para complementar a análise da importância do casamento em Serrolândia, a tabela abaixo apresenta índices do Estado Conjugal dos serrolandenses obtidos nos Censos de 1970, 1980 e 1991:

TABELA 4 – ESTADO CONJUGAL, POR SEXO⁷⁸

Ano do Censo	Casado	Solteiro	Viúvo	Separado	Desq. / Divorc.	Sem dec.	Totais
1970 Masc	3.117	1.630	51	35	-	-	4.833
1970 Masc %	64,49	33,73	1,06	0,72	-	-	100
1970 Fem	3.093	1.464	347	259	-	-	5.163
1970 Fem %	59,87	28,34	6,72	5,01	-	-	100
1970 Total	6.210	3.094	398	294	-	-	9.996
1970 Total %	62,11	30,94	3,98	2,94	-	-	100
1980 Masc	3.657	1.863	70	44	02	59	5.695
1980 Masc %	64,21	32,71	1,23	0,77	0,04	1,04	100
1980 Fem	3.614	1.604	355	266	-	191	6.030
1980 Fem %	59,93	26,60	5,89	4,41	-	3,17	100
1980 Total	7.271	3.467	425	310	02	250	11.725
1980 Total %	62,01	29,57	3,62	2,64	0,02	2,13	100
1991 Masc	2.052	1.945	65	53	08	-	4.123
1991 Masc %	49,33	46,75	1,56	1,27	0,19	-	100
1991 Fem	2.052	1.775	319	231	15	-	4.392
1991 Fem %	45,99	39,78	7,15	5,18	0,33	-	100
1991 Total	4.104	3.720	384	284	23	-	8.516
1991 Total %	47,60	43,16	4,45	3,29	0,27	-	100

Fonte: IBGE – Censos de 1970, 1980 e 1991.

⁷⁸ Para o item Estado Conjugal, os Censos de 1970 e 1980 consideraram pessoas de 15 anos e mais, enquanto o Censo de 1991 incluiu as de 10 anos e mais.

Os dados apresentados nesta tabela são extremamente significativos para refletirmos acerca das mudanças da importância do casamento em Serrolândia entre as décadas de 1960 e 1980. A principal mudança observada nas informações sobre o Estado Conjugal dos serrolândenses refere-se à visível diminuição do número de pessoas casadas e consequente aumento de pessoas solteiras apontada pelo Censo de 1991. Nos censos de 1970 e 1980 as pessoas que se declararam casadas estavam em torno dos 62 %, enquanto as solteiras ficavam por volta dos 30 %. O Censo de 1991 apresenta um crescimento considerável das solteiras para 43,16 %, enquanto as casadas correspondiam a 47,6 % do total, ou seja, a diferença entre pessoas casadas e solteiras, que era de quase 30 pontos percentuais nos censos anteriores, tornou-se praticamente insignificante, não atingindo 5 %. Esses dados sugerem que o casamento nesse período já não possuía mais a mesma importância das décadas de 1960 e 1970.

Em 1970, as pessoas que se declararam separadas correspondiam a menos de 3 % das que declararam seu estado conjugal; em 1980, houve uma pequena queda em termos percentuais, passando esse dado a representar 2,64 % do total e, no Censo de 1991, houve um pequeno crescimento, chegando a 3,29 %. Como é possível ver na tabela, o número de pessoas desquitadas ou divorciadas era muito menor que o das pessoas separadas, sendo insignificante: em 1970 nenhuma pessoa declarou tal estado conjugal e em 1980 elas representavam apenas 0,02 do total; em 1991 houve um aumento considerável para 0,27 %; apesar desse aumento em termos percentuais, o número de pessoas divorciadas continuava sendo muito pequeno.

Esses dados sugerem que um número muito pequeno de pessoas recorria à Justiça em Serrolândia para resolver problemas conjugais. Suponho que, além de não poderem arcar com os custos dos processos, elas evitavam a exposição pública da sua situação conjugal.⁷⁹ O número de processos de separação e divórcio judiciais em Serrolândia aumentou significativamente nas décadas de 1970 e 1980 em relação aos desquites dos anos 1960, atingindo o triplo na década de 1970 e chegando a representar quase dez vezes mais em 1980.

Na tabela abaixo consta a quantidade de processos encontrados nos anos 1960, 1970 e 1980, distribuídos por tipo:

⁷⁹ VASCONCELOS, Vânia N. P. *Evas e Marias em Serrolândia... Op. cit.*

TABELA 5 - PROCESSOS POR ANO, DÉCADA E TIPO DE CASAMENTO

Ano do processo	Divórcio	Divórcio Consensual	Separação	Separação Consensual	Desquite	Desquite Amigável	Total
1966	-	-	-	-	0	1	1
1967	-	-	-	-	2	0	2
Déc de 60	-	-	-	-	2	1	03
1972	-	-	-	-	0	1	1
1973	-	-	-	-	1	0	1
1975	-	-	-	-	0	1	1
1978	0	1	1	0	-	-	2
1979	1	0	0	0	-	-	1
1980	0	2	0	1	-	-	3
Déc de 70	1	3	1	1	1	2	09
1981	0	1	1	0	-	-	2
1982	1	0	0	0	-	-	1
1983	1	1	0	0	-	-	2
1984	3	0	4	2	-	-	9
1985	0	0	0	1	-	-	1
1986	1	1	1	3	-	-	6
1988	1	0	0	2	-	-	3
1990	2	2	0	0	-	-	4
Déc de 80	9	5	6	8	-	-	28
Total	11	07	07	09	03	03	40

Fontes: Fórum Jorge Calmon e Arquivo Público Municipal – Jacobina/BA

Podemos perceber nos dados apresentados na tabela o desaparecimento dos desquites a partir do ano de 1978, quando aparecem apenas dados sobre separação e divórcio, devido à implantação da Lei 6.515, mais conhecida como “Lei do Divórcio”, no final de 1977. Esta lei, considerada por muitos como “verdadeiro avanço para a sociedade brasileira”, foi fruto dos movimentos ocorridos nos anos 1960 e 1970, especialmente do movimento feminista, que teve que lutar contra a oposição da Igreja Católica, “principal barreira para a introdução do divórcio em nosso país”,⁸⁰ e de outros setores conservadores.

A “Lei do Divórcio” contrariava o § 1º do art. 175 da Constituição Federal de 1969, que tinha como princípio a indissolubilidade do vínculo matrimonial. O desquite, que “mantinha os cônjuges presos ao vínculo contratado, apenas pondo fim ao regime matrimonial de bens e do dever de coabitação”, impedindo-os de contraírem novo matrimônio, foi substituído pela separação judicial. O divórcio, entretanto, permitia a dissolução do matrimônio após três anos de separação judicial e cinco anos de separação de fato, prazos posteriormente alterados com a Constituição de 1988, passando a ser o divórcio por conversão após um ano de separação judicial e o divórcio direto quando decorridos mais de dois anos de

⁸⁰ PEREIRA, Áurea Pimentel. *Divórcio e Separação Judicial*. Rio de Janeiro: Renovar, 1989, pp. 13-15.

separação de fato.⁸¹ Atualmente não é mais necessário o requisito da prévia separação judicial ou comprovada separação de fato para ocorrer o divórcio.⁸²

Dos nove processos encontrados nos anos 1970, seis foram amigáveis ou consensuais; dos três restantes dois foram encaminhados por homens e um por uma mulher. Nos anos 1980 esses dados se modificaram, tendo um número significativamente maior (quinze, dos vinte e oito) de processos não consensuais em relação à década anterior e de mulheres autoras das ações (dos quinze, oito são de mulheres e sete são de homens). Esses dados sugerem que as pessoas, especialmente as mulheres, estavam mais dispostas a enfrentar seus parceiros na justiça, quando não havia possibilidade de acordos em processos de separação.

Dados como a diminuição do número de pessoas casadas apontadas no Censo de 1991, a ampliação significativa das Uniões Consensuais e o aumento do número de processos de Separação e Divórcio na década de 1980 fazem-nos refletir sobre as transformações ocorridas nessa década. Em pesquisa realizada no mestrado,⁸³ citada anteriormente, foi possível perceber que os anos 1980 trouxeram mudanças muito significativas para os comportamentos, valores e práticas de mulheres e homens de Serrolândia.

É interessante lembrar que os “casamentos de contrato” são “inventados” por Dona Farailda justamente nessa década, o que nos faz supor que, apesar das transformações em curso, especialmente da diminuição da importância do casamento, de certa forma a realização de um ritual de união conjugal ainda tinha algum significado para parte da população, o que sugere que em qualquer processo de transformação há sempre disputa de interesses conflitantes, questionando a ideia de progresso, na qual os “avanços” ou mudanças ocorrem de forma linear.

Vemos de um lado uma afirmação do casamento como um valor, com importância ainda significativa na sociedade brasileira, apesar das mudanças ligadas aos comportamentos ocorridas com a chamada “revolução sexual” dos anos 1960-1970, e de outro, dados que apontam para uma diminuição dessa importância. O censo do IBGE de 2010 aponta para uma

⁸¹ *Idem, ibidem*, pp. 13-15.

⁸² A Emenda Constitucional nº 66, de 13 de Julho de 2010, dá nova redação ao § 6º do art. 226 da Constituição Federal, que dispõe sobre a dissolubilidade do casamento civil pelo divórcio, suprimindo o requisito de prévia separação judicial por mais de 1 (um) ano ou de comprovada separação de fato por mais de 2 (dois) anos. No novo texto “o casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio”. Ver http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc66.htm

⁸³ VASCONCELOS, Vânia N. P. *Evas e Marias em Serrolândia... Op. cit.*

queda considerável do número de pessoas que procuraram o casamento civil e/ou religioso como forma de união conjugal e um aumento de pessoas que viviam em União Consensual.⁸⁴

4.7 Contrato de mútua assistência: homem mantenedor, mulher obediente

Apresentarei a seguir o contrato de casamento de Maria Célia Nascimento Santos e Severino Daniel Amorim Costa, citado acima, para uma análise mais aprofundada dessa fonte:

⁸⁴ A proporção de pessoas que vivem em união consensual passou de 28,6% em 2000 para 36,4% em 2010. O percentual de casados no civil e no religioso caiu de 49,4% para 42,9%. Praticamente não houve mudança na proporção dos que têm apenas casamento civil, que passou de 17,5% em 2000 para 17,2% em 2010. Os casados apenas no religioso caíram de 4,4% para 3,4%. Ver <http://www.ibge.gov.br/home/>

Contrato:

Contrato de mútua assistência feito entre o cidadão Sivérino Daniel Amorim Costa e de Maria Célia Nascimento Santos.

Na forma abaixo declarada.

A 05 de Outubro de 1983, na cidade de Serrolândia do Estado Federal da Bahia e República dos Estados Unidos do Brasil.

Ante as partes e testemunhas idôneas, devidamente convocadas para assistirem o presente contrato que irão assistir do princípio ao fim, e no final deste assinado, comparecerão de comum acordo, os contraentes supra mencionados, e por eles será dito, antes as testemunhas, obedecendo as cláusulas e condições adiante declaradas que desde já se comprometem a cumprir bem e fielmente sob as penas da lei o seguinte:

O Contraente A- é brasileiro, maior de idade natural de Comaragal residente e domiciliado em Serrolândia filho de Daniel Amorim e D. Cruzza Marcena da Costa.

A Contraente B- é brasileira maior de idade natural de Serrolândia residente e domiciliada em Serrolândia filha de Idelsonso Santos e D. Emília Maria Gonçalves do Nascimento.

O Contraente A, obriga-se pelo presente contrato manter em sua companhia a segunda contraente, proporcionando-lhe os meios necessários para sua subsistência dando-lhe todo conforto possível, vestuário, tratamento e habitações.

A Contraente B também obriga-se a assistir igualmente em todos os atos da sua

Vida, comprometendo-se a viver honestamente, em companhia do mesmo a quem prestará obediência acatamento e respeito.

O presente contrato terá duração vitalícia começando a vigorar da presente data em diante.

As dúvidas e contestações serão resolvidas entre ambos.

E assim perpetuamente de acordo mandaram lavrar o presente contrato de mútua assistência que depois de lido em alta voz e por acharem todos de acordo conferme aceitaram e assinaram com as testemunhas adiante declaradas.

Contratantes

Propp: Antonio Berto de Santos
maria elia varcinento Santos

Testemunhas:

Justician Jorleaky
Isabel Alves Dias

Escrivã - Bouza

juiza - Farailda Alves de Oliveira

Figura 24: Contrato de mútua assistência do “Casamento de contrato” (Fonte: Arquivo pessoal de Dona Farailda)

É possível perceber que o contrato que Dona Farailda utilizava para realizar os casamentos não foi elaborado por ela, sendo um “contrato de mútua assistência”, com termos oficiais e que se refere “às penas da lei”; evidentemente isso parece muito irônico, se pensarmos que o casamento realizado por ela não tinha nenhuma ligação com a Justiça oficial. O trecho que primeiro chama atenção está no segundo parágrafo e se refere ao local onde o contrato teria sido realizado: “República dos Estados Unidos do Brasil”. Apesar de o contrato ter sido assinado em 1983, o texto é muito anterior, visto que esse termo só foi utilizado até 1967, quando o Brasil passou a se chamar “República Federativa do Brasil”.⁸⁵

A segunda questão de que eu gostaria de tratar aqui diz respeito à definição de papéis de gênero presente no contrato. Está muito claro que as funções das mulheres no casamento são distintas das dos homens: enquanto estes são idealizados como mantenedores, elas deveriam “viver honestamente (...) prestando obediência, acatamento e respeito”. Embora o contrato subverta as regras jurídicas, visto não ter “validade legal”, ele reafirma papéis “tradicionais” de gênero mais claramente que a certidão de casamento civil.

A definição de papéis de gênero está ligada a uma concepção de separação das esferas pública e privada, tradicionalmente definidas como pertencentes ao campo do masculino e do feminino, respectivamente. Historicamente as feministas vêm desconstruindo essa perspectiva, mostrando que a dicotomia das esferas não passa de uma criação da sociedade androcêntrica, visto que não é mais possível refletir sobre as sociedades sem compreender a relação existente entre elas. Michelle Perrot, em *Mulheres Públicas*, discute a relação existente entre homem público / poder político e mulher pública / prostituta.⁸⁶

Amparo Sardà analisa o modo como o discurso acadêmico supervaloriza o espaço público em detrimento do privado, criando uma hierarquia para as relações de gênero e justificando a inferioridade da mulher por esta se encontrar historicamente mais próxima do espaço privado. Essa autora questiona a dicotomia público / privado e considera que essas esferas estão extremamente relacionadas, não sendo possível analisá-las de forma tão separada. Critica, ainda, tal discurso por empobrecer a análise sobre o público, pois ao

⁸⁵ Em 1967, com a primeira Constituição da ditadura militar, o Brasil passou a chamar-se República Federativa do Brasil, nome que a Constituição de 1988 conserva até hoje. Antes, na época do Império, era Império do Brasil e depois, com a proclamação da República, Estados Unidos do Brasil. Acesso em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>.

⁸⁶ PERROT, Michele. *Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

excluir o privado do processo não consegue perceber as relações entre as duas esferas, perdendo de vista as transformações históricas.⁸⁷

Ao tratar da validade do ritual que realizava na década de 1980, Dona Farailda o compara ao casamento civil, argumentando não haver diferenciação entre os dois rituais:

Olha é a mesma introdução, você não leu o papel não? (...) É a mesma introdução do civil, só não é, como é que diz? Só não é carimbado no cartório, mais é a mesma conversa, as mesmas promessa, é os mesmo conselho que a gente dá ao casal, né? Eu era a juíza, então ali quando acabava de abrir a ata e as meninas fazia e lia e eu dava o final. Era bom, era bom, nera ruim não. É melhor do que o negócio de hoje, que o povo fica. Tem pessoas que diz minha fia fica, minha fia não casou, ficou. Tem um tal de ficar... Mas menina, eu vou dizer...⁸⁸

Nessa fala Dona Farailda sugere que o que iguala o “casamento de contrato” ao civil é que são feitas as “mesmas promessas” e ela, no papel de juíza, dá “os mesmos conselhos” que supostamente o Juiz daria aos noivos. No entanto, como é possível observar no contrato encontrado, o texto utilizado por ela é bastante distinto da certidão de casamento civil, na qual constam apenas informações pessoais sobre os cônjuges, além da alteração do sobrenome, caso tenha ocorrido, e a definição do tipo de regime de bens.

Diferentemente desta, no contrato utilizado por Dona Farailda as preocupações de ordem moral estão presentes, observadas no quesito que define os papéis de gênero, como analisado anteriormente. De certa forma, apesar de ela não ter elaborado o texto do contrato, este está coerente com as concepções sobre casamento apresentadas por ela e discutidas no capítulo anterior. No entanto, na prática, ela própria nunca seguiu as normas sugeridas para as mulheres, que aparecem no contrato; nossa personagem pode até ter “vivido honestamente e respeitado” os maridos, mas sem dúvida nunca seguiu o conselho de “prestar obediência e acatamento” a eles.

O fato de Dona Farailda utilizar um contrato com regras definidas e exigência de testemunhas, ao mesmo tempo em que garantiu certa legitimidade na visão dos casais, provocou a crítica por parte de autoridades jurídicas, assim como de pessoas da cidade. O atrevimento em se intitular “juíza” desses casamentos sem dúvida foi o que mais incomodou, pois ela assumiu um lugar de poder só delegado a “pessoas importantes”. Essa provocação lhe custou repreensão por parte de autoridades jurídicas. É o que discutirei a seguir.

⁸⁷ SARDÀ, Amparo Moreno. “Em torno al androcentrismo en la história” In El arquetipo viril protagonista de la historia. Ejercicios de lecturas no androcentrica. *Cuadernos inacabados*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991, p. 87-99.

⁸⁸ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 09.02.2011.

4.8 “Ninguém vai lhe bulir...”

A idéia de que a “venda de esposas” era vista como uma afronta moral às autoridades jurídicas⁸⁹ nos faz estabelecer, mais uma vez, uma comparação entre a prática estudada por Thompson e os “casamentos de contrato” de Dona Farailda. A frase citada acima, que intitula o último tópico desse texto, foi extraída da primeira citação apresentada para iniciar o capítulo e refere-se a uma das justificativas de Dona Farailda para a realização desses. Como afirmado anteriormente, na versão dela o ritual era realizado em comum acordo com as autoridades de Serrolândia ligadas à instituição do casamento civil: a escritã do cartório, o delegado e o juiz de paz. Em seu discurso nega totalmente os conflitos existentes entre ela e a Justiça da cidade por ter colocado “um cartório em sua casa”:

Agora aí eu fui em Nini (*referindo-se a Dona Nilda, escritã citada anteriormente*). Nini disse: “Cuide de tu mulher, aqui é o seguinte, na hora que chegar uma moça em tua casa procurando casar, você manda pro meu cartório. Na hora que chegar uma aqui largada, que não seja divorciada eu mando pra você...” Que a pessoa tendo o divórcio pra casar no civil casava, não tendo o divórcio, voltava pra minha casa. Eu tendo minha filha eu não queria ver ela amigada. (...) Que era pra não ter aquele nome de ficar amigado.⁹⁰

A escritã do Cartório citada nesse trecho da entrevista contrariou a versão apresentada e afirmou nunca ter concordado com a realização desse tipo de casamento. De acordo com ela, os juízes condenavam esse tipo de prática, no entanto os casamentos continuavam sendo feitos. Em entrevista, Dona Nilda contou que um homem que havia se casado com contrato foi surpreendido ao descobrir que o ritual não possuía validade jurídica, o que levou o juiz a interrogá-la a respeito do assunto, levando-a a contatar as filhas de Dona Farailda para alertá-las do risco de sua mãe ser presa:

Aí quando foi, eu não sei quem foi, eu não sei se foi a (...) que eu alertei, foi uma das filhas, eu disse: olha, manda sua mãe parar com esse negócio. “Não. Ela não está cobrando não”. Mas não tem validade. Quer vê tua mãe na cadeia? “É porque a senhora não quer...” Eu disse: não, tudo bem, eu não tenho nada com isso. O meu é legal, agora o dela não.⁹¹

Não é possível saber ao certo qual o grau de tolerância da Justiça frente a uma prática que contrariava suas regras. Embora Dona Nilda comente a irritação do juiz ao ser informado

⁸⁹ THOMPSON, *Costumes em Comum. Op. cit.*, p. 310.

⁹⁰ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

⁹¹ Entrevista com Dona Nilda, realizada em 03.08.2010.

sobre a realização dos “casamentos de contrato”, chegando a afirmar que ele chamou a “casamenteira” para uma conversa, na qual ela teria chorado e pedido desculpas, Dona Farailda nunca foi presa, o que sugere certa tolerância da Justiça. No entanto, ela nega qualquer tipo de repressão aos “casamentos de contrato”.

É interessante lembrar que em Gavião, cidade vizinha a Serrolândia, onde Dona Farailda aprendeu a fazer os “casamentos de contrato”, não havia disputa com a Justiça oficial, visto que os casamentos civis e os “de contrato” eram realizados pela mesma pessoa, apenas em espaços diferenciados.⁹²

Em Serrolândia, no entanto, a prática não incomodava apenas as autoridades jurídicas, como também as religiosas. De acordo com Edite, frequentadora assídua da Igreja Católica:

A Igreja não levava em consideração esse tipo de casamento não. Eu nem sei, acho que é o casamento comercial, né? (...) Eu lembro assim, que na época de Padre Paulo ele falava muito dos casamentos comercial, né? Ele falava, falava muito, mas sem distinguir nome. (...) Ele falava, porque o povo fazia do casamento negócio. Que ele falava assim: como é que casa pra cinco anos, pra dez anos? Um casamento tem que ser pra toda a vida. Por que eles pega na Bíblia, né? Tem que casar pra viver bem, pra viver um só corpo, uma só carne, né? E um casamento pra sempre, porque a prática da religião católica é essa, acho que de todas as religiões são assim, na verdade. Então isso ele não abria mão disso, não abre até hoje. Mas que era um mundo diferente era.⁹³

Mais uma vez os “casamentos de contrato” são condenados por estabelecer prazo de validade para a relação, o que de fato não ocorria, como pudemos comprovar através do contrato encontrado. Não é possível saber ao certo qual a posição da Igreja Católica com relação à “invenção” de Dona Farailda, mas é bastante provável que ela não a visse com bons olhos. Lembremos que nenhum casal entrevistado se casou na instituição após o “casamento de contrato”, o que pode significar que a prática poderia ser considerada concorrente do matrimônio católico. Ainda assim, é mais provável que a “casamenteira” tenha incomodado muito mais as autoridades jurídicas que as religiosas, visto que ela não pretendia substituir a função do padre, no entanto se intitulava como “juíza”.

O argumento apresentado por Dona Farailda para considerar-se “juíza”, faz uma associação à sua idade: “porque eu era a juíza, porque eu sabia assinar e também era de idade”.⁹⁴ Essa justificativa parece estar pautada em valores de uma sociedade onde as pessoas

⁹² Essa informação me foi dada por uma senhora que afirmou realizar “casamentos de contrato” atualmente na cidade de Gavião em entrevista realizada em 23.08.2012.

⁹³ Entrevista com Edite, realizada em 11.11.2011.

⁹⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

mais velhas são consideradas mais confiáveis, podendo exercer funções que provavelmente não seriam atribuídas aos mais jovens.

A referência ao uso desse termo, encontrada no contrato e confirmada por Dona Farailda, é também citada por alguns entrevistados; no entanto, ela aparece de forma irônica nessas narrativas. A ironia estaria relacionada ao fato de ela não ter formação escolar, mas principalmente, por realizar uma prática considerada ilegal.

Dona Nilda, a escrivã do cartório de Serrolândia citada acima, afirma que teve acesso a um contrato do casamento realizado por Dona Farailda, quando um senhor tentou registrar o filho apresentando o documento como comprovação do seu estado civil; pôde, então, confirmar que ela assinava como “juíza”. Nas duas entrevistas realizadas com ela repete ironicamente esse fato. Infelizmente não é possível registrar aqui o “tom” sarcástico dessas falas, devido aos limites do texto escrito:

Ela dizia ao pessoal que a validade de lá, o valor de lá é o daqui. Aí quando foi um dia chegou um rapaz pra registrar os filhos, eu disse: e certidão de casamento? Ah deixei em casa, vou lá buscar. E chegou com a certidão de casamento de Farailda. **Ela ainda assinava juíza.**⁹⁵

Diziam pra ela: eu vim casar, Farailda, **era juíza Farailda!** (...) E falava a juíza, e ela **assinava como a juíza** Farailda Alves de Oliveira.⁹⁶

Considero compreensível a posição de Dona Nilda, se levarmos em conta ser ela uma importante representante da Justiça na cidade. Ela se coloca indignada com a atitude de Dona Farailda ao dizer aos interessados no casamento que a validade do civil era a mesma do “de contrato”, o que reflete uma disputa de interesses. Mas como dito anteriormente, as representações acerca da validade do “casamento de contrato” são diversas e Dona Nilda não é a única a questioná-la. Outros entrevistados afirmam que havia certa zombaria com relação à prática:

A maioria fazia era arrelia. (...) achava graça. (...) Por que ela, como é que diz? Num estudou pra nada dessas coisa por acaso, né? Por que quem faz esse tipo casamento, de casamento mesmo, comerciá, como o povo fala, mas eu acho que precisava ter assim uma coisa, um começo mais afirmado, a razão da história, nera? Porque existia esses casamento. E ela começou acho que foi assim do nada, porque também ela tinha um interessezinho, que ela também pegava uma granazinha na certa, né?⁹⁷

Não, povo dava risada, o povo ria demais. Achava era engraçado, que ela fazia esses casamento, já vi muita gente dar risada e dizer assim: mais como é que pode gente,

⁹⁵ Entrevista com Dona Nilda, realizada em 15.11.2011. Grifo meu.

⁹⁶ *Idem*. Grifos meus.

⁹⁷ Entrevista com Dona Maria da Paz, realizada em 14.11.2011.

virou o que essa mulher? Um escrivão? Um padre? Ou uma **juíza**, né? Ou um pastor, né? Que os pastor, hoje em dia diz faz casamento religioso. Então eu nunca vi ninguém se indignar, e falar, e brigar.⁹⁸

Há muitos elementos nas falas de Dona Maria da Paz e de Dona Vera, ambas frequentadoras assíduas da Igreja Católica e moradoras de Serrolândia desde a década de 1980, que me interessam para pensar a aceitação/rejeição de Dona Farailda como “casamenteira”. A primeira questão que me chama atenção é que as duas confirmam que havia uma desvalorização dos “casamentos de contrato”; mais que isso, para ambas essa prática era vista como algo bizarro, que servia para diversão da comunidade. Dona Vera afirma ainda que havia uma indignação por parte de algumas pessoas, pelo fato de a “casamenteira” ter-se atrevido a substituir autoridades religiosas e jurídicas, a exemplo do padre, pastor, escrivão ou juiz. O segundo tema abordado é o questionamento, feito pela primeira depoente, acerca da falta de formação escolar de Dona Farailda para desempenhar uma função que deveria exigir tal formação.

O que parece estar pautado nos questionamentos feitos pelas entrevistadas é o tema da constituição de autoridade. Ou seja, qual perfil deve ser exigido/aceito de um indivíduo para tornar-se uma autoridade? No caso específico: o que torna um sujeito capaz de realizar uma cerimônia de casamento que possua validade jurídica e/ou religiosa?

Dependendo do ponto de vista, poderíamos citar como primeiro elemento da constituição de autoridade a formação educacional; no caso dos juízes, a formação em Direito, e dos padres, em Teologia. É interessante a forma como Dona Vera questiona a realização de casamentos religiosos por pastores, mostrando-se incomodada com o fato de ninguém “se indignar, falar e brigar”, ou seja, parece-nos que para ela, uma católica atuante, os pastores não possuem autoridade para realizar tal cerimônia.

Levanto as questões acima para refletir sobre a figura do Juiz de paz. Criada no Brasil em 1827,⁹⁹ esse personagem, que constituía uma autoridade leiga, passa a fazer parte da Justiça brasileira, inicialmente com a função de atenuar conflitos. Mesmo sem formação acadêmica, visto que a primeira Faculdade de Direito data do mesmo ano da sua criação, os juízes de paz eram geralmente pessoas consideradas “importantes” e “respeitáveis” perante a comunidade na qual atuavam. No entanto, ao longo dos anos, a função foi perdendo a representatividade; no período republicano, o papel da Justiça de Paz foi reduzido, enquanto

⁹⁸ Entrevista com Dona Vera, realizada em 14.11.2011. Grifo meu.

⁹⁹ Wilson Rodycz. *As raízes históricas e a evolução dos órgãos jurisdicionais no Brasil: juízes leigos e juízes letrados ao longo da história brasileira*. Dissertação (Mestrado em Direito) – UNISSINOS, São Leopoldo: 2002.

o do Poder Judiciário crescia e se especializava. Mas é na Constituição de 1946, que ela passou de eletiva a temporária, com competência para habilitar e celebrar casamentos. Com a ditadura sua função se reduz a essa competência.

Em Serrolândia, na década de 1980, período em que Dona Farailda realizava os “casamentos de contrato”, o responsável pela realização dos casamentos civis, juntamente com a escritã do cartório, era o Sr Waldetrudes Carneiro, juiz de paz desse município. Esse senhor, considerado um dos fundadores da cidade,¹⁰⁰ era visto pela comunidade como uma autoridade respeitável; além de realizar casamentos, em algumas situações ele resgatava a função do juiz de paz do Império, intervindo em situações de conflito, exercendo o papel de conciliador da comunidade. Também emitia certidão de divórcio.¹⁰¹

A figura do Sr. Waldetrudes é emblemática, visto que ele parece possuir todos os requisitos necessários para ser considerado um “homem de bem”. De cor branca e pertencente às camadas mais abastadas da cidade, foi vereador em Jacobina, como representante de Serrote, era dono de muitos imóveis, além de ser um grande comerciante, sendo que trabalhou em sua loja de tecidos até o final da vida, quando morreu, aos 86 anos. Separou-se de sua única esposa, mas não se casou novamente, possuindo um comportamento considerado “exemplar”: era um homem trabalhador, não bebia, nem frequentava festas, chegando a ser citado como “herói” em obra que embora se proponha a apresentar a “história da cidade”, apenas enaltece vultos e personagens “históricos”.¹⁰²

Voltando ao tema da constituição de autoridade, e às questões acima colocadas, me parece que esse senhor se enquadraria no perfil idealizado para esta constituição, sendo provável que as características citadas acima tenham garantido a sua escolha como juiz de paz. Não posso resistir à tentação de comparar seu perfil ao de Dona Farailda, atentando para as variantes de classe, gênero e raça; assim, enquanto o juiz de paz Waldetrudes Carneiro era um “homem de bem” (branco, rico e “bem comportado”), tendo permanecido sozinho após a separação, a nossa personagem, a “juíza” Farailda, é mestiça, pobre e considerada por alguns uma mulher “mal comportada”, tendo-se casado sete vezes ao longo da vida.

Retomo o argumento levantado por Dona Maria da Paz que desconsidera a validade dos “casamentos de contrato”, pautado na ausência de formação escolar de Dona Farailda

¹⁰⁰ Em 1953 o povoado Serrote foi elevado à categoria de vila, havendo uma mudança do nome para Serrolândia; o novo nome foi proposto pelo Sr. Waldetrudes Carneiro de Magalhães, considerado um dos primeiros habitantes da cidade.

¹⁰¹ Tal informação me foi dada por uma depoente que possui a certidão assinada pelo Sr. Waldetrudes Carneiro.

¹⁰² Refiro-me ao livro de REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem, Serrolândia de hoje*. Salvador: Press Color, 2010.

para questioná-lo, levando em conta que o Sr. Waldetrudes também não possuía essa formação; no entanto, ele era autorizado a fazer casamentos com validade. O que os diferencia? Por que os casamentos realizados por ele teriam mais validade que os realizados por ela?

O sociólogo francês Pierre Bourdieu em formulações sobre o poder simbólico, conceito de grande contribuição para reflexão do tema do poder, discutiu o poder de nomeação, mostrando como os interesses econômicos podem influenciar na definição de quem pode dizer, de quem pode nomear, determinando o que é aceitável ou não em uma sociedade. Em sua reflexão sobre o Direito afirmou:

O direito consagra a ordem estabelecida ao consagrar uma visão desta ordem que é uma visão do Estado, garantida pelo Estado. Ele atribui aos agentes uma identidade garantida, um estado civil, e sobretudo poderes, socialmente reconhecidos. (...) O direito é, sem dúvida, a forma por excelência do poder simbólico de nomeação que cria as coisas nomeadas e, em particular, os grupos; ele confere a estas realidades surgidas das suas operações de classificação toda a permanência, a das coisas, que uma instituição histórica é capaz de conferir a instituições históricas. O direito é a forma por excelência do discurso actuante, capaz, por sua própria força, de produzir efeitos. Não é demais dizer que ele *faz* o mundo social, mas com a condição de se não esquecer que ele é feito por este.¹⁰³

É a partir de uma legitimidade instituída pelo Direito, que os casamentos realizados pelo Juiz de paz Waldetrudes Carneiro são aceitos, enquanto os “casamentos de contrato” feitos pela “juíza” Farailda são condenados, conferidos ao campo da ilegalidade.

Mesmo sem validade jurídica, eles sobreviveram em Serrolândia provavelmente até o final da década de 1980. De acordo com Dona Farailda, ela parou de realizar o ritual quando, em 1988, casou-se (pela sexta vez) com o Sr Antônio, que era evangélico e lhe sugeriu não continuar com a prática:

Eu fazia, deixei de fazer por ele, você sabe, ele como crente, ele era presbítero na igreja, ele dizia: muier nós vai pra São Paulo qualquer hora. Aqueles conseio sabe. **Você pode ser chamada pra aqui ou acolá, nos político, um político pode lhe botar na justiça e como de fato, não era assim mesmo?** E logo arrumei um marido que me ajudava eu a fazer a feira, né? Um aposentado, me ajudava a fazer a feira. (...) Ele tinha medo de denunciar de mim e ele como presbítero, como meu esposo, tava aceitano isso aí. Me deu um conseio, também só me deu uma vez, eu deixei.¹⁰⁴

É interessante perceber que Dona Farailda atribui o fim dos “casamentos de contrato” a uma exigência do marido; em sua narrativa, mais uma vez, se exime de apresentar uma

¹⁰³ BOURDIEU Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 37.

¹⁰⁴ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 28.05.2010. Grifo meu.

opinião clara acerca da prática que realizava. Não creio que ela tenha mudado de posição, passando a considerar os “casamentos de contrato” como ilegítimos e condenáveis, mas, provavelmente, preferiu atribuir ao esposo a condenação de tal prática. No entanto, nesse trecho da entrevista ela reconhece a possibilidade de ter problemas com a justiça, em geral sempre ausente do seu discurso.

Além disso, afirma que ao se casar com o Sr Antônio passaria a ter um companheiro para compartilhar as despesas da casa, não sendo mais necessária a realização dos “casamentos de contrato” que contribuía para a sobrevivência. Ela alega que, após ter deixado de oferecer o serviço, ainda continuou sendo procurada por pessoas nele interessadas, para as quais respondia:

(...) Eu digo, não minha filha, meu marido era presbítero e ele não deixou eu nem terminar. Não fazer mais depois que eu casei com ele. (...) porque ele dizia: “Nós dois somos crente, nós não pode vacilar, porque isso aí é um comércio, Deus não quer isso não”. Parei, vim pra cá (*referindo-se a São Paulo*) não fiz mais. Me telefonaram pra saber se eu ainda tava fazendo casamento...¹⁰⁵

Com a recusa de Dona Farailda em continuar realizando os “casamentos de contrato” uma senhora da cidade assumiu sua tarefa. Consegui uma entrevista com ela, na qual deu informações detalhadas sobre a prática:

Então só foram esses dois que eu fiz, e aí eles viviam o tempo todo até quando morrer um. (...) Não dizia nada, quanto tempo. Fazia o casamento e eles vivia, não tinha aquele contrato, né? (...) Era de contrato, só que não assinavam como contrato porque não ia em cartório nem nada. (...) A validade que as testemunhas assinavam, entendeu? (...) Como se fosse qualquer outro casamento. (...) Ninguém falava nada, ninguém comentava que tava errado que era feio, não. E ali assinavam, duas, três, muita gente assinava como que eles casou, que a pessoa fez, aí foi assim. (...) Pagava. Pagava naquele tempo dez reais, pagava quinze. (...) Era só pra aquelas pessoa pobre ali, que mais ninguém procurava, aí só foi esses dois.¹⁰⁶

Várias informações que aparecem nessa entrevista coincidem com os dados sobre o ritual realizado por Dona Farailda. Dona Joana é a única entrevistada a afirmar que o contrato não definia tempo de convivência entre os cônjuges. No entanto, ela nega ter adquirido o contrato com Dona Farailda, tornando inviável saber qual texto teria utilizado para realizar os casamentos. Quando lhe perguntei onde conseguiu o contrato afirmou:

¹⁰⁵ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 13.04.2006.

¹⁰⁶ Entrevista com Dona Joana, realizada em 28.05.2010.

Por a gente mesmo, porque eles vinham, eles pegava os registro, a gente fazia aqueles registro de data de ano e nascimento, testemunha e tudo. (...) Não, não deixou nada. (*refere-se a Dona Farailda*) O povo perguntou se eu fazia, aí eu digo faz, tendo as testemunha... (...) Como fosse um casamento no cartório ou no padre.¹⁰⁷

Não podemos considerar Dona Joana como a nova “casamenteira” da cidade, pois ela afirma ter realizado apenas dois casamentos, mas o interessante é perceber que havia uma demanda por este tipo de serviço ainda no final dos anos 1980. Não tivemos informações se na década seguinte houve continuidade do ofício de Dona Farailda.

Como discutido em capítulos anteriores, Dona Farailda construiu sua vida evitando enfrentamentos diretos com a sociedade em que vive. Ela inventou para si um modo de vida no qual subverteu normas para viver seus projetos e ser feliz, numa espécie de rebelião sutil, fazendo da vida “aquilo que quis e não a reprodução do que queriam dela, além de possibilitar a reinvenção de si, através da criação de múltiplas formas de existência”.¹⁰⁸

No entanto, quando penso sobre a prática dos “casamentos de contrato”, e os conflitos provocados por uma mulher pertencente a camadas menos favorecidas da sociedade, mestiça e com pouquíssima formação escolar, creio que esse enfrentamento não foi tão sutil quanto outras práticas da sua vida. Assim, sugiro que os “casamentos de contrato” podem ser considerados uma “estratégia”, visto que ela cria um contradiscurso. Certeau, ao diferenciar tática e estratégia, ajuda-nos a compreender melhor as reações dos sujeitos diante de processos de dominação. De acordo com ele:

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se tornam possíveis a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado. (...) As estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes) capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. (...) A tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder.¹⁰⁹

Nesse sentido, penso que esses casamentos são muito mais uma forma de estratégia que de tática, pois, ao criar uma nova forma de casamento, Dona Farailda reinventa, recria novas formas de exercício do poder, atuando no espaço “do outro”: da Justiça e do Estado.

¹⁰⁷ *Idem.*

¹⁰⁸ NOGUEIRA, Nádia. *Invenções de si em histórias de amor*. Lota. Bishop. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, p. 22.

¹⁰⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, pp 91-100.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O tapete acima é o resultado de um dos trabalhos de Dona Farailda como costureira. Ele se encontrava na entrada da sua casa quando foi realizada a última entrevista com ela, mas me foi dado como presente um dia após a realização da mesma. A obra de arte foi feita por ela recentemente, utilizando a técnica artesanal da *colcha de retalhos*, que une tecidos com uma infinidade de formas; nos arredores da parte central os retalhos tomaram forma de *fluxico*, outra técnica, também artesanal, que aproveita restos de tecido para criar e customizar roupas, acessórios e objetos.¹

A peça feita com o *fluxico* é construída a partir de várias partes de tecido que foram costuradas anteriormente. Penso que ela serve como metáfora para analisar a vida de Dona Farailda, já que ela foi tecendo sua trajetória a partir de experiências diversas, tanto no que se refere ao trabalho, como ao campo afetivo. Os encontros que estabeleceu e as escolhas que fez ao longo da vida formam um mosaico diverso, plural e colorido, exatamente como a imagem

¹ Esse tipo de artesanato está muito presente em pequenas cidades do interior do Nordeste. Embora venha ocorrendo um processo de valorização, ele é muito usado por populações pobres, já que reaproveita tecidos que já foram utilizados.

do *tapete-fuxico*. Ela costurou o itinerário a seu modo, no diálogo entre as regras discursivas do contexto vivido e a singularidade das próprias ideias.

Cada pedaço do tapete traz memórias de sua existência, sendo parte de um tempo vivido e experimentado. Os tecidos estão impregnados de sentido: são pedaços de lençóis, vestidos, toalhas de mesa, saias, blusas que contam histórias² e que, nessa arte, ganham novo significado, transformando-se em novas possibilidades de existência, como fez Dona Farailda em suas práticas de “invenção de si”.

O *tapete-fuxico* pode ainda servir de metáfora para pensar sobre a trajetória de Dona Farailda por utilizar uma fascinante técnica rural nordestina, considerada feminina,³ sendo muitas vezes produzida coletivamente em reunião de mulheres que se encontram para costurar, conversar, compartilhando experiências. Supõe-se que daí teria vindo o nome *fuxico*, sinônimo de fofoca.⁴ A forma como teceu sua trajetória, subvertendo regras e fazendo escolhas que iam na contramão do que era aceitável para as mulheres de seu tempo e espaço, sem dúvida provocou muito “fuxico”. No entanto, de forma tática, ela costurou um jeito muito próprio de convivência com a imagem de “mulher falada”, negando-a e afirmando-se como “mulher honesta”.

Dona Farailda foi-se construindo como uma mulher autônoma e independente. E isso lhe permitiu fazer escolhas que contrariavam hierarquias de gênero na sociedade serrolandense. Entre a transgressão e a norma, ela “gostava de casar”... Tendo o casamento como elemento central da sua trajetória, ela costurou seu itinerário inventando-se como uma mulher “casadoira” e “casamenteira”⁵ e, ao associar casamento com felicidade, decidiu estar sempre casada, além de proporcionar encontros entre outros.

A perspectiva de positivar a vida marca as falas de Dona Farailda. Ao abordar a venda da máquina de costura aos 84 anos, quando percebeu os limites impostos pelo corpo, ela demonstra certa tristeza. Mas a narrativa sobre limites e tristeza dura muito pouco pois, em seguida, ela retoma a imagem da “mulher feliz”, que não lamenta perdas e costura a vida a seu modo:

² GONÇALVES Marcos Ferreira. Roupas de ver Deus: cotidiano e vestimenta em Salvador (1958-1968). Dissertação de Mestrado em História Regional e Local – UNEB. 2012.

³ Não tenho informações de que homens também utilizam essa técnica.

⁴ Não consegui confirmar tal informação. A associação entre fofoca e comportamento feminino está muito presente no senso comum; no entanto, a antropóloga Cláudia Fonseca discute as possibilidades da fofoca como poder feminino. FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de gênero e violência entre grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

⁵ Os termos referem-se, respectivamente, ao fato de ter-se casado muitas vezes e de realizar “casamentos de contrato”, considerados ilegais pela Justiça.

Tristeza? É alegria. Choro? É alegria. Eu choro de alegria. Quando eu medito assim, na minha vida assim, que Deus nunca me desamparou, né? Sou alegre com todo mundo. Sou alegre, nunca tive tristeza pra dizer que choro. Pra dizer que choro mesmo de tristeza. Não! Onde eu digo minha fia, eu choro de alegria!⁶

A opção em negar as dificuldades da vida pode ser vista como uma forma de proteção, uma tática de sobrevivência de Dona Farailda. Transformar tristeza em alegria é uma forma de ela positivar a existência, que não constituiu vivência tão fácil como procura mostrar. A forma como viveu e as escolhas que fez provocam questionamentos nas hierarquias de gênero, ainda que ela não demonstre a intenção de enfrentar ou questionar a ordem vigente. Arrisco-me a afirmar que a forma como ela se construiu tornou sua trajetória importante para pensarmos na diversidade das práticas feministas, pois ela realizou aquilo que desejou, apesar de ter reafirmado em seu discurso concepções normativas. Os feminismos foram construídos historicamente entre o enfrentamento direto das mulheres à ordem androcêntrica e as sutis formas de rebeldia delas. Dona Farailda optou pela segunda forma, procurando dialogar com as tensões entre os constrangimentos sociais e as liberdades individuais.

Para encerrar essa tese, considerando que nenhum trabalho está concluído, selecionei trechos da sexta e da nona (última) entrevistas realizadas com Dona Farailda, nas quais lhe perguntei como se vê, qualidades, defeitos e sonhos que possui. Optei, mais uma vez, pelo caminho de deixá-la “tomar a cena”, visto que as respostas que emergiram da sua narrativa são significativas para compreender sua “invenção de si” como “mulher feliz”:

Vânia: Se a senhora pensasse na sua vida, tem alguma coisa que a senhora se arrependeu de ter feito? Que se a senhora pudesse faria diferente...

Farailda: Não. Não tem nada que eu, eu não fiz nada de errado não.

V: Não fez nada que a senhora se arrependa?

Nunca fiz nada de errado, graças a Deus.

V: E se a senhora fosse dizer assim, qual sua maior qualidade, a coisa que a senhora mais gosta na senhora. Das coisas que a senhora faz, qual coisa que a senhora acha que é mais legal na senhora?

F: E tu pensa que eu sei? Eu faço tanta coisa. Pra mim, o prazer que eu tinha mais assim pra eu fazer era costura, eu em cima numa máquina eu manhecia o dia, cansei de manhecer o dia, tempo de festa manhecer o dia fazendo minhas coisa.

V: E a senhora acha que tem algum defeito que a senhora tem? A senhora queria ser diferente?

F: Eu gosto de tudo meu, graças a Deus. A barriga é grande demais, mas eu gosto de tudo.

V: Não, eu não estou nem falando do físico, eu estou falando em geral assim, que as vezes tem alguma coisa assim que a gente faz que a gente não gosta muito, mas a senhora não tem...

F: Não. Tudo que eu fiz, como diz o outro, tudo que eu fiz de vida material, tudo que eu peguei pra fazer eu fiz.

V: Tudo o que a senhora quis fazer a senhora fez...

⁶ Entrevista com Dona Farailda, realizada em 27.12.2013.

F: Tudo o que eu sabia fazer e, as vez eu nem sabia fazer, e eu fiz, entendeu?⁷

V: E qual era seu maior sonho na vida?

F: Sonho? Minha fia, você sabe toda moça tem vontade de casar, né?⁸

Será?

⁷ Entrevista com Dona Farilda, realizada em 04.05.2012.

⁸ Entrevista com Dona Farilda, realizada em 27.12.2013.

FONTES

ACERVOS CONSULTADOS:

1. Arquivo Público Municipal de Jacobina

APMJ, *Livro de correspondências expedidas pelo Poder Executivo, 1954-1956*, p. 08, 13, 57, 59 e 60 (Acervo ainda sem caixa).

2. Fórum Manoel Pereira Lima – Serrolândia

Livro de registro de casamentos civis, de 1960 a 1990, Serrolândia / BA

3. Arquivo das Paróquias de Serrolândia e Capim Grosso

Livro de registro de casamentos religiosos, de 1960 a 1990, Serrolândia / BA

Livro de registro de casamentos religiosos, de 1960 a 1990, Capim Grosso / BA

4. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Censo Demográfico de 1960, sem informações.

Censo Demográfico de 1970, sem informações.

Censo Demográfico de 1980. IX Recenseamento Geral do Brasil - 1980, Vol. 1 - Tomo 3 - Número 13, BAHIA. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.

Censo Demográfico de 1991. X Recenseamento Geral do Brasil – 1991, Vol. 1 e 2 - Tomo 3 - Número 17, BAHIA. Rio de Janeiro: IBGE

Censo Demográfico de 2000. X Recenseamento Geral do Brasil – 2000, Vol. 1 e 2 - Tomo 3 - Número 19, BAHIA. Rio de Janeiro: IBGE

Censo Demográfico de 2010. X Recenseamento Geral do Brasil – 2010, Vol. 1 e 2 - Tomo 3 - Número 22, BAHIA. Rio de Janeiro: IBGE

5. Arquivo pessoal de Célia Santos e Severino Costa:

Contrato de mútua assistência do “Casamento de contrato”

Jornais

Jornal *Vanguarda*, Jacobina (BA). Nº 308, Ano VII, 04 set. 1955, p. 01

Jornal *Vanguarda*. Jacobina (BA). Nº 376. Ano VIII. 29 dezembro 1956, p. 01.

Jornal *O Lidador*, Jacobina (BA), 16 de agosto de 1936.

Jornal *O Lidador*, Jacobina (BA), 1937.

Músicas

Trecho retirado da música *Go Back*, composta por Sérgio Britto e gravada pela banda Titãs em 1988.

Trecho retirado da música *Wave* (Vou te contar), composta por Tom Jobim e gravada por João Gilberto em 1977.

Informações retiradas da Internet:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Departamento_Nacional_de_Obras_Contra_Secas

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/evolucao_perspectivas_mortalidade/evolucao_mortalidade.pdf

<http://aulete.uol.com.br/>

<http://www.ibge.gov.br/home/>

Fotos

<http://serrolandiaantigo.blogspot.com.br/>

Arquivo pessoal de Dona Farailda

Fontes orais produzidas durante a pesquisa:

Abelarda Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 08.02.2011

Alcilene Oliveira. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 03.08.2010

Anelita Alves. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 24.08.2012

Doralice Carvalho. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 04.05.2012

Edite de Jesus. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 11.11.11

Elenilson Oliveira. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 08.02.2011

Elenita Souza. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 28.05.2010

Etelvina Soares. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 27.05.2010

Farailda Santos. Entrevista concedida a Tânia Mara Pereira Vasconcelos no dia 13.04.2006

Farailda Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 28.05.2010

Farailda Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 03.08.2010

Farailda Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 09.02.2011

Farailda Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 15.11.2011

Farailda Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 04.05.2012

Farailda Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 24.08.2012

Farailda Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 04.06.2013

Farailda Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 27.12.2013

Fernando Araújo. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 10.02.2011

Francisca Ferreira. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 23.08.2012

Genésia Silva. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 14.11.2011

Gildásio Araújo. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 02.08.2010

Joana Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 28.05.2010

Juvenal Martins. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 04.05.2012

Kassiléia Alves. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 24.08.2012

Katiane Alves. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 24.08.2012

Katiúcia Alves. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 24.08.2012

Luiz Moreira. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 14.11.2011

Maria Célia Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 28.05.2010

Maria da Paz Oliveira. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 14.11.2011

Marina Lopes. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 08.02.2011
Nilda Silva. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 03.08.2010
Nilda Silva. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 15.11.2011
Raimundo Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 08.02.2011
Regina Sampaio. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 04.05.2012
Severino Costa. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 28.05.2010
Severino Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 04.05.2012
Suzana Lopes. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 28.02.2006
Terezinha Oliveira. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 27.04.2013
Tiago Oliveira. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 27.04.2013
Valdelice Santos. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 10.01.2014
Manoel Moreira. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 10.01.2014
Valmira Silva. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 11.01.2014
Venerino Oliveira. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 27.04.2013
Vera de Jesus. Entrevista concedida a Vânia Nara Pereira Vasconcelos no dia 14.11.2011

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALMEIDA, Lucimère Alves de e PATRIOTA Lúcia Mara. "Sexualidade na Terceira Idade: um estudo com idosas usuárias do Programa de Saúde da Família do Bairro das Cidades" In *Qualit@s Revista eletrônica* V. 8, N. 1, 2009.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elizabeth. "Um novo valor: o amor materno". In *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

BORGES, Vavy Pacheco. "Desafios da memória e da biografia: Gabrielle Brune-Sieller". In: BRESCIANI, Stella; NAXARA Márcia (Orgs.). *Memória e Ressentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. pp. 287-312.

_____. *Em busca de Gabrielle*. São Paulo: Alameda casa editorial, 2009.

BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica" In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 183-191.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, Nilda. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano de trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

CHARTIER, Roger. "Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais". In: *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1998.

_____. “O mundo como representação”. In: *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. pp. 61-79.

COSTA, Suely Gomes. “Gêneros, biografias e história”. *Revista Gênero*. Niterói. V. 3. N. 2. pp. 7-20.

DAVIS, Natalie. *Nas margens*. Três mulheres do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DE CASTEELE, Sylvie Van y VOLEMAN, Danielle. “Fuentes orales para la história de las mujeres”. In: ESCANDÒN, C. R. (Org.) *Gênero e História*. México: Instituto Mora/UAM, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2000.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIAS, Maria Odila L. S. “Teoria e Método dos Estudos Feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano” In COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

_____. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUBY, Georges. *Eva e os padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!:* mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003.

FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos*. Discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de gênero e violência entre grupos populares*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *História da sexualidade: O uso dos prazeres*, Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GIRONA, Jordi Roca. *De la pureza a la maternidad*. La construcción del gênero femenino en la postguerra española. Madrid: Ministerio de Educación y Cultura, 1996.

_____ y FLORES, Lidia Martinez. “Relatar la vida, delatar la identidad”. *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, 36. 2006, pp. 89-112.

GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

JAMES, Daniel. *Doña María: historia de vida, memoria e identidad política*. Buenos Aires: Manantial, 2004.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

LEVI, Giovanni. “Usos da biografia” In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp. 167-182.

LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1998. pp. 225-2

MAIA, Claudia. *A invenção da solteirona*. Conjugalidade moderna e terror moral, Minas Gerais (1890-1948). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

MALCOLM, Janet. *A mulher calada*. Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MATOS, Maria Izilda. “Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea”. Campinas: *Cadernos Pagu*, Nº 11, 1998.

_____. “História das sensibilidades em foco, a masculinidade”. In *História, Questões e debates*. Ano 18, nº 34, jan/junho. Curitiba: APAH/UFPR, 2001.

MOTTA, Alda Britto da e WELLER, Wivian. “Apresentação: a atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica.” In *Revista Sociedade e Estado*. Vol. 25, número 2, Brasília: 2010

MOTT, Maria Lucia. "Maternalismo, políticas públicas e benemerência no Brasil (1930-1945)" In *Cadernos Pagu* volume 0, número 16, pp. 199-234.

NOGUERIA, Nádia. *Invenções de si em histórias de amor*. Lota. Bishop. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. *Revelando a cidade: imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina, 1955-1963)*. Dissertação de Mestrado em História social - UFBA. Salvador: 2008.

PEDRO, Joana Maria. “A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração” In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 23, nº 45, julho/2003, pp. 239-260.

_____. (Org.). *Práticas proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

_____. *Mulheres honestas mulheres faladas*. Uma questão de classe. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

PEREIRA, Áurea Pimentel. *Divórcio e Separação Judicial*. Rio de Janeiro: Renovar, 1989.

PEREIRA, Amilcar A. “*O mundo negro*”: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PERROT, Michele. *Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. “Sair” In DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Século XIX. Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1991, pp 503-539.

PIÑA, Carlos. “La construcción del ‘si mismo’ em el relato autobiográfico”. In *Revista Paraguaya de Sociología*, 71, 1988. pp. 135-176.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social” In *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10, 1992, 200-215.

_____. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*, vol. 2, nº 3. 1989.

PORTELLI, Alessandro. “The Best garbage man in town: life and times of Valtèro Peppoloni, worker”. In: *The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history*. Albany: State University of New York Press, 1991, 117-137.

_____. “A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. *Revista Tempo*, 1 (2): 59-72, 1996.

_____. “O que faz a história oral diferente”. *Projeto História*. São Paulo. Nº 14, Fev/1997.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

POSSAS, Lídia. M. V. “Viuvez, gênero e oralidade: recuperando os sujeitos invisíveis” In *História Oral* (Rio de Janeiro), v. 12, p. 87-102, 2009.

RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. “As mulheres na historiografia brasileira”. In SILVA, Zélia Lopes da (org.) *Cultura histórica em debate*. São Paulo: Unesp, 1994.

_____. “O efeito-Foucault na historiografia brasileira”. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 7(1-2): 67-82, outubro de 1995.

_____. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. *A aventura de contar-se. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem, Serrolândia de hoje*. Salvador: Press color. 2010.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papyrus, 1997.

RIOS JÚNIOR, Jairo Soares. *Narrativas de fé e outras histórias dos batistas em Serrolândia*. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local – UNEB. 2012.

_____. “Formas de bem morrer: intimidade fúnebre em Serrote (memórias de um mundo rural)” In *Cadernos do CEOM – Chapecó*: Argos, 2002. pp. 57-58.

RISMAN, Arnaldo. "Sexualidade e Terceira Idade: Uma visão histórico-cultural" *Textos Envelhecimento*. Rio de Janeiro. V.8 N.1, 2005.

RODYCZ, Wilson. *As raízes históricas e a evolução dos órgãos jurisdicionais no Brasil: juízes leigos e juízes letrados ao longo da história brasileira*. Dissertação (Mestrado em Direito) – UNISSINOS, São Leopoldo: 2002.

SANTANA, Charles D Almeida. *Fatura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações*. São Paulo: Annablume, 1998.

SANTOS, Fábio. *Nem tabaréu/ao, nem doutor/a: o/a aluno/a da roça na escola da cidade – um estudo sobre identidade e escola*. 2006. Dissertação de Mestrado em Educação – UNEB. 2006.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero, 1989.

SARDÀ, Amparo Moreno. “Em torno al androcentrismo en la história” In El arquétipo viril protagonista de la história. Exercícios de lecturas no androcentrica. *Cuadernos inacabados*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica”. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2): jul./dez., 1990.

_____. “História das Mulheres”. In: Burke, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. “Prefácio a Gender and Politics of history” In Cadernos Pagu, nº 3. Campinas/SP: 1994.

_____. *A cidadã paradoxal*. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

_____. “O enigma da igualdade”. *Estudos Feministas*. Vol. 13/n. 1/2005, Florianópolis: CFC/CCE/Universidade Federal de Santa Catarina, 2005, pp. 11–30.

SCHMIDT, Benito Bisso. “Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher ‘excepcional’”. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. pp. 155-171.

_____. “Os muitos tempos de Gilda: sobre biografia e estratos do tempo” In NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das et al. (orgs.). *Estudos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

_____. “Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura” In RAGO, Margareth & Gimenes, Renato Aloízio de Oliveira (orgs) *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000. pp. 193-202.

_____. *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

SILVA, Joseli Maria. “Cultura e Territorialidades Urbanas: uma abordagem da pequena cidade” In *Revista de História Regional*, Ponta Grossa PR, V. 5, nº 2, 2000, pp. 09-38.

SOIHET, Rachel. “História das Mulheres”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.) *Domínios da História*. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus. 1997. pp. 275-296.

_____. *Condição feminina e formas de violência*. Mulheres pobre e ordem urbana (1890-1920). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. “Violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas”. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 5, nº 1. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997.

_____. *Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 2012.

_____. “Mulheres e Biografia. Significados para a História”. *LOCUS: revista de história*. v. 9 n. 1. Juiz de Fora: EDUFJF, 2003, p.33-48.

SWAIN, Tânia Navarro. “Intertextualidade: perspectivas feministas e foucaultianas”. *Revista Labrys: estudos feministas*. Brasília/DF: Janeiro / julho 2004.

_____. “A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário”. *Textos de História*, Brasília: UNB, v. 8, n. 1, p. 47-85.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias” In *Projeto História*. São Paulo. nº 15, Abril/1997.

TRIZOLI Talita e PUGA Vera Lúcia. “Vestidos de noivas” In *Caderno Espaço Feminino*, v.13, n.16, Jan./Jun. 2005.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

VASCONCELOS, Tânia M. P. “Do castigo ao prêmio: concepções de infância e educação numa comunidade do interior (1940-1970)” In *Revista da FAEEBA*, Salvador, v. 14, n 24, p 175-191, jul/dez., 2005.

_____. *Educar, catequizar e civilizar a infância: a escola paroquial em uma comunidade do sertão da Bahia (1941-1957)*. Dissertação de Mestrado em História Social – USP – São Paulo: 2009.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações acerca das mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*. Salvador: EGBA, Fundação Pedro Calmon, 2007.

_____. “Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental” In *Revista Artemis*. Número 3, dez 2005.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfoses: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografismo*. Reflexões sobre a escrita da vida. São Paulo: UNESP, 2008.

WADI, Yonissa e SOUZA, Keila. “Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade” In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso. (Orgs.). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: FGV, 2009. pp. 93-130.

YALOM, Marilyn. *A história da esposa, da Virgem Maria à Madonna: o papel das mulheres dos tempos bíblicos até hoje*. Trad. Priscila Coutinho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ANEXOS

Dona Farailda em sua casa



Dona Farailda com as filhas Elenita e Valmira



Casa de Dona Farailda



Dona Farailda com o atual marido Sr. Severino e com Vânia Vasconcelos

